

O
Amor
NÃO
TEM LEIS

O JULGAMENTO FINAL

Camila Moreira

SUMA
de letras



Camila Moreira

O
Amor
NÃO
TEM LEIS

O JULGAMENTO FINAL



Copyright © 2014 by Camila Moreira

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Capa

Andrea Vilela de Almeida

Imagem de capa

Shutterstock / Krivenko

Revisão

Eduardo Rosal

Ana Kronemberger

Tamara Sender

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M837a

Moreira, Camila

O amor não tem leis [recurso eletrônico]: o julgamento final / Camila Moreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

260p. ISBN 978-85-8105-247-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-14518 CDD: 869.93 CDU: 821.134.3(81)-3

A Deus, pela nova oportunidade e por ter me aberto uma janela quando todas as portas haviam se fechado.

À minha família, que tanto me apoiou: tia Magda, obrigada. Naninha, você é essencial em tudo.

Às minhas queridas amigas, das quais não posso me esquecer: Manu Torres, Maria Falcão, Nam Gomes, Adriana, Caroline, Biiia, Gláucia, Franciele e Lú. Agradeço pelo carinho e paciência nos momentos de surto.

À querida autora Bárbara Biazoli. Obrigada pelo carinho com o nosso Lobo Mau.

“A gente não morre apenas quando o coração para de bater. Eu estava morta havia muito tempo e somente o Alexandre tinha percebido isso.”

— Maria Clara Gomes Bueno

Sumário

Capa	
Folha de Rosto	
Créditos	
Dedicatória	
1	Clara Ferraz
2	Clara Ferraz
3	Clara Ferraz
4	Clara Ferraz
5	Clara Ferraz
6	Clara Ferraz
7	Clara Ferraz
8	Clara Ferraz

9

Clara
Ferraz

10

Clara
Ferraz

11

Clara
Ferraz

12

Clara

13

Ferraz

14

Clara

15

Clara
Ferraz

16

Clara
Ferraz

17

Clara
Ferraz

18

Clara
Ferraz

19

Clara
Ferraz

20

Clara
Ferraz

21

Clara
Ferraz

22

23 Clara
Clara
Ferraz

24 Clara
Ferraz

25 Clara
Ferraz

26 Clara
Ferraz

27 Clara
Ferraz

28 Clara
Ferraz

29 Clara
Ferraz
Clara
Ferraz

30 Clara
Ferraz
Clara
Ferraz

Epílogo
Ferraz

Alguns anos antes...
Dereck

1



Clara

“Não adianta correr, Clarinha, eu vou te pegar.” Enquanto eu tentava fugir do ataque de cócegas do Felipe, eu podia ouvir sua risada e ele dizendo que eu não tinha escapatória.

“Para, Felipe, você sabe que eu odeio cócegas”, gritei na tentativa de convencê-lo a não fazer aquilo, mas eu já sabia que era uma batalha perdida. Assim que ele me alcançasse, eu sofreria em suas mãos.

“Princesa, você sabe que correr é pior.” Sua voz doce era um alívio para as minhas dores, e estar com ele era a melhor parte do meu dia. Ter Felipe em minha vida foi uma bênção que recebi. Um oásis em meio ao deserto.

“Peguei!” Felipe me alcançou e me jogou por cima dos seus ombros, me carregando como se eu fosse um saco de batatas.

“Me solta, Lipe!” Eu me debatia contra as suas costas, mas nada adiantava. Felipe era um homem em uma missão, e, por fim, eu desisti de tentar vencê-lo e comecei a rir. Desci minhas mãos em direção a sua bunda e o belisquei.

“Mais uma transgressão pela qual você irá me pagar, Princesa.” Ele disse isso tentando usar um tom de voz bravo, mas eu sabia que estava se divertindo tanto quanto eu.

“Promessas... Promessas.” Eu o provoquei e, assim que chegamos à toalha estendida na grama, ele me colocou com cuidado sobre ela e subiu em mim. Minha respiração começou a falhar: seu corpo musculoso sobre o meu sempre me causava arrepios.

O dia estava lindo, ensolarado, mas não muito quente. Eu tinha acabado de sair de mais uma consulta médica, arrasada e deprimida. A cada dia que passava, as esperanças de cura sem intervenção cirúrgica se tornavam menores, quase nulas. Vendo meu abatimento, meu namorado mais uma vez veio me socorrer, assim como em todas as vezes que precisei dele. Sua estratégia da vez era um piquenique no parque. Felipe preparou tudo, desde a comida até a toalha que estava embaixo de nós. Encarei seus lindos olhos azuis. Amava tanto aquele homem que o meu maior medo era que ele se prendesse a mim de uma forma que não teria volta, e eu não sabia se estaria presente por muito tempo.

“Casa comigo?” Seu pedido me paralisou. Aquilo era o que eu mais queria e o que eu mais temia.

— Clara? — A voz baixa da Cristina me trouxe de volta para o presente.

Fazia dois meses desde o acidente e eu nunca mais havia falado com Alexandre ou com qualquer outra pessoa da família Ferraz. Diego tinha se jogado na frente de um carro para me salvar, o carro não o atingiu, mas ao cair ele bateu com a cabeça no meio-fio e teve traumatismo craniano. O medo de perder mais uma pessoa que eu amava me fez correr e me esconder. Abandonei Alexandre no corredor do hospital como se ele fosse qualquer um, como se não significasse nada, quando simplesmente significava tudo. Ainda me lembro da sua expressão de desespero ao me ver atravessando a porta. Também tinha sido doloroso para mim, mas eu não podia ficar e ver meu maior pesadelo mais uma vez se tornar realidade.

Depois daquele dia minha vida mudou do vinho para água. Eu fugi e passei um tempo fora da cidade, na expectativa de blindar os meus sentimentos novamente, mas foi tudo em vão. Me enganei achando que dois meses longe fariam com que o amor que eu sentia pelo Ferraz acabasse. Pelo contrário, quanto mais tempo eu passava longe, mais saudades eu sentia. Pelo menos o tempo em que fiquei afastada serviu para alguma coisa: embora relutante, depois de ouvir Dereck falar por um dia inteiro que eu deveria procurar ajuda profissional, eu decidi que a primeira coisa a fazer quando voltasse para a realidade seria tentar resolver meu passado, para talvez conseguir viver meu presente e, quem sabe assim, ter a chance de ter um futuro. Confesso que, no começo, me abrir com a Cristina não havia sido fácil, mas hoje, na minha terceira consulta, eu finalmente comecei a falar do Felipe.

— Desculpa, Cristina — falei assim que minha consciência voltou. Às vezes me ausentava, deixando a realidade e me trancando em meus próprios pensamentos. Era comum. Quando não era Felipe, era Alexandre que tomava conta de minhas memórias. Inevitável!

Cristina estava me olhando de uma forma a que eu já estava acostumada, mas, apesar de ver compaixão em seu olhar, eu percebia que ela não sentia pena de mim, talvez por estarmos em um ambiente profissional.

— Quer encerrar? — ela perguntou de modo complacente. Podia ouvir o teclado do computador durante todo o tempo em que eu falava. Sabia que ali estava sendo anotada toda a minha história. Uma história da qual eu tentava fugir e que, ao mesmo tempo, me orgulhava. Uma confusão total.

Concordei sem dizer nada e levantei. Comecei a caminhar em direção à porta, quando a voz da Cristina chamou minha atenção.

— A culpa nunca vai te deixar — ela disse me encarando. — Você tem que aprender a conviver com ela. Somente assim ela te deixará viver.

Me despedi sem responder. Eu sabia que era verdade, mas ainda era difícil fazer meu coração entender que eu não era a culpada. A prova disso era que eu vivia com um pedaço do Felipe dentro de mim. Seu rim me mantinha viva, mas também me lembrava de que por isso eu tinha perdido o meu noivo, o homem que eu mais tinha amado. Até a chegada do Alexandre. Eu era loucamente apaixonada pelo Ferraz, cada centímetro do meu corpo gritava desesperadamente por ele, e isso me assustava. Como eu poderia amá-lo mais do que amei aquele que me deu uma nova vida? Não sabia responder, e esse sentimento confuso ainda era o nó que me impedia de procurá-lo. Ainda não estava bem comigo mesma, e não era justo arrastar Alê junto nessa bagunça emocional que era o meu coração. Ainda mais agora, depois de tudo que aconteceu com o Diego. Essa era outra situação que eu não me perdoava por ter causado. Diego não merecia. Deixei a terapia, mas a análise continuava, pois, mesmo após sair da sala da Cris, eu ainda pensava em minha vida e no rumo que ela deveria tomar.

Enfrentei quase quarenta minutos de trânsito para chegar em casa. Assim que entrei pela porta, fui recebida por uma voz que era mais que bem-vinda.

— Boa noite, Clarinha — Nando me saudou com sua alegria de sempre. Estava para nascer algo que tirasse o bom humor do meu melhor amigo. Ele estava vestido de forma despojada: bermuda cargo e camiseta. Era um homem muito atraente e, apesar de ser totalmente homossexual, arrancava suspiros de várias calcinhas por onde passava.

— Vou tomar um banho e já volto para te ajudar com o jantar — eu disse e o

beije na bochecha.

Entrei no meu quarto, deixei a bolsa em cima da cômoda e andei em direção ao banheiro. Tirei toda a minha roupa e liguei a água fria. De dois meses para cá eu me acostumei a tomar banho gelado, pelo menos assim eu tentava anestesiar meu sofrimento. Coloquei o celular sobre o balcão e liguei a música, na esperança de que isso me acalmasse. Mas ela teve o efeito contrário, pois *So Far Away*, do Avenged Sevenfold, não ajudava em nada alguém que estava disposta a parar de sofrer.

*A final song, a last request
A perfect chapter laid to rest
Now and then I try to find a place in my mind.*

Chorei por vários minutos, olhando para o nada, enquanto a água caía sobre o meu corpo. Tomei coragem e terminei o banho. Coloquei um vestido básico e confortável. Dei uma olhada no espelho e percebi meus olhos vermelhos, com bolsas arroxeadas em volta, mas já estava ficando acostumada a vê-los daquela forma. Não tinha nascido para ser feliz, e chorar já era algo que meu corpo sabia fazer muito bem.

Ferraz

Acordei mais uma vez sem saber que rumo dar à minha vida. Nos últimos dois meses eu tinha ligado o piloto automático. Apesar de todos me falarem que já estava na hora de superar, eu não conseguia esquecer a noite do casamento da minha irmã. Aquele foi o pior dia da minha vida, meu irmão e minha menina jogados no chão, como se fossem apenas uma massa de corpos sem alma e sem vida. Eu lutei com todas as minhas forças para trazer Diego de volta, para fazê-lo respirar, mas foi em vão. E, como se não bastasse, Clara fez questão de aumentar a minha dor ao me abandonar no hospital, dizendo que amava outro.

Até aquele momento, sofrimento era uma palavra ainda desconhecida para mim. Confesso que descobri seu significado da forma mais dolorosa possível. Não conseguia aceitar e muito menos suportar. Era uma dor que rasgava meu peito, meu coração sangrava e minha alma parecia não frequentar mais meu corpo. Eu amava Clara, como jamais amei outra pessoa em minha vida. Mas, com a mesma intensidade que esse amor chegou, o ódio tomou conta de mim. Nunca a perdoaria, o que Clara fez destruiu os sentimentos que havia pouco eu tinha descoberto que existiam. E por mais que eu ainda a amasse como um louco, por

mais que meu corpo clamasse pelo dela, por mais que as noites fossem vazias e geladas sem sua presença, eu não voltaria atrás. Clara era passado, um passado que eu queria esquecer que um dia existiu.

— Bom dia — a recepcionista do hospital me cumprimentou assim que cheguei. Sua voz era gentil, como sempre, mas eu não podia deixar de notar o sentimento de pena em seu olhar.

— Bom dia — respondi cordialmente e entrei no quarto 602. Esse número já estava incrustado em minha pele. Passei tantos dias e noites nos últimos dois meses, entrando e saindo desse lugar, que conhecia cada pedaço do edifício.

— Oi, mãe — disse em um tom de voz baixo e a cumprimentei com um beijo em sua testa. Minha mãe estava visivelmente cansada, as olheiras roxas embaixo dos seus olhos revelavam isso. Mas ela não se abalava, se mantinha firme, e era um porto seguro para o resto da família.

— Bom dia, meu filho — respondeu com um sorriso que não chegava aos seus olhos. Ela estava sentada em uma poltrona segurando um livro. Tinha trazido alguns da minha biblioteca para tentar distraí-la. — Como está o escritório? — perguntou tentando melhorar o clima.

Eu ainda estava de pé, evitava olhá-lo, pois cada vez que eu o fazia, morria um pedaço de mim.

— Está bem, essa semana vamos promover o Nando — contei a novidade. Nando tinha sido muito bem-indicado pelo Diego para ocupar um cargo como advogado efetivo da Ferraz. Ele era extremamente competente e tinha concluído o curso de Direito havia algumas semanas. Mesmo antes de obter seu registro junto à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), decidimos que ele seria o mais novo membro da equipe jurídica do escritório.

— Isso é bom. — Minha mãe se levantou e andou em direção à cama que estava no meio do quarto. — Diego ficaria feliz em saber disso. — Sua voz sempre calma, embora embargada pelas lágrimas não derramadas, doía profundamente em mim. Acredito que nenhuma mãe deveria passar por isso.

— Como ele está? Algum progresso? — perguntei me aproximando dele. A cabeça dela balançou em negativa, me dizendo o que eu já sabia. Diego continuava em coma. Ver meu irmão, tão cheio de vida, tão alegre, imóvel nessa cama de hospital e eu aqui sem poder fazer nada, me fazia morrer mil vezes. Perdi a conta de quantas vezes implorei a Deus para me trocar de lugar com ele. Preferia morrer a ver meu irmão partir.

Abracei a minha mãe.

— Quando esse pesadelo vai acabar? — perguntou, deixando as lágrimas

vencerem, e chorou em meus braços. Poucas vezes ela havia feito isso na nossa frente, mas estava comigo nas vezes que fez.

— Di é forte, mãe. Sua vontade de viver sempre foi contagiante. Ele vai sair dessa. — Tentava convencer nós dois naquele momento. — Agora vai descansar que eu vou passar a manhã com ele. — Levantei seu rosto para ver seus olhos e sequei as lágrimas que rolavam por sua face.

Minha mãe não questionou e se despediu, me deixando sozinho com o meu irmão.

Me aproximei da cama e olhei mais uma vez para o seu corpo estendido sobre ela. Apesar de desacordado, Diego ainda mantinha um semblante sereno e, por mais que fosse impossível, eu às vezes achava que ele sorria para mim. Puxei uma cadeira para perto da cama e, antes de me sentar, dei um beijo em sua testa.

— E aí, maninho? Sei que já deve estar cansado de me ouvir. Mas estou aqui novamente. — Sentei e fiz de tudo para não chorar.

Diego tinha sobrevivido ao acidente, mas após a cirurgia os médicos foram obrigados a induzir o coma, até que o inchaço do seu cérebro desaparecesse e seu corpo pudesse se recuperar. Mas infelizmente, quando os medicamentos foram retirados, Diego não acordou. Isso era comum em alguns casos, e não podíamos fazer mais nada além de esperar. Esperar um milagre, que Deus trouxesse meu irmão de volta, o meu Di, o meu maninho. Rezava diariamente, prometendo todas as coisas possíveis. Não desejava mais nada, queria somente que o meu irmão voltasse.

Diego estava pálido, vestindo a camisola do hospital. Algumas vezes ri dele e tirei fotos para que, quando ele acordasse, visse o quão ridículo tinha ficado com a bunda de fora. Implorava por essa chance. Queria muito ver o sorriso sonhador do meu irmão novamente.

— Ei, adivinha! Acredita que os condenados no mensalão terão um novo julgamento? Às vezes acho que a Justiça de cega não tem nada — comecei a conversar com ele, fazia aquilo sempre. Discutia todos os assuntos, como se estivéssemos no escritório ou em nossos apartamentos. O médico dizia que isso era bom e que alguns estudos realizados recentemente provavam que os pacientes em coma podiam ouvir o que as pessoas falavam.

Passei toda a manhã conversando com meu irmão. E, após contar todas as novidades do escritório, resolvi ler um livro para ele. Escolhi Machado de Assis: sabia que Diego, assim como eu, era apaixonado pelas obras dele. Então, optei por *Dom Casmurro*, o preferido dele.

— Vamos ver se dessa vez descobrimos se Capitu traiu ou não Bentinho? —

perguntei divertido. E tudo que eu mais queria era ouvir sua voz me respondendo que acreditava no amor e que ela tinha sido fiel a ele. Essa discussão sempre perdurou entre nós. Posso considerar que tanto Diego quanto eu fomos beneficiados pela educação que recebemos dos nossos pais. Desde adolescentes sabíamos curtir a vida como qualquer um da nossa idade, mas também aprendemos a apreciar a cultura, principalmente a boa música e os bons livros.

Comecei a ler e, meia hora depois, a porta se abriu e minha mãe entrou, trazendo uma sacola nas mãos. Provavelmente objetos pessoais do Diego ou lembranças e presentes que ele havia recebido, enquanto estava no hospital. Sempre nos revezávamos para nunca deixar Diego sozinho. Agora, eu iria almoçar e começaria logo a trabalhar, o escritório estava uma loucura sem o Diego.

— Filho? — minha mãe me chamou gentilmente, enquanto eu pegava minha pasta para sair. — Você devia ligar para ela.

Na mesma hora, meu corpo paralisou e meu coração disparou. Não precisava ouvir o nome para saber de quem minha mãe falava. Ultimamente, ela vinha tentando me convencer a falar com a Clara. Mas eu estava irredutível. Não suportava nem ouvir seu nome, imagina se iria procurá-la.

— Mãe, eu não quero discutir com você. — Virei e vi minha mãe recuar diante do meu olhar. — Clara está no meu passado e não pretendo trazê-la para minha vida novamente — respondi um pouco mais ríspido do que deveria.

Andei até minha mãe e dei um beijo em seu rosto, me despedindo e ao mesmo tempo me desculpando. Ela ainda me olhou esperançosa, mas eu neguei seu pedido. Clara era um assunto encerrado em minha vida.

2



Clara

Terça-feira e parecia um déjà-vu. Eu tinha acordado cedo e estava me arrumando para uma entrevista de emprego. Finalmente, tinha terminado a faculdade. Minha formatura seria no início do ano que vem, então eu já tinha que começar a me preparar para a prova da OAB. Não estava com cabeça para pensar nisso, mas Nando acabou me convencendo de que era o melhor a fazer. Eu não conseguiria um emprego sem antes obter meu registro, não como advogada.

Coloquei uma roupa formal e não contive as lembranças: me lembrava de cada detalhe do dia em que vi Alê pela primeira vez, tão imponente e superior atrás de sua mesa e, ao mesmo tempo, tão aberto e transparente com seus sentimentos. Sacudi a cabeça, tentando dissipar as lembranças, pois não queria chorar novamente. Coloquei um vestido social reto que ia até os joelhos, com um cinto fino cinza marcando a cintura, e completei com meia-calça preta e scarpin na mesma cor. Prendi meus cabelos em um rabo de cavalo muito bem-esticado e fiz uma maquiagem leve.

Dessa vez, meu objetivo era o escritório Carvalho & Brandão Associados. Dr. Alberto Carvalho foi uma indicação do Bruno. Eles eram colegas de profissão e, ao descobrir que Alberto precisava de uma assistente, Bruno sugeriu meu nome. Eu estava feliz, mas um pouco desconfortável. Já tinha assistido a uma palestra do dr. Alberto na faculdade e eu podia dizer com segurança que o homem era extremamente lindo e charmoso. Mas nada do que pudesse acontecer tiraria os sentimentos que preenchiam meu coração. Então, eu relaxei um pouco, pois sabia

que nada arrancaria Alexandre de dentro de mim, nem o Alberto nem ninguém.

O escritório ficava mais afastado da minha casa do que a Ferraz, então eu me programei para sair cedo. Quando cheguei, não consegui deixar de comparar o novo estágio com o antigo. Tudo naquele dia me fazia lembrar o Alexandre. Sorri com minha constatação, como se eu precisasse de algo para me lembrar dele. Alê estava impregnado na minha alma, o amor que eu sentia era indestrutível e inesquecível. Pena que com esse amor vinha junto a decepção de perceber que eu era a causa do maior sofrimento que ele teve na vida.

Ainda me lembro dos olhos do Alexandre me encarando, enquanto eu simplesmente arrancava seu coração do peito. Eu iria para o inferno, sem direito a purgatório.

— Maria Clara. — A voz gentil da secretária me fez voltar à terra. Ultimamente eu vivia vagando entre o vazio e a realidade da minha vida. — Pode entrar, o dr. Alberto já está lhe aguardando. — A mulher, um pouco mais velha do que eu, e com um jeito terno, se levantou, me indicando a sala. Agradei, e ela sorriu me desejando boa sorte.

Bati à porta e entrei. Um homem aparentando uns 35 anos estava ao telefone e fez sinal para que eu me sentasse. Fiz o que ele pediu, me acomodando na cadeira indicada.

— Não quero saber, essa festa é muito para uma garotinha de 10 anos — ele dizia para a pessoa do outro lado da linha, enquanto eu me remexia desconfortável, pois aquele assunto era nitidamente pessoal. — Izabel, depois eu te ligo, mas minha resposta continua a mesma — completou e desligou me encarando. Ele realmente era lindo, cabelos pretos, olhos castanhos e um porte atlético. Nada que se comparasse ao Ferraz, meu Lobo Mau era de abalar as estruturas de qualquer mulher viva, mas Alberto tinha seu charme, não podia negar.

— Maria, está tudo bem? — ele perguntou, e eu nem percebi que tinha desligado mais uma vez. Isso estava virando um hábito do qual eu teria que me livrar.

Alberto segurava alguns papéis em sua mão e me olhava com preocupação.

— Sim, desculpa. Eu não ouvi o que o senhor disse. — Pedi desculpas esperando que ele não me achasse uma idiota.

Alberto se endireitou na cadeira e começou a ler os papéis que estavam com ele. Notei que na pasta que os guardava estava escrito o meu nome.

— Eu disse que seu currículo é muito bom. — Passou os olhos do papel para mim, e eu me senti intimidada. — Como foi trabalhar com o dr. Ferraz? — Sua

pergunta fez o chão se abrir embaixo de mim. Havia tempos eu tinha proibido qualquer um dos meus amigos de tocar no nome dele, mas dessa vez eu não tinha como escapar. Alberto esperava uma resposta, e eu tive que me apressar em dizer algo.

— Foi muito bom, o dr. Ferraz é um excelente advogado e, com certeza, eu aprendi muito no tempo que passei na Ferraz. — Tentei não deixar nada do que eu sentia transparecer. Alberto continuou olhando o meu currículo.

— Aqui você será minha assistente, já que não cursa mais a faculdade para ser estagiária. Hoje, recebi uma carta de recomendação escrita pelo dr. Alexandre, o que me fez aguardar ansioso por sua entrevista. E, olhando agora seu currículo, tenho certeza de que você será uma excelente contratação. — Confesso que fiquei paralisada no momento em que ele disse que Alexandre tinha mandado uma carta de recomendação. — Depois que obtiver seu registro, nós voltamos a conversar e a negociar os termos de uma possível parceria aqui no escritório — ele continuou. Fiquei feliz pela possibilidade de trabalhar em um grande escritório, porém teria que me concentrar. Não seria nada fácil passar de primeira no exame, muitas pessoas tentam anos até conseguir, mas estava confiante.

— Obrigada, dr. Alberto. Farei o possível para não decepcioná-lo — agradei a oportunidade, e ele sorriu.

— Senhorita... — disse quase soltando uma gargalhada. — Se você aguentou o dr. Alexandre por quase oito meses, tenho certeza de que a Carvalho será fchinha.

Tentei sorrir de volta com a brincadeira dele, mas não consegui. O nome Alexandre ainda me deixava abalada.

Me despedi e combinamos que eu voltaria no dia seguinte para que a Mônica, a antiga assistente do dr. Alberto, me passasse todas as informações. Ela estava grávida, a poucos dias de ganhar bebê, e já tinha avisado que não poderia voltar para o escritório. Assim surgiu essa oportunidade e eu estava determinada a agarrá-la.

Mandeí uma mensagem chamando o Nando para almoçar, mas ele me disse que provavelmente nem sairia da Ferraz por conta dos processos acumulados. Com Diego ainda no hospital e Alexandre cortando metade dos clientes para acompanhá-lo no tratamento, todos estavam sobrecarregados, inclusive o Nando. Uma vez ou outra eu perguntava ao Bruno sobre o Diego. Nunca o visitei e, provavelmente, se o fizesse seria enxotada do hospital por sua família. Ninguém iria querer a culpada de tudo o rondando.

Decidi voltar para casa e almoçar por lá. Estacionei na garagem do prédio e

subi para pegar minha correspondência na portaria.

— Dona Clara, tem uma senhora a aguardando — o porteiro informou e apontou para o sofá, no hall do prédio.

Uma mulher de cabelos grisalhos e rosto abatido pelo tempo e pela dor estava sentada com as mãos sobre as coxas, com um olhar perdido.

— Luciana? — chamei, e ela se virou para mim. Ainda era um turbilhão de lembranças vê-la. Luciana e Felipe eram muito parecidos, tanto na aparência quanto na personalidade. — O que está fazendo aqui? — perguntei surpresa.

Ela se levantou e eu pude ver que um envelope um pouco amassado estava em suas mãos. Meu nome estava rabiscado na frente.

— Menina Clara. — Ela se aproximou de mim e estendeu o envelope em minha direção. — Depois de todos esses anos, encontrei isso. Parece que é para você. — Sacudiu o envelope para que eu pegasse, mas relutei.

— Não quero, Luciana — respondi de forma áspera. Sei que ela não merecia, mas eu não podia continuar remoendo o passado daquela forma. Precisava seguir em frente.

— Eu sei que você está sofrendo. — Ela segurou uma das minhas mãos e a abriu com a palma virada para cima. — Vamos fazer o seguinte: deixo com você e a menina faz o que quiser com ele. — Seria engraçado se não fosse triste o fato de a Luciana me chamar de menina, assim como o Alexandre.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas e, sem querer causar mais sofrimento para aquela mulher, concordei, segurando o papel em minhas mãos.

Luciana deu um beijo em meu rosto e se despediu.

— Quando estiver preparada, eu estarei te esperando. — Sorriu carinhosa, e eu não conseguia entender como aquela mulher podia sentir alguma coisa que não fosse ódio por quem tirou a vida do seu único filho.

Reconheci a letra do Felipe no envelope. Era muito mais bonita que a minha, o que sempre tinha sido motivo de piadas entre nós. Seus traços eram praticamente um desenho.

Dentro do elevador, enquanto subia para o meu apartamento, encarei o papel em minhas mãos e uma mistura de sentimentos tomou conta de mim.

Mais uma vez o passado voltava fazendo questão de me lembrar que eu nunca conseguiria ser feliz.

Ferraz

Segui minha rotina diária: de manhã, fui para o hospital ficar com o Diego para que minha mãe pudesse descansar e, assim que ela voltou, fui direto para o escritório.

Logo que cheguei, Ana me cumprimentou da mesma forma de sempre, apesar de que, de alguns dias para cá, eu vinha notando algo diferente nela. Não sabia o que era, nem era da minha conta, mas havia um brilho diferente em seu olhar. Não me metia na vida dos meus funcionários e, quando fiz isso, acabei destruído.

Ao sentar em minha mesa e olhar ao redor, o desespero se abateu sobre mim. Não aceitava a possibilidade de perder meu irmão. Tudo era vazio sem ele, tudo ficava frio e sem sentimentos. O escritório sem Diego não era o mesmo, minha casa sem meu companheiro não era a mesma, minha vida sem meu irmão não era nada. Liguei o computador e mais uma vez comecei a trabalhar de forma automática. Alguns minutos após começar a análise de um caso que necessitava de um pedido de verificação da pena, meu celular tocou. Olhei o visor e fiquei aliviado ao ver o nome do Bruno. Se não fosse o meu amigo de tantos anos estar ao meu lado, eu não suportaria esse pesadelo todo.

— Oi, Bruno — cumprimentei, e até eu mesmo podia perceber a tristeza em minha voz.

Levantei e caminhei até a janela da minha sala. Olhando para a vista do centro da cidade, tentei me acalmar para responder às perguntas que viriam do Bruno.

— Como ele está? — fez a pergunta que praticamente era parte do nosso dia a dia no último mês. Infelizmente eu ainda não tinha uma boa resposta.

Passei o polegar e o dedo médio pelas sobrancelhas. Notei que algum tempo após o acidente eu tinha adquirido essa mania sempre que ficava nervoso.

— Ainda na mesma. Mas ele vai sair dessa — disse para o Bruno, acreditando com todas as forças naquelas palavras. — Fez o que eu pedi? — Eu sabia qual era o motivo da ligação do Bruno. Por mais que sentisse uma raiva incontável pelo que a Clara tinha me feito, eu ainda queria mantê-la segura, pelo menos era isso que minha cabeça falava para o meu coração. Descobri uma forma de deixá-la por perto. Primeiro tentei que Bruno a contratasse, mas meu amigo disse que Clara foi relutante e não aceitou sua oferta; então, conversei com o Alberto, que tinha um escritório quase tão bom quanto a Ferraz, e pedi como um favor pessoal que ele encaixasse a Clara como assistente de algum advogado em seu escritório. Ele ficou curioso para saber meus motivos, mas não expus meus sentimentos. Alberto me devia favores por uma ajuda que eu lhe dei no passado: sua mulher havia sido

assassinada em frente a sua filha, e, como ele estava muito abalado, eu peguei o caso e coloquei os assassinos atrás das grades. Não mantive mais contato com ele, mesmo porque Alberto tinha passado uma longa temporada no exterior e fazia pouco tempo que tinha voltado a advogar.

— A Clara aceitou. Vai ser assistente do próprio Alberto — Bruno explicou e suas palavras trouxeram alívio ao mesmo tempo que deixaram minhas células em alerta. Não era de achar homem bonito, mas a fama do Alberto era conhecida. Embora eu soubesse que desde a morte da sua esposa ele mantinha o luto, além do fato de ter uma filha de 10 anos para criar. Resolvi tentar manter a cabeça fria, afinal eu tinha feito o correto: manteria Clara debaixo das minhas vistas até encontrar o desgraçado responsável pelo acidente do meu irmão. E o que ela faria de sua vida dali para a frente seria problema dela. Teria que lutar para tirar Clara da minha mente, ela me fazia mal. Desde que eu a vi entrando em seu apartamento nos braços do Dereck, meu coração era um buraco vazio. Clara fez o que eu mais temia: o esmagou quando eu o dei por inteiro a ela.

— Você devia falar com ela — Bruno continuou a conversa, e eu estava tão imerso em meus pensamentos que tinha esquecido que ele estava do outro lado da linha.

— Isso não vai acontecer, Bruno. — Fui tão seco em minha resposta que ele nem tentou argumentar. — Obrigado pela sua ajuda.

— Tudo bem — foi o que Bruno respondeu a contragosto, se despedindo de mim e encerrando a ligação.

Voltei para minha mesa e tentei me concentrar no trabalho. Talvez, se dedicasse minha vida exclusivamente ao Direito e à minha família, eu esqueceria aqueles sentimentos que insistiam em me causar dor. Eu era um homem experiente e racional, e mesmo assim a porra do amor havia me derrubado.

Passsei a manhã elaborando o pedido de libertação do meu cliente. Na hora do almoço, fui comer em um restaurante que ficava próximo ao escritório. Não sentia fome, mas sim necessidade de comer. Estava sozinho na mesa quando notei alguém se sentando na minha frente. Levantei os olhos e encarei o rosto gélido e sem expressão da Lana. Nossa última conversa não tinha sido nada amigável, ela acabou fazendo um grande barraco quando eu disse que iria assumir o meu relacionamento com a Clara.

— Boa tarde, Alê. Quanto tempo. — Sua voz fria e contida não me enganava mais. Na frente das pessoas Lana era um exemplo, mas pelas costas era mimada e egoísta. Não sei como deixei me levar por ela por tanto tempo, acreditando em sua pose de boa moça, enquanto éramos amigos e amantes.

Continuei almoçando calmamente. Se antes já estava sem fome, agora com a presença indesejável da Lana, a comida se tornava intragável. Mas fiz um esforço, pelo menos assim teria uma desculpa para não falar. Lana se fez de desentendida com a minha indiferença e continuou a falar.

— Como está nosso príncipe? — perguntou sobre o Diego. — Fiquei sabendo que a culpa foi da vadia. — Sua voz tratava Clara com desprezo, e aquilo fazia o pouco que eu tinha conseguido comer se revirar no meu estômago.

Porém me mantive firme e calmo. Levantei da mesa e peguei o casaco que estava sobre a cadeira ao lado. Lana queria me provocar, mas eu era inteligente o suficiente para não cair em suas armadilhas.

— Passe bem, dra. Lana — falei ríspido e comecei a caminhar em direção à porta. Ela se levantou e caminhou atrás de mim. Quando estávamos em um corredor, quase vazio, ela me alcançou, parando na minha frente.

— Não fico feliz por essa desgraça que aconteceu com o Diego — disse fitando meus olhos. — Mas isso é bom para que vocês aprendam a realmente dar valor a quem merece. Devia ter sido ela.

Abaixei meu rosto para que pudesse falar com Lana sem fazer escândalo, mas naquele momento eu não me conteria. As palavras dela soaram como uma ameaça de alguém que sabia o que havia acontecido.

— Você sabe de alguma coisa? — perguntei apertando seu braço, um pouco abaixo do ombro. — Fala, Lana. Você sabe quem causou o acidente? — perguntei já agindo agressivamente, pois se Lana soubesse de algo, ela me diria, por bem ou por mal.

— Você ficou maluco? — sussurrou puxando o braço. — Eu não sei de nada. Por que deveria saber? — perguntou de uma forma que gerava dúvidas. Mas, antes que eu pudesse tentar arrancar alguma coisa, um homem jovem, de no máximo 23 anos, se aproximou e a abraçou.

— Já escolheu a mesa, gata? Demorei a achar um estacionamento — o cara disse, e Lana começou a acariciar seu braço. — Quem é esse? — perguntou levantando os olhos em minha direção.

— Um amigo — Lana respondeu. — Vamos, meu bem, peguei a melhor mesa do restaurante. — Ela sussurrou no ouvido dele mais alguma coisa que eu não pude entender, e ambos olharam para mim, sorrindo. — Leve meus desejos de melhoras ao Diego — Lana disse, mas não senti sinceridade em suas palavras.

Os dois caminharam de mãos dadas até o fundo do restaurante. Balancei minha cabeça tentando ordenar os acontecimentos. Por que Lana havia falado comigo daquela forma tão possessiva, se estava com outro? Eu tinha que colocar

alguém na cola da Lana, algo me dizia que ela sabia mais do que estava demonstrando.

3



Clara

Acordei até bem-disposta para começar a trabalhar, mas nada que se comparasse com a empolgação que sentia quando trabalhava na Ferraz. Precisava esconder meus sentimentos para não decepcionar o dr. Alberto. Aquela chance também era única e eu faria de tudo para agarrá-la, já que não havia a mínima chance de voltar a trabalhar com o Alexandre. O final do ano estava chegando e as ruas da cidade começavam a ser tomadas pelo clima natalino. Pensei que mais uma vez não teria o que comemorar, a vida estava sendo muito dura comigo. Não queria me fazer de vítima, mas sofrer cansa, e eu estava completamente exausta, entregando os pontos e sem vontade de lutar.

Estacionei na vaga para funcionários e segui em direção ao saguão. Estava parada na porta do elevador junto com outros funcionários, quando ela se abriu e eu dei de cara com o Bruno. Estava evitando estar com ele e a Laís, até porque eles precisavam de privacidade.

— Oi, Clarinha — Bruno me cumprimentou, e toda vez que o via, eu acreditava piamente que ele e minha amiga tinham sido feitos um para o outro. — Preparada para o primeiro dia? — perguntou depois de me dar um abraço.

Me afastei do Bruno e vi a porta do elevador se fechar. Teria que pegar o próximo, ainda bem que saí cedo de casa.

— Sim — respondi meio desanimada. Não conseguia esconder minha tristeza. Além de ter entrado em meu coração, Alexandre tinha conseguido arrancar a máscara que eu usava para me esconder do mundo, o que me deixava

exposta, completamente transparente.

Bruno notou minha hesitação e me puxou para o lado. Eu o acompanhei sem questionar ou reclamar, como uma boneca sem vida. Isso estava acabando comigo.

— O que foi, Clarinha? — perguntou preocupado.

— Como ele está, Bruno? — perguntei, e ele abaixou a cabeça, já sabendo que eu falava do Diego. Desde o acidente, a lembrança dele me empurrando e caindo não saía da minha cabeça. — Alguma novidade? Ele está se recuperando? — completei, ávida por alguma informação.

Bruno balançou a cabeça em negativa.

— Nada. Continua estável, mas sem melhoras — respondeu em um tom de voz baixo, que transmitia toda a tristeza que ele sentia. Bruno não era um dos melhores amigos do Diego, mas amava o Alexandre como um irmão e sofria ao ver o melhor amigo devastado por uma dor que eu conhecia muito bem. — Você devia visitá-lo, Clara. Diego te adorava. — Mais uma vez meus amigos tentavam me convencer de que eu devia fingir que não era a causadora de todo o sofrimento daquela família, tentando me levar ao hospital do qual provavelmente eu sairia expulsa.

— Obrigada pelas notícias, Bruno. Qualquer novidade, me avisa, por favor — pedi dando um beijo em seu rosto e me virando em direção ao elevador.

— Clara... — Bruno me chamou e pude sentir a reprovação em sua voz.

— Até mais, Bruno — cortei e entrei no elevador. Senti as lágrimas queimarem meus olhos, insistindo em sair. Mas me recusei a chorar, pelo menos não antes de chegar em casa e afundar na minha cama, como fazia todos os dias.

Cumprimentei Andressa, a secretária do dr. Alberto, e ela informou que ele estava me esperando. Ela era séria, não me tratou mal, mas nada parecido com a Ana. Precisava parar de comparar os dois escritórios.

— Bom dia, Maria Clara. — Alberto se levantou, segurando minha mão em um cumprimento formal. Não o corriji sobre o meu nome, não correria o risco de criar intimidade. — Que tal começarmos de leve, com uma petição? Você monta e eu te auxilio no que precisar. — Estendeu um pen drive e eu o peguei, assentindo. — Sei que o Alexandre era da área criminalista e que você não teve muito contato com civil, mas estamos com dois advogados fora e eu preciso ajudar para não sobrecarregar os outros — explicou, e eu entendi perfeitamente. Claro que teria que pedir ajuda, era tudo muito diferente da Ferraz.

— Sem problemas, dr. Alberto, estou aqui para ajudá-lo e também para aprender, é claro. — Alberto sorriu com minha resposta e se levantou, me

chamando para acompanhá-lo.

Eu o segui até uma pequena sala que ficava ao lado da dele. Quando entrei, notei que havia somente uma mesa com o material de escritório sobre ela e um sofá ao lado.

— Como já terminou a faculdade, não achei justo que você dividisse a sala com os outros estagiários. Então, essa é sua sala. — Apontou para a mesa com uma cadeira giratória atrás dela. — É pequena, mas tem tudo que você precisa.

Fiquei feliz em ter minha própria sala e bem mais animada em começar a trabalhar no processo.

— Obrigada, dr. Alberto — agradei e fui me sentar.

— Se precisar, todos os ramais do escritório estão anotados no telefone. E não se esqueça de passar no RH no final do dia para assinar o seu contrato. Bom trabalho! — desejou de forma gentil e educada e se afastou, fechando a porta.

Liguei o computador e foi como me desligar da vida. Fiquei imersa analisando o caso de um contrato de compra e venda de uma empresa que havia sido descumprido por uma das partes.

Passei horas pesquisando jurisprudências e doutrinas para basear minha posição. Era minha primeira peça e teria que caprichar, não deixando pontas soltas e muito menos brechas para questionamentos. Era um caso fácil. Meu cliente estava sofrendo uma ação de execução, que eu declararia nula através dos embargos de execução. Segundo o exequente, meu cliente não havia cumprido com o pagamento acordado, porém, verificando o contrato, rapidamente eu encontrei o ponto de partida da minha defesa: o pagamento referido dependia de outorga da escritura no cartório de imóveis, o que o autor da ação não cumpriu. Portanto, meu cliente não estava em mora, não tornando assim o contrato exigível, o que é requisito indispensável para propositura daquele tipo específico de ação.

Já estava no horário do almoço e eu queria ligar para convidar o Nando para me fazer companhia, mas sabia que os escritórios eram distantes e que com a falta do Diego a Ferraz estava no limite máximo de trabalho. Então, resolvi almoçar sozinha.

Estava em um restaurante próximo ao escritório quando ouvi meu celular tocar. Sorri ao ver o nome estampado no visor: ele não ficava um dia sem me ligar.

— Sim, estou bem, senhor preocupação — respondi bem-humorada assim que atendi.

— Pelo visto está ótima mesmo. A língua afiada está a todo vapor — Dereck

respondeu com a voz grossa e risonha.

Ele me ligava todos os dias desde que voltou para os Estados Unidos. O filho da mãe quis cancelar a turnê somente para ficar comigo, mas claro que eu rejeitei. Só não consegui me livrar de suas perseguições. Dereck estava sendo um ótimo amigo.

— Como estão os shows, popstar? — perguntei querendo transformar aquela ligação em um assunto tranquilo e sem as cobranças que o Dereck normalmente fazia.

— Estou voltando para o Brasil. Daqui a alguns meses, a turnê vai ter uma pausa. — Sabia que ele estava voltando por minha causa e não podia aceitar aquilo.

— Dereck, não precisa... — comecei a repreendê-lo, mas Dereck me ignorou, se intrometendo e me cortando.

— Ei, eu tenho pais, preciso vê-los — rebateu meu argumento de forma sucinta.

— Se você diz... — Não tinha muito o que falar. A família dele morava aqui e era óbvio que ele queria ficar perto deles durante a pausa dos shows. Mas no fundo eu sabia que o principal motivo não era aquele.

— Como ele está? — Toda vez que ligava, também perguntava por Diego.

Eu brincava com a comida em meu prato sem muito ânimo, enquanto falava com o Dereck sobre o estado de saúde do Diego.

— Sem alterações. Queria que esse pesadelo acabasse. — Eu rezei tanto para acordar e ainda estar nos braços do Ferraz, como se nada daquilo tivesse acontecido. Mas acho que Deus tinha outros planos para mim.

— Vai passar, gatinha. Acredite — Dereck tentou me consolar com suas palavras, só que acreditar era algo que não estava fazendo parte do meu vocabulário ultimamente.

Me despedi do Dereck e terminei de almoçar antes de voltar para o escritório. Estava decidida: me enterraria no trabalho e estudaria para o exame da OAB. Assim, ocuparia minha cabeça com outras coisas. Pelo menos a cabeça, pois o coração já estava inteiramente preenchido pelo Alexandre.

Ferraz

— Oi, mano. — Fiz um carinho na testa do Diego, assim que cheguei ao hospital para minha visita de rotina. Dessa vez tinha sido minha irmã Priscila quem tinha passado a noite com ele. Ela estava tentando dar um descanso para

minha mãe, que se recusava a deixar meu irmão sozinho. Eu concordava com ela, Di nunca ficava sozinho e não seria pelo fato de estar desacordado que passaria a ficar só. Após o trágico dia do seu casamento, Priscila deixou o marido voltar sozinho para a Espanha. Claro que Juan entendeu perfeitamente a situação, ele não era louco e sabia que Priscila seria capaz de pedir a anulação do casamento caso ele não aceitasse que ela ficasse no Brasil.

— Mamãe volta após o almoço para você ir para o escritório. Eu tenho algumas coisas para resolver hoje à noite — minha irmã soou um pouco preocupada, mas não liguei. Na situação em que Diego se encontrava, toda a família andava abatida. — Papai vai vir passar a noite com ele — completou.

Sentei na cadeira ao lado do meu irmão, enquanto Priscila pegava suas coisas para ir embora. Ela veio até mim e, com um beijo em minha testa, se despediu. Puxei minha irmã pela mão e a fiz olhar em minha direção. Lágrimas desciam dos olhos dela. Fiz o que tinha que ser feito: embalei Pri nos meus braços e mais uma vez tentei confortá-la. Minha irmã chorava baixinho agarrando minha camisa.

— Por que ele, maninho? — começou a murmurar. — Di não merecia isso. — Isso era o que sempre me atormentava. Diego era o cara mais correto e sensato que eu conhecia e fez o que o coração mandou até o último minuto, empurrando a Clara da frente do carro.

Segurei minha irmã na minha frente e olhei em seus olhinhos castanhos, cobertos por lágrimas. Beije cada um deles, como se quisesse sugar a dor dela.

— Ele vai sair dessa, sapeca. — Apertei suas bochechas assim como eu fazia quando ela era criança. Priscila abriu um sorriso que imediatamente me fez lembrar da Clara. Qualquer coisa me remetia àquela maldita.

Priscila notou meu desconforto e me olhou preocupada.

— Tudo bem, maninho? — questionou e balancei a cabeça, tranquilizando-a. Priscila sorriu de forma forçada, ela sabia que eu não estava nada bem, mas, conhecendo minha personalidade, também sabia que eu não derramaria meus problemas em cima dela. Priscila se despediu e saiu.

Voltei a sentar ao lado do meu irmão. Antes eu ajeitei o lençol que o cobria e virei seu rosto um pouco inclinado para a TV que ficava a nossa frente. Hoje trocaria os livros pelo cinema, a grande paixão de Diego. Peguei alguns DVDs em seu apartamento, onde havia muitos do diretor Hitchcock. Então, eu passei na locadora e escolhi o filme recentemente lançado em tributo a ele, não sei se meu irmão já havia assistido no cinema, mas eu queria estar mais perto dele e aquela era uma ótima forma.

Estava quase na hora de minha mãe chegar para que eu pudesse ir ao

escritório, quando a enfermeira avisou sobre a chegada de uma visita que não estava na lista da recepção. Quase mandei entrar, mas então lembrei que poderia ser a Clara. Não a impediria de ver meu irmão, ainda mais sabendo do enorme carinho que Diego sentia por ela. Mesmo ela tendo nos abandonado, eu permitiria aquela visita, porém não comigo presente.

— Qual o nome? — perguntei à enfermeira que estava parada na porta. Fechei os olhos e respirei fundo.

— Sofie — respondeu gentilmente e, então, soltei a respiração.

Pedi à enfermeira que deixasse a garota entrar. Sofie era a namorada de faculdade do meu irmão e, pelo que sabia, ela estava no Japão. Os dois haviam terminado porque ela queria seguir carreira de modelo e acabou se mudando para Tóquio. Além disso, Diego, como bom romântico que era, não aceitou dividir a namorada com o resto do mundo.

Assim que ela entrou no quarto eu me levantei para recebê-la com um sorriso, feliz por vê-la ali, mas meu sorriso desapareceu quando ela se jogou nos meus braços chorando copiosamente.

— Calma, Sofie. Ele vai ficar bem. — Abracei-a e, mais uma vez naquela manhã, servi de porto seguro para alguém. — Temos que agradecer por ele estar vivo, poderia ser pior — falei de forma segura. Eu não me sentia assim, mas precisava ser forte para Sofie, para Priscila e para os meus pais.

Ela descansou a cabeça em meu ombro. Continuava chorando, mas, enfim, entre soluços e lágrimas, resolveu falar.

— Diz que ele vai ficar bem, Alexandre, por favor — suplicava desesperada. — Eu não vou me perdoar nunca por não ter estado aqui. — Suas palavras saíam entrecortadas pelo soluço.

Sentei Sofie na poltrona e, enquanto servia um copo de água para ela, notei que ela se recusava a olhar para o meu irmão, como se aquilo fosse diminuir sua dor. Mas eu sabia que era em vão. Entreguei o copo a ela e me agachei na sua frente, acariciando seu cabelo. Ela era tão linda, tão perfeita para o Diego: a mesma delicadeza, o mesmo ar inocente e romântico, os mesmos olhos sonhadores. Tão diferente de mim e da Clara, que éramos dois fodidos.

Sofie segurou o copo com as duas mãos, tremendo e ainda chorando.

— Como aconteceu, Alexandre? Eu fiquei sabendo há alguns dias e voei direto para o Brasil. Mas não soube dos detalhes. — Ela fez a pergunta, um pouco mais calma e ávida por informações.

— Beba toda a água que eu te conto o que aconteceu. — Eu não estava à vontade para falar de tudo, mas teria que fazê-lo. O desespero de Sofie deixava

evidente que ela ainda tinha sentimentos pelo meu irmão.

Ela fez o que pedi e depois deixou o copo vazio sobre a mesa. Puxei uma cadeira e sentei bem na sua frente. Enquanto falava, segurava as duas mãos da Sofie, tentando confortá-la. Contei tudo: desde o casamento da minha irmã até as suspeitas de tentativa de assassinato. Passei pela parte que envolvia a Clara tentando não demonstrar minha frustração, porém não consegui enganar Sofie. Além de linda, ela era inteligente.

Enfim, quando terminei de falar, comentando o que os médicos haviam dito, Sofie se levantou e caminhou em direção à cama. Seus olhos brilharam, mas ela secou as lágrimas e deu um beijo de leve nos lábios do Diego.

— Ei, príncipe, sou eu, Sofie... — Fiz um gesto avisando que ia sair para deixá-los a sós.

Fui até a lanchonete, pedi um café enorme e me sentei a uma mesa sozinho. Um homem que parecia ser médico do hospital se aproximou e perguntou se podia sentar. Respondi que sim e, então, ele puxou a cadeira.

— Você é irmão do Diego? — ele perguntou e eu confirmei. — Sinto muito! Não quero ser indiscreto, mas estamos muito sensibilizados com a história dele. — Parecia que todos no hospital sabiam do ato heroico do meu irmão.

— É a cara dele se jogar na frente de um carro para salvar a vida de uma mulher — eu disse achando graça, mas logo lembrei quem era a mulher e, então, minha tristeza e raiva voltaram.

O cara, que parecia ser muito jovem, sorriu tentando aliviar o clima.

— Foi um ato de coragem — disse e eu concordei. Ele se levantou pegando o copo que estava sobre a mesa. — A propósito, sou o dr. Bruno Petri. — Estendeu a mão e eu o cumprimentei.

— Dr. Alexandre Ferraz. — Ele olhou espantado. — Sou advogado — expliquei.

— Sou cirurgião geral, mas acima de tudo sou um homem apaixonado. Eu acompanhei o que você passou naquele dia. — Sabia que ele estava falando sobre a minha discussão com a Clara no corredor do hospital. Agradei e ele partiu.

Sorri ao ver que todas as garotas da cantina seguiram o cara com o olhar, embora ele estivesse alheio a tudo. Pelo menos eu não era o único homem fodido no mundo.

4



Clara

Trabalhei durante todo o dia e já tinha escurecido quando cheguei em casa. Não notei muita diferença na carga horária, pois, mesmo sendo estagiária na Ferraz, minha jornada era de quase oito horas. Não me saí tão mal no meu primeiro dia. Fiquei praticamente por conta da petição e, no final do expediente, separei algumas provas e o nome de algumas testemunhas que poderiam ser ouvidas. Saí satisfeita com meu desempenho.

Assim que cheguei ao apartamento, Nando se levantou e caminhou em minha direção. De cara notei que algo não estava bem, meu amigo sorria forçadamente.

— Oi, Clarinha. Temos visita. — Nando se afastou e eu pude vê-la sentada no sofá. Minha amiga de infância, aquela que sempre me apoiou, uma das únicas que sabiam sobre o Felipe e sobre o meu passado. A mesma que com sua generosidade me conseguiu o estágio que me trouxe Alexandre: Priscila.

Pela primeira vez após o acidente eu teria que enfrentar a família Ferraz.

— Vou deixar vocês a sós. — Nando deu um beijo em meu rosto e saiu pela mesma porta que eu entrei, me deixando com Priscila. O olhar dela era gélido. Se levantou e andou em minha direção, com um misto de tristeza e ódio em seu rosto. Também pudera, eu era a grande causadora de todo o seu sofrimento. Praticamente matei seu irmão.

— Priscila, eu... — comecei a falar, mas fui surpreendida com uma bofetada que fez meu rosto arder e meu corpo perder o equilíbrio. O tapa foi tão forte que

quase caí sobre o aparador da sala. Minha vontade foi de revidar, mas não podia. Aquilo ainda era pouco perto do que eu merecia. Levei a mão ao rosto, tentando segurar a dor mais um pouco e evitando olhar para Priscila, mas, quando fiz, senti meu coração se contorcer dentro do peito. Ela chorava silenciosamente.

Estávamos frente a frente, como sempre estivemos: juntas. Mesmo quando a distância nos separava, estávamos sempre olhando uma pela outra. Mas dessa vez Priscila me olhava diferente, com rancor e desprezo.

— Eu sei que era para ter sido eu — gritei. Não podia mais suportar tudo sozinha, minha alma estava transbordando e eu não conseguia mais segurar. — Se eu pudesse, eu tomava o lugar dele. Acredita em mim, eu trocaria de lugar com o Diego.

Priscila empalideceu ainda mais e fechou os olhos com raiva.

— Você acha que esse tapa é pelo Diego? — perguntou surpresa. — Aprende uma coisa, Clara: o mundo não gira em torno de você. Meu irmão se jogou na sua frente porque ele é um herói. Desce do salto e acredita em mim. Diego faria isso por qualquer pessoa, não se sinta privilegiada — terminou de falar, já sem ar.

Nunca duvidara do caráter e da generosidade do Diego. Ele era o cara mais carinhoso, educado e correto que eu conhecia. Mas fiquei surpresa, pois, se o tapa não tinha sido pelo Diego, por que Priscila estava com tanta raiva, a ponto de me agredir fisicamente?

A dor física já tinha passado e tirei as mãos do meu rosto. De frente para Priscila, descobri o motivo de sua atitude quando um brilho surgiu em seus olhos, um brilho que eu conhecia muito bem. Eu o tinha visto no dia do seu casamento, quando os olhos dela pousaram no irmão, ao meu lado no altar. Priscila estava ali pelo homem que ela mais venerava, pelo seu segundo pai, por Alexandre.

— Você está destruindo a vida dele. — Ela não precisava dizer o nome, eu sabia de quem estava falando. — Você abandonou o Alexandre quando ele mais precisou de você, quando ele mais precisava do seu amor para consolá-lo. — As palavras me atingiam uma a uma. E um nó de tristeza bloqueou minha garganta. — Vi meu irmão louco, perdido, sem saber para onde ir, querendo ficar com Diego, mas falando que não podia te deixar sozinha. — Sentei, estava tonta com as suas acusações, mas Priscila não foi complacente com meu desespero. Sua voz se alterou ainda mais. — Vi meu irmão sair correndo atrás de você como um louco hospital afora. Vi ele voltando, abatido e sem vida, praticamente tão sem vida quanto o Diego. Enfim, vi e ouvi meu irmão dizer que tinha acabado de perder a mulher da sua vida. — Não consegui suportar suas últimas palavras e comeci a chorar, escondendo o rosto com as mãos. — Olha para mim! — Priscila disse

autoritária, segurando meu queixo para cima. — Eu te admirei desde criança. Meu espelho era você. Queria ser a Maria Clara: forte, independente, cheia de atitude. Mas para que tudo isso? Para depois deixar o passado te impedir de amar? Para deixar o egoísmo controlar a sua vida? Para fazer o homem que ama sofrer? Para abandonar os amigos? — Fiquei sentada, encarando Priscila sem poder dizer nada, pois cada palavra que ela dizia era a mais pura verdade. Eu era uma covarde, sempre fui.

Não retruquei, não respondi, não questionei, só chorei. Então, Priscila caminhou até o sofá e pegou sua bolsa. Mas, antes de sair do meu apartamento, cravou o último punhal.

— Não se faça de vítima. Assuma as rédeas da sua vida e deixe o passado para trás. Felipe te amou, mas, ele partiu. Seja digna da vida que ele te deu ou se afaste do meu irmão para sempre. Eu te amo, Clara — ela disse, e as lágrimas desciam —, mas, se fizer meu maninho sofrer novamente, eu vou esquecer que um dia você fez parte da minha vida.

Vi Priscila partir sem olhar para trás. Uma vez mais eu estava perdendo as pessoas que mais amava. E tudo por culpa minha.

Ferraz

A manhã tinha sido pesada. Fiz de tudo para acalmar Sofie, mas ela estava muito abalada com o estado do Diego. Senti que ela se arrependia da decisão de tê-lo abandonado para seguir a carreira de modelo, pois o tempo todo ela repetia que queria ter estado com ele.

Ana tinha ido ao hospital com alguns documentos que eu precisava assinar com urgência, e eu aproveitei sua presença para acompanhar o Diego enquanto eu colocava Sofie em um táxi. Ela estava muito abalada e eu queria me certificar de que iria para casa em segurança.

Quando minha mãe chegou para ficar com Diego, fui para o escritório. Hoje era o dia da promoção do Nando e, apesar de estar feliz por ele ter chegado tão longe mesmo depois de ter passado o que passou, estava dilacerado por saber que Diego não estaria presente.

Assim que cheguei ao escritório, eu pedi a Ana para preparar a sala de reuniões e avisar a todos sobre o horário em que deveriam estar lá. Recebi um cliente para o qual havia impetrado um habeas corpus, e discutimos sua possível defesa diante de uma acusação de exercício arbitrário das próprias razões. Tentei explicar ao meu cliente que, mesmo tendo direito à posse do bem em discussão,

ele não poderia ter usado de ameaça e muito menos de agressão física para reaver o que lhe pertencia. Resultado: além do crime previsto para este ato, ele também respondia por lesão corporal leve. Após pagar fiança, ele estava na minha frente. Ainda bem que o processo era tranquilo, pois eu estava correndo de casos complexos. Não tinha cabeça para tudo isso. Depois da reunião com meu cliente, eu conversei com algumas testemunhas para outro processo e, em seguida, me encaminhei para a sala de reuniões.

Quando todos já estavam acomodados, Patrícia entrou.

— Desculpem o atraso. — Todos nos viramos para olhá-la e ela se sentou.

Eu queria há muito tempo ter me livrado de Patrícia, mas, como faltavam apenas alguns meses para a conclusão do seu estágio, decidi esperar. Geralmente, os estagiários concluíam suas grades no fim do ano, mas a Patrícia ainda teria seis meses conosco.

— Bom, já que estamos todos aqui, vamos começar — disse me levantando.

Cumprimentei todos os colaboradores da empresa e fiz um breve discurso sobre a importância do escritório em nossas vidas. Quando comuniquei que teríamos mais um advogado fazendo parte da equipe, todos se olharam espantados e curiosos.

— Acho que é do conhecimento de todos que a Ferraz sempre apoia seus colaboradores. E é por isso que esperamos que esse jovem promissor aceite nosso convite e faça parte dessa equipe. E, sem mais delongas, gostaria de convidar Fernando Maciel para fazer parte do quadro de advogados da Ferraz.

A cara de espanto misturada com a de alegria do Nando fez com que todos do escritório se entusiasmassem com ele.

— Eu? — ele perguntou surpreso, apontando o dedo para o próprio peito, sem acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— Todos sabem o quanto Diego o admira. — Assim que toquei no nome do meu irmão, pude ver a tristeza nos olhos de todos. Diego era querido por onde passava. — E nada mais justo que reconhecer o seu esforço e empenho. Por enquanto, será assistente do Sandro. Mas, assim que obtiver o registro da OAB, ocupará um cargo específico dentro da empresa — expliquei, e Nando veio em minha direção com a mão estendida, pronto para agradecer.

— Dr. Ferraz, eu nem sei como agradecer — disse sacudindo minha mão e olhando em meus olhos com uma expressão de felicidade.

Dei dois tapas nas costas dele.

— Acho que já ouvi essa frase — brinquei, fazendo referência ao dia em que Nando me procurou para pedir o desligamento do estágio e acabei descobrindo

que estava sofrendo abuso por parte do pai, um homofóbico que não aceitava a condição sexual do filho. Ainda não me conformo por ele não ter denunciado o infeliz.

— É verdade — ele disse um pouco envergonhado, então eu emendei.

— Se lembra do que eu disse naquele dia? — Ele assentiu e eu continuei: — Agradeça ao Diego e se esforce.

Dei por encerrada a reunião e todos se levantaram para cumprimentar o Nando. Saí e o deixei colhendo os louros do sucesso. Voltei para a minha sala e para os meus processos. Quando encerrei o dia, já era tarde e até a Ana já tinha ido embora. Ao escutar uma voz vinda da sala dos estagiários, eu me aproximei e ouvi o Nando ao telefone. Paralisei quando ouvi o nome dela.

— Clarinha, eu juro. Estou tão feliz — dizia e aguardava a resposta. — Temos que comemorar hoje. — Mais alguns segundos em silêncio. — Clarinha, você tem que reagir, linda. Vai sofrer até quando por ele? — perguntou, e eu saí em disparada em direção ao elevador. Não precisava ouvir aquilo. Não me interessava saber se a Clara estava sofrendo ou não. Não queria mais ouvir o nome da maldita e muito menos saber dos seus sentimentos.

Clara estava no passado e lá ficaria. Mesmo que meu coração ficasse junto com ela.

5



Clara

“Quer dizer que eu vou morrer?”, perguntei quase sem ar para o médico a minha frente.

Ele olhou mais uma vez para minha mãe e para Felipe, e depois voltou a atenção para mim.

“Não, Maria Clara, isso quer dizer que você precisa de um transplante de rim. Infelizmente, a hemodiálise não fará mais efeito, então, para que você continue vivendo de forma normal, será necessária essa cirurgia”, dr. José Marcos explicou.

Comecei a chorar, sabia que meu problema era sério. Fazia meses que eu vivia no hospital, mas, mesmo assim, descobrir que seu caso é irreversível e que a qualquer momento seu corpo pode parar de funcionar é um baque indescritível.

“Princesa”, Felipe disse chegando perto de mim e puxando as minhas mãos que estavam em meu rosto, para que pudesse olhar para ele. “Vai ficar tudo bem, confia em mim”, Lipe tentava me acalmar. Ele conhecia toda a equipe médica, já que fazia residência naquele hospital.

Enquanto eu chorava silenciosamente, agora sendo amparada pela minha mãe, Felipe conversava em termos técnicos com o médico, palavras e expressões cujo significado eu não conhecia, mas que sabia que podiam me salvar.

“Eu e você contra o mundo, Princesa”, Lipe disse beijando minha testa, enquanto saíamos do consultório. “Você vai viver muitos anos, é uma promessa.”

— Clara? — Cristina chamou meu nome, e eu me desliguei das lembranças que me envolviam. — Muito bom, estamos fazendo progressos. — Sorriu gentilmente por eu, enfim, estar lhe contando sobre o passado.

Me despedi e combinamos de tomar um café na sexta-feira. Depois de quatro meses de consultas semanais, nos tornamos amigas.

— Ah, Clara... — Cristina disse antes que eu chegasse à porta. — Isso é para você. Parabéns pela aprovação no exame da Ordem. — Me entregou uma caixa e quando abri fiquei feliz com o presente. Era uma caneta linda, toda prata, enfeitada com vários cristais. Tinha descoberto hoje sobre meu êxito na segunda fase, e ela já estava me presenteando.

— Obrigada, Cris, não precisava — agradei pela sua atenção e carinho.

Ela balançou a mão no ar, fazendo um gesto como se aquilo não fosse nada.

— Nem todo mundo tem o privilégio de vencer a OAB logo de cara. — Brincou pelo fato de ser uma das provas mais difíceis do Brasil.

Uma vez por semana eu saía mais cedo do escritório para ir a minha consulta com a Cristina. No escritório, tudo ia às mil maravilhas. Estava aguardando somente a minha carteira profissional chegar para assumir o cargo de advogada civil. Não era o que eu queria, mas era o que a Carvalho podia me oferecer no momento, então aceitei.

Saí da consulta direto para a casa dos meus pais. Durante o período de preparação para a prova, quase não tinha tempo para visitá-los. E pensar que se o Nando não tivesse feito a minha inscrição e me convencido, eu não estaria com o registro da OAB. Sorte que eu decidi aproveitar a oportunidade e dei a cara a tapa. Procurei esquecer tudo que tinha passado, era difícil, minha bagagem era grande, mas consegui cumprir mais uma etapa em minha vida.

Cheguei nos meus pais e fui recebida com a alegria de sempre. Minha mãe só faltou me entupir de comida, dizendo que eu estava magra demais. Ela estava certa, eu havia perdido um pouco de peso nos últimos meses.

— Clarinha, por que você não chama a Laís para almoçar aqui amanhã? — minha mãe perguntou da cozinha, enquanto eu e meu pai assistíamos a um documentário na TV. — Você dorme aqui, e amanhã seu pai prepara um churrasco. O que acha? — Ela estava bem animada com a ideia de uma reunião em casa, eles praticamente não recebiam visitas.

— Claro, mãe. Posso convidar o Nando também? E provavelmente a Laís vai trazer o Bruno. — Assim que falei sobre os outros convidados, minha mãe abriu um sorriso. Sempre tão simples e tão fácil de agradar.

Peguei meu celular e subi para o meu antigo quarto.

— Meu Deus, será que estourou a Terceira Guerra Mundial? Ou o Ian Somerhalder está no Brasil? — Laís brincou ao atender o celular e eu não consegui segurar minha risada. Laís e seu bom humor de sempre. Por vários motivos, eu também tinha me afastado um pouco dela. Primeiro, ela quase me matou quando descobriu que eu tinha fugido do hospital, enquanto ela e Nando tentavam achar meus pais. Depois, por eu ainda não querer contar o meu mais profundo segredo a ela. Tinha ainda a falta de tempo por conta da preparação para a prova e o seu namoro com o Bruno. O relacionamento estava bem sério, e eu sempre recusava os convites para cinema e jantares, não queria segurar vela. Enfim, tudo contribuiu para que nos afastássemos.

— Muito bom falar com você, lindinha. — Soei sarcástica, mas Laís nem se importou. — Minha mãe quer fazer um almoço em comemoração a minha aprovação na Ordem e estou ligando para convidar sua família, não só a tia e o Dudu, mas também o Bruno — fiz o convite e ouvi seus gritinhos frenéticos do outro lado da linha. Balancei a cabeça em negativa, Laís não tinha jeito e eu sentia falta da sua personalidade tão alegre.

— Espera, amiga. — Percebi que ela tapou o telefone com as mãos, mas ainda pude escutar sua conversa. — Tigrão, Clarinha está nos chamando para um almoço amanhã, em comemoração à aprovação dela nessa prova fodida que vocês têm que fazer. Estou só te comunicando, porque nós vamos, ok?

Ela nem deu tempo para o coitado do Bruno responder e voltou a falar comigo.

— Ok, Clarinha. Amanhã estaremos aí — respondeu animada.

Nos despedimos e, antes de ligar para o Nando, fiquei imaginando como a vida é engraçada. Laís e Bruno juntos... Com certeza, eu sabia quem mandava naquela relação. Minha amiga era fogo e eu não tinha dúvidas de que ela havia colocado rédeas curtas no Bruno.

Liguei para o Nando, que prontamente aceitou o convite e ainda disse que chegaria mais cedo para ajudar minha mãe a preparar o almoço.

Conversei mais um pouco com os meus pais e logo fui dormir, a maratona dos últimos meses tinha me deixado exausta.

Meu.

Minha.

Acordei com aquelas palavras na cabeça. Por mais que quisesse esquecer Alexandre, era impossível. Eu amava aquele homem e já estava na hora de correr atrás do prejuízo. Nas minhas últimas consultas com a Cristina, eu tentava

destruir os obstáculos que estavam atrapalhando minha felicidade. Não demoraria e eu iria atrás dele. Nesses meses fiquei imaginando com quantas mulheres ele esteve. Quantas ele levou para o seu apartamento, para sua cama. A sensação de perder o que era meu doía em minha alma. Saber que ele estava tocando outro corpo, beijando outra boca, me fazia lembrar a burrada que tinha feito ao abandoná-lo. Como pude ser tão cega e deixar o passado me tirar o Alê? Tomei um banho frio para acalmar o ciúme, mas estava decidida: procuraria o Alexandre o mais rápido possível e pediria perdão. E aí de quem atravessasse o meu caminho! Estava disposta a lutar com unhas e dentes para trazer meu homem de volta.

Desci correndo as escadas. Não sabia o que tinha acontecido durante aquela noite, mas estava com as esperanças renovadas. Dei um beijo em meu pai e fui logo pegando o avental para ajudar minha mãe. Vi quando eles se olharam surpresos com minha atitude. Meu pai deu de ombros e continuou preparando a carne do churrasco.

O primeiro a chegar foi o Nando, que foi muito bem-tratado pelo meu pai, que sabia sobre o problema que ele tinha sofrido em casa e também achava um absurdo aquele tipo de preconceito de um pai com o próprio filho. Minha mãe, nem se fala, tinha adotado o meu amigo.

Em seguida, a Laís e o Bruno chegaram. Ele segurava o Dudu em seus braços e aquela cena não me surpreendia mais. Quando disse a Laís que Bruno seria um ótimo pai, ela quase me matou sufocada com uma daquelas canetas caríssimas que usa na faculdade.

— Clara, parabéns pela aprovação no exame — Bruno disse, enquanto enlaçava Laís pela cintura. Eles eram tão perfeitos juntos. Sorri carinhosa para minha amiga. Ela estava tão feliz. — Todos nós estamos muito orgulhosos. — Minha família e amigos levantaram seus copos de cervejas e brindaram. Somente eu e Bruno estávamos tomando refrigerante. Ele porque estava dirigindo e eu porque não podia. Sempre soube que não podia ingerir bebida alcoólica por conta da minha cirurgia, mas acabava fazendo para anestesiar a culpa que sentia e, às vezes, até para tentar acelerar o processo e me encontrar logo com Felipe.

Para o descontentamento da Laís, nos distraímos conversando sobre o escritório e casos jurídicos. Ela morria de raiva quando eu, Bruno e Nando nos juntávamos, pois o assunto, com certeza, giraria em torno do Direito.

— Fala, mano — Bruno tirou o celular do bolso e atendeu. Sabia quem era. — Não acredito! — Bruno disse sério e todo mundo o encarou. — Isso é ótimo, cara, estou indo pra aí agora.

Bruno desligou o celular e seus olhos brilhavam. Meu coração acelerou com a

expectativa da notícia que ele tinha recebido.

— Diego acordou.

Foi como se um tanque de guerra tivesse saído de cima do meu coração. Era a melhor notícia de toda a minha vida.

Ferraz

Como não trabalharia no dia seguinte, mandei minha mãe descansar em casa e passei a noite no hospital com o Diego. Estava sentando de frente para a porta, ao lado da cama. Era tão estranho olhar para ele tão frio e sem vida naquela cama, mas, por outro lado, havia um fio de esperança que não me deixava desistir. Ele estava vivo, e isso bastava.

Há quatro meses tinha contado sobre a promoção do Nando e comentado sobre como ele ficaria feliz em ver seus esforços. E hoje estava com o jornal nas mãos, contando que o Nando e a Clara haviam passado na OAB. Estava feliz por ambos, apesar da mágoa incurável que sentia em relação a ela. Não deixei de sentir orgulho da minha menina, nunca tive dúvidas de que ela conseguiria. Clara é determinada e corre atrás do que quer quando o assunto não é o coração.

Passei pelo edital de divulgação e fui para o caderno de esportes.

— Meu time perdeu de novo! — disse naturalmente. Depois do que aconteceu com o Diego, passei a dar mais valor às pequenas coisas da vida e a reclamar bem menos dos percalços que enfrentamos no dia a dia.

— Você é péssimo para escolher time. — Paralisei e só alguns segundos depois olhei de um lado para outro, verificando se alguém estava fazendo alguma brincadeira de mau gosto comigo. — Nunca soube torcer. — Ouvi novamente e, então, meu coração praticamente parou de bater. Levantei e me aproximei da cama, ainda incrédulo, mas para minha surpresa, um par de olhos azuis, tão conhecidos e tão familiares, me olhava. Não pensei duas vezes e me joguei em cima do Diego, o abraçando e beijando seu rosto. Minha alegria em ver meu irmão acordado era tanta que lágrimas caíam dos meus olhos e eu não podia contê-las. Toda a angústia dos últimos meses estava sendo extravasada naquele momento. Chorei muito no ombro dele, agradecendo a Deus por aquela benção, por ter nos dado outra chance. Uma nova chance para viver.

— Você está parecendo uma mulherzinha, mano. — Me afastei para olhar seu rosto e Diego sorria timidamente. Sua voz parecia cansada e saía ainda fraca, bem baixinha, mas o suficiente para encher meu coração de esperanças.

— A culpa é sua, seu filho da mãe idiota — falei tentando limpar as lágrimas

do meu rosto, e o sorriso do Diego se ampliou. — Meu Deus, os médicos! — Tinha ficado tão feliz pelo despertar do meu irmão, que me esqueci de chamar os médicos. Apertei a campainha umas trinta vezes quase sem intervalo, olhando incrédulo para o Diego. — Quando levantar dessa cama, eu vou chutar sua bunda — brinquei, enquanto ainda apertava o botão sem parar.

— Para de apertar essa porra, daqui a pouco sai leite.

Meu Deus! Não sabia se ria ou se voltava a chorar. Além de o Diego ter acordado, seu humor continuava intacto.

Quando os médicos chegaram, me fizeram sair do quarto e aguardar na sala de espera. Não queria sair do lado do meu irmão, mesmo sabendo que era necessária a realização de exames. Muito a contragosto, deixei o quarto e aproveitei para ligar para todo mundo: meus pais, minha irmã, Bruno e até para Ana. Todos reagiram da mesma forma, com gritos e risadas misturados ao choro de emoção. Com certeza, em poucos minutos o hospital estaria tomado pelos nossos amigos.

Aguardei impaciente até os médicos me deixarem voltar ao quarto. Tinha tanta coisa para falar pro Diego: primeiro, o quanto eu o amava e tinha orgulho dele. Só de pensar que eu quase o perdi sabendo que não disse isso o suficiente, tanto quanto ele merecia, meu coração se apertava. Mas, graças aos céus, Deus tinha nos dado uma nova chance, não só para o Diego. Tinha ficado claro para todos nós que o dia de amanhã é desconhecido e que, por isso, temos que aproveitar o presente.

“Aproveite o dia.” Impossível não lembrar a tatuagem da Clara. Tirei o telefone do bolso e procurei uma foto nos arquivos de imagem. Ela nem sabia que tinha tirado a foto no dia em que dormiu em meu apartamento. Clara estava linda, esparramada sobre minha cama, com seu cabelo castanho nos lençóis, um sorriso despontava em seu rosto, e, mesmo ela estando dormindo, eu podia sentir sua vontade de estar comigo. Então, tirei a fotografia numa tentativa de eternizar aquele momento. Mal sabia eu que tudo não passava de fingimento, que na primeira oportunidade ela correria para os braços de outro. Correria para o Dereck.

— Dr. Alexandre, sua entrada está liberada — a enfermeira disse, e eu levantei do sofá. Olhei uma última vez para o celular antes de entrar e o guardei no bolso da calça. Tudo que importava a partir de agora era a recuperação do Diego.

— Ei, seu cabeça-dura. — Tentei soar divertido, mas Diego me olhava sério. — O que foi? — perguntei preocupado.

Diego não disfarçava sua tristeza. E eu cheguei perto da cama, tentando descobrir o que meu irmão precisava. Faria qualquer coisa, daria tudo para ele, nem que tivesse que ir ao inferno.

— Cinco meses, mano? — Lágrimas desceram pelo canto dos seus olhos e eu me apressei para confortá-lo.

Puxei a cadeira e me sentei ao seu lado.

— Não fique assim, Diego. Pense que foram como umas férias. — Tentei deixar o clima mais leve, mas Diego me deu um sorriso forçado. — Daqui a pouco está todo mundo aqui. Acabei de ligar para os nossos pais, e o Bruno está vindo com o Nando. — Tentei animá-lo.

— E a Clara? — perguntou, e eu fiquei em silêncio, apenas o encarando. — Quero ver a Clara. Por que ela não está aqui com você? — Sua pergunta me pegou de surpresa e eu fiquei atônito sem saber o que responder. Vendo meu desconforto, Diego alterou um pouco a voz. — Mano, cadê a Clara? — perguntou ainda mais exasperado. — O carro... O casamento... Não me diga que a Clara...

Respondi antes que ele terminasse.

— Não, a Clara está bem, ela só...

Merda! Como contaria ao Diego que Clara tinha nos abandonado?

6



Clara

Vi Bruno e Laís saírem pela porta correndo em direção ao carro e Nando seguiu logo atrás. Eu fiquei estática, sem saber o que fazer. Se uma palavra me definia naquele momento, era *alívio*. Minha vontade era de ir o mais rápido possível ver o Diego, mas, então, lembrei que eu o tinha abandonado e que talvez não fosse bem-vinda naquele momento, em que toda a família estaria presente.

— Você não vem, Clarinha? — Nando disse antes de entrar no carro do Bruno.

Olhei para os meus pais, que estavam no jardim de frente a nossa casa, e balancei a cabeça negativamente.

— Não. Vai ter muita gente, eu vou deixar para ir em outro momento. — Nando assentiu desanimado e entrou no carro. Bruno logo partiu, com certeza ansioso para estar logo ao lado do Ferraz.

Andei até os meus pais, que me abraçaram, me reconfortando.

— Clara... — meu pai disse, mas eu o interrompi.

— Eu sei que não foi culpa minha. — Me afastei e comecei a falar. — Eu vou visitar o Diego, mas preciso de mais alguns dias para me preparar — completei e ambos sorriram aliviados.

Tinha que concordar que Cris estava fazendo um bom trabalho, admitir que a culpa não era minha foi um grande começo, nem sei como havia conseguido, mas não retrocederia. Um passo de cada vez.

Voltamos para dentro de casa e, quando colocamos a mesa, notei que havia

muita comida. Então tive uma ideia: aproveitei a coragem que sentia naquele dia para colocá-la em prática.

— Aonde você vai, Clara? — meu pai me perguntou surpreso quando me viu abrir a porta e sair.

— Já volto — gritei já do jardim.

Andei alguns metros e bati à porta de uma casa idêntica à dos meus pais. Não demorou muito até que a mãe do Felipe abrisse.

— Menina? — Seu espanto era evidente. Nunca procurei Luciana desde a morte de Felipe. Uma guerra de sentimentos tinha se instalado em meu interior. Culpa, constrangimento, tristeza e esperança eram alguns deles. Parada ali na frente dela, eu vacilei um pouco, confesso que tive vontade de voltar, mas então me lembrei da nova vida que queria para mim. E gostaria que Luciana fizesse parte dela.

— Meus pais estão fazendo um almoço em comemoração a minha aprovação no exame da OAB e eu gostaria que você fosse — convidei ainda um pouco tímida, com medo de ela dizer não, afinal, eu a rejeitei tantas vezes.

Vi quando os olhos da Luciana começaram a piscar freneticamente, lutando contra as lágrimas. As minhas também já queriam rolar, mas eu as segurei.

— Obrigada — foi a única coisa que ela respondeu. Fechou a porta atrás de si e me acompanhou.

Caminhamos uma do lado da outra, até que Luciana pegou minha mão e me fez parar.

— Você já leu a carta? — questionou, e eu neguei.

— Ainda não, mas prometo que vou ler — respondi com honestidade. Já estava adiando por muito tempo.

Assim que entramos em casa, eu gritei para os meus pais:

— Olha quem vai almoçar com a gente. — Ambos vieram correndo da cozinha, e minha mãe parou olhando para mim e para Luciana. Acho que hoje era o dia da choradeira, pois ela colocou as mãos no rosto e começou a chorar. Meu pai, que estava atrás dela, começou a massagear seu ombro, tentando acalmá-la.

— Seja bem-vinda, Luciana. Agora a família está completa — meu pai disse me lançando um sorriso de aprovação.

— Eu disse, Lú, a Clarinha te ama. — Minha mãe puxou a amiga e vizinha para um abraço, e agora as duas choravam, enquanto eu e meu pai observávamos a cena. Depois de largar a Luciana, minha mãe veio até mim. — Você é uma vencedora — disse me cobrindo com vários beijos melados e muitos abraços que quase me esmagaram.

Muitas demonstrações de afeto depois, resolvemos almoçar. Fiquei muito feliz por me reaproximar da Luciana. Aquele era o segundo passo para mudar minha vida. O primeiro foi procurar tratamento, e eu via Claramente o resultado. Estava muito mais confiante e bem menos autodestrutiva, sem contar que o sacode que Priscila tinha me dado havia alguns meses foi fundamental para que eu saísse do meu casulo. E agora estava preparada para voar, para buscar horizontes inimagináveis e, principalmente, para correr atrás do tempo perdido.

Ferraz

Comecei explicando para o Diego tudo que tinha acontecido, mas omiti a parte da ameaça e da investigação que ainda estava acontecendo sobre o acidente. Mas o momento mais difícil foi esclarecer o motivo de Clara não estar ao meu lado.

— Eu entendo — Diego disse e eu quase parei de respirar. Como assim eu entendo? Tinha acabado de contar a ele sobre a fuga da Clara do hospital e o quanto ela foi egoísta ao nos abandonar naquela situação, só pensando nela, no próprio bem-estar, se fazendo de vítima. E, o pior de tudo, a sua traição em buscar refúgio nos braços do rockstar de merda.

— Cara, sua cabeça ainda não está funcionando muito bem. — Apontei para ele, mas Diego não sorriu. — Como assim você entende? — questionei, percebendo que Diego não tinha achado graça da minha brincadeira.

Ele desviou os olhos e murmurou:

— É complicado para Clara. — Apenas algumas palavras me deixaram em alerta.

— É sobre o segredo dela?

Diego olhou de volta para mim, mas não respondeu. Eu sabia que ele não faria.

— Quero que você ligue para ela e diga que quero vê-la — ele disse de forma direta e decidida.

Merda! Não conseguiria falar com a Clara e muito menos estar no mesmo lugar que ela. Não suportaria olhar aqueles olhos novamente. Os olhos que me disseram adeus, que revelaram seu amor por outro.

Levantei nervoso e andei de um lado para o outro no quarto. O que faria? Não queria magoar o Diego, mas também não queria trazer Clara de volta para as nossas vidas. Ela não merece meu amor, não vale o respeito e o carinho do meu irmão.

— Mano, eu sei o que você está fazendo. — Parei e encarei o Diego. — Está ponderando as opções, mas eu não abro mão de vê-la. Então, trata de ligar para ela. — Diego me conhecia como ninguém.

— Porra! Você acordou muito mandão — gritei, e ele fechou os olhos. Antes que pudesse continuar defendendo a minha opinião e Diego seguisse insistindo que queria ver a maldita, a porta se abriu e minha família inteira invadiu o quarto. Estavam eufóricos e emocionados ao mesmo tempo.

— Ei — chamei a atenção da minha mãe e da Priscila, que estavam em cima do Diego, não deixando o coitado nem respirar. — Ele acabou de acordar, tenham calma — adverti sem ser grosseiro. Sabia que as duas estavam tão aliviadas em ver meu irmão acordado que não cabiam em si. Elas se olharam se desculpando, mas não saíram de perto do Diego.

— O que os médicos disseram? — meu pai indagou preocupado. Estava feliz em ver Diego acordado, mas compartilhava da mesma aflição que eu.

— Fizeram exames, mas ainda não voltaram com os resultados. — Ele assentiu com a cabeça e foi para o lado do filho. Aproveitei que meu irmão não ficaria sozinho e saí do quarto à procura de alguém que pudesse me informar sobre o quadro clínico dele.

Caminhei até a recepção e encontrei o médico que tinha conversado comigo na cantina.

— Dr. Petri — chamei, e ele olhou em minha direção. — Já sabe da boa-nova? Meu irmão acordou — dei a notícia, e ele sorriu me cumprimentando com um aperto de mão.

— Dr. Ferraz — disse, também se lembrando do meu nome. — Não se fala em outra coisa por aqui. É gratificante ver a recuperação de um paciente, ainda mais sendo tão jovem e cheio de vida quanto o seu irmão. Inclusive, as enfermeiras estão frenéticas. — Abaixou um pouco o tom de voz para que a recepcionista não escutasse.

Ri da sua brincadeira, mas já havia visto algumas suspirarem pelo meu irmão. Só mesmo o Diego conseguia ser conquistador mesmo estando em uma cama de hospital. Criei aquele fedelho muito bem.

O dr. Bruno se despediu alegando uma emergência e eu disse à recepcionista que gostaria de falar com o médico responsável pelo Diego. Entrei na ala que ela indicou e procurei o consultório do dr. João Pedro, que por sinal parecia muito jovem para ocupar o cargo de neurocirurgião geral. No começo, fiquei desconfiado, mas então toda a equipe médica me tranquilizou, dizendo que ele era um dos melhores na área. E era disso que Diego precisava: o melhor.

Aguardei na recepção até que a secretária me disse para entrar.

— Bom dia, dr. Alexandre — disse, levantando de sua cadeira e apertando minha mão. — Por favor, pode sentar. Eu sabia que você me procuraria logo. — Sua brincadeira me fez sorrir. — Acabei de analisar as tomografias que fizemos quando o Diego acordou. — Fiquei apreensivo, e o médico continuou: — Já posso dizer que ele não terá sequelas permanentes, nem físicas nem cerebrais — explicou, apontando para os exames que estavam em uma tela luminosa.

Praticamente desabei da cadeira em que estava sentado. Soltei a respiração e agradei aos céus.

— Mas... — Meu rosto se contorceu com aquela palavra, sabia que algo não muito bom viria a seguir. — Diego ficou muito tempo em coma, pode ser que ainda demore para que ele se recupere totalmente. E isso se deve mais ao fator psicológico que físico.

— Não estou entendendo, dr. João — confessei, pois realmente estava perdido.

Ele então cruzou as mãos sobre a mesa e novamente começou a explicar.

— Diego sofreu um trauma no cérebro que não foi tão grave, apesar de ser um órgão muito sensível. Felizmente, a cirurgia foi rápida e eficiente. Apesar de não ter nada visível em seus exames, o que realmente é uma surpresa agradável, devido à quantidade de tempo que ele permaneceu em coma, Diego levará certo tempo para se recuperar totalmente. Isso inclui sua capacidade motora e cerebral. O que eu quero dizer é que ele pode demorar a se recuperar, seu cérebro ainda está voltando ao normal, então é perfeitamente comum ele se esquecer de algumas pessoas, datas e até de coisas que era acostumado a fazer. — Assenti concordando com o que o dr. João dizia. Todo o processo de recuperação seria lento, mas só de saber que os resultados dos exames eram positivos, eu já estava aliviado. — O tempo total da recuperação dependerá muito dele, podendo ser de semanas, meses e até anos. Mas meu conselho é nunca forçá-lo demais. Esse processo é lento e gradativo — terminou de explicar, e eu seguia atento a tudo. — Mas o mais importante, dr. Alexandre, é que o Diego será capaz de levar uma vida normal.

Fiz mais algumas perguntas ao médico do meu irmão e descobri que Diego ficaria mais alguns dias no hospital. E, assim que recebesse alta, continuaria o tratamento em casa. Peguei uma lista de profissionais indicados pelo dr. João: fisioterapeutas, fonoaudiólogos e psicólogos. Queria o melhor para o meu irmão, e o dr. João me garantiu que com eles Diego teria o melhor tratamento possível.

Saí do consultório com as esperanças renovadas. Logo Diego voltaria a ser ele mesmo. Antes de entrar no quarto, tirei o celular do bolso e fiz algo que tinha

certeza de que me arrependeria, mas era a vontade do Diego e naquele momento, como tinha feito em toda a minha vida, eu anulava minhas próprias vontades em prol dos meus irmãos. No terceiro toque, ela atendeu. Sua voz suave pronunciando meu nome era como estar no olho do furacão, sendo arrancado do chão e arrastado para dentro com uma facilidade indescritível. Seria sempre assim?

Vários sentimentos tomaram conta de mim e me atingiram naquele momento. Ódio, angústia, tristeza, raiva, carinho e até tesão, mas, acima de tudo, o que me derrubou foi perceber que ainda amava aquela mulher. Amava perdidamente, com cada célula do meu corpo, com cada parte da minha alma. O grande amor da minha vida sempre foi e ainda era a Clara.

— Alexandre, é você?

— Oi, Clara.

*Clara*

Quando vi seu nome no visor do celular, meu coração disparou. Batia de forma frenética, e eu sentia que ele sairia pela boca a qualquer momento. Pedi licença a todos que estavam na sala e saí em direção ao meu quarto. Sem pensar muito, atendi de uma vez.

A linha ficou muda, mas eu podia ouvir a respiração do Alexandre. Ele estava tão nervoso quanto eu. Perguntei se era ele, então sua voz ressoou limpa, poderosa e arrebatadora. Juntando isso com o fato de ele ter pronunciado o meu nome, estava completamente nocauteada. Deus, como eu amava aquele homem! Não conseguia imaginar como tinha conseguido passar tanto tempo longe dele, longe do seu cheiro, da sua pele, do seu carinho e do seu amor. Meu coração se encheu de esperança; se Alê tinha me ligado, era porque ainda sentia alguma coisa por mim. Ledo engano: as palavras que vieram a seguir fizeram meu mundo desmoronar.

— Estou te ligando para avisar que o Diego acordou — ele pronunciou as palavras friamente, gélido como um iceberg.

Fiquei inquieta, não sabia se sentava, se ficava em pé ou se saía correndo atrás do dono daquela voz. Optei por ficar e escutar. Nada era mais doloroso do que a saudade que eu estava sentindo, do que a falta que aquele homem me fazia.

— O Bruno estava aqui, quando você ligou...

— Que seja! — ele me cortou e eu pude sentir sua amargura. — Ele quer ver você e, infelizmente, não consegui convencê-lo do contrário. — Ouvir aquelas

palavras foi um martírio. Ele não queria me ver, não me queria por perto. — Marque um horário e venha ao hospital.

— Ele tem horários restritos para visitas? — Depois de tanto tempo, achei que ele estava em um quarto e podia receber visitas sem limitações.

— Não! Apenas não quero estar aqui quando você vier. — Mais uma vez Alexandre soou inclemente, desumano e frio.

Lágrimas brotaram em meus olhos e eu respondi apenas um “ok”. Alexandre encerrou a ligação, e eu me joguei na cama e chorei com a cara no travesseiro. Pensava em tudo o que tinha feito de errado, e minha consciência era implacável, mostrando diante dos meus olhos todos os erros que cometi. Chorei muito, abafei os gemidos com o lençol e acabei adormecendo. Acordei no fim da tarde com minha mãe aos pés da cama velando pelo meu sono, como quando eu era criança. E, mais tarde, quando fiquei doente.

— Você estava tão linda, dormindo aqui na sua cama, no seu quarto de criança, que eu não quis te acordar — ela falava de uma forma tão meiga e doce, como se quisesse me colocar no colo e me ninar, e foi realmente o que fez. Me joguei em seu colo e deitei minha cabeça em suas pernas, sentindo todo o seu carinho, enquanto ela afagava meu cabelo.

— Mãe... — As lágrimas caíam novamente. — Será que algum dia eu vou ser feliz? — A esperança que sentia pela manhã estava se esvaindo junto com a determinação em procurar o Alexandre. O telefonema dele foi como um balde de água fria. Não tinha argumentos para rebatê-lo, não tinha como questioná-lo. Me agarrava à esperança de que o amor que ele sentia ainda estivesse presente, ainda estivesse escondido em algum lugar do seu coração.

— Quer conversar? — minha mãe perguntou preocupada, e eu levantei para encarar seus olhos ternos. Ela não sabia nada do que tinha acontecido, não sabia que eu estava saindo com o Ferraz. Sempre fui muito reservada, e, depois da morte do Felipe, meus pais passaram a respeitar meu silêncio como se fosse uma forma de não me perder, de não me afugentar ainda mais.

— Me apaixonei pelo Alexandre no momento em que coloquei os olhos nele...

Comecei a contar a minha história com Alê e, durante todo o tempo, minha mãe não se manifestou, simplesmente escutou com paciência e atenção. Conteí tudo, desde a primeira noite com ele até minha fuga do hospital.

Minha mãe começou a chorar, e eu não entendi o motivo de suas lágrimas. Vendo meu olhar confuso e minha expressão de surpresa, ela tocou meu rosto de uma forma carinhosa.

— Enfim você se encontrou. — Não entendi suas palavras, então ela continuou. — Você estava perdida, Clara, mas então esse Alexandre te encontrou e viu algo que você mesma não enxergava mais: sua alma. Sabe por que esse relacionamento não deu certo? — perguntou, e eu não respondi. — Apesar de ele ter te achado, você ainda estava perdida, perdida dentro de si mesma, mas, agora, você se achou. E o fato de você abrir seu coração para sua mãe é a prova maior disso.

— Mas, mãe, ele... ele... me odeia. Não me ama mais. — Virei meu rosto para o lado e pus a cabeça em minhas mãos.

Estava sentada aos pés da cama e minha mãe sentada ao meu lado. Sua voz me trouxe de volta à realidade.

— Enquanto ele te odiar, você ainda terá esperanças. — Fiquei chocada com a declaração da minha mãe. — Ódio e amor não são antônimos, são semelhantes. Quando se deixa de amar, o sentimento que prevalece é a indiferença. Se ele sente ódio, decepção, amargura, é porque você ainda está em seu coração. — Ela beijou minha testa e andou em direção à porta. — Lute pela sua felicidade, minha filha. Você merece!

Fiquei encarando a porta por algum tempo sem saber o que pensar. *Porra! Conselho de mãe é foda.*

Levantei e troquei minha roupa amassada por uma que deixava na casa da minha mãe para emergências. Fui ao banheiro e nem perdi tempo tomando banho. Só lavei o rosto e preendi o cabelo em um rabo de cavalo. Peguei minha bolsa e desci as escadas pulando os degraus.

— Estou indo, mãe — disse, atravessando a sala correndo.

— Aonde? — ela gritou da cozinha e eu parei, olhando para onde ela estava.

— Lutar pela minha felicidade. — Pisquei.

Minha mãe abriu um sorriso e meu pai ficou parado ao seu lado sem entender nada.

— Que Deus a acompanhe, minha filha. — Escutei minha mãe dizer e também supliquei a ele que não me abandonasse. Havia ganhado muito, mas, se pudesse pedir a Deus mais alguma coisa, seria Alexandre de volta em minha vida.

Entreí em meu carro e coloquei a bolsa no banco do carona. Olhei de relance meu celular.

— Marcar horário o cacete — bravejei sozinha. — Você não vai se livrar de mim, dr. Ferraz.

Cheguei ao hospital e perguntei na recepção onde ficava o quarto em que o Diego estava. Caminhei de cabeça erguida rumo à direção informada. Com medo

de ser expulsa, de ser humilhada, mas com a certeza de que, se caísse, não seria sem lutar. Quando cheguei a uma sala que antecedia o quarto do Diego, eu parei estática antes de atravessar a porta. Meu coração acelerou, a boca secou. Comecei a tremer e lágrimas inundaram meus olhos. A visão do Alexandre sentado sozinho em um sofá, com a cabeça largada sobre as mãos, não sabia se descansando ou chorando, me levou a um plano diferente. Caminhei até ele, como se mais nada existisse ao meu redor. O mundo não existia mais, restavam apenas eu e ele. Como se sentisse minha presença, Alexandre levantou o rosto e eu quis morrer com a visão dos seus belos olhos azuis. Os mesmos que antes me encaravam com devoção e me rendiam apenas com um olhar. Congelei aquela imagem em meu subconsciente, pedindo que ele guardasse aquela lembrança no local mais inacessível da minha mente, para que ela nunca fosse destruída. Assim que ele me viu, eu suspirei. Tinha certeza de que havia saudade em seus olhos, mas logo Alexandre se deu conta de quem estava em sua frente. Com o cenho franzido, se levantou e caminhou em minha direção.

— O que está fazendo aqui? — Eu sentia a raiva emanar de seus poros. Fechei os olhos e tentei acreditar no que minha mãe havia dito. Amor e ódio.

— Vim ver o Diego — respondi, abrindo os olhos novamente. Ele pegou em meu braço com força, me arrastando para um canto da sala. Não me importava que ele estivesse me machucando, se ficaria marcado ou dolorido. Porra! Sentir seu toque, mesmo que com tanta raiva, era maravilhoso. Era quente, me causava arrepios. Uma sensação de estar de volta à vida atravessava minha pele e fazia seu caminho até o meu coração.

— Eu disse que não queria te ver, que era para você ligar. — Ele me encarava, e eu fiquei por um momento sem fala. Queria abraçá-lo, beijá-lo, dizer o quanto eu o amava e, se precisasse, me ajoelhar pedindo perdão. Levantei minha mão para tocar seu rosto e ele fechou os olhos, respirando fundo, puxando o ar de um lugar mais profundo. Foi a permissão que eu precisava para continuar.

— Clara. — A voz da Laís nos despertou, e Alexandre soltou meu braço de forma abrupta. Saiu em direção à porta sem ao menos voltar a me olhar. Percebi então que teria que lamber o chão que ele pisa para tê-lo de volta.

Ferraz

Nem lembro como saí da sala, sabia apenas que precisava fugir... Correr. Por um momento eu quase deixei aquela maldita me enganar. Quase cedi. Se não fosse a Laís, Clara jogaria sua conversa melosa e eu cairia novamente. Saí do

hospital, peguei minha caminhonete e fui direto para o bar do John. Havia meses eu não saía. Uma boa noite de sexo, então... Nem se fala! Passei a viver praticamente em função do meu irmão. Não pensava em mais nada, e, quando pensava, a única mulher que vinha em minha mente era Clara. Não tinha vontade de procurar outras. Entrei no bar e me sentei em um balcão. John veio me atender.

— Como está o Diego? — perguntou, sem saber ainda das novidades.

— Ele acordou, John — eu disse sorrindo, pois realmente não tinha felicidade maior do que ter meu irmão vivo. — Meu irmão é um guerreiro — completei.

John se inclinou sobre o balcão para me dar um abraço.

— Fico muito feliz pelo Diego. Tão jovem, tem muito que aprontar nesse mundo. — Meu amigo me felicitou, e eu concordei com ele. Diego era o homem mais íntegro que conheci e, se alguém merecia ser feliz, era ele.

Pedi para ele trazer a bebida de sempre, Jack Daniel's, e ele perguntou curioso:

— Mas posso saber o motivo de estar aqui e não com sua família?

Dei de ombros, sem querer responder. Virei a primeira dose e coloquei o copo sobre a mesa como um sinal de que queria mais uma.

— Quem é ela, Alexandre? — Levantei a cabeça e vi John me encarando.

— Porra, John! Não é da sua conta — falei um pouco mais alto do que gostaria. O bar estava relativamente vazio para um domingo. John serviu a segunda dose de uísque e saiu balançando a cabeça.

Me concentrei em minhas lembranças e sentimentos. Por mais que me esforçasse, Clara dominava os meus pensamentos.

Reconheci a música que tocava: *Stop For a Minute*, do Keane.

*Sometimes I feel like it's all been done
Sometimes I feel like I'm the only one
Sometimes I wanna change everything I've ever done
I'm too tired to fight and yet too scared to run*

Bebi muito, como havia muito tempo eu não fazia. Queria afogar meu ódio naquele copo de uísque. Queria esquecer a imagem dela entrando pela sala e caminhando em minha direção. Linda, com o cabelo preso, deixando seu rosto perfeito à mostra, seus olhos verdes me fitando de maneira esperançosa, seu corpo um pouco mais magro, vestindo uma calça jeans e uma camiseta branca. Tão

maravilhosamente simples e bela. Minha menina. Minha doce Clara. Por isso eu não queria vê-la. Eu sabia que tudo estava adormecido e bastava um olhar para aquele sentimento aflorar novamente. Eu amava Clara e, apesar de sua tentativa de me convencer do contrário com aquele olhar falso, eu sabia que ela não me correspondia. Isso era o que me matava: a única mulher que amei me destruiu.

— Olha quem saiu da toca. — Mesmo de cabeça baixa, eu sabia quem era a dona daquela voz. A filha da puta da Lana estava ao meu lado, com a mão em meu ombro. Tentei levantar, para mandá-la se foder, mas não consegui. O álcool já havia me derrubado. Encostei minha cabeça no balcão e me entreguei.

8



Clara

— Você veio ver o Diego? — Laís perguntou enquanto eu olhava a porta por onde Ferraz tinha saído.

— Sim — respondi animada, pois esse era mesmo o propósito da minha visita: falar com o Diego, pedir perdão por tê-lo abandonado. — Será que eu posso entrar? — perguntei um pouco tímida, sem saber se era bem-vinda.

— Dona Graça está com ele, vou avisar que você está aqui — Bruno falou. Tremi de medo por aquele encontro. Que mãe gostaria de receber a culpada pela quase morte do filho? Nenhuma.

Bruno entrou no quarto, e eu fiquei com a Laís esperando. Minhas mãos suavam, eu estava inquieta. Alguns minutos depois, Bruno saiu e se sentou ao lado da Laís. Graça veio logo em seguida. Percebi o quanto ela estava sofrendo. Parecia ter envelhecido dez anos em cinco meses. Me preparei para ouvir suas acusações, mas o que aconteceu me deixou desnorreada: ela me abraçou. Retribuí sem saber o que fazer, completamente atônita.

— Espero que dessa vez seja para ficar — ela disse assim que me soltou. Seus olhos brilhavam e eu não podia acreditar no que estava ouvindo. — Ele está te esperando. Falou em você a tarde inteira.

Um misto de alegria e culpa tomou conta de mim, mas lutei para que o segundo sentimento não anulasse o primeiro e aceitei de coração o que aquela mulher me ofertava. Seu perdão... Mesmo que silenciosamente, ela estava me perdoadando.

— Obrigada — agradei e limpei uma lágrima solitária que rolava pelo meu rosto.

Deixei todos na sala e entrei no quarto. Respirei fundo e tive vontade de desistir e voltar atrás. Sair correndo como eu sempre fazia.

— Aonde a senhorita pensa que vai? — Como se adivinhasse meus pensamentos, Diego se adiantou.

Só de ouvir sua voz, a alegria tomou o lugar do pânico. Cheguei próximo à cama e observei aquele príncipe deitado sobre ela. Diego levantou os braços de uma forma estranha, se esforçando para que eles ficassem estendidos. Não pensei muito e me joguei ao seu lado na cama, me deixando ser abraçada. Deitei minha cabeça em seu peito e senti sua mão acariciando o meu cabelo. Chorei. Lavei minha alma. Deixei tudo que me consumia sair naquele momento. Toda a dor e tristeza... Senti que chorava pelo Diego, mas também chorava pelo Felipe.

— Desculpa? Me perdoa? — eu dizia entre soluços.

Pedi perdão um milhão de vezes, e Diego murmurava palavras de conforto, trazendo alento para minha alma.

— Não foi sua culpa — ele dizia baixinho enquanto eu segurava sua camisa, apertando meus dedos com força, com medo de me afastar e ele ir novamente. — Calma, Clarinha, eu estou aqui. Não vou a lugar algum.

— Você... quase... — Não sabia se falava ou chorava. Comecei a gaguejar. — Quase... morreu — balbuciei.

Diego levantou meu queixo para encará-lo. Sua mão que segurava meu rosto estava um pouco dobrada, fraca. Percebi que seus movimentos estavam limitados.

— Mas não morri — disse, olhando em meus olhos. — Estou aqui, vivo, e mais gostoso do que nunca — brincou, e eu sorri.

— Ei! — Dei um soco bem de leve em seu ombro. — Quem é você que está habitando esse corpo? Meu príncipe nuncaalaria assim.

Ele deu de ombros sorrindo e eu beijei seu rosto macio.

— Só hoje eu já recebi três números de celular. As enfermeiras daqui são ninfomaníacas. — Ele piscou, e eu fiquei aliviada em ver meu amigo-irmão tão feliz e de bem com a vida. — Alê disse que os números eram por causa dele. Bastardo! Primeiro me rouba você, agora minhas enfermeiras.

Ao ouvir o nome do Alexandre, eu me afastei e sentei em uma cadeira que estava ao lado da cama.

— Vocês se viram? — Diego questionou, e eu balancei a cabeça em afirmativa.

— Seu irmão me odeia, Diego. Ele quase me arrastou para fora do hospital

por eu ter vindo sem avisar — expliquei ainda um pouco abalada por tudo.

— Clarinha, o Alê te ama. Porra! Só de ouvir seu nome os olhos dele brilham. Isso porque eu sempre fui o romântico da família. — Diego estava alegre e animado. — Lute por ele, Clara. Meu irmão vale a pena, vale o esforço. — Senti quase uma súplica em sua voz. É claro que eu sabia que o Ferraz valia a pena, mas estava de mãos atadas sem saber o que fazer.

— Mas me conta como você está se sentindo. — Mudei de assunto bruscamente, e Diego percebeu. Fez uma careta, mas não argumentou e começou a contar tudo que os médicos falaram. Aparentemente, estava tudo bem com ele, mas só o tempo poderia dizer se ele voltaria a ser cem por cento o Diego de antes. Seus movimentos estavam voltando aos poucos, e ele necessitaria de ajuda de um fisioterapeuta para recuperá-los por inteiro. Os médicos também alertaram que ele poderia ter problemas de memória, esquecer nomes, rostos ou até alguma parte do que viveu. Enquanto comentávamos sobre a sua recuperação, uma batida na porta chamou nossa atenção. Tínhamos conversado por quase duas horas.

— Como está meu paciente mais gostoso? — Manu disse entrando com uma prancheta na mão. Coincidência ou não, minha médica também cuidava do Diego.

— Agora eu sei de onde veio essa boca suja — falei para o Diego e me levantei para cumprimentar a Manu. — Andando com más companhias — completei. — Tudo bem, Manu?

— Eu sou uma excelente companhia e você sabe disso — respondeu tentando parecer brava, mas seu sorriso a denunciava. Voltei a sentar, enquanto ela verificava a pressão do Diego.

— Sente algum incômodo? — ela perguntou, e ele piscou sem vergonha. Deus! O Diego estava uma cópia perfeita do irmão.

— Nem te conto onde — respondeu atrevido, e Manu se afastou sorrindo.

— Clara, esse cara acordou não faz doze horas e já me cantou de todas as formas possíveis. — Apontou para o Diego, repreendendo-o.

— Ei, eu dormi por cinco meses. Acho que mereço uma ajudinha aqui — Diego rebateu, e eu continuei gargalhando dos dois.

Meu celular vibrou em meu bolso e pensei se deveria atender ou não. Por fim, deslizei o dedo pelo visor e de cara vi a mensagem que tinha recebido.

— Desgraçada! Filha da puta! — Me levantei esbravejando e andando de um lado para o outro no quarto. Diego e Manu pararam de brincar e me encaravam. Ambos com os olhos arregalados. — Eu mato a Lana — praticamente gritei e ouvi eles chamarem meu nome, mas estava com a cabeça muito longe para

explicar o que estava acontecendo.

— Dona Graça, tenho que resolver um assunto, então já estou indo.

Ela se despediu de mim da mesma forma carinhosa com que me recebeu: com um abraço.

Encarei melhor o visor do celular para me certificar de que não estava tendo um pesadelo.

Uma foto abaixo da mensagem mostrava Ferraz com uma cara de bêbado e a *Lanabisgoia* do lado dele, fazendo pose para a câmera.

Liguei para o Bruno para perguntar se ele sabia onde o Ferraz estava, mas o telefone caiu na caixa de mensagem. Liguei para o Alexandre. Caixa postal. A vadia devia ter desligado o telefone dele. Corri até a casa da Laís. Só faltou eu me pintar como uma guerreira, porque de resto estava pronta para a guerra.

Cheguei na Laís em tempo recorde, toquei a campainha e, como ninguém veio abrir a porta, virei a maçaneta e percebi que ela estava aberta. Entrei e ouvi o barulho de algo muito pesado caindo no chão. Notei um sapato social atrás do sofá e, então, vi a Laís sentada na poltrona com a cara mais deslavada do mundo.

— Bruno, sai daí, preciso de você — disse com as mãos na cintura, olhando na direção de onde tinha vindo o barulho. Laís soltou uma gargalhada e me olhou dando de ombros.

— Como você me descobriu? — ele perguntou, deixando somente sua cabeça à mostra.

— Bruno, você deve ter quase dois metros de altura. Na próxima vez, procure um móvel com mais de um metro e meio de comprimento para se esconder.

Bruno saiu de trás do sofá e riu com Laís da minha constatação. Ele estava de calça jeans e sua camisa estava com todos os botões abertos. Olhei para Laís e ela encarava a barriga do namorado como se fosse um frango de padaria. Revirei os olhos. Caminhei até ele enfiando o celular praticamente em seu rosto.

— Ele deve estar conversando com ela. Nada de mais. — Eu nem disse nada, e ele já começou a defender o Alexandre. Homens! Juntos até na hora da morte.

— Eu sei o que ele está fazendo — eu disse impaciente. — O que eu quero saber é se você sabe onde é esse lugar. — Bruno encarou o visor do celular novamente e arqueou uma sobrancelha.

— Pela foto é o bar do John — afirmou e eu já corri para a porta.

— Mas é claro, foi o mesmo bar em que... — Parei assim que cheguei à porta, pois nem Bruno nem Laís tinham se movido. — Vamos lá, gente! Preciso de vocês — disse quase gritando e batendo o pé no chão impaciente.

— Ok! — Foi a única coisa que o Bruno disse. Ele pegou na mão da Laís e

saímos em direção ao maldito bar.

Acho que fiz Bruno desrespeitar umas dez regras de trânsito no caminho. Assim que chegamos, o que me pareceu ser horas depois, avistamos Ferraz no final do bar. A puta estava alisando as costas dele, enquanto Alê mantinha a cabeça baixa, quase deitada no balcão. Meu Deus, ele estava muito bêbado.

Parti em direção aos dois e, antes de dizer qualquer palavra, arranquei as mãos daquela biscate de cima do meu homem. Com um movimento rápido, mas certo, eu dei um tapa na sua cara. Não tive noção da minha própria força, pois com a bofetada Lana caiu de bunda no chão. Seu olhar era de puro ódio quando ela se levantou me encarando, enquanto alisava o rosto com a marca dos meus dedos.

— E esse é pelo meu vestido. — Quis dar outro tapa na Lana, mas, como ela já estava esperando, desviou. Mas minha mão ainda acertou de raspão. Ela merecia isso havia muito tempo, desde que roubou meu vestido para tentar se livrar de mim no congresso.

— O que você está fazendo aqui, sua vadia? — ela disse em um tom de voz baixo, provavelmente tentando manter intacta sua pose de promotora pública. Só que ela não contava que eu não me importava porra nenhuma com o que os outros pensavam.

— Se tocar nele novamente, eu arranco cada fio de cabelo que você tem — cuspi as palavras em sua direção e, assim que ouviu minha voz, Alexandre deu sinal de vida.

— Clara? — Eu virei, ficando entre Alê e Lana. — O que está fazendo aqui? — continuou, confuso.

— Nós estamos juntos — Lana disse tentando passar por mim e chegar perto de Alexandre.

Ah! Fala sério.

— Melhor não se meter entre os dois, Lana. Vocês já estão chamando muita atenção.

Dessa vez quem falou foi o Bruno. Láis se mantinha um pouco distante e um homem chegava para ver o que estava acontecendo. Lana recuou quando percebeu que várias pessoas curiosas a encaravam. Ponto para o Bruno! Foi uma ótima ideia deixar Lana envergonhada.

Sem saída, ela pegou a bolsa que estava do lado do Alê e passou por mim com um olhar mortal no rosto.

— Você vai se arrepender! Escreva minhas palavras — murmurou e saiu entre as pessoas.

Alexandre continuava sentado na banquetta, mas agora me encarava. Uma garrafa de água estava em sua mão. Bruno tentava amenizar um pouco as coisas, pois Alexandre realmente estava fora de si.

— Eu tentei fazê-lo parar, mas o cara estava determinado a ficar inconsciente. Ainda bem que vocês chegaram. — O homem que eu deduzi ser o John, pela forma familiar com que se dirigia ao Bruno, tentou nos explicar.

— Vamos lá, mano? — Bruno apoiou Alexandre no ombro e começamos a andar em direção à porta.

— Obrigada — agradei ao dono do bar.

— De nada, na próxima... chute a bunda dele — disse sorrindo e piscou para mim.

Fizemos a viagem inteira até o apartamento do Alê sem escutar nenhuma palavra dele. Bruno explicou que, quando Alê bebia, ficava retraído e quase não falava, exatamente como estava.

Bruno e Laís insistiram em subir, mas eu recusei. Poderia lidar com o bêbado sozinho. Assim que consegui carregar Alexandre para dentro de casa, o coloquei na cama e comecei a tirar sua roupa para que ele pudesse dormir confortável. Foi uma batalha! Ele era muito pesado.

— Minha! — gemeu. Me arrepiei inteira. Mesmo naquele estado sua voz ainda mexia comigo. E ouvi-lo dizer nossa palavra trouxe uma sensação de paz e alívio. Ele podia estar bêbado e me dando um trabalho da porra, mas, pelo menos, pude ouvir o que ele sentia.

Depois de tirar a polo vermelha, que o deixava ainda mais lindo, tirei também a calça jeans que ele vestia. Tentei arrastá-lo para que suas pernas não ficassem fora da cama, mas para fazer isso eu quase tive que montar nele. Tentava me segurar para não me aproveitar da situação, mas estava difícil. Foram meses longe dele, longe do seu cheiro, do seu corpo maravilhoso. Queria chorar e gritar por estar ali novamente, naquela casa, naquela cama. Tudo parecia igual... Eu e ele, juntos.

— Eu vou te foder tão forte — ele disse com a voz arrastada. Só de ouvi-lo falar daquela forma meu corpo já respondia. Tanto tempo sem tê-lo me deixou molhada só de ouvi-lo. Mas, antes que pudesse reagir, olhei para Alexandre e ele tinha se virado na cama, agora com o rosto afundado no colchão e com a respiração pesada. O desgraçado estava dormindo.

— Claro que vai, Lobo Mau — disse, deitando ao seu lado, me aconchegando em suas costas e repousando a cabeça em seu ombro. Levantei por um minuto, tirei a roupa que vestia e coloquei uma camiseta do Alexandre. Voltei

para cama e novamente coleí meu corpo ao dele.

— Minha menina — ele murmurou antes de apagar completamente.

— Sua — respondi, com a boca quase colada em sua nuca. — Toda sua. — Era a mais pura verdade. Eu era dele. Só dele.

Ferraz

Acordei com uma puta dor de cabeça, rolei pela cama e percebi que estava vazia. Lembrava que a Clara tinha dormido comigo. Na verdade, eu deveria tê-la mandado embora, mas não consegui. Eu tinha tanto medo de perdê-la novamente, que preferi ficar calado a ver minha menina ir para longe de mim. Escutei um barulho de pratos, provavelmente vindo da cozinha. Era a Clara, ou a Marta já tinha chegado. Olhei no relógio e eram oito da manhã. Resolvi tomar um banho antes de encará-la. Não sabia o que dizer. A noite tinha sido uma loucura e, mesmo que fosse por pouco tempo, eu me sentia completo por tê-la ao meu lado.

Caminhei para o banheiro sentindo minha cabeça um pouco pesada. Mas, fora isso, não sentia nenhum outro efeito da bebedeira. Já embaixo do chuveiro, os pensamentos do dia anterior voltaram a me perturbar. Encostei a testa no azulejo frio e fiquei por alguns segundos sentindo a água cair nas minhas costas. Eu não podia acreditar nela novamente. Clara tinha me fodido, me abandonado quando mais precisei, e agora ela estava ali, na minha casa. O que ela queria? Me humilhar?

Me lembrei de suas mãos me acariciando durante a noite. Provavelmente, achou que eu estivesse dormindo quando disse que era minha. Meu corpo reagiu na hora e senti meu pau pulsar. Segurei a minha ereção, já estava dolorido de tanto tesão. Mas me recusei a me tocar, não faria isso pensando nela novamente. Desliguei o chuveiro e saí do banheiro sem nem me enrolar na toalha. No quarto, dei de cara com a Clara, vestindo uma das minhas camisetas. Não pensei duas vezes e andei em sua direção.

— Eu já estou indo, só vou me trocar. — Sua voz transmitia todo o pânico que deveria estar sentindo naquele momento.

Segurei Clara pelos pulsos, levantando suas mãos. Ela olhou fixamente para o meu pau, que pressionava a sua barriga. Joguei ela sem nenhuma gentileza em cima da cama. Precisava daquilo, nem que fosse pela última vez. Uma última vez dentro daquele corpo, possuindo ela por inteiro. Sendo dela e ela sendo minha.

— Senta. — Seus olhos brilharam com minha ordem, embora eu visse uma

pequena centelha de dúvida passar por eles. — Está ouvindo? Eu mandei você sentar. — Puxei seu braço e logo Clara estava sentada na cama.

Puxei a camiseta que ela vestia e olhei seus seios já intumescidos pela excitação. Clara estava em silêncio, mas seus olhos consentiam: ela também me queria.

— Se deita com a cabeça para fora da cama. — Clara se virou de barriga para cima com a cabeça pendendo na beirada da cama. Seus cabelos longos arrastavam no chão, e seu rosto logo começou a ficar vermelho.

Me aproximei e levei meu pau até sua boca. Clara segurou as minhas coxas e abriu aquela boquinha maravilhosa, me colocando o máximo para dentro. Apoiei as duas mãos na cama, ao lado do seu quadril, como se estivesse fodendo sua boceta, e comecei a entrar e sair da sua boca. Clara começou a gemer e eu podia sentir a vibração de sua língua em meu pau.

— Porra! — gritei quando ela abriu as pernas e eu percebi que sua calcinha estava molhada. — Maldita... Maldita! — gritei ensandecido. Me curvei ainda mais e senti Clara engasgar, pois, na posição que ela estava, cada vez que eu me inclinava para a frente afundava ainda mais o meu pau em sua garganta. Puxei sua calcinha para o lado e admirei sua boceta toda melada. Abri seus lábios com o polegar e o indicador, até ter acesso total ao seu clitóris, dando uma lambida longa nele. Clara tremeu embaixo do meu corpo. Abri a boca novamente e dessa vez chupei o clitóris com vontade. Estava enlouquecido, o cheiro dela me embriagava. Minha droga estava de volta, e eu ainda não estava curado.

— Goza, vadia! — Dei um tapa em sua coxa e a senti convulsionar com minha língua em seu interior. — Goza na minha língua, minha menina. — Como uma louca, ela se entregou, se remexendo e tentando se afastar, mas eu a segurava com meu corpo sobre o dela.

Enfie o meu dedo molhado pela sua excitação em seu cu, e Clara, que ainda se recuperava do seu gozo, voltou a se perder, agora com minha língua fodendo sua boceta e meu dedo entrando e saindo do seu burquinho apertado. Meu dedo estava todo dentro dela e fiquei assim por alguns segundos, mostrando a ela quem era o dono daquele corpo. Fiquei de pé e vi lágrimas descendo dos seus olhos.

— Implora, Clara — disse em um tom autoritário. Meu pau estava desesperado para penetrá-la e sentir o calor do seu interior. Mas eu queria ouvi-la dizer. — Pede para eu te comer — ordenei.

— Por favor, Alexandre. — Ainda de cabeça para baixo, e com o rosto todo vermelho, ela implorou para que eu me afundasse nela. — Eu preciso de você dentro de mim.

Peguei em seu pescoço e a sentei na cama, mas, antes que ela pudesse dizer alguma coisa, a coloquei de quatro. Se iria fodê-la, teria que ser longe dos seus olhos.

Acaricieei o seu traseiro perfeito, empinado para mim, e dei um tapa nele, deixando as marcas dos meus dedos sobre sua pele branca.

— Deixou alguém te comer sem camisinha? — perguntei, mas o que eu queria saber era se ela tinha transado com aquele cantor de merda.

— Alexandre, eu não...

Dei outro tapa, ainda mais forte, deixando duas marcas vermelhas em seu traseiro.

— Só responde — disse, já encaixando a cabeça do meu pau em sua entrada. — Deixou alguém penetrar você sem camisinha? — Ela negou com a cabeça e eu me enterrei até o fundo, sem mais nenhuma preparação. Queria que ela sentisse dor, queria castigá-la pelo sofrimento que me causava. E foi isso que fiz. Me afundei inúmeras vezes, tantas que perdi a conta. A cada arremetida o corpo da Clara sacudia forte, mas tomei cuidado para que ela não se machucasse.

Posso ter exagerado, mas era assim que eu queria. Duro e implacável. Batia em sua bunda, puxava seu cabelo, apertava sua garganta para sufocá-la um pouco. Fiz tudo que eu queria e, quando gozei, deixei Clara sobre a cama, exausta, esgotada. Não quis nem saber se ela tinha gozado novamente. Não me interessava, mas, pelos gritos chamando o meu nome, eu poderia apostar que sim... Ela tinha atingido o clímax.

— Aonde você vai? — ela perguntou com os olhos semicerrados. Porra! Não queria olhá-la assim, linda e perfeita como ficava depois do sexo. Clara estava em minha cama, de onde nunca devia ter saído. Mas saiu.

— Pode ficar. Vou tomar banho — eu disse de costas, tentando disfarçar a raiva que sentia por ter me entregado a ela, por ter deixado essa bruxa se apossar do meu corpo, dos meus pensamentos, da minha alma.

Peguei uma roupa e fui para o banheiro social. Clara ficou lá, sonolenta e saciada. Durante o banho, mais uma vez, me amaldiçoei por ter deixado as coisas irem tão longe. Troquei de roupa e, antes de sair, pedi a Marta para preparar um café da manhã e deixar a mesa posta para ela.

Fui embora sem me despedir. Apreendi com ela a ser um grande e excelente covarde.

9



Clara

*Esse foi um erro que não voltará a acontecer.
Quando eu voltar, não quero você na minha casa.*

Ferraz

Meus olhos arderam de ódio. Quando percebi que Alexandre estava demorando a voltar do banho, fui ao banheiro da suíte e tomei uma ducha rápida. Vesti novamente as roupas da noite anterior e fui até a cozinha com o meu discurso de pedido de desculpa na ponta da língua. Imploraria se possível, pois minha mãe estava certa: Alexandre me amava e isso tinha ficado nítido na noite anterior. Apesar do sexo selvagem que fizemos, ele mostrou sentimentos. Eu sabia que essa era a forma que ele usava para extravasar o que sentia. Foi assim que ele me possuiu no dia do show, depois que viu Dereck me beijando. Mas eu não esperava que encontraria somente Marta, terminando de pôr a mesa do café.

Ela me cumprimentou e me entregou o bilhete.

— Você sabe para onde ele foi, Marta? — perguntei, segurando o choro. *Como ele pode fazer isso? Da mesma forma que eu o tinha abandonado.* Minha consciência me alertou.

— Sinto muito, menina. Ele não disse nada. — De tanto ouvir Alexandre me chamando de minha menina, Marta também passou a me chamar por aquele apelido. — Você voltou? — perguntou com um sorriso tímido.

— Acho que não. — Joguei o bilhete sobre a mesa e fui até o quarto pegar

minha bolsa. Olhei novamente para a cama e sequei as lágrimas.

— Você me paga, Alexandre!

Passei em casa para trocar de roupa, mas antes liguei para o escritório avisando que tinha tido um imprevisto e que chegaria mais tarde. Laís ligou toda animada, querendo saber como a noite terminou, mas desconversei sem dar muitos detalhes. Não contei do sexo maravilhoso de hoje de manhã. Afinal, ela perguntou de ontem e não de hoje.

Assim que cheguei ao escritório havia uma caixa com um bilhete sobre minha mesa. Perguntei à recepcionista do que se tratava, ela informou que um motoboy tinha entregado havia poucos minutos. Voltei a minha sala e, antes mesmo de me sentar ou ler o bilhete, comecei abrir a caixa. Enquanto desatava o laço, pensava no que Alexandre tinha comprado, pois na certa era um presente dele, para se desculpar pela burrada que fez hoje de manhã.

Assim que abri a caixa meu coração saltou até a boca e eu dei um pulo para trás. Comecei a gritar quando vi sair de dentro da caixa uma aranha enorme, caranguejeira. Aquele bicho era maior que a minha mão. E o pior é que ela desceu da mesa e caminhou até o chão, como se estivesse me perseguindo. Continuei gritando e vi a Andressa, que estava parada na porta, me olhando assustada. Subi em uma cadeira e aponte para o chão, onde o monstro estava. Andressa começou a sapatear e sacudir as mãos, também sem saber o que fazer.

— Mas o que está acontecendo? — dr. Alberto perguntou, passando pela sua secretária e olhando para mim, pendurada na mesa, como uma galinha no poleiro.

— A... A... Aranha! — gaguejei apontando para ela.

— Mas como esse bicho veio parar aqui? — Também gostaria de saber.

Ele pegou o embrulho que estava sobre a mesa e com a tampa empurrou o bicho até que ele entrasse na caixa. Então a fechou, saiu pela porta e voltou, alguns minutos depois, apenas com a caixa na mão.

— Pronto — disse, mas eu ainda não tinha me acalmado. Não sabia que brincadeira era aquela, mas era de muito mau gosto.

O dr. Alberto andava ao redor da sala, procurando algo, e eu ainda tremia assustada e com medo. Andressa trouxe um copo de água, e eu tentava beber um pouco.

— Mas de onde surgiu uma aranha daquele tamanho? — ele questionava e, então, Andressa se pronunciou.

— A Clara recebeu hoje de manhã, dr. Alberto. Acharmos que era um presente.

Assim que Andressa terminou de falar, eu me lembrei do cartão que estava

sobre minha mesa. Levantei ainda com as pernas bambas: o susto de abrir a caixa e dar de cara com aquela coisa foi imenso.

Li o bilhete e quase caí para trás novamente. Hoje era dia dos bilhetes malditos.

Fique longe dele. Isso foi somente um aviso.

Fiquei paralisada, ainda sem saber o que fazer com aquele pedaço de papel que claramente era uma ameaça.

— Quem mandou, Clara? — A voz grossa e com um tom de preocupação do dr. Alberto chamou minha atenção.

Entreguei o bilhete a ele, para que visse com os próprios olhos que a ameaça era anônima. Claro, quem seria o idiota de assinar uma ameaça?

— A quem o bilhete se refere? — dr. Alberto perguntou após ler. Fiquei insegura. Não sabia se contava sobre o Alexandre ou não. — Clara, isso aqui é uma ameaça. Preciso saber dos detalhes para te ajudar. — Ele tocou meu braço carinhosamente. Apesar de extremamente bonito, não o via como alguém com quem poderia me relacionar. Mas, naquele momento, me senti segura: o dr. Alberto transmitia aquilo de que eu precisava.

— Ferraz — respondi sem olhá-lo.

Ele se afastou um pouco, mas continuou me encarando. Retirou o celular do bolso e discou um número. Enquanto aguardava a ligação completar, depositou com calma o bilhete sobre a caixa em cima da minha mesa.

— Bom dia, Ferraz. É o Alberto Carvalho. Precisamos conversar.

O dr. Alberto saiu da sala, mas antes fez um sinal para que eu o aguardasse. Sentei na cadeira e Andressa, preocupada com o meu estado, novamente me estendeu o copo d'água.

— Quem poderia ter feito uma coisa dessas? — perguntou, horrorizada.

Andressa se sentou ao meu lado e ficou me fazendo companhia, enquanto Alberto não voltava. Pensei em várias possibilidades, mas a única coisa que vinha em minha mente foram as últimas palavras da Lana, depois que a ataquei. Não queria acreditar que ela se prestaria a esse papel. Era demais até para ela. Por outro lado, também sabia que Lana era louca pelo Alexandre e tinha deixado claro que estava disposta a tudo. *Mas será que colocaria sua carreira em risco?*

Ferraz

Passei rapidamente no hospital para ver o Diego e graças a Deus ele estava dormindo. Eu não queria ser interrogado sobre a minha fuga da noite anterior.

Quando verifiquei meu celular pela manhã, tinha ligações e mensagens de toda a família. Encontrei com a Priscila quando estava saindo, disse que estava tudo bem e que teria que ficar o dia todo no escritório. Fugi das perguntas da minha irmã e fui para a Ferraz. Enfiar a cara no trabalho seria a melhor maneira de tirar a Clara dos meus pensamentos.

Pela primeira vez após o acidente do Diego, tinha um caso complexo em minhas mãos. Um homicídio qualificado. Abri o arquivo com os dados que Ana tinha me passado e percebi que precisava de outra estagiária. Estava sobrecarregando minha secretária, mas não me sentia preparado para ver outro tomando o lugar que era da minha menina.

— Droga, Alexandre! Concentre-se — murmurei sozinho, pois mais uma vez a maldita estava em minha mente.

Abri os documentos em meu computador e me deparei com uma ação difícilíssima. Tinha conversado com a família do réu, um jovem de 25 anos que havia assassinado um vizinho. A promotoria o tinha indiciado pelo crime, porém os pais me informaram que o filho era esquizofrênico e estava passando por uma grande crise no momento do ocorrido. Seria até fácil provar que o meu cliente era inimputável, ou seja, não poderia responder pelos atos. Mas acontece que esse era um caso que necessitava de muita atenção ao reunir as provas, incluindo principalmente a perícia médica. Por mais que se pense o contrário, não é fácil se passar por louco: a psiquiatria forense avançou muito no diagnóstico de doenças mentais nos últimos anos. Pedi a Ana que marcasse uma nova reunião com os pais do réu para o fim da semana. Não queria pegar aquele caso, pois sabia que tomaria muito do meu tempo, mas o pai do garoto era um antigo cliente do escritório, então não pude recusar. Estava absorto nos preparativos iniciais da minha defesa, quando o meu celular tocou. No visor, o número do Alberto chamou minha atenção.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei depois de ele dizer que precisava conversar comigo.

— Sim, com a Clara. — Meu corpo inteiro entrou em alerta com aquela resposta. — Não gostaria de tratar esse assunto pelo telefone. Podemos nos encontrar? — Levantei da mesa e peguei a minha pasta antes de sair.

Não entendia por quê, mas algo me dizia que minha menina estava precisando de mim.

— Estou saindo da Ferraz, em meia hora chego ao seu escritório — disse, já apertando o botão do elevador.

— Ferraz, prefiro conversar fora do escritório, não quero assustá-la ainda

mais. — A voz do Alberto era controlada, mas eu podia sentir a preocupação dele.

— Porra, Alberto. O que aconteceu? — esbravejei, enquanto entrava no elevador. — Ela está bem? — Precisava saber se a minha atitude hoje de manhã tinha levado Clara a fazer alguma besteira.

— Vai ficar. Tem um café em frente ao escritório. Vou te aguardar lá. — Alberto desligou e eu peguei o carro para encontrá-lo.

O trânsito estava congestionado, apesar de não ser horário de pico. A Carvalho fica em um centro comercial movimentado durante todo o dia. Assim que cheguei ao pequeno café, vi pela janela que Alberto me aguardava.

— Boa tarde, Alberto. Você me deixou preocupado — falei de forma calma, mas por dentro fervia de preocupação. — O que aconteceu? — completei.

Alberto me cumprimentou formalmente com um aperto de mão.

— Bom te ver Ferraz. Sente-se. — Apontou para a cadeira ao meu lado, então me sentei de frente para ele.

— Gostariam de pedir algo? — Uma garçonete nos interrompeu, entregando o cardápio.

— Café puro — Alberto respondeu a ela.

— O mesmo para mim. — Na verdade não queria nada, mas tinha que ocupar minhas mãos com alguma coisa, antes que explodisse.

A garçonete ainda ficou parada alguns segundos, olhando para nós dois, até que Alberto tossiu de forma seca, para que ela entendesse que estava dispensada. Ainda ouvi seus suspiros quando se virou. Poderia ter achado graça do constrangimento da garota ao ser pega em flagrante, encarando tanto Alberto quanto a mim, mas estava focado na Clara.

— Bom, Alexandre — Alberto começou. — Como eu disse, o motivo do meu telefonema é a Clara. Hoje pela manhã, ela recebeu uma caixa de presente no escritório.

Fiquei inquieto em minha cadeira sem saber aonde Alberto queria chegar. O ciúme também se apoderou de mim, tive vontade de esmurrar a mesa, mas me contive. Aquela desgraçada estava com outro, e eu até sabia quem era: o filho da puta do Dereck.

— Calma, meu amigo! Destruir o açucareiro não vai ajudar a garota. — Alberto apontou para minha mão esquerda, e eu soltei o pote de vidro que segurava sem perceber. — Veja você mesmo.

Alberto colocou sobre a mesa um bilhete que estava dentro de um plástico. Assim que li o que estava escrito, meu ciúme deu lugar à raiva. Uma ameaça! Alguém pedia para Clara se afastar de um homem, que obviamente era eu.

— Assim que descobri que se tratava de uma ameaça, tentei preservar as digitais ou outros vestígios, mas tanto a Clara quanto eu já tínhamos tocado nele, ou seja, já está comprometido.

Coloquei o bilhete sobre a mesa e passei as mãos pelo cabelo. Estava uma pilha de nervos. E o pior era que as investigações estavam paradas, não tinham descoberto nada. Nem com a ajuda de meus amigos da polícia foi possível encontrar uma pista que levasse ao desgraçado.

— Junto com o bilhete veio outra coisa — Alberto continuou. — Uma aranha-caranguejeira. Enorme, por sinal.

— Como ela está? — Fiquei ainda mais aflito. — Comentou alguma coisa? Uma pista de quem pode ser? — Estava ávido por respostas, por algo que me levasse à pessoa que nos atormentava. Depois do que houve com o Diego, não aconteceu mais nada suspeito, mas parece que alguém estava levando a sério a missão de tornar minha vida um inferno.

— Já conversei com o porteiro e com os funcionários, mas, por uma infeliz coincidência, hoje o sistema de monitoramento está em manutenção. As câmeras não gravaram nada. Mas você ainda pode pedir as imagens das câmeras públicas.

Fiquei em silêncio absorvendo as palavras do Alberto. Minha família e amigos estavam correndo perigo e eu não tinha ideia de como poderia protegê-los.

— Obrigado, Alberto, vou cuidar disso. — Levantei da cadeira e ele fez o mesmo.

— Não quer vê-la? — Sua pergunta ficou no ar, pois eu não soube o que responder. — Olha, Alexandre, quando você me pediu o cargo para a Clara, eu já desconfiava do que se tratava. E agora vejo que ela significa muito para você, a ponto de ser alvo da ameaça de algum louco. E eu me pergunto: o que te afasta dela? — Alberto tinha entendido tudo, menos a parte que a Clara havia sido a maior decepção da minha vida.

Tirei minha carteira do bolso e deixei o dinheiro da conta sobre a mesa.

— É tudo muito complicado. — Antes de sair, peguei o bilhete. Teria que levar esta informação à delegacia. — Cuida dela, Alberto, e qualquer coisa, me avisa. Assim que for necessário, ela será chamada para ir à delegacia para prestar depoimento. Se você puder acompanhá-la, ficarei eternamente grato. E, por favor, me manda a caixa que acompanhou o bilhete. — Tentei encerrar a conversa, mas Alberto estava disposto a me convencer do contrário.

— Sabe, Alexandre — disse, jogando uma nota por cima da minha sobre a mesa. — Daria tudo por uma conversa com minha esposa, mas infelizmente esse é o único problema na vida que não tem solução: a morte! — Alberto disse com

tristeza. A perda da sua mulher foi algo que quase o matou. O que salvou o meu colega foi o amor pela filha. E agora suas palavras martelavam em minha cabeça. “E se Clara morresse? E se o desgraçado cumprisse a ameaça e a tirasse de mim para sempre?”

10



Clara

Passei algumas horas aguardando o dr. Alberto voltar. Já estava quase na hora do almoço quando ele bateu na porta da minha sala e entrou.

— Conversei com o Ferraz e ele vai tomar as providências necessárias — começou a explicar, e meu coração acelerou ao ouvir o nome do Alexandre. Será que ele iria me procurar? — Como tudo aconteceu aqui no escritório, vou trabalhar em parceria com ele para descobrir quem foi que fez isso.

O dr. Alberto já se virava para sair, quando levantei da minha cadeira e o chamei.

— Ele está aqui? — perguntei e meu chefe destruiu minhas esperanças ao balançar a cabeça negativamente.

Voltei a sentar. Estava me sentindo derrotada. Ele nem se interessou em saber como eu estava ou o que eu achava dessa loucura toda. Me deixou nas mãos do Alberto como se eu não importasse nada para ele.

— Ele disse que entra em contato. Clara, eu não sei o que aconteceu — Alberto disse me encarando —, mas está na cara de vocês dois que é uma história malresolvida. Não quero me meter em sua vida particular, mas te conheço o suficiente para saber que não está feliz. Que a alegria que demonstra aqui no escritório é superficial. Também não vou dizer o que você deve fazer, até porque tenho certeza de que você já sabe — dr. Alberto terminou seu pequeno discurso e saiu.

Ele estava certo. Eu sabia o que fazer. Só não sabia ainda *como* fazer.

Apesar de Andressa ter me avisado que o dr. Alberto havia me liberado, eu optei por continuar trabalhando. Ocupar a cabeça me livrava de pensar no Alê.

Imprimi o relatório semanal do sistema da empresa e analisei o andamento de todos os processos, bem como os prazos que tinha que cumprir. Perda de prazo processual era um erro inaceitável, porém relativamente comum. Uma ação praticamente ganha se torna um desastre simplesmente por um desleixo ou esquecimento do profissional que deveria observá-la. No meio da tarde, o dr. Alberto informou que eu deveria ir à delegacia. Como Alexandre conhecia muita gente, o assunto foi tratado com agilidade e, quando eu cheguei, ele não estava mais lá. Meu chefe fez questão de me acompanhar enquanto eu prestava queixa por ameaça. Quando o delegado perguntou se eu tinha ideia de quem me enviou o pacote, eu respondi que não. Deixei Lana de fora, pois não tinha certeza de que havia sido ela.

Mesmo contra a vontade do dr. Alberto, eu voltei ao escritório e trabalhei o restante do dia. Organizei minha agenda e, quando terminei meu expediente, fui para o hospital ver o Diego.

Torcia para encontrar o Alexandre, mas ao mesmo tempo não queria vê-lo. Minhas emoções estavam bagunçadas e, para minha sorte ou azar, somente Priscila estava no quarto quando cheguei.

— Como está o meu príncipe? — Pus um sorriso no rosto e entrei no quarto.

Priscila e Diego me olharam e ambos sorriram gentis. Tão diferentes fisicamente, mas tão parecidos na maneira de agir. Eles eram o tipo de pessoa que você deseja ter por perto. Pessoas que te acolhem, que te confortam e que ficam ao seu lado.

— Clara, eu não sei por que você me chama de príncipe se gosta de Lobo Mau.

Diego era só sorrisos. Sua autoestima, mesmo diante daquela situação, era um ensinamento.

— Bem-vinda de volta — Priscila se aproximou e me puxou para um abraço. Retribuí o carinho da minha amiga. — Não vou pedir desculpas por aquele dia. Você mereceu. — Seu jeito de menina não fazia jus a sua personalidade. Senti na pele o quanto Pri podia ser forte.

— Eu sei — respondi. — Te agradeço por ter aparecido aquele dia. Foi o pontapé inicial — disse e seus olhos brilharam, emocionada. — Você está linda. — E estava mesmo. A gravidez fez muito bem para a minha amiga e graças a Deus

todo aquele estresse não prejudicou o bebê.

Me sentei ao lado do Diego e conversamos amenidades. Ele queria saber como tinha sido a OAB e como estava o escritório novo. Em contrapartida, eu questionava sobre o tratamento e a previsão de quando teria alta. Diego estava recuperando aos poucos os movimentos, inclusive já conseguia se levantar e dar alguns passos. Todos estavam impressionados com sua recuperação. Priscila contou sobre Juan e sobre como estava com saudades do marido. Nessa hora Diego fechou a cara, mas ela confirmou que ficaria no Brasil por mais um tempo.

— E aí? Você enrolou e nada de contar o que aconteceu ontem quando saiu daqui voando — Diego me interrogou.

Em um primeiro momento, não entendi do que falava. Diego fez uma careta, me provocando, e eu lembrei que saíra como uma louca quando vi a mensagem da Lana no dia anterior.

— Nada de mais — respondi.

— Quer dizer que estapear uma promotora pública em um bar enquanto arrasta meu irmão bêbado não é nada de mais? — Sorrii ao comentar minha proeza.

Realmente, ouvindo Diego contar era engraçado.

— Bruno ou Laís? — Sabia que algum dos dois tinha aberto a boca, pois Ferraz com certeza não foi.

— Bruno não durou cinco minutos nas mãos da Pri. Minha irmãzinha pode ser muito persuasiva.

Ah! Disso eu sabia.

Contei para eles tudo que aconteceu, claro, pulando a parte do sexo mais selvagem que já tinha feito na vida. Priscila quase rolou no chão de tanto rir quando contei das bofetadas que dei na Lana. Diego no começo ficou com medo de eu ter exagerado, mas então contei o que Lana já tinha aprontado comigo e até ele concordou que a vadia merecia uma lição.

Conversei mais um pouco com eles e depois encarei o trânsito de volta para casa. No caminho, *Poison & Wine*, do The Civil Wars, tocava na rádio e eu viajei na letra.

*I wish you'd hold me when I turn my back
(Well) The less I give the more I get back
Your hands can heal, your hands can bruise
I don't have a choice, but I'd still choose you.*

— Continuarei escolhendo você — murmurei, pensando em Alexandre.

Ferraz

— Advinha quem acabou de sair daqui? — Diego perguntou logo que eu cheguei.

Sentei no sofá ao seu lado e peguei uma revista qualquer para ler.

— Não faço a mínima ideia — respondi e encarei as páginas abertas em minhas mãos. Pela cara de felicidade do Diego, obviamente eu sabia quem era.

— Ela me contou o que aconteceu ontem. Na verdade, somente explicou melhor, já que o Bruno já tinha caído na lábia da Pri.

Diego sorria contando sobre a visita da Clara, e eu fiquei mudo, não queria falar daquele assunto. Estava com a maldita na cabeça o dia todo. Depois que falei com Alberto não consegui me concentrar em mais nada. Era impossível esquecer que minha menina estava correndo perigo e sofrendo ameaças por minha causa.

— Se vai me ignorar, sugiro que, pelo menos, pare de ler a revista de cabeça para baixo.

Olhei para o que segurava, e seria engraçado se não fosse trágico. Estava perdendo minha sanidade, e o pior é que todos a minha volta percebiam isso.

— Não estou te ignorando. — Joguei a bendita revista em cima da mesa de centro e encarei o Diego. — Só estou cansado. Foi um dia difícil.

Meu irmão era mais inteligente que isso e mesmo assim eu insistia em fazê-lo de bobo. Ele estava sentado na cama e agora usava suas próprias roupas. Ainda tinha a fisionomia cansada, mas parecia bem mais disposto que no dia anterior, quando acordou.

— Sabe, Alexandre — começou e, a partir do momento em que ouvi meu nome inteiro, eu fiquei atento. Viria um sermão que eu não estava nem um pouco a fim de ouvir. — Gostaria de saber quando você vai deixar de ser tão cabeça-dura.

Diego balançou a cabeça em desacordo com as minhas atitudes. No fundo, eu sabia que queria procurar a Clara. O que eu mais queria era trazê-la de volta para minha vida, mas era muito orgulhoso para correr atrás de alguém que tinha me rejeitado.

— Não quero ter que te deixar aqui sozinho, então vamos mudar de assunto — cortei a conversa sobre a Clara. — Como estão os seus movimentos?

— Estão melhorando. À tarde eu consegui me levantar e dar alguns passos pelo quarto. A fisioterapeuta disse que é uma questão de dias até eu me recuperar

totalmente. O problema é o tempo que meu corpo passou inerte. — Com alívio na voz, Diego contava sobre as conquistas do dia.

Fiquei feliz por ele. Na verdade, não via a hora de vê-lo fora do hospital.

— Mano? — chamou, e eu senti que estava preocupado. — Fiquei sabendo pela mamãe de uma visita que eu recebi. Eu não quis assustá-la e não falei nada, mas estava esperando você chegar para conversarmos.

— Pode falar, Diego. — Me inclinei em sua direção para que tivesse toda a minha atenção.

— Quem é Sofie? — Fiquei imóvel com a pergunta do meu irmão, pois o que eu mais temia aconteceu. Diego não se lembrava da ex-namorada. Na verdade, a cada visita que ele recebia, nós ficávamos apreensivos quanto ao surgimento de possíveis lapsos de memória.

— Sofie é uma ex-namorada sua, meu irmão. Vocês ficaram juntos por dois anos, até que ela resolveu seguir carreira de modelo no Japão, então vocês terminaram — expliquei e, a cada palavra que eu dizia, Diego ficava ainda mais abalado. — Calma! Estávamos cientes de que isso poderia acontecer, mas tudo vai dar certo — disse para confortá-lo.

— Não quero me esquecer de ninguém. Se eu fiquei com ela por dois anos, deve ter sido importante para mim — concluiu, e eu concordei com ele. Por um momento eu me esqueci de tudo sobre a Clara. Eu tinha que ser forte, o meu irmão precisava de mim. — Me fala sobre ela.

Fiz um esforço para lembrar o máximo possível da Sofie. Conteí sobre suas características físicas, tentando relatar os mínimos detalhes, para que talvez assim Diego se recordasse. Falei sobre o pouco que conhecia a respeito da sua personalidade. Ele prestava atenção em tudo o que eu falava, e eu percebia que de vez em quando ele fechava os olhos tentando se lembrar. Pensei na ironia do destino: enquanto Diego tentava se lembrar de um amor, eu fazia de tudo para esquecer.

Depois de algum tempo conversando, meu pai chegou ao hospital para passar a noite com meu irmão. Aproveitei que ele estava presente e nós três conversamos com o médico a respeito da memória do Diego. Ouvimos o que já sabíamos: só com o tempo ele se recuperaria completamente.

Quando cheguei em casa, tudo o que eu mais desejava era um bom banho e uma noite de sono. Estava exausto. Então foi isso que eu fiz. Saí do banheiro e,

em poucos minutos, eu já estava deitado, pronto para dormir.

Acordei sobressaltado e sem saber muito bem onde estava. Sentei na cama e esperei meus olhos se acostumarem com a escuridão. Assim que tive certeza de que estava no meu quarto, eu relaxei. Flashes das coisas que tinham assombrado e interrompido o meu sono voltaram a minha mente.

Clara caída no chão. Meu desespero ao tentar acordar meu irmão. Eu como um louco no hospital. A lembrança dela nos braços do Dereck.

Levantei e caminhei até minha janela. Abri a cortina e olhei para a rua. As luzes piscavam tornando a vista ainda mais bonita. Poucos carros se atreviam a atravessar a madrugada. Apoiei a testa na janela e fiquei observando o movimento. Tudo parecia tão normal e alheio a minha infelicidade.

— Por que fez isso, minha menina?

11



Clara

— Você tem que ir, amiga. — Fazia meia hora que Laís tentava me convencer a ir à festa de aniversário do Bruno. Uma festa à fantasia.

Estávamos jogadas no meu sofá assistindo a *Antes que termine o dia*. Choramos tudo o que tínhamos direito e já nos preparávamos para o final, que aliás é um dos mais lindos que já tinha visto. Laís trouxe Dudu com ela, mas, depois de brincar muito, ele adormeceu e eu o coloquei em minha cama. Nando avisou que passaria a noite fora, na casa de um amigo. Eu tentava de todas as formas descobrir quem era o tal amigo misterioso, mas Nando é muito reservado, e acima de tudo, eu respeitava a sua intimidade.

— Não sei, Lá... Alexandre com certeza vai — respondi e levei mais um punhado de pipoca à boca. — Depois do que aconteceu...

— E o que aconteceu? — Laís questionou curiosa. Esqueci que não contei a minha amiga sobre a foda maravilhosa e o pós-foda decepcionante com o Alê. — Ah! Pelo amor de Deus — disse alterando o tom de voz, o que me pegou desprevenida. — Está na hora de vocês se resolverem — continuou me repreendendo.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, até que tomei coragem de falar.

— No dia do bar, há duas semanas, eu e Alê... — engasguei, mas continuei. — Nós transamos.

— Ohhhh! — Laís levou as duas mãos à boca, muito surpresa. Surpresa até demais. — Grande novidade. — Deixou as mãos caírem e deu de ombros. —

Sabia que isso ia acontecer no momento em que você subiu para o apartamento dele.

— Eu não planejei nada, Lá — comentei, e ela virou em minha direção para me encarar.

— Eu sei que não. — Agora eu estava confusa. — Clara, está na cara que vocês se amam. E está na hora de alguém dar o braço a torcer.

— Eu vou pensar sobre a festa — encerrei o assunto e Laís bufou. Levantou e caminhou até o quarto, pegando o Dudu nos braços.

— Quer ajuda? — perguntei.

— Não — respondeu ríspida. — Talvez seja você que precise de ajuda.

Trabalhei na sexta-feira normalmente. Apesar de amar o Direito Penal, eu realmente estava encantada com o Direito Civil. Inclusive, estava pensando em me especializar nessa área. A parte de contrato realmente prendia a minha atenção, mas durante todo o dia eu me pegava pensando se ia ou não à festa do Bruno. Decidi que Laís estava certa: alguém teria que dar o braço a torcer, e, dadas as circunstâncias, eu duvidava que o Ferraz desse o primeiro passo.

No fim do dia, exausta, não desejava nada além de um bom banho e um pijama confortável para me jogar no sofá e assistir a um programa qualquer na televisão até pegar no sono. Então, imagina a minha surpresa quando abri a porta do meu apartamento e me deparei com uma invasão em massa na minha sala.

— Estamos comemorando alguma coisa? — perguntei assim que vi meus amigos.

Sentados no sofá estavam Bruno e Laís. Em uma poltrona, ao lado deles, Nando me encarava. E, de frente para ele, Manu e Priscila sorriam cúmplices.

— Nada de cerveja? — Um sotaque americano vindo da minha cozinha colocou um sorriso em meu rosto.

— Dereck, o que está fazendo aqui? — perguntei já caminhando em sua direção. Ele abriu os braços para me receber, mas depois de olhar para alguma coisa atrás de mim, recuou se afastando. Franzi a testa, sem entender o motivo daquela reação.

— Só estou garantindo que minhas bolas fiquem intactas. O cavalheiro ali... — disse apontando para trás. Me virei e senti meu peito se encher de alegria — fez uma delicada ameaça de castração caso eu tocasse em você.

— Só protegendo o que é do meu irmão. — A voz do Diego ressoou em meu

apartamento, fazendo com que eu me esquecesse de todos a minha volta e caminhasse até ele.

Diego estava em pé, apoiado no batente da porta que separava a sala do meu quarto. O desgraçado tinha escondido de mim que ia ter alta do hospital, mas eu estava tão feliz por vê-lo recuperado que me esqueci de qualquer outra coisa. Manu se levantou e, antes que eu pudesse chegar até ele, ela o ajudou a se sentar.

— Achei que ficaria feliz em me ver, mas pela sua cara... — disse sorrindo, pois eu estava paralisada feito uma estátua bem no meio da sala.

— Claro que estou feliz. — Finalmente consegui fazer a minha voz sair. — Só estou brava com você, porque me escondeu que tinha saído do hospital. E também estou surpresa com o clube da Luluzinha se reunindo em minha casa. — Apontei para os outros que ainda não tinham se pronunciado.

— Clube da Luluzinha?! — Manu perguntou sarcástica. — Está mais para uma reunião de gostosos. — Os olhos da minha médica deixaram os do Diego e passaram pela sala até encontrar os do Dereck, que ainda estava de pé. Meu amigo se mexeu desconfortavelmente e eu não entendi nada.

Manu e Diego ou Manu e Dereck?

— Alguém me explica o que está acontecendo aqui? — pedi já exasperada. Joguei sobre a mesa a bolsa que ainda estava em meu ombro e o barulho assustou todos.

— Precisamos falar com você. — A voz doce, porém firme, da Prí foi a primeira que escutei.

— Isso deu para perceber. — Sentei em um pufe próximo ao Diego e aguardei. — Qual é o assunto?

— Você e... Alexandre — todos responderam em uníssono.

— Eu ou ele? — Tentei soar calma, mas não estava gostando do rumo daquela conversa. Na verdade, ainda não podia acreditar que estava acontecendo uma reunião em meu apartamento para discutir minha vida pessoal.

— Os dois — todos responderam ao mesmo tempo novamente.

Fechei a cara com a resposta e, vendo o meu semblante de poucos amigos, Bruno tomou a frente da situação.

— Sabe o que é, Clara? A gente não aguenta mais essa situação em que vocês se meteram.

Oi? Como assim? Eles não aguentam?

— Bruno, Prí e eu estamos cansados de ouvir as lamúrias do meu irmão — Diego expôs seu ponto. — Se estivesse cem por cento, encheria ele de porrada até ele deixar de ser idiota — completou.

— Não consigo mais ver você enfiada nesse apartamento, amiga. — Virei o rosto para o outro lado da sala e encontrei Laís com os olhos cheios de lágrimas. — Vocês têm que se acertar. Está na cara que se amam.

— Sem falar no seu mau humor. — Agora foi a vez de Nando se meter, e aquilo já era demais. Peguei uma almofada e arremessei em sua direção, mas meu amigo desviou. — Estão vendo? Eu não disse?

Fiquei encarando todos os meus amigos que um a um explicaram os motivos de estarem ali. Depois de a Manu aliviar o clima dizendo que eu não podia perder um partido como Alexandre, eu fiquei aguardando o ponto que seria destacado pelo Dereck.

— *Be happy!* — disse. — Eu só quero que você seja feliz — completou.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao sentir tanto carinho, justo eu, que sempre achei que estivesse sozinha.

— Ele não me quer mais — desabafei em meio às lágrimas e coloquei as mãos tapando o meu rosto, sem querer que me vissem tão vulnerável.

— Ei... — Priscila chamou, e eu levantei o rosto.

Ela estava maravilhosa, com uma calça larguinha e uma bata azul que cobria lindamente seu barrigão de grávida.

— Não se engane, Clarinha. Meu irmão te ama.

Levantei e abracei a Pri. Logo depois fiz um afago em sua barriga e deu para perceber que o Antônio estava animado, chutando sem parar.

— Ok, vocês venceram! — gritei e todos se olharam, sem entender nada do meu rompante de loucura. — Vou procurar o Alexandre.

Assim que terminei de falar todos deram gritinhos de êxtase e bateram palmas. Fiquei atônita, pois parecia que estávamos em uma final de Copa do Mundo. Todos conversavam animadamente quando a campainha tocou. Antes que eu pudesse me levantar para atender, Dereck já estava na porta recebendo cinco caixas de pizza. Enquanto ele abria, eu o fuzilava com o olhar. *Que audácia.*

— O quê? — perguntou dando de ombros. — Estou com fome — respondeu e saiu tomando conta da minha cozinha como se fosse sua própria casa.

Acabava de sentir na pele o ditado: “Quem tem amigos nunca estará sozinho.”

Ferraz

— Porra, Bruno, faz duas horas que estou esperando vocês — eu disse assim que abri a porta para meu melhor amigo entrar. — Cadê o Diego? — perguntei

pelo meu irmão, que deveria estar com ele.

— Saiu com a Manu. Eles foram ao shopping — Bruno explicou.

Ele passou por mim em direção ao meu sofá e, com o controle na mão, foi logo abrindo a tela do video game. Tinha marcado com Bruno e Diego de passarmos a noite de sexta-feira jogando e batendo papo. Os dois concordaram, já que meu amigo já não era mais um cara de balada e o meu irmão ainda estava em recuperação. Mas parece que Diego mudou os planos. Desde que saiu do hospital, há três dias, ele e sua clínica geral estavam bem próximos. Manuela sempre ligava e visitava o Diego. Gostei dessa aproximação dos dois, pois ela, com seu jeito despojado, sempre deixava Diego para cima. Manu tinha um bom humor contagiante, me lembrava da Clara logo que a conheci.

— Champions League ou Copa do Brasil? — Ainda estava de pé quando escutei Bruno perguntar sobre o jogo.

— Champions — respondi, colocando a Clara em um compartimento isolado da minha mente. — Acha que está rolando algo ali?

Curioso, queria saber se somente eu notava que existia alguma coisa entre o Diego e a médica. Me sentei na poltrona do lado e peguei o outro controle.

— Difícil dizer. Se fosse você, eu diria que estava na cara. Mas o Diego... — Bruno estava certo, meu irmão tinha uma facilidade enorme em se relacionar com mulheres. De todas as formas: como amante, amigo ou companheiro. Então, ficava difícil perceber quando ele estava aprontando alguma coisa.

Ficamos horas jogando conversa fora, enquanto Bruno me dava uma surra no video game. Na verdade, minha concentração estava péssima. Mesmo tentando me distrair, eu não conseguia esquecer a ameaça que minha menina tinha recebido. Saber que alguém a queria longe de mim a ponto de ameaçá-la me tirava o sono, me deixava extremamente nervoso. Não lidava bem com a falta de informações, sempre tive todo o controle da minha vida nas mãos. Mas, desde que a Clara chegou, isso tinha ido para o espaço.

— Sobre o meu aniversário, mano...

— Bruno, eu já te disse que se aquela maldita estiver nessa festa, eu vou passar longe — cortei meu amigo, que ficou me encarando. Bruno faria aniversário em uma semana e estava organizando uma festa à fantasia. O problema era que eu não queria estar no mesmo ambiente que aquela bandida da Clara.

— Mano, eu preciso de você lá comigo — Bruno insistiu.

— Cara, desculpa... Depois a gente sai para comemorar em algum bar — expliquei mais uma vez.

— Alexandre... — Bruno respirou fundo. — Vou pedir a Laís em casamento

— soltou sem nem ao menos me preparar para a bomba do ano. Fiquei tão surpreso que cuspi no carpete toda a cerveja que tinha na boca. Já tínhamos bebido várias.

— Porra, Bruno — xinguei. — Como eu não percebi nada? Eu nem sei o que te dizer. — E era a mais pura verdade. Bruno, o garanhão... casado! Não acredito que vivi para ver isso.

— Mano, na verdade, eu contava com você para dizer que sou louco, que tenho que pular fora desse barco, alguma coisa do tipo.

Ele sabia que eu não diria nada daquilo.

— Não mesmo. — Levantei e fui buscar uma garrafa de champanhe na geladeira para comemorar o enforcamento do meu amigo. — Você encontrou a garota certa — disse sem mencionar que eu mesmo havia pensado na possibilidade de pedir Clara em casamento há alguns meses. — Láis vai te fazer muito feliz.

Abri a garrafa fazendo um estouro e servi duas taças. Entreguei uma ao Bruno e sentei no sofá em sua frente.

— Eu sabia disso. Você mudou muito no último ano. Na verdade, nós mudamos — meu amigo disse, com uma voz nostálgica.

— É. — Parei um pouco para respirar. — Mudamos — concordei com ele.

— Então você vai? — Bruno perguntou.

Levantei a taça em sinal de brinde e ele me acompanhou.

— Claro, mano. Não vou faltar em um momento tão importante para você — respondi, e ele sorriu aliviado. — Conte comigo.

Bruno levantou meio trôpego e me deu um abraço. Devolvi o gesto.

— Valeu, cara. — Deu dois tapas em minhas costas. — Você é o irmão que nunca tive.

Conversamos mais um pouco e, depois de entornarmos a garrafa de champanhe, fomos dormir. Assim como eu previa, Bruno passou a noite em minha casa, estava visivelmente bêbado e não parava de falar na Laís.

Deitei na minha cama e fiquei um tempo olhando para o teto, sem saber o que pensar. Tudo naquela casa, naquele quarto, me lembrava a Clara. Virei e afundei a cabeça em meu travesseiro. Estava ficando louco, podia sentir seu cheiro e até mesmo a sua presença. Sorri ao me lembrar do nosso dia na feira nordestina. Tudo foi tão perfeito, tão lindo, ela estava tão entregue ao nosso amor, seu sorriso era contagiante e me fazia respirar de uma forma diferente, como se cada célula do meu corpo soubesse que eu precisava dela.

Desisti de dormir. Me levantei e fui até o escritório que mantinha em meu

apartamento. Liguei meu notebook e fiz algo que ultimamente eu vinha fazendo muito: monitorar o inimigo. Dereck sempre estava na mídia, e eu verificava de tempos em tempos se a Clara estava com ele em alguma reportagem ou foto. Mas até agora eu não tinha encontrado nada, ele devia esconder minha menina da imprensa.

Digitei “Dereck Mayer” no Google e fiquei aguardando o resultado. Vasculhei muitas páginas procurando algo que o ligasse a ela, mas, como das outras vezes, somente a vida profissional dele era reportada. Então, uma manchete chamou a minha atenção.

Dereck Mayer: O cantor mais quente do momento está de férias no Brasil. Será que alguma brasileira conquistou o coração do sexy popstar?

— Filho da puta! — esbravejei.

Não queria me importar com o que a Clara fazia, queria afastá-la de uma vez por todas da minha vida, mas doía além do suportável imaginar outra pessoa a tocando.

— Minha menina. — Coloquei na área de trabalho e a mesma foto que tinha no celular estampava toda a tela do meu computador.

Não sei quanto tempo fiquei olhando para a foto. Mas sabia que nunca seria tempo suficiente para aplacar a tristeza que me consumia. Vários momentos da nossa relação passaram pela minha cabeça. Meus sentimentos eram contraditórios. Culpa, dor, alegria, amor, tristeza, ódio e paixão se misturavam me trazendo a certeza de que eu nunca seria feliz sem ela. Não adiantava negar: Clara voltaria a ser minha ou eu seria para sempre somente a metade do homem que um dia eu fui.

12



Clara

Tive que voltar à delegacia mais duas vezes. Descobrimos que o entregador estava disfarçado de carteiro. Mas infelizmente não obtivemos mais nenhuma pista do desgraçado — ou desgraçada — que tinha me ameaçado. Alexandre não me procurou, e eu sofri muito com sua indiferença. Meus amigos me convenceram a dar o primeiro passo, mas eu ainda relutava. Não sei se aguentaria ser rejeitada por Alexandre mais uma vez. É doloroso demais saber que tudo estava em suas mãos, mas você deixou o medo tomar conta de tudo e arrancar a sua felicidade.

Estava almoçando quando a Laís me ligou para falar sobre a festa do Bruno. Pensei muito se deveria ou não aparecer e, finalmente, decidi que enfrentaria Alê. Não me esconderia mais e que fosse o que Deus quisesse.

— Lindinha, já comprou sua fantasia? — Laís perguntou.

— Vou dar um jeito nisso hoje. E você, escolheu a sua? — Sabia que Laís estava aprontando algo, pois havia dias me dizia que Bruno ganharia o melhor presente de todos e que seu aniversário seria inesquecível.

Não tive como não me lembrar de Alexandre. O aniversário dele foi um dos melhores momentos que passamos juntos. Tudo, desde o sexo oral no escritório até estar sobre ele vendo seu desespero ao querer me tocar e não poder, com as mãos amarradas pela gravata. Tudo foi intenso e desmedido.

— Clarinha... — minha amiga chamou minha atenção. — Perguntei o que você vai vestir.

— Ainda estou pensando. — Sorri com a ideia que passou pela minha cabeça. — Mas com certeza vai ser algo memorável.

— Claro que vai. Com você sempre é. — Pude ouvir minha amiga rindo do outro lado da linha.

Me despedi da Laís e voltei para o escritório. Estava trabalhando como uma louca, e isso era muito bom, menos tempo para divagar sobre assuntos que não me fariam bem. A cada dia o dr. Alberto se mostrava um excelente chefe, embora às vezes eu o sentisse frio e distante. Uma vez o peguei em sua sala com os olhos vermelhos e nada tirava da minha cabeça que ele tinha chorado. Claro que não perguntei nada e ele disfarçou, falando sobre o processo em que estávamos trabalhando juntos.

Saí do escritório no fim do dia. Estava chegando à calçada, distraída, e levei um susto ao ouvir meu nome. Me virei e um par de covinhas sorria para mim.

— Dereck? — disse surpresa. — O que está fazendo aqui? E como descobriu... Ah! Deixa para lá. Depois me acerto com o Nando.

Fiz um aceno com a mão e Dereck abriu ainda mais o sorriso. Se eu estivesse apaixonada por ele, tudo seria mais fácil. Mas, como o coração é um órgão burro para cacete, eu amava um homem que a cada dia me ignorava mais.

— Respondendo a sua pergunta: vim buscar você para um happy hour. — Se aproximou e me deu um grande abraço. — E dessa vez não foi o Nando que me ajudou. Eu tenho contatos, gatinha, esqueceu?

Encarei meu amigo e acho que metade das mulheres que saíam do escritório também.

— Ei, você não é... — Uma das estagiárias do escritório se aproximou de nós. — Meu Deus, é Dereck Mayer — gritou excitada.

Dereck balançou a cabeça e piscou na direção da garota. Ele adorava esse tipo de atenção e, no último ano, sua turnê fez muito sucesso, tornando-o ainda mais popular. Dereck sempre estampava as capas e páginas de revistas de fofocas.

— Ei, Tati, é o Dereck Mayer — a garota gritou e mais duas meninas vieram correndo.

Me afastei e fiquei olhando enquanto ele tirava fotos e dava autógrafos para todas as garotas que iam chegando. Ele estava lindo como sempre, vestindo uma camiseta preta cavada que deixava seus braços tatuados à mostra, o que fazia as meninas suspirarem ainda mais. Calça preta e óculos de sol, sua marca registrada. Dereck sorria e distribuía beijos e abraços com gentileza e simpatia. Ele nasceu para ser um popstar. Era tão natural para ele como a leitura de um processo era para mim.

— Quer um autógrafo também, gatinha? — perguntou, se afastando das meninas e caminhando até mim.

— Dereck, você não presta. — Esmurrei seu ombro brincando.

— Nunca disse que prestava. — Ele deu de ombros e me puxou para mais perto. — Está a pé?

Fiz que sim com a cabeça e então ele fez sinal para um táxi.

Chegamos a um barzinho que ficava próximo ao meu apartamento. Acho que Dereck fez de propósito, pois pesquisou no GPS do celular lugares que ficavam naquela região.

Pedi uma Coca-Cola e ele escolheu a sua cerveja de sempre. O bar estava cheio e uma música suave tocava, enquanto as pessoas conversavam. Várias delas vestidas de maneira formal. Pessoas que, provavelmente, assim como eu, tinham ido para lá direto do trabalho. Mas duvido que alguma delas tenha sido arrastada por um americano famoso.

— Como você está? — ele perguntou antes de levar a garrafa à boca.

— Levando. Não tem muito o que fazer, mas estou melhor. Mais conformada com tudo que aconteceu — expliquei.

— Já pensou em contar a verdade para o velhote e esclarecer essa porra de uma vez por todas?

Desviei meus olhos dos dele, com vergonha e medo. Vergonha por ainda não ter me aberto com o Alexandre e medo da possibilidade de ter deixado minha chance passar.

— Eu já disse que o Alexandre não quer me ver. O que eu posso fazer? — respondi exaltada quando voltei a olhá-lo. — Ele desistiu.

Dereck bufou. Estava de frente para mim e eu pude ver o brilho em seus olhos. Sabia o quanto devia ser doloroso para ele falar sobre o Alexandre.

— Eu acho que foi você que desistiu. Assim como desistiu de mim — falou com um olhar triste.

Nossos olhares se cruzaram e eu pude ver que ele ainda se ressentia pela maneira como eu o tinha abandonado. Se meu coração não fosse totalmente do Alexandre, se meu corpo não necessitasse dele como de oxigênio, tenho certeza de que Dereck aceitaria me dar uma segunda chance. Ficamos presos um ao outro, perdidos nas lembranças do passado, quando uma voz chamou nossa atenção. Um jovem pouco mais novo que o Dereck estava parado ao nosso lado e sorria abertamente.

— Cara, é um prazer tê-lo em meu bar. Sou seu fã — disse ao Dereck, que ainda tinha o olhar fixo em mim.

— Dereck — chamei sua atenção e fiz um movimento com a cabeça indicando o proprietário do bar.

— Opa, me desculpa. — Levantou e cumprimentou o homem com um aperto de mão. — Que bom que você gosta do nosso som — emendou.

— Na verdade, se não se importasse, temos uma guitarra e um violão. Será que você podia... — perguntou, mas parou, envergonhado.

Sem dizer nada, incentivei Dereck e ele entendeu.

— Claro. Onde é o palco? — O homem só faltou pular de alegria e conduziu Dereck até um pequeno palco.

Minha vontade era pedir ao garçom que me trouxesse uma bebida. Seria muito mais fácil ouvir ele cantar sob o efeito do álcool. Mas, como nem tudo é perfeito, tive que enfrentá-lo com a cara e a coragem, sem nada para aplacar o efeito que Dereck causava em mim.

Olhei para a frente e tinha total visão do palco. Bastante gente que estava do lado de fora do bar entrou para acompanhar, e muitas mulheres — como de costume — suspiravam pelo homem que dali a pouco cantaria e encantaria a todos com a sua voz.

— Boa noite, pessoal — Dereck começou a falar no microfone. — Para quem não me conhece, eu sou o Dereck Mayer e, a pedido do dono da casa, vou dar uma palinha hoje.

Então, se sentou no banquinho colocado para ele e dedilhou o violão.

— Essa vai para uma garota muito especial.

*Hoje eu preciso te encontrar de qualquer jeito
Nem que seja só pra te levar pra casa
Depois de um dia normal
Olhar teus olhos de promessas fáceis
E te beijar a boca de um jeito que te faça rir
Que te faça rir*

Juro que suei frio. Nunca tinha escutado ele cantar em português. Ele sempre dizia que o seu sotaque carregado demais atrapalhava. Confesso que aquela cena não fez muito bem a minha sanidade. Estava tudo muito parecido com o dia em que nos conhecemos. Meu coração era do Alexandre, isso é fato inquestionável, mas Dereck, com toda a sua proteção e carinho, mexia comigo de uma forma diferente.

*Hoje preciso de você
Com qualquer humor
Com qualquer sorriso
Hoje só tua presença
Vai me deixar feliz
Só hoje!*

Sabia que ele cantava *Só hoje*, do Jota Quest, para mim. Seus olhos se fecharam no refrão e logo se abriram me encarando. Sua boca mexia quase encostando ao microfone e seus dedos trabalhavam de forma sincronizada, tirando notas perfeitas do violão.

Quando terminou, todos gritaram e assoviaram. Dereck, alheio a tudo, não se movia e não desviava o olhar de mim. Senti que a última frase da canção foi um pedido. Um pedido para que desse mais uma chance a nós... *Só hoje!*

Esperei um tempo até que ele conseguisse se desvencilhar dos cumprimentos de todos e chegar a nossa mesa. Antes que ele sentasse, eu me levantei.

— Dereck, eu não sei o que te dizer. — Precisava falar alguma coisa, mas nenhuma palavra seria capaz de confortá-lo ou de fazê-lo mudar de ideia.

— Não diga nada, gatinha. — Pegou minha mão e apertou junto ao seu peito. — Só me prometa que, se não der certo com o velhote, você vai me procurar — pediu. — Clara, eu sou apaixonado por você e prometi ser somente seu amigo, mas, se eu tiver alguma chance, preciso saber. Preciso que me diga, pois me agarrarei a ela e lutarei por você.

Depois daquela declaração, só me restava concordar. Ele me abraçou e senti seus lábios tocarem meu rosto.

13



Ferraz

Meus dias passavam muito lentamente. Tentava preenchê-los com trabalho, mas ficava cada vez mais difícil tirar a Clara da cabeça. Depois de passar quase a noite inteira pensando na possibilidade de o cantor ter voltado ao Brasil por causa dela, pela manhã eu me preparei para um júri. Cheguei cedo ao tribunal para realizar minha defesa. Um dos clientes do escritório estava sendo acusado de tentativa de homicídio, e eu queria aliviar a pena apoiado na tese de que tudo não havia passado de lesão corporal.

— Sr. Raul, poderia relatar o ocorrido naquele dia com detalhes? — Usei de toda minha autoridade para intimidar o homem a minha frente.

Foi então que ele contou que meu cliente o havia atacado com uma faca e lhe causado ferimentos superficiais nos braços. Isso tudo ocorreu após uma discussão em uma casa noturna. A promotoria apoiava sua tese de tentativa de homicídio no fato de que muitas testemunhas ouviram meu cliente ameaçar a vítima de morte.

Fiz o melhor que pude para convencer o júri de que, se realmente quisesse, meu cliente poderia ter consumado o ato, já que teve a oportunidade. Sendo, portanto, infundada a tentativa de condená-lo por esse crime.

Antes de fechar meu raciocínio, me virei para os ouvintes do julgamento e, como um *déjà-vu*, eu a avistei, sentada em uma das cadeiras. Perdi o foco e fiquei mudo diante dos jurados.

Tentei me concentrar novamente, mas seus olhos verdes ainda me atormentavam. Balbuciei mais algumas palavras, mas o suor escorria no meu rosto

e minhas mãos tremiam. Voltei minha atenção para a plateia e Clara não estava mais lá.

Deus, eu estava ficando louco!

— Dr. Ferraz, o senhor está bem? — Alguém chamou minha atenção e eu saí do transe em que estava.

— Desculpe, Meritíssimo, não me sinto muito bem. Gostaria de uma pausa de cinco minutos — pedi e fui atendido.

Saí correndo pelos corredores do fórum procurando a Clara, mas não a encontrei. Parei em frente ao prédio e coloquei as mãos nos joelhos tentando recuperar o fôlego perdido. Aquela situação estava me deixando esgotado, não tinha mais controle sobre meus pensamentos e agora estava tendo alucinações.

Antes de voltar para a sala de audiências, passei no banheiro e joguei uma água no rosto. O reflexo no espelho mostrava um Ferraz que não condizia com quem eu era. Meus olhos estavam emoldurados por olheiras arroxeadas e meu rosto estava abatido.

— Impossível ganhar qualquer causa com essa cara de derrotado — murmurei para minha imagem refletida.

— Falando sozinho, dr. Ferraz? — uma voz conhecida, porém nada agradável, me chamou.

— Dr. Rodrigo — apenas cumprimentei o juiz que não me agradava em nada. Ainda não tinha engolido a sua audácia em flertar com a Clara no congresso.

Ele parou ao meu lado e encostou um ombro na parede, me encarando.

— O doutor está com uma aparência péssima. — Sorriu sarcástico. — Fiquei sabendo que o *pitel* te chutou.

— Por que não cuida da sua vida? — respondi irritado.

Rodrigo ignorou meu aviso e continuou me provocando.

— Acho que vou fazer isso. Vou incluir também uma visita ao dr. Alberto Carvalho.

O desgraçado teve a petulância de insinuar que procuraria Clara. E o pior é que se ele sabia que ela estava trabalhando com o Alberto era porque já tinha se informado sobre a minha menina.

— Fique longe dela — rosnei em sua direção. Se o Rodrigo falasse mais alguma coisa, eu iria colocar minha carreira em risco, pois quebraria a cara ali mesmo, no banheiro do fórum.

— Uou! — Levantou as mãos. — Agora eu estou mais curioso ainda diante da sua reação — completou, e eu já tinha as mãos fechadas para agredi-lo.

— Estou te avisando, Rodrigo. Não toque em um fio de cabelo da Clara — ameacei, e o bastardo saiu sorrindo.

Droga!

Esmurrei a parede tentando disparar minha fúria contra ela, mas sentia que era algo além do meu controle. Clara estava impregnada em minha pele, assim como preenchia todo o meu coração. Respirei fundo, várias vezes, me acalmando; já estava fora por mais de quinze minutos.

Voltei à sala de audiência e todos me aguardavam. Meu cliente, impaciente, questionou a minha capacidade de continuar sua defesa e eu o tranquilizei. Assumi minha postura profissional e fiz o que eu sabia. Confrontei as testemunhas, usei minha perspicácia para encontrar brechas e rebati as alegações e depoimentos da acusação. Enfim, mais uma vez saí vitorioso. Meu cliente foi condenado a uma pena leve por crime de lesão corporal, que seria revertida em pena de multa.

Era isso que eu queria. Foi para isso que estudei. Esse era o dr. Alexandre Mendes Ferraz.

Saí da audiência direto para o escritório. Assim que cheguei, pedi a Ana que repassasse minha agenda. Descobri que tinha uma hora livre durante a tarde, então me programei para ir atrás de uma bendita fantasia para usar no aniversário do Bruno. Me concentrei em elaborar mais um pedido de habeas corpus e, quando estava quase terminando, notei que faltava um dado.

Liguei para o ramal da Ana, mas ela não atendeu. Me levantei muito a contragosto e, ao abrir a porta da minha sala, dei de cara com a recepção vazia. Olhei ao redor e nada da minha secretária. De repente, a vejo com um copo de café nas mãos, me olhando surpresa e ao mesmo tempo amedrontada.

— O senhor precisa de alguma coisa, dr. Ferraz? — disse assim que me viu.

— Data da prisão do caso da tarde — respondi ríspido. Não era certo, Ana não tinha culpa de a minha vida pessoal estar uma perfeita merda, mas eu não tinha como me controlar.

— Meu Deus, Ana, como você aguenta? — Ouvi a voz do meu irmão atrás de mim e me virei para recebê-lo.

Diego estava na porta do elevador e nos olhava de forma saudosa. Era a primeira vez que ele pisava na Ferraz depois do acidente, e a emoção por estar de volta à empresa que tanto amava era visível. Assim como a minha por ter o meu irmão de volta.

— Seja bem-vindo, dr. Diego — Ana o cumprimentou contente.

Ele ainda estava parado e por um momento achei que tinha se desligado.

Encarava Ana, porém seu olhar vazio revelava que sua mente vagava distante. Chamei sua atenção uma, duas vezes e, na terceira, ele piscou freneticamente e me encarou.

— Desculpa! Acho que a saudade de tudo isso aqui me pegou. — Voltou a sorrir, mas era um sorriso triste. — Obrigado, Ana. É bom estar de volta. — Trocou um rápido abraço com ela e se dirigiu a mim.

— E você, velhote? Gentil como sempre. — Deu um tapa em meu ombro, me provocando.

— O que está fazendo aqui? — perguntei tentando soar irritado, mas não conseguia esconder a felicidade em vê-lo.

— Vim ver se minha cadeira está sendo ocupada.

— Você sabe que não colocaria outro em seu lugar — eu disse ofendido por sua insinuação.

— Sei que não, mano. — Passou por mim e foi em direção à minha sala. — Eu só estava brincando.

Fui atrás dele. Diego se sentou na poltrona em frente a minha mesa. Ele já estava se locomovendo sozinho, com um pouco de dificuldade, mas graças a Deus sua recuperação ocorria conforme o esperado e não poderia ser melhor. Eu e Diego conversamos animadamente sobre tudo, mostrei a ele os casos em que estava trabalhando e meu irmão ficou surpreso ao saber que eu tinha aceitado algumas ações civis. Ele sabia que meu talento era essencialmente para parte criminal, que sempre foi minha paixão.

Fomos interrompidos pela Ana nos avisando que o Nando estava na recepção e queria cumprimentar o Diego.

— Dr. Fernando. — Diego se levantou para cumprimentá-lo. Nando fez uma careta e devolveu o aperto de mão.

— Acho que não vou me acostumar — disse se referindo ao tratamento que Diego lhe deu.

Ambos sentaram a minha frente. Eu estava orgulhoso de ver o quanto Nando tinha aprendido com meu irmão. Em algumas peças que produziu no último mês, era clara a influência profissional e pessoal do Diego no trabalho dele.

— Agora você não é mais estagiário, Nando, e sim um advogado do Escritório Ferraz — Diego afirmou contente.

— É, acho que vou ter que me acostumar.

Acabou se dando por vencido e concordando com o meu irmão.

Nando explicou que estava cuidando da maioria dos antigos clientes da carteira do Diego e meu irmão agradeceu pelo empenho que ele dedicava à

empresa. Logo Nando se despediu e voltou ao trabalho.

— Alguma novidade sobre o processo? — perguntou sério.

Evitei contar detalhes, mas acabei explicando ao Diego que tinha minhas dúvidas quanto ao acidente que sofreu.

— Nada. — Me levantei incomodado. Aquele assunto me desestabilizava. — Uma única câmera pegou o carro, mas descobrimos que a placa tinha sido ocultada.

— Isso significa que realmente não foi acidente — Diego afirmou o que eu já sabia havia muito tempo. — Mano, era para ter sido a Clara — chamou minha atenção.

Fechei os olhos pensando no que seria de mim se algo acontecesse a ela. Como seguiria em frente? A resposta era simples: não conseguiria. O único motivo que me fazia levantar e viver um dia após o outro era saber que a minha menina estava viva, saber que ela estava longe, provavelmente com outro, mas que ainda respirava o mesmo ar que eu. Somente por isso eu ainda não tinha enlouquecido totalmente, somente por esse motivo não tinha perdido a razão por completo.

— Eu sei. — Não ousei olhar para o Diego, enquanto concordava com suas palavras. — Alguém a ameaçou, mandando ficar longe de mim. Mandaram o bilhete junto com uma aranha-caranguejeira para o escritório onde ela está trabalhando — contei o que tinha acontecido.

— Puta merda! — Diego se exaltou. — E o que você fez? — perguntou em alto e bom som, me fazendo sentir culpado.

— Nada. — Me virei e Diego me fuzilou com o olhar. — Como aconteceu no escritório, o Alberto a levou na delegacia para prestar queixa.

Diego ficou vermelho e eu senti que estava prestes a receber o maior sermão de toda a minha vida. Seus olhos azuis, iguais aos meus, se arregalaram e meu irmão levantou a cabeça me encarando de cima.

— Otário — xingou.

— O que disse? — perguntei surpreso por sua petulância em me enfrentar tão abertamente.

— Isso que você ouviu. — Não recuou em nenhum momento. — Você deixa a Clara enfrentar uma ameaça sozinha? Cara, eu não estou te reconhecendo. Que merda você está fazendo? — gritou.

— Olha como fala comigo, seu moleque — rebati, pois não tinha que ouvir as baboseiras do fedelho do Diego. Eu estava irritado, sem rumo e descontrolado.

— Moleque? — Diego se levantou estufando o peito e me encarando. —

Olha o que você está fazendo com a sua vida, Alexandre. Quem é o moleque?

Não respondi, pois sabia que ele não entenderia meus argumentos. Diego era o grande defensor da Clara e não ficaria ao meu lado.

— Quem é você? — perguntou agora em voz baixa, mas ainda acusatória. — Porque o Alexandre que eu conheço... o meu irmão, esse nunca deixaria alguém sozinho em uma situação como essa. Esse cara que está na minha frente agora não é o mesmo que me defendeu a vida inteira. Não é o cara que carregava Priscila no colo, a protegendo das formigas, ou aquele que não me deixava dormir enquanto não aprendesse as fórmulas de matemática. Esse Alexandre... — Apontou o dedo no meu rosto. — Não é o homem mais justo e leal que conheço, em quem me inspirei durante toda a minha vida.

Desabei na cadeira e só não chorei porque não era da minha natureza derramar lágrimas, mas as palavras do Diego bateram fundo em minha cabeça, como marteladas insistentes.

— Vou procurar a Clara e oferecer meu apoio e a minha proteção. E rezar para que não seja tarde demais para você — completou e se levantou, caminhando em direção à porta, mas parou e disse, sem se virar: — Tome uma atitude ou vou começar a torcer pelo roqueiro.

E assim meu irmão saiu. Bateu a porta com força, sem me dar tempo de reagir. Agradei, pois não tinha mesmo como fazer isso.

14



Clara

Voltei para casa com as palavras do Dereck ecoando em minha mente. Não queria magoá-lo, mas também não lhe daria falsas esperanças. Tentei ser o mais gentil possível e não respondi ao seu pedido de mais uma chance para nós dois, apesar de ter vacilado quando ele me disse que minha relação com o Ferraz poderia não dar certo. Sabia que era verdade: a cada dia me sentia mais distante do homem que amo. Mas, enfim, tive que me recuperar de tudo e me concentrar no trabalho.

Já era quinta-feira e Laís não parava de me encher o saco para saber que fantasia eu usaria na festa do Bruno. Então, decidi que iria do escritório direto para o shopping para resolver logo esse problema.

— Alexandre vai enfartar — murmurei sozinha em minha sala.

Não tinha como não pensar nele. Era impossível.

Estava concentrada na elaboração de uma contestação quando meu celular começou a tocar insistentemente. No início ignorei, pois não queria perder o fio da meada do documento que redigia. Mas, com a persistência maçante, eu o retirei da gaveta para atender a ligação.

— Bruno? — perguntei surpresa.

Deixei meu notebook de lado e me levantei nervosa.

— Desculpa te incomodar durante o expediente, mas estou desesperado, Clara. Preciso da sua ajuda. — Realmente Bruno falava e eu sentia o desespero em sua voz.

— Aconteceu alguma coisa com a Laís, Bruno? — perguntei bastante apreensiva.

— Está tudo bem com a Pantera, sim, mas...

— Mas o quê, Bruno? Está me deixando nervosa. — Fui um pouco ríspida, mas não aguentava mais de curiosidade.

Me sentei novamente, inquieta. Podia ouvir a respiração do Bruno, e sua falta de respostas estava acabando comigo.

— Clara... — Suspirou. — Vou pedir a Laís em casamento e faz uma semana que venho à joalheria comprar uma aliança e não consigo escolher — enfim explicou.

Quase caí dura com aquela revelação.

Meu Deus, minha amiga vai se casar!

— Clara, ainda está aí? — A voz do meu amigo me fez voltar à terra.

— Caralho, Bruno — xinguei, pois nada do que eu dissesse poderia expressar meu espanto. — Como isso aconteceu?

— Eu sei que sou um burro, nem consigo escolher a porra de uma aliança! Chego aqui e não consigo me decidir.

Sorri com o que ouvia.

— Não a aliança, Bruno, o casamento. Quando você decidiu isso?

Dessa vez eu pude escutar sua risada do outro lado da linha.

— Ah! Eu amo a Laís, não consigo ficar mais sem minha Pantera. Ela é a primeira coisa que eu penso quando acordo e passo o dia inteiro com vontade de falar com ela. Dormir sozinho é um martírio e não consigo nem imaginar minha vida sem aquele furacão ambulante. Então, acho que o certo a fazer é pedir a ela que fique para sempre ao meu lado — se declarou com uma voz apaixonada.

Fiquei emocionada e imediatamente me lembrei do dia em que nos conhecemos. Um dia que eu nunca esqueceria, uma das minhas melhores noites ao lado do Alexandre. Mas, naquele momento, deixei as lembranças de lado e me concentrei no que ele contava.

— Você quer que eu te ajude a escolher a aliança, é isso? — voltei a falar com o Bruno.

— Se quiser salvar um homem de uma síncope nervosa, sim, eu quero — disse divertido e eu até imaginava sua cara de cachorro abandonado.

Balancei a cabeça achando graça do seu exagero.

— Saio uma hora mais cedo e nos encontramos no shopping, pode ser?

— Perfeito — gritou antes mesmo que eu terminasse de falar. — Eu te amo, Clarinha.

— Não, não ama — rebati.

— É, não amo... Mas chega perto.

Combinamos todos os detalhes e nos despedimos. Pedi ao dr. Alberto para sair mais cedo e fui prontamente atendida, já que eu vivia fazendo hora extra, mesmo contra sua vontade. Estava quase saindo, quando Andressa bateu na minha porta avisando que eu tinha uma visita. De cara, já fiquei tensa, pois desde o “incidente” com a aranha estava um pouco paranoica.

— É a Priscila Ferraz — Andressa avisou e tenho certeza de que meu sorriso iluminou o escritório inteiro. Não via a minha amiga desde o dia da reunião na minha casa. Pedi que a deixasse entrar.

— Flor, que bom ver você. — Levantei e fui ao seu encontro, assim que entrou em minha sala. — Meu Deus! Quando essa criança nasce? Você está enorme — brinquei e recebi um olhar mortal de volta.

Murchei na hora.

— Grande novidade, Clarinha. Como se eu não soubesse que estou parecendo uma orca grávida — bufou. — Também é muito bom ver você. — Agora falava gentilmente, me dando um abraço.

Priscila se acomodou no sofá e por alguns minutos eu fiquei acariciando sua barriga, enquanto ela falava coisas banais do seu dia a dia. Achava tão sublime a gestação, deve ser tão incrível saber que uma vida está sendo gerada dentro de você, ligada a você de uma forma eterna. Mas sabia que engravidar era uma possibilidade remota para mim em função do transplante, que reduziu drasticamente as minhas chances de gerar um filho de forma natural. Até alguns anos atrás, isso não me importava, pois nunca tinha pensado em ter filhos. Porém, vendo Priscila tão feliz, não deixei de sentir uma pontinha de inveja. Inveja de uma etapa que provavelmente eu não conquistarei.

— Ele mexe muito. É assim sempre? — Antônio deveria estar dando cambalhotas dentro da barriga da Prí, no mínimo, pois podia sentir seus movimentos ininterruptos.

Ela se ajeitou no sofá e respirou fundo antes de responder.

— Você precisa ver quando Alexandre está comigo. Essa criança vai ser o xodó dele, estou até vendo. Basta ele falar “oi” que Antônio já começa a pular. — Instintivamente eu tirei minha mão de sua barriga e desviei os olhos dela. — Desculpa — ela disse sem graça e eu tentei contornar a situação.

— Tudo bem, flor. — Segurei sua mão. — Eu não posso me esconder para sempre.

— Não pode mesmo. E é por isso que estou aqui — falou em um tom mais

alto e imponente. Às vezes ela parecia tanto o Alexandre, principalmente quando queria alcançar algum objetivo. Tentei desconversar para evitar aquela conversa, mas fui calada.

— Estou voltando para a Espanha amanhã, Clarinha — Prí fez um bico manhoso e continuou: — Juan quer que Antônio nasça lá e, depois de todo esse tempo longe, não pude lhe negar isso. — Ela estava com um semblante triste. Devia ser difícil se afastar da família, mas sabia que Prí amava Juan acima de tudo e nunca o abandonaria. — Preciso que me prometa uma coisa, Clara — afirmou segurando forte minha mão e encarando meus olhos de uma forma intimidante.

— Prometer o quê? — Me fiz de desentendida.

— Clara, lute pelo Alexandre. Vocês se amam, meu irmão está sofrendo tanto. — Via seus olhos cobertos de lágrimas e os meus próprios não estavam diferentes. Partia meu coração saber que ele estava sofrendo por mim. — Nunca vi meu irmão assim. Ele não come, não dorme. Praticamente não sai de casa e, segundo o Bruno, sua concentração no trabalho vai de mal a pior.

Aquela revelação me deixou ainda mais culpada. *Deus! O que eu fiz?* Não podia deixar Alê sucumbir. Ele era um advogado brilhante. Nunca vou me esquecer do dia em que o vi confrontando uma testemunha e a fazendo tremer diante dele e de suas palavras.

— Eu prometo. — Prí arregalou os olhos. — Não sei se vou conseguir, mas vou lutar por ele. Amo o Alexandre — Tirei forças do fundo da alma para dizer aquilo, mas era verdade. Estava cansada de ficar chorando pelos cantos, sabia que Alê estava sofrendo e que não queria dar o braço a torcer, mas vendo Priscila me falar tão claramente eu não podia simplesmente deixar passar.

— Você não vai se arrepender. Meu irmão vale ouro. — Seus olhos brilhavam me mostrando mais uma vez o quanto aquela família era unida.

Conversei com Priscila sobre sua viagem e o que os seus pais estavam achando de Antônio nascer na Espanha. Ela contou que eles ficaram relutantes, mas entendiam o Juan e, no último mês de gravidez, sua mãe viajaria para ficar com ela.

— Pena que você não vai ficar para o aniversário do Bruno — eu disse e a levei até a porta para me despedir da minha amiga.

Ela bufou e eu sorri da careta que fez.

— Sim, e eu me fantasiaria de leão-marinho. — Apontou para a barriga que nem estava tão grande assim, mas, exagerada como ela era, sempre dava um jeito de soar ainda mais dramática. — Não, obrigada. Prefiro ficar reclusa até Antônio resolver dar o ar da graça ao mundo. — Apesar das suas brincadeiras e do

desespero que senti quando descobriu que estava grávida, era perceptível todo o amor que Priscila sentia por aquele serzinho dentro dela.

Saí do escritório já atrasada e peguei o maior trânsito no caminho até o shopping. Encontrei um Bruno totalmente impaciente na porta da joalheria.

— Achei que não viria mais. — Passou as mãos pelos cabelos, nervoso.

— Calma lá, Tigrão. Foi só meia hora de atraso — respondi. — Vamos às compras, então. — Arrastei-o pelo braço para dentro da loja.

Juro que Bruno parecia uma mulher e agora entendia seu desespero, pois fazia duas horas que estávamos na loja e ele tinha gostado de vinte modelos diferentes de alianças.

— Puta merda, Bruno! — reclamei já cansada. As vendedoras não aguentavam mais retirar joias e mais joias do cofre.

— Tem certeza de que ela não prefere um anel de noivado? — perguntou segurando um solitário.

Já sem paciência, expliquei pela décima vez minha opinião.

— Eu conheço a Laís. Ela também vai querer te marcar. Sugiro um par de alianças, assim vocês dois usam.

— Ok. Vou levar essas. — Apontou para uma caixa.

— Graças a Deus. — Levantei as mãos para os céus, agradecendo, e pude ouvir o suspiro aliviado da vendedora.

Saímos da joalheria rindo depois que eu impliquei da cara que ele fez quando foi pagar a conta. Como se aquilo fosse um valor exorbitante perto do que ganhava por caso que pegava. No fim, o Bruno escolheu um par de alianças grossas em ouro amarelo emolduradas por um filete de ouro branco. A do Bruno era lisa, enquanto a da Laís tinha o detalhe salpicado de pequenos diamantes. Quando perguntei se ele gravaria “Pantera” e “Tigrão” no interior das peças, fui surpreendida com um “Sempre seu” e “Para sempre sua”. Suspirei com aquela declaração. Bruno amava mesmo Laís.

— Vamos, vou pagar o jantar — convidou e eu sorri.

— É o mínimo, né? — provoquei. — Comida japonesa? — Estava louca para comer um sushi.

— Você que manda — Bruno respondeu.

Bati palmas como uma criança feliz e fomos em direção à área de alimentação do shopping.

— Amo você, Bruno — brinquei, e ele revirou os olhos, lindo como sempre. *Laís sortuda.*

— Não, não ama — repetiu as minhas palavras de mais cedo.

— É, não amo... Mas chega perto.

Bruno passou o braço pelo meu ombro e eu agradei por ele ter aparecido em minha vida, fazendo feliz uma das pessoas que eu mais amava. Laís merecia.

Depois do excelente jantar, fiquei no shopping para escolher a bendita fantasia para o seu aniversário. Na verdade, Bruno caiu na gargalhada quando contei o que eu vestiria.

Andando pelos corredores, parei quando vi uma vitrine com lingerie. Começaria ali minha surpresa. Quando eu disse que Alê enfartaria, eu realmente achava que ele teria uma crise quando me visse. Bom, isso se eu ainda mexesse com ele; do contrário, estaria ferrada, pois teria acabado de descobrir que não tinha mais a mínima chance com ele.

Comprei tudo de que precisava para montar minha fantasia, o que incluía uma pequena cesta, e fui para casa. Já na porta, pude ouvir os gritos excitados da Laís e do Nando.

— Quanta honra — eu disse colocando as mãos no coração, fingindo surpresa. — Uma pantera e um... — Olhei para o meu amigo vestido com uma túnica imitando pele. — Homem das cavernas? — Fechei um olho tentando adivinhar o que ele vestia. — É o Barney, dos Flintstones? — perguntei colocando as mãos na cintura.

— Eu não disse que você está parecendo aquele cara de 10.000 a.C.? — Laís apontou para ele e Nando a fuzilou com o olhar.

— Você está... — Fiquei sem fala. — Uau! — Minha amiga vestia uma roupa de látex preta totalmente colada ao corpo. *E que corpo.* Uma máscara com duas pequenas orelhas cobria metade do seu rosto emoldurando seus cabelos loiros. Uma verdadeira pantera. — Bruno vai morrer — completei.

— Ou sustentar uma ereção durante toda a festa — Nando soltou, arrancando risadas de nós.

— Onde você comprou? — perguntei curiosa.

Laís se jogou no sofá ao lado do Nando e a roupa fez barulho com o atrito com o móvel.

— Em uma sex shop — respondeu, e Nando a olhou com uma cara de “eu não disse?”. — Mas estou com medo — minha amiga exclamou insegura. — Bruno está estranho, sempre nervoso, como se estivesse me escondendo algo e ainda por cima tem rejeitado minhas ligações.

Fiquei totalmente vermelha quando ouvi sobre as suas desconfianças. Coitada da minha amiga! Terá uma surpresa e tanto.

— Laís... — Me sentei no meio dos dois. — Bruno te ama, ele deve estar

ocupado com a festa de aniversário se aproximando e o trabalho.

— Espero que seja isso. — Deitou a cabeça em meu ombro e eu fiz o mesmo, me acomodando no ombro do Nando, que não teve outra opção a não ser se encostar no braço do sofá. A gargalhada foi geral.

15



Clara

Marquei para mim e para Laís um dia de beleza. Passamos praticamente toda a tarde no salão e fizemos de tudo. Cabelo, depilação, hidratação, massagem, limpeza de pele e até maquiagem profissional. Laís ficou animadíssima com a minha proposta e eu mais ainda por saber que estava preparando minha amiga para um dos dias mais importante da sua vida. Não perderia por nada sua cara quando Bruno fizesse o pedido.

— E quando você encontrar o Alexandre? — perguntou curiosa. — Tem algo em mente?

Estávamos sentadas, lado a lado, enquanto fazíamos as unhas.

— Acho que vou agir por impulso. Sem pensar em nada. Espero que ele não me afaste dessa vez, pois eu o amo — confessei, e Laís sorriu.

— Por favor, me conta uma novidade — disse irônica.

Terminamos nossa tarde de princesas e Laís seguiu para minha casa. Ela estava nervosa, dizendo que Bruno não deixou que ela participasse dos preparativos da festa. Tentava tranquilizá-la sem revelar muito, mas minha amiga estava um poço de ansiedade e eu cada vez mais nervosa por ela. Chegamos ao apartamento e encontramos Nando já fantasiado de Barney. Estávamos atrasadas e ele nos fez correr para ficarmos prontas logo.

Meia hora depois, Laís me encarava com um brilho divertido nos olhos.

— Está linda, amiga. — Pegou minha mão e fez com que eu desse um giro em volta do meu corpo. — Alê vai enfartar.

— Não antes do Bruno — brinquei com ela, que estava deslumbrante em sua roupa de látex preta e máscara de pantera.

— Vamos parar de babar uma na outra e vamos logo — Nando invadiu o quarto gritando e arrancando gargalhadas de nós duas.

Me olhei no espelho mais uma vez e gostei da imagem refletida. Soprei um beijo para mim mesma e saí pronta para o crime. Dentro do elevador, tive a maior crise de riso da minha vida. Um casal de idosos ficou de queixo caído quando viu a Laís. E, como ela não consegue se controlar, levantou as unhas em forma de garras, arranhando o ar bem em frente aos olhos do velhinho. Das duas uma: ou ele vai ter um ataque cardíaco ou hoje sua senhora vai ter trabalho em apagar o fogo do homem.

Partimos para a casa do Bruno no carro da Laís. A comemoração seria no salão de festas do condomínio dele. Eu carregava duas caixas na mão: uma era o presente da Laís para o namorado, um relógio elegantíssimo; e a outra era o meu presente, um iPod com aplicativo para corredores, já que a corrida era a segunda paixão do Bruno, depois da minha amiga, obviamente.

Nando estava no banco de trás e não parava de cantarolar as músicas que tocavam no som do carro.

Chegamos ao prédio do Bruno e estacionamos. Como o salão não era muito grande, a festa seria apenas para os amigos mais íntimos. Entramos e já de cara foi possível sentir a animação da festa. A música eletrônica ecoava alta pelo ambiente e muitas pessoas bonitas circulavam com drinques nas mãos. O teto enfeitado com bolas coloridas dava um ar moderno. Em uma rápida análise, encontrei coelhinhas, mulheres-maravilha, presidiários e homens-aranha. Todo mundo, sem exceção, estava fantasiado.

— Minha. Nossa. Senhora. — Escutei Nando falar pausadamente ao meu lado. Me virei e o vi olhando para um ponto atrás de nós.

Prendi a respiração e tenho certeza de que meus olhos dilataram mais que o normal. A música parou de tocar ou eu parei de ouvi-la, não sei com exatidão, pois naquele momento o mundo a minha volta deixou de existir.

— Eu sei que ele é meu chefe, por isso vou ali fora morrer um pouquinho e daqui a pouco eu volto. — Escutei a voz do Nando ao longe, mas não consegui responder ou esboçar qualquer tipo de reação. — Ele devia ser proibido de sair assim.

Nando estava certo. Ferraz deveria ser proibido de andar daquela forma. Sua beleza já arrastava calcinhas suficientes sem aquela fantasia. E agora tenho certeza de que minhas noites vão ser recheadas de sonhos com esse homem vestido assim.

Ferraz estava com calça e camiseta pretas. Um coldre em seus ombros acomodava uma arma de brinquedo. Usava uma boina com um símbolo ao lado e calçava coturnos pretos, combinando com o restante da sua fantasia. Sua camiseta tinha uma sigla do lado esquerdo do peito que eu conhecia muito bem. Bope.

Jesus! Maria! José! Ferraz estava fantasiado de Capitão Nascimento do *Tropa de Elite*. E, para piorar meu estado de desespero, pendurada em sua calça brilhava um par de algemas, me deixando excitada imediatamente. Apertei minhas pernas nuas uma na outra, tentando disfarçar o tesão que me consumia. Ferraz me encarava. Me analisou de cima a baixo e fez uma careta de puro desdém. Acho que não gostou da fantasia que eu vestia, pois logo depois de me encarar, ele desviou os olhos, voltando a conversar com uma loira aguada que estava ao seu lado. A pirigute filha da mãe passava a mão no seu ombro e sorria maliciosamente. Respirei fundo, pronta para atacar a desgraçada caso ela encostasse nele novamente.

— Está tudo bem? — Uma voz masculina chamou minha atenção e fui obrigada a virar para cumprimentar meu novo chefe. O dr. Alberto também estava de tirar o fôlego: vestia a camisa da seleção brasileira com shorts, e meião e chuteiras completavam seu traje de jogador de futebol. Foi uma surpresa vê-lo tão despojado. Tentei disfarçar, pois havia sido pega em flagrante.

— Claro! — respondi dando total atenção ao dr. Alberto. — Só dando uma geral no lugar. — Acho que ele não acreditou muito em mim, pois me olhou de uma forma estranha e um leve sorriso despontou em sua face. — Não sabia que o senhor estaria aqui. — Mudei de assunto.

— Quase não saio. — Ele deu de ombros. — Mas Bruno acabou me convencendo. E, por favor, nada de senhor fora do escritório. Aqui é somente Alberto.

Concordei com ele e conversamos mais alguns minutos. Involuntariamente meus olhos procuravam Alexandre a todo o momento. Às vezes eu o pegava também me olhando e, em outras, ele estava dando total atenção para a loira oxigenada. Nando não voltou e Láís sumiu atrás do Bruno, ou seja, fiquei sozinha e com vontade de quebrar a cara da mulher que se esfregava em meu homem.

— Com licença, Alberto — pedi, e ele assentiu. — Vou pegar uma bebida, nos vemos depois.

Como se soubesse que eu precisava me afastar, Alberto não disse nada. Caminhei até o bar.

— Uma dose de tequila, por favor. — Sabia que não podia beber e havia muitos meses não colocava uma gota sequer de álcool na boca, mas não aguentaria

passar por aquela noite sóbria. Precisava de uma dose de coragem líquida. Duas mulheres se colocaram ao meu lado e imediatamente meu corpo enrijeceu. A loira que antes estava com Alexandre comentava alegremente com a outra tão vulgar quanto ela sobre a noite que planejava.

— Nem acredito que vou ao apartamento do Alexandre Ferraz — disse com uma voz irritante. Sério, essa mulher tinha a voz mais horrorosa que tive o desprazer de ouvir.

— Ele é tão gostoso! — a outra também comentou.

— Dupla — pedi ao barman, que fez uma careta como se não acreditasse no que eu pedia. Assim que virei o copo, me volvei e encarei as duas garotas ao meu lado.

— Olá, meninas. — Coloquei meu sorriso mais falso do mundo na cara, mas elas acreditaram, pois me responderam. — Eu acabei ouvindo a conversa de vocês e queria contar uma coisa... mas... deixa pra lá.

— Não, por favor. Agora conta, estamos curiosas — a loira que se chamava Cindy pediu séria.

— Eu sou médica e não aconselharia você a ficar com o Ferraz. — Ela me olhou incrédula, mas eu continuei. — Ele está com um probleminha nas partes baixas. — Indiquei com a mão o meio das minhas pernas e elas arregalaram ainda mais os olhos.

— Mentira! — a morena exclamou.

— É verdade! — Balancei a cabeça afirmando. — Ele está com gonorreia — disse baixinho, com a mão na boca para que ninguém mais ouvisse o que eu falava.

— Ai! Que nojo! — as duas responderam e saíram na direção oposta à que o Alê estava. Não consegui segurar e, assim que viraram as costas, eu me acabei de rir. Algumas pessoas me encararam, mas eu pouco me importava com o que elas pensavam.

— O que você disse a elas, sua maldita? — Senti meu braço sendo puxado e quando levantei o rosto, me recuperando, novamente fiquei fora de órbita. Ferraz estava tão próximo a mim que eu podia sentir sua respiração em meu rosto.

Não recuei. Fiquei rente aos seus olhos e coleí ainda mais nossos corpos. A batida da música me transportou para alguns meses antes, quando Bruno Mars cantava *Gorilla* enquanto eu e Alexandre nos agarrávamos descaradamente na pista de dança.

— Digamos que a partir de hoje... — eu disse passando a língua de forma provocante em meus lábios — seu amigo não terá a mesma fama. — Vi quando

seus olhos pousaram em minha boca e tudo que eu queria era beijá-lo até amanhecer o dia.

Me afastei e o deixei praticamente salivando. Não sabia se era de raiva ou de tesão e, naquele momento, eu não ficaria para descobrir.

Ferraz

— Bebida, senhor? — o barman perguntou. Eu estava parado olhando Clara se afastar. Todos os homens, mesmo os acompanhados, encaravam a bandida, mas também...

Quando eu a vi entrando, tive vontade de arrancar a cabeça do Bruno por ter me obrigado a estar no mesmo ambiente que ela. Mesmo já sabendo que a noite seria difícil, eu não poderia ter imaginado metade do sofrimento que iria passar. Clara tinha se preparado para me provocar deliberadamente. Prova disso era sua fantasia. Uma saia branca que mais parecia o cós de um cinto de tão curta era o que menos chamava a atenção. Ela usava um espartilho preto, que deixava seus seios empinados e praticamente saltando para fora do decote, saltos altíssimos que a deixavam da minha altura e o pior de tudo: uma capa vermelha de seda completava sua fantasia de Chapeuzinho Vermelho. Porra! CHAPEUZINHO VERMELHO. Assim que eu a vi, me lembrei de cada uma das vezes que brincamos que eu era o Lobo Mau. Clara me pagaria, e caro, por ter se vestido assim.

— Senhor? — O cara ainda aguardava meu pedido de bebida.

— Veneno.

— Como? — respondeu sem entender porra nenhuma.

— Deixa pra lá.

Estava pronto para me afastar, quando uma ideia veio em minha mente. Cheguei perto do bar e me inclinei para falar com o garçom.

— Você viu com quem aquela garota estava conversando? — Apontei para a Clara, que agora dançava animada com Laís no meio da pista. Se é que aquilo podia ser chamado de dança. E, pela cara que o Bruno fazia para a namorada, ele também não estava gostando muito do showzinho das duas.

— A médica? — disse olhando para minha menina. Ele babava em sua direção, e fiz o possível para manter minha calma e não deixar o cara de olho roxo. — Ela estava conversando com mais duas garotas. — Balançou a cabeça sorrindo. — Falavam de um cara que estava com gonorreia. — Todos os meus pelos se arrepiaram e imediatamente meu sangue ferveu em minhas veias. — Coitado do

cara! Esse não pega ninguém essa noite.

— Filha da puta. — Bati com o punho fechado sobre o balcão. Todos em minha volta se assustaram. — Essa maldita me paga — completei ignorando os olhares ao redor.

Não pretendia ficar com aquela loira; na verdade, ela estava me dando nos nervos. Se esfregava em mim de forma vulgar, mas, então, a Clara chegou e me fez fazer a besteira de dizer à garota que a levaria à minha casa. Fiz isso de ódio ao ver a troca de sorrisinhos entre a Clara e o Alberto. Estava na cara que algo acontecia ali, afinal, não seria a primeira vez que ela transaria com o chefe. Um ciúme enorme tomou conta de mim. Tentei me concentrar nas garotas ao meu lado, mas cada uma tinha a cabeça mais vazia que a outra, tornando o papo extremamente chato. Quando percebi a besteira que tinha feito, comecei a pensar em como fazer para dispensar a loira. Mas a Clara fez isso por mim. Só o fato de dizer que eu... que meu amigo tinha... Droga! Não consigo nem acreditar que ela disse isso.

Bufando de raiva, abri caminho entre as pessoas a minha frente. Procurei Clara em todos os lugares e não a achei. Passei próximo ao palco e encontrei Bruno conversando com um grupo de advogados, todos conhecidos de longa data.

— Onde estão as meninas? — Puxei seu braço e nem me dei ao trabalho de cumprimentar as pessoas que estavam com ele.

— Foram no meu apartamento — Bruno respondeu com um sorriso sarcástico.

Antes de sair devolvi ao Bruno o mesmo sorriso irônico.

— A propósito, Bruno, você está ridículo. — Apontei para ele e meu amigo fechou a cara imediatamente com o meu comentário.

Bruno vestia uma fantasia horrorosa de “Tigrão”. Fiz de tudo para que ele desistisse de pagar esse mico, mas o cara estava disposto a tudo para agradar a Laís, e isso incluía usar uma pele com listras e a desgraça de um rabo. Saí do salão o mais rápido que consegui e peguei o elevador. Chegando ao andar do Bruno, tentei abrir a porta, mas percebi que estava trancada. Toquei a campainha e, alguns segundos depois, a Laís a abriu.

— Cadê a Clara? — Empurrei a porta com brutalidade e entrei passando pela Laís.

— No banheiro. — Ela colocou as mãos na cintura me encarando. Bruno tinha razão em arrastar a bunda no chão por essa garota. Laís é lindíssima e estava muito gostosa com sua fantasia de Pantera. — Vê se vocês não quebram a casa — respondeu sorrindo e saiu, fechando a porta atrás dela.

Conhecia aquele apartamento como a palma da minha mão, então eu

caminhei a passos largos até o banheiro. A porta estava entreaberta e de fora eu pude ver Clara tocando o canto dos lábios e de frente para o espelho. A maldita estava inclinada para a frente, arrebizando aquela bunda deliciosa para a porta. Naquele exato momento eu senti meu pau acordar para a vida. Incrível como Clara despertava em mim os sentimentos mais primitivos. Sem bater, escancarei a porta. Clara deu um pulo assustada e eu sorri por tê-la pegado desprevenida.

— Quer dizer que meu pau tem uma doença? — perguntei esperando que Clara negasse. Mas a maldita sorriu na minha cara. Se encostou na bancada e analisou todo meu corpo com os olhos brilhando, de uma forma que eu já tinha visto muitas vezes.

— Achou que eu deixaria aquela loira aguada foder com você? — disse de forma natural, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo.

Clara estava jogando. Isso era transparente como água. Ela estava esperando minha reação à sua confissão. Mas, em vez de brigar ou repreendê-la, eu dei algo que minha menina praticamente implorava. Fui em sua direção e vi quando seus dentes morderam o lábio inferior. Me encostei ao seu corpo e minha mão direita viajou por baixo da sua saia. Gemi ao tocar sua pele tão macia.

— Se vira — ordenei, e Clara não se fez de rogada. Ficou de frente para o espelho e de costas para mim.

Continuei acariciando a parte externa e depois interna de sua coxa. Usei minha mão livre para forçá-la a se debruçar na bancada. O espelho ficou embaçado com a proximidade de sua respiração e eu, cada vez mais excitado, não via a hora de meter fundo dentro daquele corpo quente que eu tanto amava.

— Está esperando o quê? — Clara murmurou implorando que eu a tocasse. Ainda não havia chegado a seu clitóris e ela já estava totalmente descontrolada de tanto tesão.

Quando abri a boca para responder, ouvi batidas na porta.

— Está ocupado — rosnei alto. Não parei de tocar Clara em nenhum momento. Aproveitei sua distração com a porta e tirei sua calcinha do caminho, levando meu dedo para o seu interior.

— Porra! — ela esbravejou, e eu acelerei.

— Puta que pariu. Tem mais gente aqui na sala, só para vocês saberem. — Era a voz do Bruno e junto com ele eu ouvi outras pessoas falando. Ignorei tudo e me concentrei na mulher a minha frente. Clara estava molhada, meu dedo deslizava, entrando e saindo dela com facilidade, e essa receptividade me deixava ainda mais louco.

— Olha para o espelho, Clara — ordenei, e ela obedeceu prontamente. — O

que você vê? — Puxei seu cabelo, fazendo com que sua cabeça inclinasse para trás e seu olhar encarasse o reflexo a sua frente. Nossos olhos se cruzaram no espelho e eu pude ver o quanto nos desejávamos. Sua bunda roçava meu quadril, provocando meu pau, que implorava desesperadamente por alívio.

— Você, Alexandre. Eu vejo você — respondeu praticamente sem ar.

— Isso mesmo, minha menina. — Grudei minha boca em seu ouvido e comecei a sussurrar. — E você sabe por quê? — Ela sacudiu a cabeça negando, enquanto eu lambia seu pescoço. — Porque você é minha. Somente eu posso te comer assim. — Dei um tapa em sua bunda deliciosa e com a outra mão abri o zíper do jeans que vestia, me libertando. — Agora fecha a porra da boca... Nenhuma maldita palavra; caso contrário, todos no apartamento do Bruno vão saber que eu estou te fodendo aqui no banheiro.

Clara se contorceu em meu dedo com a expectativa da promessa que eu fazia. Ela estava prestes a gozar, então eu parei e ouvi um palavrão impaciente vindo dela.

— Não se preocupe. Vou dar o que você quer. — Abaixei minha calça somente o necessário para que minha ereção saltasse livre. Antes de fazer qualquer movimento, eu me agachei e fiquei de joelhos, com o rosto praticamente no meio das pernas da Clara. Ela estava muito molhada e passei minha língua por toda a extensão de sua boceta. Eu nunca conseguiria me acostumar com a sensação de sentir o gosto da minha menina. Seu corpo voltou a tremer, sinal de que o orgasmo a invadiria em breve. Clara gemeu alto e, então, eu retirei a língua e dei mais um tapa em sua bunda.

— Silêncio, vadia! — sussurrei. — Quer que todos saibam que meu pau vai tomar o lugar da minha língua dentro da sua bocetinha? — Clara não respondeu. Pelo espelho eu via sua boca abrindo em um gemido silencioso, mas ela não conseguia pronunciar nenhuma palavra. Seus olhos arregalados e o rosto corado denunciavam que ela estava próxima de seu limite. Como também não iria aguentar por muito mais tempo, eu a abri com as mãos e coloquei meu pau em sua boceta.

Deslizei lentamente até preenchê-la completamente, enquanto minhas mãos seguravam o seu quadril. Apertei forte sua carne, deixando que meus dedos marcassem sua pele. Foi torturante chegar ao final. Estava louco. Desesperado. Queria possuí-la, mas ao mesmo tempo desejei que o tempo parasse naquele momento. Joguei minha cabeça para trás e fechei meus olhos, respirando fundo, buscando calma para continuar. Quando percebi que não tinha como me afundar mais, eu parei. Precisava recuperar minha sanidade, voltar a pensar antes que

fizesse uma besteira.

Abri os olhos e Clara sorria presunçosa no reflexo do espelho. Ela sabia que me tirava dos trilhos e usava isso como arma.

— O que foi Lobo Mau? — perguntou. — É demais para você? — completou.

Resolvi jogar com as mesmas cartas.

— Não... Só pensando se te deixo gozar ou não. — Saí quase completamente dela. Clara já abria a boca para reclamar quando eu voltei a penetrá-la com toda a minha força.

Seu corpo sacudiu com violência e Clara desviou o rosto colocando sua bochecha no espelho.

— O que foi, Chapeuzinho? Demais para você? — repeti suas palavras.

Mais uma vez a preenchi até o fundo, e Clara se contorceu, soltando um grito. Estávamos claramente dando um show para os convidados do Bruno.

— Porra, Alexandre — ela disse meu nome, me dando mais combustível para continuar. Aumentei a velocidade dos movimentos, sem dar descanso para Clara. Depois de tanto tempo sem sexo, estar com ela novamente me atingiu de uma forma muito intensa e eu não conseguiria me segurar por muito tempo.

— Goza, vadia. — Inclinei meu corpo, alcançando seu ouvido. — Minha putinha linda, goza no meu pau — sussurrei obscenidades e comecei a tocar seu clitóris com a mão. Não demorou muito para Clara se contorcer e tentar fugir, mas fui implacável. Meu pau se enterrava nela com força enquanto meu dedo a estimulava, a deixando completamente enlouquecida.

— Com força — ela implorou com a voz entrecortada.

Dei o que minha menina pediu. Sentia as minhas bolas coladas na sua bunda, mas não parei. Continuei até o prazer me invadir. Clara se contorcia e tremia comigo em seu interior. Segurei mais alguns segundos para que ela chegasse ao ápice primeiro e, assim que senti sua boceta apertar meu pau, tive certeza de que gozava. Clara mordeu o polegar para abafar um grito e, com mais alguns movimentos, eu jorrei minha porra dentro dela.

— O que você faz comigo? — Beijei seu pescoço. — Não posso mais, Clara. Não consigo mais ficar longe de você — confessei a verdade que estava estampada em cada palavra e em cada gesto dos últimos meses.

— Meu! — Ouvi-la dizer aquela palavra fez com que meu coração se enchesse de esperanças novamente.

— Minha! — ecoei olhando o reflexo de seus olhos no espelho.

16



Clara

Foi difícil recuperar a respiração com Alexandre ainda dentro de mim. Nem acreditava que aquilo tivesse acontecido bem no banheiro do Bruno. Apesar da surpresa inicial, eu não recuei, precisava daquilo, precisava ser dele novamente. Então, deixei que Alê me possuísse da forma que gostava: bruto, firme e implacável. Não duvidei dos seus sentimentos em momento algum. Enquanto me comia duramente, cada célula do seu corpo transmitia tesão, desejo, paixão. E seu olhar após gozar foi o olhar de um homem apaixonado. Era assim que ele me olhava antes de tudo acontecer. Não perdi tempo, reafirmei o que meu coração já sabia e o que minha alma ansiava. Alexandre era meu.

— Precisamos conversar — eu disse assim que ele saiu do meu interior. Seu pau ainda estava ereto, o que me fez sentir vontade de largar tudo e foder com ele até o amanhecer.

— Precisamos — disse sério. — Mas não hoje, não sei se você sabe, mas a noite é do Bruno e da Laís. — Concordei com ele, pois a festa mal tinha começado e Bruno contava com nós dois para o grande pedido.

Enquanto Alexandre se limpava, lambi os lábios com vontade de cair de boca em seu pau delicioso, mas me contive. Olhando minha cara de pidona, Alexandre fez questão de me provocar demorando mais tempo que o necessário para se vestir. Fiz o mesmo que ele. Me limpei vagarosamente, o deixando desconfortável. Mas, dessa vez, Ferraz saiu vencedor, pois antes que eu colocasse minha calcinha, ele a tomou da minha mão e a guardou no bolso da sua calça.

— Alexandre? — Tentei pegar de volta, mas ele se afastou. — Eu não posso ficar sem calcinha. Já viu o tamanho da minha saia? — Lancei a ele o meu olhar mais duro, mas com Alê não funcionava. *Merda!*

— Pode e vai — disse secamente. O desgraçado ainda teve a audácia de sorrir. — Basta não agachar. Não abrir as pernas. Ou seja, não fazer nenhum movimento que deixe essa bundinha linda à mostra. — Meu queixo caiu até o chão e, em seguida, eu fechei a boca, com medo de ter deslocado o maxilar.

Alexandre deu dois passos à frente e colocou a mão por baixo da minha saia, apertando com força minha bunda. Seus olhos brilhavam e esse era o único vestígio de que acabava de me dar uma das melhores transas da minha vida. Enquanto eu mal respirava, tentando arrumar o cabelo que mais parecia um ninho de passarinho, ele estava intacto, sem nenhum sinal de que tinha me fodido como louco.

— Não vejo a hora da porra dessa festa acabar. — Passou o polegar pelo meu lábio, o levando um pouco para dentro da minha boca. — Vou trepar com você de todas as maneiras que eu conseguir. Esteja preparada — me advertiu e minhas pernas pareciam gelatina depois daquela promessa. — Vou foder cada buraquinho do seu corpo. Começando por aqui. — Tirou o dedo da minha boca e levou até minha bunda, onde sua outra mão me amassava. — Até aqui. — Imediatamente me arrepiei ao senti-lo brincar com meu ânus. Quando pensei que ele tinha acabado de provocar, senti o gosto da sua boca na minha. Deus! Como senti falta do seu beijo. Não era bem um beijo. Ferraz me consumia, mais um pouco e ele se fundiria. Era intenso e ao mesmo tempo reconfortante. Ele precisava de mim da mesma forma que eu necessitava a cada maldito segundo do meu dia da presença dele.

— Você é minha. — Colou a testa na minha. — Entendeu, minha menina? Toda minha. — Suas mãos viajaram por toda a lateral do meu corpo, me acendendo novamente. — Minha putinha linda. — Gemi alto quando alcançou meus seios. — Já quero comer você de novo. Não sei que feitiço você exerce sobre mim, sua maldita.

Alexandre me segurou e me colocou sentada sobre o balcão do banheiro. Enrolei minhas pernas em sua cintura, o puxando mais contra mim. Suas mãos alisaram minhas coxas, subindo minha saia. Estava exposta para ele. Pronta para recebê-lo novamente.

— Caralho. — Mais uma batida na porta. — Vocês dois querem parar de foder no meu banheiro? — Bruno gritou. — Está na hora.

Ferraz soltou um palavrão frustrado e me puxou de volta, me colocando no

chão. Sabíamos que Bruno falava do pedido, então não tivemos outra opção a não ser deixar tudo para depois.

— Mantenha as pernas fechadas. — Ajeitou minha roupa e apontou o indicador para mim e destrancou a porta, saindo. Fiquei ali parada, como uma idiota. Ele saiu como se nada tivesse acontecido.

— Vai ficar aí? — Bruno me trouxe de volta à realidade.

— Estou indo.

Me olhei mais uma vez no espelho, ajeitei meu decote e decidi sair.

Bruno andava de um lado para o outro na sala do seu apartamento. Quando cheguei mais perto, notei o suor escorrer por sua testa. O cara estava uma pilha.

— Estou nervoso. — Parou na minha frente e colocou as mãos em meus ombros. — E se ela disser não?

— Bruno. — Dei tapinhas em suas bochechas com as duas mãos, chamando sua atenção. — Laís te ama. Ela vai dizer sim.

Ele respirou fundo algumas vezes e senti que minhas palavras tinham acalmado o meu amigo.

— Obrigado. — Solto meus ombros e me envolveu em um abraço. — Eca!

Me afastei tentando entender do que ele estava falando. Bruno fazia uma careta de nojo.

— Você está cheirando a sexo — disse agora com um leve divertimento na voz.

Soquei seu braço e Bruno gargalhou.

— Seu filho da puta! — xinguei. — Vamos lá, Tigrão. Estou louca para ver a Laís chutar sua bunda.

Peguei ele pelo braço e atravessamos a porta com destino ao salão de festas. Estava feliz por Laís e Bruno, mas confesso que minha cabeça estava em outro mundo. Um mundo onde a Chapeuzinho Vermelho é apaixonada pelo Lobo Mau.

Ferraz

Contra minha vontade, eu deixei a Clara no banheiro e voltei para a festa. Tinha medo de fazer uma besteira. Descontrole era o meu sobrenome, e, se não fosse o Bruno ter me chamado, nesse momento eu estaria dentro dela mais uma vez.

— Missão dada é missão cumprida. — Laís se aproximou de mim e tirou sarro da minha fantasia.

— Você está ótima. Bruno deve estar surtando.

A garota revirou os olhos, claramente contrariada pelo que eu disse.

— Ele já quis socar a cara de uns dez e me fazer trocar de roupa pelo menos umas quinze vezes — disse séria, mas sem demonstrar nenhum sinal de preocupação.

Vi Bruno passando com a Clara ao seu lado com destino ao fundo do salão. Meu amigo subiu no pequeno palco e pegou o microfone. O objeto caiu no chão fazendo com que um estrondo ecoasse no salão. Laís me olhou confusa, me interrogando com o olhar.

— Ele adora fazer discursos. — Dei de ombros, disfarçando.

Caminhamos entre as pessoas e chegamos mais perto do palco. Fiquei próximo a Clara e Laís entre nós dois. Bruno sorriu em nossa direção e começou a falar. Estava nervoso, isso era fato. O grande advogado que enfrentava juízes, promotores, testemunhas e assassinos estava tremendo para pedir a namorada em casamento. Balancei a cabeça, sorrindo.

— Primeiro, eu queria agradecer a presença de todos. Esse com certeza vai ser o aniversário mais importante da minha vida. — Olhou novamente para Laís e era nítida a cumplicidade entre os dois. Bruno continuou. — Há alguns meses eu resolvi pegar uma balada no fim de semana.

Todo mundo do salão soltou um “oh” longo, como se o Bruno sair para balada fosse algo inacreditável. Todos os nossos amigos conheciam a sua fama.

— Posso continuar? — perguntou nervoso. — Então, eu tive uma visão com a mulher mais perfeita do mundo dançando uma música que dizia que ela era livre como uma folha no ar. Foi quando eu conheci a minha Pantera.

Olhei para o lado e vi Laís com os olhos cheios de lágrimas. *Mulheres*.

— Na hora, pensei: “Porra, ela é a mulher mais gostosa desse mundo.” Desculpa, Clara, você também é gostosa, mas já tinha dono. — Clara sorriu constrangida e me olhou de lado. — Acontece que eu descobri que essa mulher era muito mais que um corpo perfeito e um rosto mais perfeito ainda. Minha linda Laís é uma guerreira, inteligente, divertida, companheira e me faz o homem mais feliz desse mundo. É por isso... — Bruno se ajoelhou e todo mundo começou a gritar. O DJ trocou a música que tocava por uma bem romântica, que eu não conhecia, mas que falava muito do momento.

*So many nights trying to hide it
But now I stay awake just pleading for more
To think this heart was divided*

I'm losing sleep cause I can't ignore...

*Feeling your touch all around
Peacefully hearing the sound
Of silence around us,
I'm so glad we found us this way*

*Find me, here in your arms
Now I'm wondering where you've always been
Blindly, I came to you
Knowing you'd breathe new life from within*

*Can't get enough of you**

— Me conceda, Laís, o maior presente da minha vida. — Bruno respirou fundo. — Aceite ser minha esposa. Casa comigo?

Eu e Clara olhamos para o lado e vimos Laís estática. Ela não sorria, não chorava, não demonstrava nenhuma reação. Por um momento, um silêncio constrangedor tomou conta de todo o salão e fiquei com medo do meu amigo levar um belo de um não. Mas, de repente, Laís começou a pular para cima e para baixo sacudindo as mãos freneticamente.

Sério! Fiquei assustado. A mulher estava tendo uma crise. Só pode.

Laís saiu correndo em direção ao palco e se jogou em cima do Bruno. Meu amigo caiu de costas no chão. Alcançou o microfone que estava em sua mão e do chão mesmo respondeu.

— Sim. Eu aceito — disse ofegante. — Agora vamos para casa. Quero transar com você até o casamento.

Todos sorriram e bateram palmas, enquanto o casal trocava um beijo apaixonado no palco. Olhei para Clara ao meu lado, e minha menina chorava olhando a amiga. A felicidade dos dois irradiava por todo o lugar. Eles se levantaram e trocaram alianças seguido de mais beijos. Então, Bruno pegou novamente o microfone.

— Bom, pessoal, a festa continua — disse entre sorrisos. — Mas não posso desobedecer o primeiro pedido da minha noivinha. — Puxou Laís para o seu lado. — Vamos para casa, Pantera. Vou mostrar por que eu sou o seu Tigrão.

Os dois saíram de mãos dadas do palco e correram em direção à saída, sem parar para falar com ninguém. Me virei para chamar a Clara para ir embora, mas a maldita não estava mais lá. O DJ voltou a animar a festa e as pessoas tomaram o

centro da pista de dança, bloqueando minha visão. Procurei Clara em todos os cantos e não a avistei. Jurei que, se ela tivesse ido embora sem mim, eu a colocaria no meu colo e deixaria sua bunda vermelha de tanto bater naquele traseiro.

Andei mais um pouco e finalmente avistei a Chapeuzinho Vermelho mais linda de todo o universo. Estava de costas para mim e conversava animadamente com... *Mas que porra é essa? O que o Rodrigo faz aqui?*

Comecei a caminhar, mas praticamente voei quando vi Rodrigo segurar o braço da Clara quando ela já estava saindo. Ele a puxou contra ele no momento em que cheguei. Levou apenas um segundo. Foi tudo muito rápido. Em um momento eu caminhava e, no outro, Rodrigo estava no chão com a mão no queixo, onde eu o tinha acertado. Ele rolava no chão e eu sabia que podia ter cometido um estrago irreversível em seu rosto. Treinava muito e tinha noção da força do meu soco.

— Porra, ficou louco? — Rodrigo gritou do chão. Pelo jeito, peguei leve, pois o cara ainda conseguia falar. — Eu posso te processar, sabia?

Sabia. Mas estava pouco me lixando para o que ele ia fazer. Algumas pessoas se aproximaram, mas nenhuma se atreveu a se meter. Me conheciam muito bem para saber que isso não seria uma boa opção.

— Faça isso — gritei com ele e um dos meus braços arrastou Clara para que ela ficasse atrás de mim. — Mas não esqueça que sou o melhor advogado da cidade e que sua ficha anda mais suja que pau de galinheiro. — Eu não podia provar, mas sempre rolou um boato de que Rodrigo participava de um esquema de venda de sentenças, em que recebia propina para favorecer réus em seus julgamentos. Claro que ele não precisava saber disso.

Como imaginei, Rodrigo se levantou vermelho de raiva, mas não me enfrentou. Abriu caminho gritando com as pessoas e saiu. Tomei ar e virei para olhar a minha menina. Clara mantinha uma cara assustada, mas eu não me importava, ainda estava puto por ela ter dado conversa para ele.

— Você só faz merda. — Clara olhou de um lado para o outro e depois para mim. Parecia envergonhada com as minhas palavras. — Há alguns dias esse filho da puta me provocou no fórum, e agora você se joga em cima dele.

— Ei! — gritou e bateu o dedo indicador no meu peito. — Eu não me joguei em cima de ninguém. E eu não sabia que ele estava provocando você.

— Claro que não. — Sorri irônico. — Você me abandonou, me tirou da sua vida.

Clara se contorceu e vi o quanto a dor tomava seu rosto.

— Aqui não é lugar para falarmos sobre isso. — Ela estava mais calma.

— Não mesmo — concordei. — Vamos para o seu apartamento. Eu te como e depois você me conta o que diabos eu fiz para você me deixar.

Arrastei Clara até a minha caminhonete. No caminho, eu torci silenciosamente para que dessa vez sua história não envolvesse o Dereck. Não suportaria ouvi-la dizer mais uma vez que amava outro.

* *Find me*, Boyce Avenue.

*Clara*

Lá vamos nós! Eu não consegui deixar de me lembrar do dia em que Alexandre e eu saímos do show do Dereck. Aquela noite entrou para a minha top list, e agora estávamos aqui novamente, mas dessa vez no meu prédio, com Alexandre enfiando a mão por baixo da minha saia, enquanto eu tentava tirar as chaves da bolsa.

— Alexandre, alguém pode nos ver — disse, mas, na verdade, rezava para que ele não parasse. O meu desespero por ele era algo que transcendia os sentimentos normais. Beirava a loucura. Mas era a loucura mais lúcida que eu já tinha vivido.

Alê colou o corpo atrás do meu e esfregou o quadril em minha bunda. Eu sabia que as minhas palavras tiveram o efeito contrário: depois que pedi para ele parar, suas investidas se intensificaram.

— Eu sei que você gosta, sua safada — sussurrou em meu ouvido. — Molhadinha já, minha menina? — Mordeu de leve meu ombro, arrancando um gemido da minha garganta. — Acho que vou te fazer gozar bem aqui, nesse corredor. E, se aparecer alguém, todos vão saber que você é minha. O que acha?

Se eu achava alguma coisa, não era capaz de verbalizar. Nem sei como ainda estava de pé, pois, enquanto Alexandre falava, um dedo longo me invadia. Com a minha calcinha confiscada, o caminho estava livre para que meu Lobo Mau realizasse suas peripécias. Sua outra mão segurou a lateral do meu rosto, me fazendo olhar para ele. Lindo! Uma beleza que eu não cansava de admirar. Beijou minha boca com uma intensidade monstruosa. Mordia meus lábios e os segurava

entre os dentes, deixando uma ardência bem-vinda em minha boca. Sua língua era impiedosa, não me dando chances de calcular o perigo ou o constrangimento de ser pega fodendo no corredor. As chaves da porta já estavam em minhas mãos, mas eu não tinha vontade de usá-las. Na verdade, a única coisa que eu queria abrir nesse momento eram minhas pernas para ser totalmente possuída por Alexandre.

Olhou de um lado para o outro, me fazendo perceber que, pelo menos, um resquício de preocupação com a moral e os bons costumes havia restado nele.

— Abre mais as pernas, minha menina. — Sério? Queria confrontá-lo. Dizer que não era certo. Mas, antes de obter as palavras para argumentar, senti um tapa na bunda. Ele estava fazendo isso repetidamente hoje, mas eu não seria louca de reclamar. — Você pensa muito. Eu mandei abrir a porra das pernas, é simples — disse e colocou a perna direita entre as minhas, forçando que eu as afastasse. — Mãos na parede. Você tem direito de ficar calada enquanto eu fodo você com meu dedo. — Entrava e saía de mim devagar, me levando à beira do abismo. — Qualquer coisa que disser será usada contra você nas próximas noites. — Até poderia ter achado graça ao ver o Alexandre encarnar o policial do Bope, mas estava tomada pelo desejo. Ele estava certo, eu gostava desse jogo. Amava a adrenalina de saber que a qualquer momento meu vizinho abriria sua porta ou que a porta do elevador poderia abrir. Não conseguia me controlar.

Senti seu nariz em meu pescoço e segurei a respiração.

— Minha.

Me concentrei naquelas palavras que ansiava ouvir com toda a minha alma.

— Meu. — Levantei um pouco a bunda, dando a ele total acesso para que fizesse o que quisesse comigo. Eu poderia me dar inteira para o Alexandre, sem medo, vergonha ou reservas, pois nunca sairia perdendo.

— Boa garota, talvez eu pegue leve — soou sarcástico e pude ouvir uma risadinha cínica. Fiquei sem entender o que tinha de engraçado em ter uma mulher praticamente entrando em combustão em suas mãos. — Eu nunca vou pegar leve com você. — Entendi o motivo da ironia. E ele estava mais que certo. Todas as vezes que transamos ou fizemos amor foi intenso. Não importava como, com Alexandre era sempre sobrenatural, mágico e inesquecível.

— Ouça. — No começo, achei que vinha alguém e que queria que eu escutasse os passos. — Adoro o som que a sua boceta faz quando está assim, bem meladinha.

Eu estava a ponto de explodir, e ao ouvir aquelas palavras todo o meu corpo estremeceu.

— Eu preciso disso — falei do orgasmo que já se formava em meu interior.

— O que você precisa é do meu pau enterrado bem fundo em você — sussurrou. — Mas, como disse, vou pegar leve. Goza, gostosa.

Uma mão tocava os meus seios através do meu decote e a outra continuava me causando sensações prazerosas. Alexandre ficou meio de lado e inclinei a cabeça para trás para ver o que ele estava fazendo. Enquanto seu dedo me levava ao céu, ele olhava a minha bunda com desejo, com malícia, como se eu fosse sua presa. A presa de um animal faminto e insaciável.

Ele aumentou suas investidas. Levei uma das mãos à boca e mordi os dedos, abafando o grito que acompanhava meu clímax. Queria gemer, gritar, dizer para o prédio inteiro que ele tinha voltado. Vendo que conseguiu o que queria, parou de me tocar e me virou rapidamente para ele. Fitei seus olhos e vi o brilho quando sua língua deslizou pelo dedo, lambendo a minha excitação.

— Abre a porta, meu amor. Ou quer continuar aqui fora? — falou, e, para dar o troco, passei minha mão direita pela sua coxa e parei em cima do seu zíper. Debaixo da sua calça jeans estava o protagonista dos meus sonhos mais pervertidos.

— E se eu quiser retribuir? — Ele sabia que eu me referia ao orgasmo arrebatador que ele tinha acabado de me proporcionar. Levantou uma sobrancelha, fazendo eu me arrepender instantaneamente da pergunta que acabava de fazer.

— Não tem problema nenhum. Mas, se você se ajoelhar para me chupar, só se levantará depois que tiver engolido a última gota do meu gozo. — Se aproximou, pressionando o seu corpo contra o meu. Eu estava quase do tamanho do Alexandre, mas mesmo assim ele continuava ameaçador. Quando levantava os ombros e impunha seu olhar mais duro, passava a ter dois metros, intimidando qualquer um a sua frente. Bom, menos a mim!

Aproveitei a sua proximidade e levei meus lábios ao seu pescoço, dando beijos que o fizeram se arrepiar. Adorava saber que eu deixava *Alexandre, o grande* totalmente fora de controle.

— Abra essa maldita porta ou não respondo por mim. — Sua voz era tão dura quanto o seu olhar.

Finalmente, abri a porta. Podia ouvir a respiração ofegante do Alexandre atrás de mim. Pensei em ir para o quarto, mas suas mãos alcançaram meu quadril me puxando para o sofá.

— A primeira vai ser aqui. Estou quase explodindo de desejo para aguentar mais um minuto. Depois podemos inaugurar cada canto da casa. — Antes de sentar no sofá, ele tirou o celular do bolso da calça e colocou na mesa de centro.

Eu encarava seu belo corpo enquanto tirava a camiseta e descia o jeans. Desfiz o laço que prendia o meu espartilho e o deixei cair pelo meu corpo. Tirei as sandálias e caminhei até o sofá, onde Alexandre me esperava gloriosamente nu e totalmente pronto para me receber.

— Senta — sussurrou. Fui até ele, enfeitçada pelos seus olhos. Subi no sofá e sentei sobre ele. — Me fode — pediu, e eu obedeci.

Minha mão direita segurou seu pau com firmeza e o guiou até a entrada da minha boceta, o posicionando de modo que pudesse descer por ele.

— Ahhh! — Alexandre fechou os olhos assim que seu pau invadiu os primeiros centímetros do meu corpo. — Assim... Que delícia! Que saudades... Saudade de estar dentro de você. — Abriu os olhos e se inclinou para passar a língua nos meus seios. — Saudade desse seu corpo maravilhoso. Dessa sua pele macia. — Suas mãos seguraram o meu quadril, guiando os meus movimentos. — Saudade de te fazer minha. Toda minha. — Sua mão puxou meu cabelo para trás, me imobilizando. Eu tentava me mexer, queria mais, mas uma de suas mãos me segurou no lugar. — Diga — ordenou.

— Toda sua. Sempre fui e sempre serei — confessei o que Alê queria ouvir. — Nunca haverá outro. Você tem o meu corpo, o meu coração e a minha alma. Eu te amo, Alexandre — disse o que todo o meu corpo revelava. Cada toque, cada gesto, cada olhar do Alexandre fazia com que meu corpo se acendesse, como se eu tivesse sido feita para ele.

— Eu também te amo. Amo como jamais amei, como jamais pensei que seria capaz. Você é o que me faltava, a minha metade, a dona do meu coração.

Voltou a se mover e eu não consegui segurar as lágrimas que teimavam em cair. Achei que Alexandre pararia ou me mandaria parar de chorar, mas, pelo contrário, levou seus lábios para meus olhos e beijou ambos, beijou minhas lágrimas, meu sofrimento, minha esperança.

Foi então que entendi que tudo o que tinha passado em minha vida tinha um único propósito: me manter viva para encontrar o homem que dava sentido a tudo.

Era ele. O único. Alexandre.

Ferraz

Acordar com a Clara agarrada ao meu corpo era uma das coisas de que eu mais sentia falta. Assim como de seu cheiro, de seus gemidos quando estava dentro dela, de sua risada sapeca quando eu falava sacanagem em seu ouvido, do

jeito que sua língua dobrava ao falar meu nome... Porra! Sentia falta de tudo! Não poderia mais viver sem ela. Por um tempo eu tentei me convencer de que essa vontade desenfreada de tê-la era algo doentio, que não era saudável depender tanto de uma pessoa para ser feliz como eu dependia da Clara.

Abri meus olhos e ainda estava escuro. A cabeça da Clara estava apoiada em meu braço e, com cuidado, peguei meu celular no criado-mudo e vi que horas eram. Seis da manhã. Pensei no que fazer. Queria aproveitar o dia todo com a minha menina, mas ainda não tinha decidido para onde levá-la ou o que fazer. Olhei para o teto e fiquei um tempo analisando as possibilidades. Me lembrei da cidade serrana que Diego tinha elogiado. Era longe, mas, se saíssemos naquele exato momento, poderíamos aproveitar toda a tarde e a noite, e voltaríamos amanhã a tempo de ir trabalhar.

Pensei em todos os detalhes e, com o plano traçado, parti para o mais difícil: acordar a Clara.

— Vai ver se eu estou na esquina — murmurou mal-humorada. Não era fácil tirar minha menina da cama de manhã cedo. Ficamos alguns meses separados, mas acho que isso é algo que nunca vai mudar. Toquei novamente em sua costela e dei uma leve sacudida. — Porra, Alexandre! — xingou se virando para mim. Sua testa franzida e os olhos inchados, de quem tinha acabado de acordar, a deixavam ainda mais linda.

— Bom dia, minha menina. Se levanta e arruma suas coisas, vamos viajar — informei. Nem perguntei se queria ir, não aceitaria um não como resposta mesmo.

— Você bateu com a cabeça? Se drogou enquanto eu dormia? — Fez uso de todo o sarcasmo que tinha.

Levantei, e Clara ficou na cama. Minha menina se sentou deixando a parte de cima do seu corpo completamente nu à mostra. Demorei alguns segundos para me desprender daquela visão. Seus mamilos rosados praticamente imploravam para serem acariciados.

— Vamos para a serra! Voltamos amanhã cedo. — Estava muito animado com a possibilidade de passar o dia longe de tudo e de todos. Apenas eu e minha menina. Mas o fato de Clara não se mexer estava me deixando puto. Vesti a cueca preta que usava na noite anterior e parei em pé em frente à cama esperando uma reação. — Você vem comigo ou não? — Elevei o tom de voz, soando mais sério.

— Alexandre, eu preciso trabalhar amanhã bem cedo — respondeu preocupada.

Caminhei até ela e dei um beijo carinhoso em sua testa. Instintivamente, toquei o seu rosto acariciando sua pele. Clara beijou a palma da minha mão,

virando o rosto, e olhou para mim.

— Te trago de volta a tempo. Eu prometo. Só quero passar o dia todo com você, longe daqui. — Vi seu semblante suavizar e ela aceitou a minha proposta. Era tudo que eu precisava para trazê-la novamente para a minha vida. Um dia inteiro em que me dedicaria exclusivamente e totalmente a ela. — Então vamos lá, não podemos sair tarde. — Clara se levantou subindo na cama e me assustou ao pular em mim e entrelaçar suas longas pernas em minha cintura. Suas mãos seguraram meu pescoço e apenas com aquele movimento eu me sentia pronto para tomá-la novamente. Meu corpo ansiava desesperadamente por Clara, mesmo depois de termos transado três vezes durante a noite. Joguei ela na cama e me joguei sobre ela. Ouvi sua gargalhada. Vê-la sorrir acalmava o meu coração. Deslizei a mão pelo seu seio e o sorriso foi substituído por uma expressão sexy, de puro desejo.

— Não podemos sair tarde — usou as minhas palavras contra mim. Mas já era tarde. Não poderia parar. Não com Clara totalmente nua debaixo de mim.

— Vai ser rápido. — Abri suas pernas e me encaixei nelas. — O que não significa que não te levarei ao céu.

Chegamos à pousada duas horas depois de sair da cidade, por volta das dez horas. A saída foi um pouco mais demorada do que planejei, mas não tinha arrependimentos, estar com a Clara era tudo que eu queria.

— Vai falar que temos uma aliança nas nossas partes íntimas novamente? — sussurrei de lado. Clara sorriu, com certeza se lembrando do nosso check-in no congresso.

— Não acredito que seja preciso. Essa senhora deve ter uns 70 anos — respondeu usando o mesmo tom de voz que eu.

— Chalé 15, dr. Ferraz — a recepcionista informou. — Se o senhor precisar de alguma coisa, meu nome é Beth. — Abriu um sorriso sedutor e eu não pude segurar a risada.

A mulher me encarou ainda mais, enquanto eu sorria, provavelmente pensando que sorria para ela. Senti uma fisgada em minha bunda: era Clara me beliscando.

Olhei minha menina e não acreditei que ela estivesse com ciúmes. Percebendo minha expressão, cerrou os olhos e me encarou com raiva.

— Obrigado, Beth. — Era minha vez de provocar. Dei uma piscada e a

recepcionista corou. Suspirou alto e se afastou para atender outro cliente.

Peguei na mão da Clara, entrelacei nossos dedos e andamos à procura do nosso chalé. No início, ela estava em silêncio e eu ria internamente do seu ciúme idiota. *Ela ainda me ama!*

— “Obrigado, Beth” — repetiu minhas palavras com uma voz fina.

Não consegui mais segurar o riso, que saiu sem controle, invadindo o ar frio que nos envolvia.

— Ciúme, Clarinha? — provoquei.

Virou e parou na minha frente, me enfrentando.

— Lógico que não, apenas indignada com a sua cara de pau em flertar com uma mulher que poderia ser a sua avó — tentou se explicar, mas não me convenceu.

— As coroas também merecem amor.

— Alexandre, vai tomar no seu... — Antes de ela me mandar para aquele lugar, eu a puxei em meus braços e calei sua boca com um beijo.

Clara não me impediu. Soltoou a mala que carregava e grudou em mim. Pegou tudo que podia da minha boca e eu saboreei cada centímetro dos seus lábios macios. Nos separamos já sem ar, sem rumo e sem direção. Fiz a mesma coisa que ela, coloquei a minha bolsa no chão e segurei seu rosto. Forte e decidido. Encarei os olhos que eu tanto amava, com os quais tanto sonhava e pelos quais tanto ansiava. Eram eles que eu queria ver todos dias quando acordasse, era seu olhar que eu queria ver antes de dormir.

— Sei que temos muito o que conversar.

Percebi que desviou os olhos dos meus, então forcei minhas mãos em seu rosto a trazendo de volta para mim.

— Ei, você é minha, entendeu? — Clara balançou a cabeça concordando. — Seja o que for, vamos enfrentar juntos. Você não vai mais sair do meu lado. — Clara me abraçou e descansou a cabeça no meu peito.

Dessa vez era tudo ou nada. Isso me assustava, pois, em se tratando da Clara, eu nunca sabia o que esperar.

Pegamos as nossas coisas e nos dirigimos para o chalé. Era pequeno, mas muito aconchegante. Fazia um pouco de frio, um clima perfeito para um dia a dois.

Sorri quando Clara atravessou a sala e correu para ligar a lareira. Era uma dessas modernas, elétricas, mas não deixava de ser um atrativo a mais. Fiquei parado na porta olhando minha menina. Estava vestida com um jeans escuro, botas sem salto e uma camisa azul com um lenço no pescoço. O cabelo amarrado

em um rabo de cavalo completava seu visual com perfeição.

— Vem aqui. — Sentou no chão e indicou que eu sentasse ao seu lado. Foi o que eu fiz, mas antes tirei meus sapatos. Me acomodei ao seu lado e logo Clara se deitou no meu colo. — Nem acredito que estamos aqui. Juntos novamente.

Acariciei seu cabelo, enquanto ela se aninhava ainda mais em minhas pernas. Parecia uma gatinha manhosa.

— Por que você me deixou? — perguntei. Não aguentava mais esse martírio e essa dúvida me corroendo. Fazia de tudo para não acreditar que tinha sido por causa do Dereck, mas todas as pistas indicavam isso. Era doloroso demais pensar que ela poderia me deixar por ele outra vez. E eu não sabia se conseguiria suportar.

— Eu vou te contar tudo, só peço que seja no fim do dia. — Levantou um pouco o rosto me olhando nos olhos. — Antes quero aproveitar esse lugar maravilhoso com você. Por favor? — pediu, e eu não pude negar. Faria tudo por ela. Para ela.

— Quer fazer o quê? Não temos tempo de fazer nenhum passeio antes do almoço — falei depois de ver que horas eram.

Clara me olhou com desejo, se levantou e se sentou encaixada em mim.

— Sei de algo que podemos fazer. — Botão por botão foi abrindo sua camisa. Seus olhos nunca deixavam os meus. Vez ou outra passava a língua nos lábios, me provocando. — Está cansado da viagem?

Incrível como um dia antes mal nos falávamos e agora agíamos como se nunca tivéssemos nos separado. Como se o simples fato de estarmos juntos apagasse toda a dor, todo o sofrimento que senti. Clara era a cura para tudo.

— Nunca estarei cansado para você, minha menina. — Aproveitei que o último botão de sua camisa tinha sido aberto e a ajudei a tirá-la. Seu sutiã preto de renda contrastava com sua pele branca. — Linda... Linda... Linda... Linda.

Poderia repetir um milhão de vezes se necessário. Alcancei o fecho do sutiã e o abri. Passei minhas mãos por suas costas, desde o seu pescoço até o quadril. Sentia sua pele arrepiar e meu pau começava a endurecer, ganhando vida e implorando para não ser ignorado.

Clara se levantou para retirar as botas e eu fiquei de pé. Quando fui abrir o botão do meu jeans, eu a vi, caída de joelhos diante de mim, só de calcinha preta. Abaixou minha calça e, antes de tirar a minha cueca, me acariciou, me provocando por cima do tecido.

— Se lembra da nossa primeira noite? — perguntou olhando para mim.

Meu pensamento voou para o dia em que cheguei ao bar e vi aquela mulher

com jeito de menina sentada sozinha no balcão. Lembro que tocava a música do Bruno Mars enquanto dançávamos com nossos corpos colados, sentindo as primeiras sensações daquilo que viraria um vício.

— Ahhh! — gemi quando senti sua mão delicada colocar o meu pau para fora. Então, me lembrei do sexo oral maravilhoso que fez em mim, da sua liberdade, da sua falta de pudor em buscar o seu próprio prazer. O que me fascinava e me deixava mais dependente dela. — Me coloca para dentro. Deixa essa sua boquinha gulosa fazer sua mágica.

Foda-se! Eu estava implorando, mas não via a hora de Clara me dar o que prometia. Ela fez o que pedi: inclinou a cabeça para o lado e me abocanhou. Ainda bem que estava perto da parede, pois no momento que senti meu pau bater em sua garganta eu perdi o equilíbrio. Depois, foi a vez da sua língua brincar comigo, me levando à loucura. Lambia toda minha ereção, e dava atenção especial à cabeça do meu pau. Senti quando cuspiu nele, me deixando ainda mais excitado. Sua boca molhada, com ele todo dentro dela, me tirava do chão. Queria meter nela, fundo, até chegar a sua garganta. Desejo, tesão, possessividade, paixão, amor. Sentia tudo ao mesmo tempo e com igual intensidade.

Segurei a base do meu pau com uma das mãos e a outra pegou a cabeça da Clara. A maldita se inclinou de lado e eu podia ver seus movimentos. Era extasiante vê-la de joelhos diante de mim, com aquela boquinha pequena toda preenchida por mim.

Comecei a enfiar mais rápido. Segurava sua cabeça para não se afastar e enfiava até o limite. Quando sentia Clara recuando, eu tirava um pouco para ela poder respirar e no segundo seguinte a invadia novamente.

Foi um vaivém inexplicável. Queria levá-la para o quarto e me enterrar nela, mas Clara não parava de gemer enquanto me chupava por inteiro e, assim, não tinha forças suficientes. Quando colocou meu pau totalmente na vertical e agachou um pouco mais, eu previ que o orgasmo viria em poucos segundos.

Passou a chupar minhas bolas, colocando-as dentro da boca, enquanto suas mãos me masturbavam sem parar.

— Eu vou gozar — avisei. A voz saiu estrangulada. Então, Clara voltou a me chupar e aumentou o ritmo. Fiz o mesmo, segurando sua cabeça com a mão para controlar seus movimentos. — Quer na boquinha? — perguntei atrevido. Seus olhos brilharam. Clara respondeu me chupando com vontade até que eu não aguentei mais e me deixei levar pelo desejo. Meu abdômen se contraiu enquanto meu corpo se saciava com o prazer absurdo que sentia. Meus gemidos se confundiam com os dela, que parecia sentir tanto prazer quanto eu.

— Como eu senti sua falta — declarei para que soubesse que minha vida não tinha sentido sem ela.

— Também senti — respondeu, e eu sabia que era verdade.

Peguei minha menina em meus braços e a levei para o quarto. Tudo o que eu mais queria era retribuir o que acabara de receber. Beijaria com adoração cada pedaço daquele corpo feito sob encomenda para mim.

— Clara, estamos atrasados para o almoço — gritei. Depois da nossa sessão de sexo, que terminou com os dois exaustos sobre a cama, Clara estava se arrumando para sairmos. Escolhi um restaurante próximo, no centro, assim poderíamos conhecer um pouco da cidade.

Ela respondeu alguma coisa dentro do banheiro, mas eu não consegui ouvir direito. E nem sei se queria. Sentei no sofá da sala e tentei relaxar, esperando minha menina. Chegou uma mensagem em meu celular e, como poderia ser o Diego ou minha mãe, deslizei o dedo sobre a tela. Um número desconhecido tinha me enviado um vídeo. O pânico tomou conta de mim, pois o medo das ameaças ainda me rondava. Cliquei para vê-lo e logo a música *Só hoje*, do Jota Quest, começou a tocar. O vídeo estava escuro, mas deu para ver claramente quem cantava. Meu sangue ferveu e o ciúme nublou meus olhos. Sacudi a cabeça tentando clarear os pensamentos e conseguir terminar de ver aquela merda. Dereck descia do palco e andava em direção a uma mesa onde Clara estava. E, então, segurou a mão da minha menina e a levou ao peito. Nesse momento meu corpo inteiro tremeu. Trocaram algumas palavras e o que eu temia aconteceu: os dois se beijaram.

— Porra! Desgraçada — gritei sem conseguir me controlar.

Eu era ódio puro. Queria bater. Socar. Matar o filho da puta por ter tocado nela novamente.

O vídeo continuou por mais alguns minutos e terminou com Clara e Dereck saindo do bar de mãos dadas.

Era ele. Era o filho da puta que a tirou de mim, que fez com que Clara me abandonasse quando mais precisasse, quando o medo de perder meu irmão em uma mesa de cirurgia me devastava.

Sem querer ver mais nada, eu apertei meu celular nas mãos quase o destruindo, tamanha era a raiva que sentia naquele momento.

— Alê? — Fechei os olhos ao ouvir a voz da Clara me chamando. Não

conseguia olhá-la. Temia pela minha reação. Estava possuído pelo ciúme, que tirava a minha sanidade. — O que está acontecendo? — perguntou ao me ver naquele estado. Abri os olhos e a encarei.

Clara percebeu que eu descontava toda a minha raiva no celular e se aproximou. Continuei parado, com medo de ser traído pelas minhas emoções e fazer alguma coisa imperdoável. Precisava sair dali e sumir.

— Alexandre, eu posso te explicar. — Sua voz se alterou. — Não sei o que te mandaram, mas não é o que você está pensando. — Se aproximou e, antes que me abraçasse, segurei suas mãos.

Clara estava desesperada e eu me amaldiçoava mentalmente. Tudo que vivemos ontem e hoje foi a merda de uma mentira.

— Vai dizer que não é você e o americano desgraçado? — enfim consegui falar, mostrando o celular para ela.

— Sim, somos nós — Clara não negou.

Desci seus braços e a empurrei para trás.

— Se beijando, Clara? Que porra é essa? — gritei me afastando um pouco. — O que você quer fazer comigo? Me destruir, me ver no chão?

Ela andava atrás de mim tentando me alcançar, mas eu me desvencilhava em todas as suas tentativas.

— Você quer me escutar? Eu e o Dereck não nos beijamos.

— Não! Não quero — rebati.

E não queria mesmo. Coloquei o maldito celular no bolso e corri para o quarto. Joguei todas as roupas dentro da mala, enquanto Clara tentava me convencer a parar e ouvi-la.

Dessa vez, quem precisava sair era eu. Desisti de lutar com ela e deixei a mala no quarto.

— Alexandre, você não vai sair sem me escutar — gritou quando eu cheguei à porta. — Se você sair por essa porta, sem me dar a chance de me explicar, não precisa mais voltar.

Fiz a mesma coisa que ela fez comigo: saí sem olhar para trás. Do lado de fora do chalé eu escutei Clara me mandando ir para o inferno, mas não me preocupei, pois estava nele desde o dia em que ela saiu pela porta daquele hospital.

18



Clara

— Alexandre, volta aqui. — A raiva tomava conta de mim. Quando saí do chalé, sua caminhonete já estava na estrada. — Seu desgraçado, filho da puta! — gritei.

Fiquei sem reação. Não sabia o que fazer ou como agir. Como tudo pode dar errado de uma hora para a outra? Alexandre não se dignou a me escutar e, mesmo eu dizendo que se saísse não teria mais volta, o desgraçado nem olhou para trás. Meu peito sangrava, as lágrimas insistiam em sair, quando lembrei que tinha feito o mesmo com ele.

— Quando esse pesadelo vai acabar? — roguei aos céus. Me sentia culpada por tudo. Por Felipe, por Diego, por Alexandre. E quando finalmente decidi que era hora de começar uma vida nova, o destino mais uma vez conspirou contra mim. Voltei para dentro e vi o caos que estava, com as roupas do Alexandre espalhadas pelo chão. Comecei a juntar tudo e minha cabeça fervilhava com pensamentos que eu não conseguia ordenar. No entanto, um se destacava: quem enviou o vídeo?

De cara, já descartei o Dereck, pois ele estava comigo e, por mais que dissesse que me amava e que me esperaria, eu não acreditava que ele fosse capaz de algo tão baixo. Não era o estilo do Dereck, ele não agia pelas costas. Se tivesse que fazer alguma coisa, seria abertamente, para qualquer um ver. Algumas possibilidades começaram a me rondar. Me sentei no sofá com uma camiseta do Alexandre nas mãos. Patrícia, Lana e até o responsável pelas ameaças seriam capazes de me

seguir. Claramente, essa pessoa não queria me ver com o Alexandre. E se enviou o vídeo justo hoje, também sabia que ele estava comigo. Um arrepio de medo percorreu minha espinha. *Será que eu corria perigo?*

Sacudi a cabeça me livrando daqueles pensamentos. Se Ferraz partiu sem se preocupar, não seria eu que ficaria paranoica. Me levantei e coloquei todas as coisas dele na mala, menos a camiseta que estava em minhas mãos, que guardei na minha bolsa. Não sei bem por que fiz aquilo. Talvez quisesse uma lembrança, um amuleto para me apegar nos dias de saudade. Liguei para a recepção e avisei que estava de saída. Também pedi um táxi para que eu pudesse voltar. Para minha surpresa, a recepcionista informou que a conta estava paga e que um táxi já me esperava na porta do chalé. Levei as malas até a porta e o motorista as levou até o carro.

Olhei para o lugar onde imaginei que recomençaríamos, mas que apenas presenciou mais um ponto final.

Cheguei em casa cansada, com fome e destruída. Abri a porta e, quando entrei, dei de cara com o Nando e um rapaz no sofá. Ele pulou assim que me viu e ficou extremamente sem graça, apesar de não estarem fazendo nada de mais.

— Clarinha, desculpa, achei que voltaria só amanhã — disse envergonhado. O seu amigo também me olhava sem graça.

Coloquei um sorriso no rosto para tranquilizar o meu amigo.

— Ei, tudo bem! Eu deveria ter avisado que voltaria. — Andei em sua direção e o abracei. — Você está deixando o garoto constrangido — sussurrei em seu ouvido.

Nando se afastou e eu percebi sua cor voltando ao normal. Como ele era extremamente reservado, deve ter sido um baque ter sido pego com alguém. Nando nunca tinha trazido ninguém para o nosso apartamento, nem amigos.

— Clarinha, esse é o Guilherme — me apresentou ao jovem loiro que ainda estava no sofá. — Gui, essa é minha amiga Clara e a dona do apartamento.

O rapaz, que era tão lindo como o Nando, andou em minha direção e estendeu a mão para me cumprimentar. Então, o puxei para lhe dar um beijo no rosto.

— Seja bem-vindo, Gui. Posso te chamar de Gui, né? — Tentei deixá-lo à vontade. Sorriu gentilmente e olhou para o Nando. Amigo o caramba. Estava na cara que eles estavam apaixonados.

— O prazer é meu, Clara. Fernando fala muito de você. — Apesar de parecer jovem, sua voz era grossa e firme, de alguém que sabe o que quer. — Sempre tive curiosidade em te conhecer.

— E por que não veio antes? — perguntei, mas a maneira como olhou em direção ao meu amigo explicava tudo.

— Sabe como é o Fernando... — Deixou no ar.

Olhei com os olhos semicerrados para o meu amigo, que deu de ombros, como se não tivesse nada com aquilo. Estávamos ainda todos de pé e minhas malas aos meus pés.

— Eu sei que o Fernando... — dei ênfase ao dizer seu nome completo — pode ser um babaca quando quer. — Pisquei para o Gui, que deu uma gargalhada. Ele parecia ser um bom rapaz e eu gostava disso. Nando merecia o melhor depois de tudo o que passou.

— Pronto! Agora vocês vão falar mal de mim. É isso mesmo? — Nando tentou parecer bravo, mas não conseguiu.

— Você me roubou a Laís, então nada mais justo que eu ter o Gui ao meu lado — provoquei.

— Sempre que quiser, linda. — Gui entrou na minha brincadeira.

Nando bufou com ciúme.

— Deixa disso, Nando. — Peguei minhas malas no chão e caminhei para o meu quarto. — Tem Clara para todo mundo — eu disse, rebolando provocativa. Sabia que aquilo não faria efeito com ele; na verdade, com nenhum dos dois, mas adorei a brincadeira. Antes de entrar no quarto, ouvi Nando dizer: “Você não presta mesmo.”

Larguei as malas no chão e caí na cama. Apesar de a conversa com o Nando ter amenizado um pouco as coisas, me sentia um lixo. Fiquei deitada de barriga para cima, olhando o teto. Minha vida estava uma bagunça total. Quando eu achava que as coisas entrariam no eixo, uma rasteira me derruba de novo. Quando acreditei que voltaria a ser feliz, esse sentimento é arrancado de mim. Sentia raiva, desespero, saudade, amor, tristeza, tantos sentimentos de uma vez só que estava zozza. Queria contar tudo para o Alexandre, mas, depois da sua reação de hoje, não sei se valeria a pena. Talvez fosse melhor aceitar que nunca ficaríamos juntos. Seria esse meu castigo. Nunca ter o homem que amo tempo suficiente. Ele sempre seria arrancado de mim prematuramente. Foi assim com o Felipe e agora com o Alexandre.

Ouvi uma batida na porta e logo vi a carinha do Nando na fresta aberta.

— Já almoçou? — perguntou preocupado. — Como você não consegue me

esconder nada, acho que o passeio não foi como o esperado, né?

Nando se aproximou e se sentou na minha cama. Me aninhei em seu colo e suas mãos alisaram meu cabelo carinhosamente. Eu tinha deixado um bilhete na geladeira contando onde e com quem estava. Ele sabia que eu tinha saído com o Alexandre e, provavelmente, esperava o mesmo que eu: uma reconciliação, o que não aconteceu.

— Não. Não foi. — E as lágrimas começaram a rolar. Nem sei como o meu corpo conseguia produzir tantas lágrimas.

— Quer conversar? — Com cuidado tentou fazer com que eu falasse.

— Dessa vez eu não tive culpa — comecei a desabafar. — Estava preparada para contar tudo para o Alexandre. Sobre o meu passado, sobre Felipe e sobre tudo o que vivi até chegar aqui. — Nando sabia que Lipe tinha sido meu noivo, mas não sabia o que tinha acontecido. — Mas alguém está querendo me ver longe dele. — Me levantei para falar. — Primeiro a ameaça e hoje isso.

— O que aconteceu hoje? — perguntou confuso.

Contei para ele sobre meu encontro com o Dereck e deixei bem claro que nada tinha acontecido. Expliquei sobre o vídeo que o Ferraz recebeu durante a manhã e como as imagens, provavelmente manipuladas, davam a entender que eu e Dereck ficamos juntos. Alexandre acreditou que nos beijamos e foi embora sem me dar o benefício da dúvida. Nando ficou tão chocado quanto eu e juntos tentamos descobrir quem seria capaz de fazer aquilo. Nando não achava que Dereck me entregaria de mãos beijadas, mas eu o convenci de que ele não jogaria tão baixo. Eu confiava em Dereck e no seu caráter. Ele nunca me magoaria e já tinha deixado bem claro que, acima de tudo, queria a minha felicidade. Sobravam a Lanabisgoia e a Patrícia. Nando votava em Patrícia, não acreditava que Lana se rebaixaria tanto. Mas, para mim, quem fazia um vestido desaparecer também seria capaz de me filmar e mandar para o Alexandre. Sendo uma promotora respeitada ou não.

— Ei, cadê o Gui? — perguntei, pois já estávamos muito tempo conversando e Nando não tinha tocado no nome dele.

— Eu o mandei embora. Queria ficar com você — respondeu naturalmente.

— Nando! — eu o repreendi.

Suas covinhas lindas iluminaram seu rosto, deixando seu sorriso ainda mais lindo. Eu tinha aprendido a amar Nando como um irmão.

— Você precisa de mim, Clarinha. O Gui que espere. Sua felicidade é importante para mim. — Me emocionei com sua preocupação, mas não podia deixar que se anulasse para ser minha babá.

— E a sua felicidade? — Encarei seus olhos azuis.

— Estou batalhando por ela, não se preocupe.

Nando fez de tudo para me distrair durante o resto do dia. Almoçamos juntos, assistimos a um filme, ele me contou um pouco da recente relação com o Gui e do quanto estavam se entendendo bem. Perguntei por Laís e Bruno, e ele me disse que não tinha tido mais notícias dos dois.

Meu peito se encheu de orgulho pela minha amiga. O amor a encontrou e ela soube aproveitar. Laís e Bruno foram feitos um para o outro.

De noite, convenci o Nando a procurar o Gui e convidá-lo para sair. Meu amigo relutou, mas meu poder de convencimento foi maior. Após escorraçá-lo, eu tomei um banho e me deitei. Não tinha nada que pudesse fazer para melhorar o sentimento de angústia que me dominava. Antes de apagar a luz, com o celular nas mãos, fiquei tentada a ligar para o Alexandre. Mas para dizer o quê, se ele tinha ido embora? A distância que já existia entre nós se tornou um abismo que parecia que eu nunca seria capaz de ultrapassar.

Desisti de telefonar e liguei a música. Adormeci escutando a voz da Marisa Monte em *Grão de amor*, dos Tribalistas.

*Me esqueça sim, pra não sofrer,
pra não chorar, pra não sentir.
Me esqueça sim, que eu quero ver
você tentar sem conseguir.*

A cama agora está tão fria, ainda sinto o seu calor.

— Bom dia, Ana — cumprimentei minha antiga colega de trabalho, que arregalou os olhos surpresa com minha visita repentina.

Passei a madrugada acordada, pensando em várias coisas, e decidi que, antes de ir trabalhar, passaria na Ferraz para devolver pessoalmente a mala do Alexandre. Foi estranho pisar naquele lugar depois de tanto tempo. Nunca mais tinha voltado ali e a saudade bateu assim que o porteiro me cumprimentou.

Tinha visto a caminhonete de Alexandre no estacionamento e sabia que ele já tinha chegado. Provavelmente, estaria sozinho, já que eu não tinha visto mais ninguém.

— Gostaria de falar com o Alexandre — disse informando o motivo da minha visita.

Nem deixei que Ana me respondesse ou anunciasse minha visita e fui andando em direção a sua sala. Ferraz poderia se negar a me receber e eu não sairia dali sem falar poucas e boas para aquele arrogante prepotente.

— Ele está em reunião, Clara. — Parei estática com seu aviso. — Patrícia está com ele — completou.

Nem tive tempo para pensar. Ouvei Ana me dizendo para não entrar, mas eu abri a porta violentamente e invadi a sala. Estava cega de raiva e meu corpo inteiro pegou fogo só de pensar no que eles poderiam estar fazendo.

Dois pares de olhos me encaravam e para meu alívio a situação não era tão constrangedora.

— Você ficou louca? — Alexandre disse irritado. Sua testa franzida, revelando todo o seu ódio.

Patrícia, ao seu lado, sorria ironicamente, como se me dissesse através daquela cara deslavada que agora ela estava ali.

— Sai daqui, Patrícia. — Joguei a mala do Alexandre no chão e me dirigi para a loira oxigenada.

Ela cruzou os braços sobre os seios e encostou ainda mais em Alexandre. Seu quadril roçava no braço dele e a cada segundo minha paciência chegava mais próxima de seu limite.

— Você não manda aqui. Nem sei por que Ana deixou você entrar — teve a audácia de responder.

— Dá o fora daqui — ordenei mais uma vez.

Ferraz somente nos observava, sem dizer uma palavra. Parecia espantado com a minha atitude. Como se ainda não me conhecesse bem o suficiente para saber que eu arrancaria a Patrícia à força sem pestanejar.

— Ou sai ou te arrasto pelos cabelos. — Avancei dois passos, deixando claro que não estava para brincadeira.

Ela me olhou e não se moveu. Fechei as mãos e dei mais dois passos em sua direção pronta para cumprir minha promessa.

— Nos deixe a sós, Patrícia. — Ouvei a voz de comando do Alexandre e parei no meu lugar.

Patrícia gaguejou algumas palavras, mas bastou um olhar do Ferraz para que ela encolhesse os ombros e saísse. Passou por mim e esbarrou em mim para me provocar.

— Você me paga, vadia dos infernos — murmurou antes de sair.

Meus olhos acompanharam Patrícia saindo e, depois que a porta se fechou, encarei Alexandre. Ele estava atrás da sua mesa, vestindo um terno impecável,

barba por fazer e o olhar que poderia me fazer cair diante dos seus pés. Foi assim desde a primeira vez que o vi e não seria diferente agora. Vacilei diante daqueles olhos azuis, mas mantive a máscara.

— Posso saber o que a senhorita está fazendo aqui? — enfim perguntou.

— Vim conversar com você, já que você me abandonou sozinha naquele lugar.

Alexandre se levantou e saiu de trás da mesa, dando alguns passos em minha direção. Instintivamente eu recuei. Vendo meu medo diante dele, sorriu presunçoso.

— E quem disse que quero ouvir você? — desdenhou.

— Não é justo você não me ouvir — implorei.

Alexandre cerrou os dentes e pude ouvir seu maxilar travar, deixando seu rosto ainda mais sério, bastante sombrio junto aos seus olhos que praticamente me fuzilavam.

— Você quer falar de justiça? — Usou de todo o seu sarcasmo naquela pergunta. — Vou te explicar uma coisa sobre ser injusto. Injusto é você se sentir o homem mais feliz do mundo e, em uma fração de segundos, ter tudo arrancado de você e sentir o chão sumir de seus pés. — Se aproximou mais à medida que elevava a voz. — Injusto é você ver seu irmão e a mulher que você ama deitados em meio a uma poça de sangue, e você ali, impotente, imprestável, sem poder fazer nada por nenhum dos dois.

Eu apenas escutava e tentava não chorar. Não era para ser daquela forma, mas não podia interrompê-lo. Alê não merecia isso.

— Injusto é você ter o medo avassalador de perder o irmão em uma mesa de cirurgia. E sabe o que é mais injusto? — Alexandre já gritava e o escritório inteiro nesse momento podia ouvir nossa discussão. Na verdade, não era bem uma discussão, era um desabafo. — É ser abandonado pela mulher que ama quando mais precisa dela. E mesmo assim você se humilha e vai atrás dela, não querendo deixar que ela escape. Mas então você a encontra nos braços de outro. — Me pegou pelo braço e me sacudiu, sem nunca deixar de me olhar nos olhos. — Isso é justo para você, Clara? Me fala, porque eu estou perdido nessa merda toda.

Puxei meu braço, me desvencilhando dele. Respirei fundo. Era a hora de contar. Não podia deixar Alexandre pensar que eu o traí ou o abandonei pelo Dereck.

— Sai daqui. — Levantei a cabeça sem acreditar que ele estava me expulsando do seu escritório. — Não quero mais olhar na sua cara. Sai da minha sala e da minha vida.

— Alexandre, eu posso explicar — desesperada, eu tentei argumentar.

— Não, você não pode. E, mesmo se pudesse, eu não quero mais ouvir. — A indiferença com que dizia aquelas palavras me destruí. — É tarde demais.

— Por favor. — Levantei uma das mãos em sua direção, mas ela caiu no vazio.

— Passar bem, dra. Clara.

Encarei-o mais uma vez, rezando para que suas palavras não fossem verdadeiras, para que não tivesse esperado tempo demais.

— Eu quase morri — comecei a contar minha história na esperança de que me entendesse e voltasse atrás, mas ele não deixou que eu terminasse.

Passando por mim, caminhou até a porta e a abriu.

— E eu estou morto. Não volta mais. — Apontou a saída e eu segui sua mão, saindo.

Assim que saí, ouvi a porta se fechar violentamente atrás de mim. Levantei a cabeça e tudo que eu mais queria evitar estava na minha frente. Patrícia me olhava cinicamente e um sorriso vencedor despontava em seu rosto.

— Sua desgraçada! — Cuspi e podia sentir o ódio em minha voz.

— Do que você está falando? — ela me perguntou friamente. — Não tenho culpa de você não conseguir segurar o cara mais desejado do pedaço.

— Mentira! — gritei. Levei as mãos ao cabelo, desesperada, e comecei a andar de um lado para o outro na recepção. — Eu sei que foi você que enviou o vídeo, sua desgraçada.

Quando eu ouvi a voz da Barbie, me descontrolei e perdi a razão.

— Você é louca, mas eu avisei para manter suas pernas fechadas. — Me virei e, em um único movimento, parti em sua direção, mas, antes que pudesse agarrar os cabelos da Patrícia, eu senti meu corpo sendo puxado pela cintura.

— Calma aí, Clarinha! — Nando disse surpreso enquanto me arrastava para longe.

— Eu vou matar essa vagabunda! — Os braços do Nando me seguravam e eu lutava com todas as minhas forças para alcançar o rosto da filha da puta.

— Clarinha, me escuta — Nando pedia, tentando me acalmar, mas quanto mais Patrícia me olhava mais eu queria arrancar o cabelo dela.

— Ela pode te processar por lesão corporal — meu amigo disse baixinho. — Mantenha a cabeça no lugar.

— Foda-se! — esbravejei, fora de controle.

Ferraz

— Ahhhhhhhh! — gritei descontrolado. Mais uma vez essa garota me tirava do sério. Clara tinha o dom de me desestabilizar completamente. Meu dia, que já não tinha começado bem, com sua visita ficou uma merda total.

Ontem, quando cheguei em casa, tratei de ficar incomunicável. Não atendi o celular, o telefone de casa e muito menos a porta. Queria ficar sozinho e colocar as ideias em ordem. Descobrir o que fazer dali em diante era prioridade. Não queria mais ser uma marionete nas mãos da Clara. Sofrer cansa e eu tinha chegado ao meu limite. Estava na hora de retomar as rédeas da minha vida e dessa vez ela não incluiria a maldita da Clara.

— Ana — Apertei o botão do meu ramal e praticamente gritei o nome da minha secretária.

— Sim, dr. Ferraz — respondeu com a voz trêmula. Pelo show que dei hoje, já imaginava o porquê.

— Ana, ligue para o Enzo e peça para que ele venha até o escritório o mais rápido possível.

— Vou fazer isso agora, dr. Ferraz — acatou minha ordem.

Ontem eu tinha pensado muito se queria descobrir quem era o autor do vídeo. Na verdade, eu até tinha ligado para o número que o enviou algumas vezes, mas, como previa, o celular já estava desativado. Típico de quem havia planejado aquilo nos mínimos detalhes. Após tentar pela terceira vez, eu desisti. Mas ao escutar a Clara gritar com a Patrícia, a acusando de ter feito o vídeo, eu não pude deixar de investigar. Tinha que descobrir se era Patrícia mesmo ou se aquilo tudo tinha a ver com as ameaças. Não querendo expor a Clara, preferi aguardar a chegada do Enzo. Ele era um perito em telecomunicações indicado pelo Marcelo Rocha quando comecei a receber as ligações não identificadas e, sempre que precisava de algum serviço nessa área, eu o contratava. Sabia que era um dos melhores, apesar de não ter conseguido identificar o autor daquelas malditas ligações. Espero que dessa vez Enzo seja mais eficiente e me ajude a descobrir o responsável pelo envio do vídeo.

Passei toda a manhã imerso nos meus processos. Fiz de tudo para me concentrar após a visita da Clara, mas seus olhos desesperados sempre voltavam a me atormentar. Parecia tão certa... tão verdadeira.

— Não vá por aí, Alexandre — murmurei sozinho. Não poderia ceder novamente. Clara estava mais uma vez fora da minha vida e dessa vez para sempre.

Me doeí cem por cento o restante do dia. Meus clientes pagavam caro para ter o melhor de mim e não era justo que deixasse uma menina destruir minha reputação e meu escritório. Encerrei o expediente e aguardei todo mundo sair antes de ir para casa. Não queria encarar ninguém. Decidi, depois de algumas semanas sem treinar, que hoje seria o dia perfeito para descontar no saco de areia toda a minha fúria.

Cheguei à academia e fui direto para o vestiário. Troquei de roupa e coloquei as caneleiras de treino. Saí distraído do vestiário e acabei trombando em alguém.

— Desculpa — ela pediu sorrindo.

A garota era linda. Alta, loira e pelo sorriso malicioso era presa fácil para um cara como eu. Mas não no estado em que me encontrava. Não era boa companhia para ninguém. Vi que ficou me encarando, esperando uma resposta.

— Tudo bem, eu estava distraído. — Tentei não soar muito indiferente.

— Você treina Muay Thai? — Apontou para as minhas caneleiras.

— Sim — respondi sucinto. Aquele início de conversa tinha um objetivo e eu não estava nem um pouco interessado.

— Eu também. — Bateu palmas animadamente.

Revirei os olhos. Era só o que me faltava.

Tentei me desvencilhar da garota sendo o mais educado possível. Mas, enquanto caminhava até a sala de treino, ela praticamente me contou toda a sua vida. E acredite em mim: não era interessante.

Dentro da sala, nos separamos. Ela foi ao encontro de sua treinadora e eu, de Paulinho.

— Quem é vivo sempre aparece — me saudou.

— Não me enche — disse ríspido, e ele não se afetou; ao contrário, sorriu.

Enfileirou alguns pneus na minha frente e aguardou que eu fizesse meu aquecimento.

— Pelo visto hoje vamos ter um excelente treino. Você quando está putô é o melhor lutador de Muay Thai que existe.

Paulinho estava certo; quando eu ficava com raiva, sempre pegava pesado e estava preparado para encarar mais uma noite daquelas.

Terminei meu aquecimento e Paulinho se aproximou para me ajudar a colocar a luva.

— Que merda é essa, Ferraz? — perguntou olhando para as escoriações nos meus dedos. — Está lutando fora da academia?

Puxei a mão e vesti as luvas sozinho. Mal me lembrava do soco que tinha dado em Rodrigo na festa. E muito menos do estrago em minha mão, isso era o

de menos.

— Problema meu — levantei a voz de forma impaciente.

Meu técnico balançou a cabeça, sem gostar da minha resposta.

— Dê um jeito em sua vida, meu amigo, ou ela vai dar em você.

Me deu as costas e se afastou.

Como Paulinho previu, eu treinei muito. Extravasei toda a raiva dentro de mim, e castiguei o saco de areia e o outro lutador que também treinava. Sem querer, acertei seu nariz e o molenga saiu reclamando.

— Já chega — Paulinho gritou.

— Eu aguento mais. — Voltei a socar o saco.

Senti uma mão forte parar meu braço no ar. Virei e Paulinho me encarava furioso.

— Eu sou seu treinador e estou mandando você ir para casa. Põe a cabeça no lugar. Estar disposto a lutar é uma coisa, mas estar disposto a se matar e agredir as pessoas é outra.

Não aceitava ordens de ninguém, mas Paulinho era meu mestre e dentro do tatame ele mandava. Apesar de ter certeza de que suas palavras não estavam somente relacionadas ao treino, aceitei a derrota e fui para casa.

Já em casa, quando esvaziava a mochila, achei um bilhete.

Liga para mim, podemos marcar um treino particular.

Liz.

No verso, um número de telefone. Com certeza era da loira da academia. Guardei o papel. Nunca se sabe. E, de agora em diante, eu voltaria para a minha vida antiga. Foder. Foder. E foder. E aquela garota estava bem disposta a abrir as pernas para me satisfazer.

Alexandre Ferraz estava de volta e, dessa vez, sem coração.

19



Clara

Algumas semanas se passaram desde a última vez que vi o Alexandre. Naquele dia, saí da Ferraz arrasada e decidi que não iria mais procurá-lo. Alexandre tinha feito a sua escolha e eu não podia fazer nada a não ser respeitá-la.

Meus amigos fizeram de tudo para me convencer do contrário, mas estava irredutível e proibi todos eles de tocar no nome do Alexandre. O único que não respeitava minha imposição era o Diego. Ele me procurou diversas vezes para falar sobre o irmão e eu sempre cortava o assunto. A conversa terminava com Diego me chamando de cabeça-dura e comigo agradecendo a sua preocupação e esclarecendo que aquele assunto já estava no meu passado. Laís estava eufórica com o casamento, não falava em outra coisa, e é claro que não aceitou um não como resposta quando me convidou para ser sua madrinha. Desde quando Bruno me contou que a pediria em casamento, eu esperava pelo convite. Mas, depois de tudo que aconteceu no casamento da Prí, eu queria recusar. Mas Laís quase me matou com gritos ensurdecedores quando eu disse a ela para convidar outra pessoa. No fim, ela venceu e minha alegria era saber que Nando estaria ao meu lado. Nosso amigo tinha ficado visivelmente emocionado com o convite da Laís. Nós dois aceitamos e, depois de tudo, acabamos os três chorando com um pote de Häagen-Dazs como testemunha. Nando acabou descobrindo nossos códigos e naquele dia, depois de uma audiência fodida, ele fez questão de levar o sorvete para casa e anunciar o nível 2.

— Preparada? — dr. Alberto me perguntou da porta da minha sala, que

estava aberta.

Sua voz me tirou das lembranças dos últimos dias e voltei a me concentrar na audiência que começaria em poucas horas. Estava nervosa, mas acima de tudo decidida. No dia em que me passou esse caso, o dr. Alberto me rondou quase o dia inteiro até me contar que a empresa que representava a parte contrária era a Ferraz, especificamente o Alexandre. Eu quase caí para trás com a notícia do Alberto, mas agi da forma mais profissional possível. Concordei em pegar o caso e, no dia seguinte, comecei a trabalhar nele. Como o dr. Alberto disse que estaria comigo, me senti mais segura. Já tinha visto o Ferraz no tribunal e sabia que a maior prova da minha capacidade de advogar poderia estar em confrontá-lo.

Peguei tudo o que era necessário e o dr. Alberto sorriu para mim.

— Você fez um bom trabalho, não se preocupe. Essa causa é nossa — me incentivou, e eu agradei pela confiança depositada em mim.

— Você sabe que ele vai vir com tudo para cima de mim, certo? — avisei, e o dr. Alberto sorriu ainda mais. *Jesus! Ele era muito lindo.*

Abriu a porta para eu passar e saímos. Queria chegar cedo para me preparar psicologicamente para a maior batalha da minha vida.

— Essa eu quero ver de camarote. Não perderia por nada esse duelo de gigantes — o dr. Alberto brincou.

Desde o dia em que aceitei trabalhar nesse caso, ele o tratava assim, como um encontro de gigantes. Por fim, eu acabei entrando na brincadeira e, sempre que falávamos sobre a audiência, me referia a ela como “a batalha”.

Chegamos cedo ao fórum e eu usei a sala reservada aos advogados para me concentrar.

O caso era complexo. Uma investigação de paternidade que se arrastava por anos. O suposto genitor morreu em um acidente três dias depois do nascimento da reclamante. Sua única filha legítima, nascida de um casamento longo, por muito tempo não concordou em fazer o teste de DNA, até que o exame foi pedido judicialmente. O resultado deu negativo, já que, segundo o laboratório, os materiais genéticos não eram compatíveis. Essa audiência tinha dado causa ganha para o Alexandre, que já era o advogado da filha legítima.

Trabalhei dia e noite para conseguir encontrar brechas nessa ação. E encontrei: descobri que o laboratório em que o teste foi feito tinha sofrido vários processos por resultados falsos, principalmente quando se tratava de exames de DNA. Conversei com algumas testemunhas e todas me garantiram que a minha cliente era tão filha quanto a outra, que claramente não queria dividir a herança com a meia-irmã. Um segundo exame havia sido pedido, em uma clínica

diferente, e hoje descobriríamos a verdade sobre esse caso.

Estava chegando a hora e eu me levantei para ir em direção à sala de audiência. Ajeitei a minha roupa e tentei manter minhas mãos secas. Tinha escolhido um vestido branco de corte reto até os joelhos, levemente acinturado, e completei com um blazer azul-royal e scarpins de salto fino e alto. Apenas um relógio dourado e brincos de pérola como acessórios. Caminhei pelo corredor até a sala reservada e, ao entrar, dei de cara com o Alexandre sentado no outro lado da mesa. Seus olhos se arregalaram enquanto me analisava boquiaberto, totalmente surpreso com minha presença ali.

— Bom dia — cumprimentei formalmente e me sentei ao lado do dr. Alberto. Todo mundo me respondeu, menos o Alexandre. Ele me encarava descaradamente e as linhas em sua testa me diziam que minha presença não era bem-vinda.

— Ele vai explodir — o dr. Alberto sussurrou, me fazendo sorrir. Voltei minha atenção para o Alexandre, que agora batia os dedos impaciente sobre a mesa.

— Bom dia — todos da mesa disseram ao juiz que acabara de chegar. Um senhor muito simpático. — Dra. Clara, a senhora está assumindo esse processo já no seu decurso. Está ciente de todos os atos que foram tomados até aqui? — perguntou se dirigindo a mim e eu não pude conter o nervosismo, mas tentei disfarçar.

— Sim, meritíssimo — respondi confiante, mas por dentro tremia mais que vara verde. Sabia que seria assim quando Alexandre me olhasse. E desde que cheguei seus olhos não tinham se desviado de mim.

— Dr. Ferraz, tudo bem para o senhor? — Alexandre não respondeu de imediato à pergunta do juiz. Olhou para mim e para o dr. Alberto, e eu tentei decifrar o que ele pensava naquele momento.

Um sorriso presunçoso que eu conhecia bem surgiu em seu rosto junto com a postura de quem estava com tudo ganho.

— Problema nenhum, meritíssimo — respondeu ao juiz, mas fitava os meus olhos.

Onde estava com a cabeça quando aceitei esse processo?

Ferraz

Porra! O mundo dava voltas e voltas e eu sempre acabava em frente a essa maldita. Era só o que me faltava: ter ela como adversária no tribunal. No começo,

fiquei sem fala quando a vi. Não sei se foi porque não a via há semanas, se foi por ter sido pego desprevenido com a sua presença ou se foi por ela estar mais gostosa do que nunca. Não resisti e analisei milimetricamente seu corpo que conhecia tão bem. Mas então, antes de enlouquecer completamente com os comentários e sorrisinhos que ela e Alberto trocavam, eu ouvi a voz do juiz chamando minha atenção. Clara podia até tentar disfarçar e enganar todo mundo, mas estava extremamente nervosa diante de mim. Ela me olhava apreensiva quando sorri com a ideia que me surgiu: arrasar com a Clara diante de todos. Respondi ao juiz de forma respeitosa, mas encarei a menina à minha frente. Hoje ela voltaria chorando para casa e eu faria questão de ser o causador da sua primeira derrota.

— Meritíssimo, enquanto aguardamos a chegada do segundo exame, eu gostaria de chamar duas testemunhas para depor — Clara informou e eu achei graça da sua tentativa de conseguir tempo. Esse processo estava ganho, o exame tinha comprovado que ela não era irmã da minha cliente.

Falei antes que o juiz respondesse a ela. Sabia que era errado, mas não me segurei.

— Meritíssimo, a doutora está querendo ganhar tempo. Esse caso já está resolvido. O exame comprovou que nossas clientes não têm nenhuma relação de consanguinidade.

— Dr. Ferraz, acho que o juiz aqui sou eu e, pelo que sei, se abrimos uma nova audiência, é porque ainda restam pontos que devem ser esclarecidos — me repreendeu fazendo com que eu me calasse. Clara me olhava vitoriosa. Filha da puta! — Chame sua testemunha, doutora.

Clara chamou um ex-funcionário do laboratório onde o primeiro exame foi realizado. Ela começou a interrogá-lo até que a testemunha revelou que várias vezes viu funcionários alterarem exames naquele local. Disse que a falsificação de resultados era uma prática comum e que, agora que não trabalhava mais lá, já não tinha mais medo de represálias. Após as palavras da testemunha, minha cliente se mexeu nervosamente ao meu lado.

Ops! Eu estava ferrado!

— O que você fez? — indaguei a minha cliente. Sentada ao meu lado, a mulher de uns 30 anos tremia nervosamente.

— Eu não podia deixar essa bastarda tomar o que é meu — respondeu sussurrando e eu queria estrangular essa filha da mãe por não ter me contado

aquele pequeno detalhe. Filha da mãe! *Tô fodido!*

Agora quem precisava ganhar tempo era eu. O juiz explicou que o resultado chegaria diretamente do novo laboratório em alguns minutos. Pensa, Ferraz! Pensa!

— A testemunha é toda sua, dr. Ferraz — o juiz disse e eu não tive o que fazer, a não ser interrogá-lo.

— O senhor pode provar suas alegações? — Foi meu primeiro questionamento.

Vi quando a testemunha se encolheu e ficou muda por um tempo. Pelo menos o desgraçado não tinha provas, o que me daria tempo de traçar uma nova estratégia.

— Não, senhor. Somente minha palavra. Mas posso garantir que não estou mentindo — respondeu de forma simples.

Fiz mais algumas perguntas, porém o principal eu já havia obtido. Clara chamou outra testemunha: uma vizinha antiga da mãe da sua cliente, que afirmou claramente que o pai da minha cliente manteve uma relação longa com a mãe dela. Fiquei ainda mais irritado. Estava perdendo aquela causa e não acreditava que a bandida da Clara tinha virado o jogo contra mim. Fiz algumas perguntas à segunda testemunha, mantendo a mesma linha que segui com a primeira. Ela também não tinha provas, mas naquela altura do campeonato isso pouco me importava, pois minha cliente praticamente tinha me confessado a adulteração do exame.

Um funcionário do fórum entrou em nossa sala e entregou uma pasta ao juiz, que pediu alguns minutos para fazer a leitura do exame. Clara tranquilizava sua cliente e eu vi a ternura em seu olhar ao falar com a garota. E eu? Se pudesse, eu estrangularia a minha por omitir uma coisa tão séria quanto aquela.

— Segundo o exame que agora tenho em minhas mãos e após analisá-lo, declaro que Fernanda Silva e Liliane Salles são irmãs. Tendo como genitor o sr. Fausto Salles. Portanto, a reclamante a partir de agora deverá gozar de todos os direitos que a filha legítima possui referente à herança e ao sobrenome do genitor.

Sem conseguir se conter, Clara e sua cliente se abraçaram de forma calorosa. Alberto se levantou e fez o mesmo com as duas. Eu queria matar o primeiro que falasse comigo. E infelizmente foi minha cliente.

— Eu pensei que ninguém descobriria — ela tentou se justificar.

Saí de lá sem olhar para trás, ainda mais depois de saber que me reencontraria com a Clara naquele processo: a infeliz informou que entraria com um pedido de indenização e processo de falsificação de documentos contra minha cliente. Já não

estacionamento, eu vi quando Clara entrou sozinha no seu carro. Sem saber o que fazer, mas sabendo que teria que fazer alguma coisa, andei até lá, abri a porta e sentei no banco do passageiro.

— Você ficou louco? Sai daqui, podem falar que estamos conspirando nesse caso — disse, e eu sabia que era verdade, mas não conseguia me segurar.

— O que você pretende com isso tudo? Me humilhar? — minha voz saiu grave, porém baixa.

Segurei seu braço com força e Clara arregalou os olhos diante do meu acesso de loucura.

— Quer me soltar, dr. Ferraz? Eu sou uma advogada assim como o senhor. E não poderia recusar um caso tão importante para o dr. Alberto.

A menção do nome do seu chefe me deixou ainda mais fora de mim. O ciúme me cegou e eu fiz uma loucura: puxei a Clara para os meus braços e a beijei desesperadamente. O gosto da sua boca me invadiu e minha mão viajou para o meio das suas pernas. Sua pele macia me atraía e eu queria fodê-la ali mesmo, no estacionamento do fórum, às onze da manhã.

Senti quando Clara fechou as pernas impedindo minha mão de prosseguir o caminho até sua boceta. Forcei um pouco mais segurando sua cabeça com a outra mão.

— Maldita! — gritei quando senti o sangue descer pelos meus lábios. A filha da mãe me mordeu.

— Tira suas mãos de mim, seu babaca! — Me empurrou, fazendo com que eu me afastasse.

Fiquei indignado com sua rejeição. Estava certo de que depois de beijá-la Clara se renderia a mim e acabaríamos fundidos um ao outro. Então a consciência de algo me abateu.

— Está dando para o Alberto, não está? — perguntei já aos gritos. — Fala, maldita, está trepando com o seu chefe, por isso não me quer mais?

Antes de a última palavra sair inteira da minha boca, sentia a ardência no meu rosto. Clara tremia na minha frente, enquanto recolhia a mão que acabara de me acertar um belo tapa.

— Sai do meu carro agora ou eu não respondo por mim. — Vi as lágrimas saltarem de seus olhos e tentei me acalmar. Sabia que tinha pegado pesado demais.

— Clara, eu...

— Você é surdo? — gritou. — Sai agora do meu carro.

Olhando em seu rosto e vendo sua expressão decidida, eu fiz o que me pediu. Antes mesmo de fechar a porta, Clara arrancou, me deixando com cara de idiota

no estacionamento.

Droga! Por que me sentia sem rumo mais uma vez?

20



Clara

— Ei, você está bem? — Andressa perguntou quando viu um furacão entrando no escritório em meu lugar.

— Estou — respondi secamente.

Entrei em minha sala e tive que me segurar para não quebrar metade das coisas que tinha sobre a mesa. A raiva que sentia do Alexandre transcendia a capacidade que um ser humano tem de odiar outro. Sua prepotência e arrogância ao entrar em meu carro me deixaram louca.

— Filho da puta — murmurei sozinha.

— Sei que minha mãe não é nenhuma santa, mas puta chega a ser exagero — o dr. Alberto falou de pé, parado ao lado da porta, que eu tinha esquecido aberta novamente.

Sentei e fiz sinal para que o meu chefe se sentasse no sofá em frente à minha mesa. Ele se sentou, com um sorriso no rosto, alegre demais para quem tinha acabado de ver um dos seus funcionários o xingando.

— Isso tudo é por conta do Ferraz? — perguntou intrigado e arqueou uma sobrancelha esperando uma resposta.

— Ele me tira do sério. Só isso — confessei metade da verdade. Mexi em alguns papéis sobre a mesa, tentando disfarçar o meu incômodo em conversar com dr. Alberto sobre o Alexandre. Ainda estava uma pilha de nervos e não queria nem pensar nas insinuações que Alê tinha feito em relação a mim e ao meu novo chefe.

Ele continuou me olhando pensativo, talvez decidindo se prolongaria o assunto ou não. Por fim, acabou perguntando:

— Tem certeza de que é somente isso?

— Tenho sim — fui sucinta, cortando o assunto de vez.

Alberto balançou a cabeça, parecendo não acreditar em mim. Também pudera, depois da cena deprimente que ele me viu protagonizar quando chegou. Levantou e eu fiquei pensando se ele estava chateado com alguma coisa.

— Só passei para parabenizá-la pela vitória, dra. Clara.

— Não teria conseguido sem você.

Me levantei também para agradecê-lo e estendi minha mão. Após nos cumprimentarmos, ele saiu.

Assim que fiquei sozinha, me joguei na cadeira. Mesmo depois de várias semanas, eu ainda não conseguia ficar no mesmo ambiente que o Alexandre. Sentir sua proximidade no meu carro me fez entender que esquecê-lo totalmente seria mais difícil do que eu imaginava.

Trabalhei durante todo o dia com os pensamentos no Alexandre. Tentei me concentrar, mas era impossível com aqueles olhos azuis rondando minha mente. Por fim, encerrei o expediente mais cedo e fui para casa. Liguei para o Nando e combinamos de pegar um cinema. Láis estava em um jantar com a família do Bruno e não pôde ir com a gente.

— Clarinha — Nando cantarolou meu nome para me chamar a atenção. — Em qual planeta você está?

— Desculpa, precisava me distrair, mas fui uma péssima companhia hoje.

Tinha que dar um rumo à minha vida. Do jeito que estava não dava para continuar. Quando perdi Felipe, achei que morreria junto com ele, e confesso que quase o fiz, mas eu tomei uma atitude. Virei uma mulher fria e sem sentimentos, aparentemente. Mas eu sabia que Lipe tinha partido e não voltaria mais. Com Alexandre era diferente, por mais que eu quisesse me afastar e nunca mais olhá-lo, uma parte do meu coração desejava sua presença, sabia que ele estava próximo e que apenas alguns quilômetros nos separavam. Isso me matava, mas também me dava esperança. Esperança que eu lutava para não ter. Alexandre e eu juntos éramos como uma bomba-relógio, pronta para explodir a qualquer momento, destruindo não só a nós, mas todos a nossa volta.

— Eu percebi... Seu celular está tocando, não vai atender? — Ele apontou

para a bolsa pendurada em meu ombro e só então percebi que o celular estava tocando.

O visor do aparelho mostrava as covinhas perfeitas do Dereck me dando um sorriso espetacular. Fiquei olhando para o seu nome piscando enquanto pensava se atenderia ou não. Não tinha contado ao Dereck sobre o vídeo, não acreditava que tivesse sido ele e não queria que ele tomasse qualquer atitude que pudesse deixar a minha situação ainda pior. Mas, então, percebi que acima de tudo Dereck sempre esteve ao meu lado. E, mesmo quando dei meu coração a outro, sua amizade e vontade de me ver feliz se sobrepuseram aos seus sentimentos por mim. Fui feliz com o Dereck, não da maneira completa como me sentia com o Alexandre, mas tinha que reconhecer que o tempo que passei com ele fora do país me ajudou muito a seguir em frente. Não, Dereck merecia mais, não merecia ser ignorado por mim.

— E aí, meu astro do rock? — brinquei com ele. A linha ficou muda e achei que a ligação tivesse caído. — Dereck, está aí?

Tirei o celular do ouvido e olhei para o visor para me certificar de que realmente estava com ele na linha. Nando apontou para uma mesa do nosso restaurante japonês favorito e nos sentamos.

— Dereck? — eu o chamei mais uma vez.

— Desculpa, gatinha. Eu só fiquei surpreso. Há tempos você não fala comigo assim — ele estava surpreso e não era para menos: depois que Alexandre entrou em minha vida, eu praticamente tinha chutado Dereck para escanteio e agora o estava tratando como se nada tivesse acontecido. Até eu me surpreenderia.

— Perdão, eu não tive a intenção — tentei me redimir.

— Nem brinca com isso. Pode me chamar de astro do rock gostoso quantas vezes você quiser. Não vou reclamar, nem um pouco — disse bem-humorado, mas eu podia sentir uma pitada de esperança em sua voz.

— Então, me diz, deus do rock, o que te traz a mim? — Nando me olhou com uma cara de espanto.

— O que você está fazendo, sua maluca? — meu amigo balbuciou baixinho para que somente eu escutasse.

— Na verdade, só queria saber como você está. Mas pelo visto você está muito bem. Está em casa? — Não pude deixar de sentir uma pontinha de satisfação ao notar sua preocupação comigo.

— Estou no japonês com o Nando.

— Somente os dois? — Sabia que Dereck estava querendo saber sobre o Ferraz.

— E você. Isso se quiser se juntar a nós. — Enquanto fazia o convite ao Dereck, Nando fazia gestos exasperados, me chamando várias vezes de “maluca”.

— Só se for agora. Manda o endereço pelo WhatsApp e em alguns minutos eu chego.

Encerrei a ligação com a promessa da sua chegada em tempo recorde e passei o endereço do shopping pelo celular.

— Ok! Agora a senhorita olha para mim e diga o que está aprontando. — Nando queria explicações e eu apenas dei de ombros. Pensei em realmente não responder, mas meu amigo não sossegaría enquanto não arrancasse a verdade de mim.

— Dereck é um cara legal. Você sabe disso.

— Que ele é um cara legal, eu sei. Sei também que é hiper, mega, máster gostoso. Mas o cara te ama, Clara. Vai brincar com os sentimentos dele? Você ama o dr. Ferraz e...

— Pode parar por aí. — Fiz um gesto com a mão, e Nando recuou em sua cadeira. — Primeiro, o Dereck é bem grandinho para saber se defender. E sobre o Alê, eu te contei tudo o que ele fez comigo na serra, e se isso não for o bastante para você, seu querido chefe se superou hoje. Invadiu meu carro, me agarrou à força e, depois que eu o rejeitei, teve a arrogância de me humilhar dizendo que eu estava trepando com o meu chefe. Está bom para você ou quer mais?

Cruzei meus braços e me inclinei sobre a mesa para encarar o Nando. Ele fez o mesmo e achei que retrucaria ou tentaria me convencer de que mesmo assim eu deveria dar outra chance para o Alexandre.

— Não seria nada mau trepar com seu novo chefe. — Ele sorriu maliciosamente. — Você tem uma puta sorte com chefes gostosos.

Gargalhamos juntos. Nando era uma figura e não se segurava nem em uma conversa séria, o que eu adorava, pois não estava a fim de pensar em Alexandre e em toda a sua arrogância. Filho da mãe desgraçado.

— E lá vem o gibi — Nando anunciou.

Os braços do Dereck eram cobertos de tatuagens e, por isso, de vez em quando, o Nando o chamava de gibi. Vi quando ele entrou e foi falar com a hostess. A garota sorriu para ele — sorriu não, praticamente gritou *me fode, me fode!* Como sempre, Dereck foi gentil e piscou para ela, o que a fez empalidecer. Sério! Achei que desmaiaria. Quando percebeu que eu o encarava, ele abriu um sorriso e me desarmou.

— Quando você vai parar de flertar com todo rabo de saia que vê pela frente? — disse, e me levantei para abraçá-lo.

— Quando achar a garota certa. — Seus olhos brilharam ao falar aquelas palavras. Ele as dizia para mim e, apesar de saber que não o retribuía como merecia, me sentia querida pela forma como Dereck me tratava.

— E aí, Dereck? Você foi rápido. — Nando levantou para cumprimentá-lo e se sentou novamente.

Dereck se sentou ao meu lado e sua presença encheu o ambiente. Algumas pessoas olhavam curiosas, talvez pensando de onde o conheciam.

— Que nada, cara! Estava em um estúdio aqui perto, então foi fácil.

— Estava gravando? — perguntei. Sempre tive curiosidade em saber mais sobre o mundo da música e Dereck adorava contar cada detalhe sobre a sua vida. Era empolgante vê-lo falar de música, porém mais empolgante ainda era estar em sua frente enquanto ele estava no palco.

— Sim, estou fazendo parceria com um músico brasileiro. Acho que vai ficar bacana, estou gostando do resultado. Vou colocar no repertório do show e, se for bem-aceito, talvez vá para o próximo álbum. — Sorri pelo seu entusiasmo. Não disse?! Perguntei se estava gravando e ele praticamente me contou todo o projeto.

— Do que está rindo?

— Quando você fala de música esquece que o resto do mundo existe — respondi.

— Ainda bem que você me conhece, gatinha. — Dereck passou o braço pelo meu ombro e me puxou para perto dele. Deu um beijo em meu rosto e depois me soltou. — Já pediram? Eu poderia comer um tubarão com a fome que estou.

— Quando você não está com fome? — brinquei com ele.

Dereck deu um sorriso que evidenciava ainda mais suas covinhas e chamou o garçom. Fizemos o pedido e, apesar da carranca do Nando de quem não estava gostando nem um pouco do meu flerte inocente com o Dereck, a noite foi excelente. Dereck era uma ótima companhia e no fim até meu amigo relaxou um pouco, entrando nas brincadeiras. Dereck fez questão de pagar a conta e, ao sair, fomos parados por duas adolescentes que o reconheceram. Com o carinho de sempre, ele tirou fotos e distribuiu autógrafos. Já no estacionamento, vi que Nando não seguia em direção ao meu carro.

— Ei, aonde você vai? — perguntei surpresa, pois tínhamos ido juntos.

— Me esqueci de te avisar que vou dar uma passada no Gui, mas volto para casa ainda hoje. Vou pegar um táxi. — Nando apontou o dedo para onde o taxista já o esperava com a porta do carro aberta. Balancei a cabeça em negativa e o puxei pelo braço.

— Vai no meu carro, eu vou de táxi. É perigoso para você voltar depois.

Escutei Dereck bufando ao meu lado, e então o encarei para entender por que estava tão irritado.

— Vai de táxi porra nenhuma. Eu levo você em casa — disse autoritário.

Concordei com ele sem pestanejar. Entreguei minhas chaves ao Nando, que segurou minha mão por tempo demais.

— Tem certeza? — meu amigo perguntou.

— Claro.

Nando saiu balançando a cabeça enquanto caminhava até o carro. Andei em silêncio seguindo o Dereck. Dirigia um Veloster vermelho. Devia ser novo, pois eu não conhecia. Abriu a porta e, assim que entrei, o cheiro de couro me invadiu.

— É novo? Não conhecia esse — perguntei enquanto colocava o cinto de segurança.

— Sim. — Colocou o dedo em um botão no painel e o carro imediatamente ligou. Dereck encarou o vazio à nossa frente por alguns segundos antes de partir. — Você se afastou por muito tempo, é por isso que não conhecia.

— Dereck. — Não sabia o que responder e então me calei.

— Do que o Nando estava com medo? Ou acha que não percebi que ele não queria que você viesse comigo? — Ele tinha sacado as indiretas do meu amigo durante a noite.

Fiquei pensando no que Nando tinha me dito sobre os sentimentos do Dereck e o que eu estava fazendo. Por um lado, eu sabia que dava algum tipo de esperança a ele, mas, por outro, precisava esquecer o Ferraz. Era egoísta, eu sei, mas talvez Dereck fosse a solução.

— Deixa isso para lá. Vamos? — cortei o assunto. — Amanhã tenho consulta com a Manu pela manhã. Sabe como é. Exames de rotina.

Dereck concordou e enfim colocou o carro em movimento. No caminho para a minha casa, o golpe baixo da noite: ouvi-lo cantar *When I Was Your Man*, do Bruno Mars, que tocava no rádio.

*Too young, too dumb to realize
That I should've bought you flowers and held your hand
Should've give you all my hours when I had the chance
Take you to every party
Cause all you wanted to do was dance
Now my baby is dancing, but she's dancing
With another man*

Dereck cantava para mim, não me olhava, seu olhar estava compenetrado na rua à nossa frente. Mas o tom da sua voz e a forma como pronunciava as palavras diziam que ele me queria de volta. E essa era minha grande dúvida. Eu voltaria? Eu conseguiria? Depois de tanto sofrimento, primeiro com Lipe e agora com Alê, não sei se valeria a pena arrastar Dereck para a bagunça que era a minha vida.

Fiquei em silêncio durante quase todo o caminho, apenas respondendo quando ele me perguntava alguma coisa. Quando chegamos à minha casa, Dereck saiu do carro e abriu a porta para mim. Me despedi e comecei a andar em direção à portaria.

— Está correndo do quê, gatinha? — perguntou percebendo o meu desconforto. — Sei que não está mais com o velhote, então por que você não me dá uma chance? Eu não mereço? — Seus olhos me encaravam e eu via a mesma tristeza que tinha sentido, quando perdi Alexandre, refletida nos olhos do Dereck.

— Você sabe que não é isso.

— Então, o que é? — Segurei meu rosto entre as mãos. — Merda, me diz o que tenho que fazer, Clara. Eu faço! Quer que eu largue a estrada e vire um engratado? Eu faço. Eu mudo. Viro do avesso por você. É só me dizer.

Seus dedos alisaram minha pele e por um minuto eu vacilei. Foi o tempo que Dereck usou para colar sua boca na minha. Seus lábios roçaram nos meus pedindo passagem, mas eu resisti.

— Só um beijo — sussurrou. — Vou fazer você esquecer-lo. Prometo. — Tentou me beijar novamente, mas eu consegui me afastar. Dei dois passos para trás, aumentando a distância.

— Vamos com calma, Dereck. Eu ainda não estou preparada. — Suas mãos caíram ao lado do corpo, em uma postura de derrota. — Me dá apenas um tempo, para colocar as coisas em ordem. É recente e eu não quero meter os pés pelas mãos. Estou uma bagunça — abri meu coração para ele.

Dereck se aproximou novamente e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. Me olhava com carinho, fazendo com que eu me sentisse amada. Acho que, depois de tudo, eu tinha me tornado uma pessoa carente.

— Eu espero o tempo que for. Você vale a pena. E eu seria um idiota se não lutasse por você. Por que não volta comigo para os Estados Unidos? — Sua proposta me pegou desprevenida. — Antes de responder, pense como foi bom da última vez. Você saiu daqui quebrada e voltou muito mais forte.

Ele tinha razão, a viagem tinha me feito muito bem quando precisei dar um tempo na minha vida. Mas agora eu tinha responsabilidades. O dr. Alberto contava comigo no escritório e, além disso, eu não acreditava que Dereck estivesse

propondo uma viagem de amigos.

— Prometo pensar. — Somente pela possibilidade de aquilo acontecer, Dereck já abriu um sorriso. *Droga!* Seria difícil mantê-lo distante.

— Isso me deixa muito feliz. Você não vai se decepcionar.

Me despedi do Dereck e entrei no prédio. Cheguei em casa e tomei um banho rápido. Tinha que acordar cedo para a consulta com a Manu e eu não podia me atrasar. Adormeci rápido, mas antes pensei em todo o meu dia. Alexandre.... Dereck.... Dereck.... Alexandre. Puta merda! Que sinuca de bico. Umas com tão pouco e eu com os dois homens mais lindos do universo. Um que eu amava irremediavelmente, e o outro que estava fazendo de tudo para me reconquistar.

— E aí, Manu, meu rim não está sendo expulso de casa, né? — brinquei com a minha médica assim que terminei de me trocar.

Tinha que fazer exames regularmente para verificar se o meu corpo não estava rejeitando o rim transplantado ou se estava com alguma reação alérgica aos remédios que tomava. Manu aproveitava para fazer todos os exames possíveis, sempre tentando me manter o mais saudável possível.

Parei estática na sala quando Manu me encarou perplexa depois de olhar os exames que estavam em suas mãos.

— Que cara é essa, Manu? — perguntei já nervosa. — Alguma coisa errada?

Ela continuou me encarando sem dizer nada e o pânico tomou conta de mim. Não estava preparada para morrer.

— Clara, você andou transando sem camisinha? — perguntou, curta e grossa como sempre.

Ri da sua pergunta sem sentido, mas Manu continuava séria.

— Não me diz que... — Minhas mãos gelaram quando a possibilidade passou pela minha mente. — Não. Não pode ser.

— Parabéns, Clarinha. Você será mamãe.

OH. MEU. DEUS.

Ferraz

— Bom dia para você também — Diego disse sarcástico assim que entrei em sua sala sem bater ou me anunciar. Estava tão puto com a Clara que mal me lembrava das regras da boa educação.

— O que está fazendo aqui? — Quando cheguei da minha audiência que terminou comigo sendo chutado do carro da Clara, Ana me avisou que Diego estava em sua sala. Como meu irmão não tinha me comunicado sobre sua volta, eu nem entrei em minha sala, fui direto ao seu encontro.

Logo percebi que Diego não tinha ido trabalhar: vestia calça jeans e camiseta simples. Então fiquei curioso por saber o motivo de sua visita. Ultimamente, nos víamos muito pouco. Ele continuava com a fisioterapia e o restante do tratamento e eu atolado até o pescoço de trabalho.

— Quero fazer uma auditoria na Ferraz — explicou o motivo de sua presença.

— Alguma razão para isso agora? — Me preocupei. Será que Diego estava desconfiado que estivesse acontecendo alguma coisa no escritório?

— Nada de mais. Só procurando algo para fazer.

— Se você diz... — Dei de ombros, dando carta branca para que fizesse o que achasse necessário.

Encerrei o assunto, sabia que tinha um cliente naquele horário e ele devia estar me aguardando. Antes de sair, Diego me chamou sorrindo.

— O que foi na sua boca?

Passei a mão pelo meu lábio inferior e percebi que estava inchado no lugar onde a Clara tinha me mordido. Filha da mãe.

— Uma cachorra — xinguei exaltado.

— Não sabia que você tinha esse tipo de gosto sexual. — Diego se acomodou na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça. Meu irmão cheio de gracinha para o meu lado era o que eu menos precisava naquela manhã.

— Você sabe muito bem quem foi.

Diego se inclinou para a frente e seu rosto se transformou. Respirei fundo, pois sabia que viria mais um sermão.

— E eu também sei que vocês precisam resolver essa merda fodida. Quando vocês vão se dar conta de que isso tudo está acabando com vocês?

— Cara, mesmo depois de te contar tudo o que aconteceu entre ela e o cantorzinho você ainda vai ficar do lado dela? Porra! Quem tem um irmão como você não precisa de inimigos, Diego.

— Só acho que você deveria conversar com ela. — Passei as mãos pelo cabelo, nervoso com a encheção de saco.

— Eu tentei conversar com ela. E descobri que a maldita está trepando com o Alberto.

Quando achei que Diego se daria por vencido, ele se levantou, me encarando

de frente. Era tão parecido e ao mesmo tempo tão diferente de mim.

— Ela confessou? — questionou espantando. Certamente achava que Clara não seria capaz de abrir as pernas para outro. Sempre o defensor das mocinhas.

— Não, mas eu suponho que sim.

Diego estreitou os olhos e me fuzilou com ódio.

— Porra! Alexandre, você é um advogado. Desde quando fica fazendo suposições? E, pior, alegando um fato que nem sequer sabe se é verdade. Se eu fosse a Clara, te processava por difamação.

Depois dessa do Diego, minha raiva estava acima do limite.

— Vai à merda, Diego! — gritei, já saindo da sala.

— Estou indo te tirar de lá, mas se você não colaborar fica difícil.

Deixei Diego falando sozinho e fui em direção à minha sala. Meu cliente estava atrasado e a minha secretária me repassou os meus horários, como de costume.

— E o seu marido, Ana, já voltou?

— Não, senhor. Provavelmente em seis meses ele encerra a missão — respondeu naturalmente minha pergunta, mas notei a saudade em sua voz. Seu marido estava no Haiti em uma missão, já que era soldado do Exército. Segundo Ana, ele não poderia voltar enquanto não cumprisse o tempo determinado. Isso já fazia uns dois anos, um pouco antes da entrada dela na Ferraz. Não gostava muito de tocar no assunto, já que ela sempre ficava triste.

— Não acredito! Mais uma palestra. — Mostrei a Ana o envelope da Ordem dos Advogados com meu nome escrito.

A carta dizia que mais uma vez eu estava sendo convidado para palestrar em um evento. O tema do congresso seria o colapso do sistema penitenciário brasileiro. Gostava do assunto e imediatamente minha cabeça começou a montar um discurso sobre ele. Tinha várias teorias e não seria ruim expô-las. Mas, ao ver o local em que aconteceria, eu comecei a mudar de ideia. Era o mesmo onde ocorreu o último congresso de Direito Internacional. O mesmo em que tive um dos fins de semana mais felizes da minha vida.

Balancei a cabeça, pois não podia pensar na minha menina daquela forma. Clara era uma maldita e não ia mais tirar o meu juízo nem brincar com a minha cabeça.

— Tem um recado para o senhor. O sr. Enzo ligou e disse que aguardava um retorno.

Porra, isso me interessava! Agradei a Ana e me encaminhei para minha sala. Mal me sentei e já disquei o número do Enzo. Girei minha cadeira, ficando de

costas para a porta e de frente para um grande quadro com a Deusa da Justiça.

No terceiro toque, ele atendeu e eu não perdi tempo.

— Alguma novidade, Enzo?

— Sim.

— Desembucha, porra — esbravejei.

— Não se empolgue, Ferraz. O celular havia sido roubado e o dono anterior faleceu há anos. Infelizmente, meu amigo, não dá para saber quem foi que enviou o vídeo — explicou, e eu bati o punho fechado sobre a mesa. Não acreditava que mais uma vez ficaria à mercê dessas pessoas que claramente querem me destruir. Primeiro as ligações, depois os acidentes e agora as ameaças e o vídeo. Quem estava armando contra mim fazia isso muito bem. Nem mesmo Enzo foi capaz de descobrir a identidade do desgraçado.

— Tudo bem, Enzo, obrigado.

— Desculpe, Ferraz, eu fiz tudo o que pude — tentou se explicar, mas eu sabia que não era culpa dele.

— Tranquilo, Enzo — encerrei a ligação.

Liguei meu computador para começar a trabalhar, mas não conseguia parar de pensar que era coincidência demais. Tudo envolvia a Clara, e a única pessoa que tinha motivos para querer prejudicar o nosso relacionamento era a Lana. E o pior era que, com a Clara longe de mim, eu não conseguiria protegê-la.

— Porra! O que eu vou fazer?

21



Clara

— Tudo bem mesmo, Clarinha? — Nando perguntou pela décima vez antes de sair para trabalhar.

Depois da consulta eu nem tive cabeça para ir trabalhar. Voltei para casa e disse que não estava me sentindo muito bem para não assustar o Nando. Apesar de ser uma desculpa, não era uma mentira total. Eu não estava normal. Estava grávida. Aquela palavra martelava em minha cabeça, me fazendo ver estrelas.

— Nando, eu já te disse que não é nada de mais. Pode ir para o escritório. Aliás, você já está atrasado.

Meu amigo olhou o relógio em seu pulso, e sua cara de assustado revelou que ele não tinha noção de que já era tão tarde.

— Ok! Ligue para mim ou para Laís se precisar de alguma coisa. — Concordei com ele, e Nando beijou minha testa.

Depois que ele saiu, me deitei no sofá em posição fetal. E agora o que vou fazer? Depois de tudo o que aconteceu, como contar ao Alexandre que ele ia ser pai? Meu Deus! Eu nem sabia se ele queria ser pai, ainda mais na situação em que estávamos.

Me levantei e caminhei até o grande espelho do meu quarto. Minha imagem refletida mostrava a mesma Clara, o mesmo corpo, cabelos e olhos, mas já me sentia diferente. Abri os botões da camisa que vestia e me virei de lado encarando meu perfil no espelho. Levei minhas mãos até a barriga e acariciei meu ventre. Imediatamente lágrimas rolaram pelos meus olhos. Uma gama de sentimentos

explodia dentro de mim: medo, insegurança, espanto e surpresa por saber que uma nova vida estava sendo gerada dentro de mim.

Nunca pensei em ser mãe, na verdade, nunca achei que ficaria grávida depois de tudo o que passei. Manu explicou que alguns dos meus remédios podem ter alterado o efeito do anticoncepcional e, como eu e Alexandre não nos preveníamos de outra forma, tudo aconteceu. Pelo ultrassom que fiz depois que vi o resultado do exame de sangue, eu estava com quase dois meses de gravidez, o que coincidia com a primeira noite que fiquei com Alexandre depois do acidente. No dia em que eu o resgatei do bar e dormi em seu apartamento.

Saí da frente do espelho, tirei a roupa de trabalho que usava e vesti um velho pijama de flanela. Liguei o ar-condicionado, me enrolei no edredom como se ele fosse um casulo e desejei dormir durante todo o dia. Talvez quando acordasse minha mente se iluminaria e eu descobriria uma forma de contar a novidade ao Ferraz.

Acordei sem noção da quantidade de horas que tinha dormido. Meu estômago roncava, o que indicava que já passava da hora do almoço. Peguei meu celular na cabeceira da cama e já eram mais de três horas. Como imaginava, havia várias ligações e mensagens do Nando. Sorri ao ler a última.

Vou entrar em uma audiência às três e saio às seis. Se você não me mandar uma mensagem avisando que está bem, vou até aí chutar sua bunda. ENTENDEU, MARIA CLARA? N.

Meu superprotetor. Como pode alguém entrar em sua vida e se apossar do seu coração daquela maneira? Nando tinha se tornado meu refúgio. Mais do que alguém com quem eu dividia o apartamento, ele fazia parte da minha família.

Estou bem, senhor. Nada de letras garrafais, papai. Beijos. C.

Fechei o telefone rindo da minha resposta, mas a palavra papai me fazia tremer. Ainda não sabia como dar a notícia ao Alê. Mas sabia que precisava fazer isso o mais rápido possível, gravidez não é uma coisa que se deva esconder. Ele era tão parte disso quanto eu. Contaria a ele e esperaria uma resposta. Tenho certeza de que não me mandaria abortar. Alexandre não seria capaz disso. E nem eu faria. Vi quantas transplantadas batalhavam para engravidar e, se Deus me deu essa dádiva, mesmo sem saber ainda o que fazer, eu não abriria mão do meu filho por nada nesse mundo.

Tomei um banho para despertar e preparei um lanche simples. Enquanto

comia liguei para a Cris. Havia algumas semanas não frequentava a terapia e pensei que essa seria a melhor hora de voltar.

— Olha! Quem é vivo sempre aparece. O que aconteceu com você, dona mocinha? — Já atendeu o celular me passando um sermão muito bem-merecido.

Por ser amiga do Alexandre, e a metade dos meus problemas ser minhas idas e vindas com ele, eu e Cris desenvolvemos uma amizade que me permitia ligar direto em seu celular.

— Cris, preciso conversar. Você tem um horário disponível? — não respondi sua brincadeira e fui direto ao ponto.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou preocupada.

Deixei o prato sobre a pia da cozinha e fui sentar no sofá.

— Sim e não. É complicado.

— Quando “complicado” não faz parte do seu dicionário, Clara? Estou com minha agenda lotada, mas gostaria muito de jantar com você hoje. O que acha? Podemos ter uma conversa informal, como amigas.

— Perfeito, Cris. — Seria melhor mesmo uma conversa informal, acho que me sentiria mais à vontade.

— Combinado. Mando o endereço por mensagem e te encontro lá às oito horas.

Nos despedimos e pedi a Deus que pelo menos a Cris me desse uma luz sobre o que fazer. Estava em um mato sem cachorro. No meu caso, em um mato sem lobo.

— Oi, lindinha — Cris me cumprimentou assim que cheguei ao restaurante.

— Oi, Cris — cumprimentei-a com um abraço.

Sentamos uma de frente para a outra e o garçom logo apareceu.

— Vou de vinho e você, Clara? — perguntou, e eu não conseguia nem responder. Estava extremamente nervosa. Precisava contar a alguém o que passava e então despejei as palavras sobre ela:

— Cris, eu estou grávida.

Minha amiga e terapeuta arregalou os olhos e seu rosto moreno empalideceu, tão surpresa quanto eu quando Manu me contou.

Fez um gesto com a mão dispensando o garçom, que também nos encarava.

— É do Alexandre? — Havia surpresa em sua voz. Balancei a cabeça assentindo e ela abriu o maior sorriso do mundo. — Meu Deus! Meu amigo vai

ficar nas nuvens.

Olhei incrédula para Cris, sem acreditar em sua reação. É sério que ela trataria essa situação como algo normal?

— Cris, você ouviu o que eu disse? Entendeu minha situação? — Coloquei as mãos cruzadas sobre a mesa e me debrucei um pouco sobre ela. — Estou em pé de guerra com o Alexandre e não posso chegar para ele e simplesmente dizer: tome que o filho é seu.

Cris se inclinou para a frente também e seu olhar encontrou o meu. Cerrou os olhos e eu previ a réplica bem-elaborada que viria.

— Vocês dois têm que parar de complicar a vida. Tudo é muito simples. Você o ama, ele te ama e terão um *Ferrazinho* ou uma *Clarinha*, como fruto desse amor. E fim. Os dois viveram felizes para sempre. — Ficou ereta novamente e sua expressão se tornou preocupada. — Não está pensando em esconder isso dele, né? Você é melhor que isso, Clara.

— Óbvio que não. — Balancei a cabeça afastando essa possibilidade. — Acontece que não quero obrigar o Alexandre a nada. Ele está diferente, ontem me humilhou muito após perder um caso para mim no tribunal. Me acusou de dormir com meu chefe e, acredita em mim, suas palavras não foram tão doces como as minhas.

Cris sorriu abertamente, e eu já estava ficando com raiva das suas mudanças de humor. A grávida aqui era eu.

— Você bate o grande dr. Ferraz no tribunal e ainda quer que ele fique calmo. Clarinha, estamos falando de Alexandre Mendes Ferraz. Aquele não gosta de perder para ninguém, agora imagina para você. — Pensei no que Cris falava e ela tinha razão. Um leve sorriso despontou em meu rosto. A satisfação de ver a cara do Alexandre quando o juiz deu a causa perdida para ele não tinha preço. — Vejo que você se divertiu com isso.

Voltei a ficar séria, pois o assunto pedia. O que eu disse a Cris era verdade: não iria impor ao Alexandre uma relação que ele não queria e não aceitaria que voltasse somente pelo filho.

— Clara... — ela começou a falar, mas eu a interrompi.

— Porra, Cris, para de defendê-lo. Eu também estou sofrendo — minha voz se alterou, então me encolhi na cadeira como se aquilo pudesse apagar meu quase grito em um restaurante lotado.

— Eu sei que está. — Foi firme. — Porém, metade dos seus sofrimentos são causados por você mesma. Tudo isso seria evitado se você contasse ao Alexandre sobre o Felipe. Você não teve culpa, Clara. Te falei isso mais de mil vezes. Felipe

tomou a decisão dele e isso gerou uma consequência. Triste, mas todos nós um dia morreremos. Ele foi mais cedo e de uma forma inesperada. Mas tenho uma coisa para te dizer. — Apontou o dedo no meu rosto. — A morte não manda aviso.

Fiquei abalada com as palavras dela, pois vez ou outra me pegava imaginando que se contasse ao Alexandre talvez nossa história fosse diferente. Coloquei os cotovelos sobre a mesa e escondi meu rosto sobre as mãos.

— Eu tentei contar, mas ele não quis me ouvir. Quando enfim criei coragem, ele me acusou de traí-lo com o Dereck e me deixou sozinha na pousada — Conte sobre a viagem e sobre como tinha me sentido pronta para desabafar.

— Caralho. Você também, hein? Que dedo é esse para atrair homem gostoso.

Não consegui conter o sorriso com sua brincadeira. Ter homens lindos, talentosos, gostosos e excelentes profissionais a volta é algo que toda mulher sonha. Mas acontece que para mim já estava virando um pesadelo.

— Vamos jantar. Que saco vazio não para em pé. E agora você come por dois. — Fez sinal chamando o garçom.

Como não tinha comido direito durante todo o dia, pedi uma refeição completa. Cris brincou dizendo que a gravidez já estava fazendo efeito. Tivemos uma boa conversa, ela me aconselhou a tirar um tempo para pôr a cabeça no lugar e ficou feliz quando mais uma vez deixei claro que não esconderia a gestação do Alexandre.

— Você está bem? — Ela levantou a sobrancelha, preocupada.

— Muito. Obrigada pela conversa. Estou melhor. — Limpei a boca com o guardanapo e sorri para ela.

— Que bom. Continue assim, porque o Alexandre está entrando no restaurante nesse exato momento. E não está sozinho.

Minha primeira reação foi travar na cadeira. Ainda não era hora de contar a ele. Não estava preparada, e as palavras da Cris deixavam claro que ele também não estava aqui por mim. Me virei e assim que levantei os olhos para a entrada do restaurante nossos olhares se cruzaram. O meu embaçou pelas lágrimas que contra minha vontade surgiram, e o dele me penetrava friamente. Mas o que mais me impressionou era ver quem ele trazia pendurada em seu braço. Lanabisgoia.

Ferraz

Porra! Porra! Porra! Xinguei mentalmente, pois não podia dar bandeira para Lana, que estava ao meu lado. De todos os milhares de restaurantes dessa cidade,

eu tinha que convidá-la para jantar no mesmo em que Clara estava. Não podia imaginar que minha menina e Cris estariam ali. O olhar dela ao encontrar o meu me quebrou. Podia de longe ver as lágrimas se formando em seus olhos. Sabia que a presença da Lana ao meu lado a abalava. Na verdade, eu fazia um esforço enorme para respirar o mesmo ar que essa vadia, mas tive que fazer isso. Queria descobrir algo mais sobre todas as ameaças e proteger a Clara, mesmo a distância e mesmo que ela não merecesse. Então, convidei Lana para um jantar. Ela, claro, prontamente aceitou e desde que entrou na minha caminhonete não parou de falar o quanto Clara não era mulher para mim. Justo ela que não chegava aos pés da minha menina.

— Ora, ora, que coincidência. Pelo menos assim vamos colocar a advogadazinha no lugar dela — disse com desdém. Meu estômago se revirou com vontade de deixar Lana sozinha e ir embora pelo mesmo lugar que entrei, mas não podia colocar o meu plano a perder. Reconquistaria a confiança de Lana e, se ela sabia de alguma coisa, eu arrancaria dela, nem que para isso eu tivesse que vomitar cada vez que ela me chamasse de meu amor.

— Olha o vexame, Lana. Não apronta, se não te deixo aqui sozinha. — Usei de todo meu autoritarismo para deixá-la sob controle. Lana adorava ser controlada, então era fácil mantê-la em rédea curta.

Vi dúvida em seu olhar e tenho certeza de que a vontade de humilhar Clara era tanta que ela cogitou me desobedecer, mas logo fitou meus olhos e desistiu.

— Como quiser, amor — falou com a voz melosa.

Eu não poderia sair do restaurante sem falar com a Cris, ela comeria meu fígado no café da manhã. Nos aproximamos da mesa e tentei não encarar a Clara. Ela também desviou os olhos assim que chegamos.

— Oi, Cris, tudo bem? — cumprimentei-a normalmente, mas senti que estava ferrado. Ela levantou para me dar um abraço e aproveitou nossa proximidade para fazer suas ameaças.

— Vou arrancar suas bolas, Ferraz — sussurrou em meu ouvido. — Tudo, sim. E você, meu amigo? — dessa vez disse alto para todos escutarem. — Dra. Lana. — Balançou a cabeça para ela.

— Olá, Clara, como está? — Tive que cumprimentá-la. Não queria demonstrar o tanto que essa maldita me afetava. Mas, porra, assim que ela me olhou eu quis cair aos seus pés. Quando esqueceria esse amor? Pelo visto nunca.

— Vou bem, e o senhor? — Sua formalidade me destroçava, mas aceitei e não a corrigi, pois era assim que tinha que ser. Duas pessoas que se conhecem e se respeitam, nada além disso. — Dra. Lana. — Sua voz saiu entrecortada ao

cumprimentar a Lana.

— Olá, querida. Quanto tempo não nos vemos. Fiquei sabendo que está trabalhando com o Alberto. Que sonho, hein? — Lana disse em tom de provocação. Sabia que ela não deixaria barato.

— Sim. Ele é um excelente profissional. Está me ensinando muito.

— Além de ser um deus, né? — Lana piscou, continuando seu jogo, e eu já estava a ponto de explodir e mandá-la ir à merda.

— Sim. Um belo homem, embora o profissional se sobressaia ao homem.

Ver Clara elogiando o Alberto tão abertamente me fez arfar de raiva. Minhas mãos travaram em punho e eu podia sentir a dor do meu maxilar ao cerrar meus dentes. Maldito momento em que achei que o escritório do Alberto seria o melhor para Clara.

— Não tanto quanto o meu. — Eu ainda estava preso em meus pensamentos quando Lana passou os braços pela minha cintura. Revirei os olhos de nojo e raiva e tive que me concentrar no meu objetivo.

— Melhor irmos, Lana. Amanhã eu te ligo, Cris. Passar bem, Clara.

— Esperarei ansiosa, Alexandre — Cristina disse séria. Ok, agora, além do meu fígado, minhas bolas também estavam em perigo.

Lana acenou se despedindo e caminhamos até a nossa mesa. Não olhei para trás. Se fizesse perderia a coragem e arrastaria Clara para o estacionamento — nossa última vez em um estacionamento não terminou muito bem e a prova disso era a mordida em meu lábio. Maldita! Puxei a cadeira para a Lana e, segurando o braço dela, a fiz sentar de forma um pouco bruta.

— Ai! — exclamou passando a mão onde eu segurava.

— Que história é essa de seu? — perguntei quando me sentei diante dela. Não consegui me segurar.

— Desculpa, mas já estava na hora de colocar aquela sem-sal no lugar dela. Alexandre, fomos feitos um para o outro e seu convite hoje é a prova que eu precisava. Você ainda me quer, eu sei — disse melosa, e eu não sei como pude ficar tanto tempo com a Lana sem perceber esse seu lado. Respirei fundo, pois minha vontade foi de dizer que nem morto eu ficaria com ela novamente.

— Eu sei. Mas vamos com calma, ok? — Lana balançou a cabeça e, com os olhos cheios de esperança, sorriu.

Deus! Dai-me paciência. Essa noite vai ser longa.

Fizemos nosso pedido e, enquanto Lana se esbaldava no vinho, eu fiquei na água. Primeiro porque estava dirigindo e, segundo, porque queria estar atento a qualquer sinal que Lana desse sobre as ameaças e o vídeo. Conversamos sobre

amenidades do dia a dia. Geralmente o assunto girava em torno da nossa vida profissional. Lana não parava de falar dos últimos casos em que trabalhou e se exaltava orgulhosa ao falar de sua carreira brilhante e meteórica. Pisei em ovos durante toda a noite para que ela não desconfiasse de nada, mas finalmente decidi começar minha investigação.

— Queria te pedir desculpas pelo outro dia. — Comecei com um pedido de desculpas, pois sabia que isso deixaria o terreno livre para o resto.

— Não se preocupa, meu amor. — Sua mão deslizou sobre a mesa e pousou sobre a minha.

Recolhi meu braço, fingindo pegar o celular no meu bolso. Coloquei-o sobre a mesa, pois ele também fazia parte do meu plano. Além de programá-lo para gravar nossa conversa, em dez minutos ele iniciaria uma chamada falsa que eu usaria como pretexto para ir embora.

— Estava nervoso por causa da tentativa de assassinato do Diego e você sabe como sou quando o assunto envolve meus irmãos. — Joguei a isca e agora era esperar ela cair.

Lana me olhou com cara de surpresa, e se a Clara não tivesse me dito o que ela aprontou no congresso, eu a riscaria da minha lista de suspeitos. Sua cara de inocente poderia enganar qualquer um. Me preparei para ouvir os seus comentários.

— Você acredita que tenha sido uma tentativa de homicídio? Diego nunca fez mal a uma mosca.

— Sim. Mas acho que o alvo não era o Diego. Tenho certeza de que o objetivo era me atingir. E apenas usaram o meu irmão para isso.

Lana pousou os talheres sobre o prato e continuou me encarando.

— E o que a polícia descobriu?

Sua pergunta me fez pensar e acabei optando por não deixá-la saber que a investigação não tinha chegado a lugar nenhum. Isso a deixaria tranquila e o meu intuito era desestabilizá-la. Deixar Lana com medo, o que mais cedo ou mais tarde faria com que ela deixasse escapar alguma coisa que eu pudesse usar contra ela.

— Eles têm um suspeito, mas sem provas materiais ou indícios para incriminá-lo. Se isso for verdade, você sabe que moverei céus e terras para colocar na cadeia quem quer que seja que tenha feito mal ao Diego, não sabe, Lana?

Cheguei bem próximo dela, pois quanto mais próximo fisicamente, mais fácil era confrontá-la. Minha pergunta foi mais que um simples questionamento, era uma ameaça, mas Lana parecia tranquila. Estava chegando à conclusão de que ela não sabia de nada ou mentia tão bem que poderia enganar até a mim.

— Pode contar comigo. Sempre gostei muito do Diego e, se puder, faço questão de te ajudar. — Analisei cada gesto que fazia e todo o seu comportamento. Meus anos como advogado me ensinaram a ler as pessoas, e Lana não dava sinais de que mentia. Suas mãos não faziam movimentos bruscos e seus olhos não desviavam dos meus quando falava. Sua voz continuava normal, o que geralmente não acontecia com os mentirosos, que tendem a afinar e alterar o tom de voz. A expressão facial também era normal, nada exagerado, nem um sorriso forçado ou sobrancelhas arqueadas. Lana não mentia. Isso era certo. Mas se não era ela a mandante ou executora de tudo, quem seria? Minha segunda opção era o Araújo, mas o que ele ganharia me afastando da Clara?

Enquanto divagava, meu celular tocou como planejado. Lana me olhou com raiva, vendo que eu interromperia nossa conversa para atender. Ergui um dedo e pedi um minuto. Levantei fingindo falar alguma coisa e, alguns minutos, depois voltei à mesa.

— É o Diego, ele está com um problema e eu preciso ir. — Tentei parecer preocupado.

Lana cruzou os braços e fez bico como uma criança contrariada. Retirei o dinheiro da carteira e coloquei sobre a mesa.

— Achei que teríamos um tempo para nós dois — reclamou insatisfeita com minha saída inesperada. — Faz tanto tempo. — Sua voz sensual praticamente implorava por um prazer que ela nunca mais receberia de mim. Mesmo que ela fosse inocente, eu não ia engolir as coisas que fez com a Clara.

— Eu sei, mas Diego está com um problema em casa e eu preciso ir. Mas prometo que marcamos algo especial em outro momento. — Joguei todo o meu charme, e Lana caiu como um patinho. — Vou pedir um táxi para você, tudo bem?

Deu de ombros, um pouco mais conformada.

— Tudo bem. Mas vou cobrar na próxima.

— Claro. Na próxima teremos algo especial, como nos velhos tempos. — Esperava que Lana não soubesse as técnicas de leitura corporal, pois o meu corpo praticamente piscava com luzes de neon indicando que ela nunca mais me teria.

22



Clara

Por mais que Cristina tivesse tentado me acalmar, eu não consegui relaxar. No momento em que Alexandre se sentou com a Lana na mesa reservada para os pombinhos, eu levantei para ir embora. Antes de sair pela porta, Cris me alcançou.

— Ei, calma aí, mocinha. — Puxou meu braço para me parar. — Pode não ser o que você está pensando e, além do mais, você tem algo que ela não tem.

Fechei a cara. Se o objetivo da Cris era me acalmar, ela conseguiu exatamente o contrário. Eu não era mulher de prender ninguém ao meu lado e nunca usaria um filho para amarrar Alexandre a mim.

— Ok! Não me expressei como deveria — disse ao me ver tão séria. — O que eu quero que você entenda é que Alexandre te ama. Clara, está na cara, eu não sei o que ele está fazendo com essa... essa...

— Lanabisgoia — completei.

— Isso mesmo. Nunca gostei dessazinha. E fica evidente que ele não a olha da mesma maneira que olha para você. Ele praticamente te come com os olhos e não digo isso somente em relação ao lado sexual.

Nesse momento percebemos que bloqueávamos a porta e, então, saímos do restaurante ainda conversando.

— Pode ser, mas nesse momento ele está com ela e eu vou para casa pensar no que fazer.

Cris me abraçou, e, apesar de eu ser alta, ela era ainda maior que eu. Sorri em

seu ombro ao me lembrar do apelido que eu dei para ela: Pernalonga.

— Não esquece que independente de qualquer coisa você tem muitos amigos ao seu lado. — O carinho que demonstrava me encantava. Mais uma pessoa que passou a dar sentido à minha vida.

— Eu sei, Cris. Obrigada por tudo.

— Agradeça depois que eu servir as bolas daquele filho da puta lá dentro em uma bandeja para você.

Sorri com sua ameaça. Poderia até pedir para que ela não fizesse nada, mas não sou hipócrita, adoraria ver a cara do Alê quando Cris despejasse sua fúria em cima dele. E eu sabia que ela faria isso muito bem.

Nos despedimos e aguardei o manobrista trazer meu carro. Ela tinha ido de táxi e não aceitou a minha carona. Segui com destino a minha casa e no caminho liguei o rádio. Me arrependi na mesma hora. A música da trilha sonora da novela estava tocando. Não acompanhava nenhuma novela, mas já tinha escutado essa música da Tânia Mara, *Só vejo você*, quando zapeava os canais procurando algum filme para assistir. Tinha uma letra muito romântica, que me fez chorar.

*Mais um dia triste
Me pego outra vez pensando em você
Não dá pra evitar
O seu olhar me disse
Que ainda há tanta coisa pra se entender
Pra que controlar*

*Paz, é tudo que eu venho tentando encontrar
Mas, me vem a saudade fazendo lembrar*

*Tentei evitar
Tentei esquecer tudo o que me lembra você
Tentei não te amar
Mas olho no espelho e nada de me reconhecer
Só vejo você... em mim*

Enquanto dirigia e via os faróis passarem por mim, senti uma angústia que me impedia de respirar. Quando percebi, estava chorando de soluçar. Não acreditava que mais uma vez tinha perdido um amor. Primeiro, Felipe, e agora, Alexandre. Deus, por que sofrer tanto?

Quando cheguei em casa, percebi que Nando não estava. Peguei o celular

para ligar para ele, mas tinha uma mensagem sua avisando que não dormiria em casa, mas que eu poderia ligar a qualquer momento se precisasse de algo. Respondi dizendo que eu já estava em casa e que estava tudo bem. Não queria preocupá-lo.

Ainda com a música que falava de saudade na cabeça, resolvi fazer algo que havia muito tempo devia ter feito. Abri meu guarda-roupa e peguei do bolso de um casaco a carta que Luciana me entregou. Muitas vezes depois daquele dia eu adormeci com a carta apoiada no meu peito, depois de ficar horas olhando para a letra do Felipe no envelope. Tirei os sapatos e me deitei. Fitei mais uma vez o meu nome escrito de forma delicada pelo homem que me deu a sua vida. Passei a mão sobre as letras e depois limpei meus olhos para não molhar o papel já marcado com as lágrimas que não tinha conseguido segurar das outras vezes que chorei de saudades do Felipe. Respirei fundo e abri. Pensei em desistir, mas já tinha ido longe demais para me acovardar mais uma vez. Deitei de lado e comecei a ler aquela letra que eu conhecia tão bem.

Oi, Princesa,

Se você está lendo esta carta é porque eu não consegui cumprir a promessa de lutar com você para sempre. Acho que deixei essa tarefa para você executar sozinha. Clara, meu amor, fico tão feliz que tenha conseguido e eu estou só constatando o óbvio. É claro que você vai viver por muitos anos. A verdade é que eu sei que não estarei ao seu lado por muito tempo. Lembra quando fui naquele congresso no Canadá? (Querida ouvir sua doce voz me dizendo que sim.) Então, durante o curso eu senti uma forte dor de cabeça e no hospital em que ocorriam as aulas eu descobri uma bomba em meu cérebro. Os exames revelaram um aneurisma inoperável.

— Meu Deus! — Chorei descontrolada. Minhas mãos tremiam, praticamente fazendo a carta pular nelas. O congresso tinha sido antes da cirurgia. Se ele estava doente, não poderia ter me doado o rim. Foi isso que o matou.

Desculpa, meu amor, eu não podia te contar. Sabia que você estava passando por um momento difícil. Não aparecia ninguém compatível com você e, quando fiz os exames e descobri que poderia ser seu doador, eu não pensei duas vezes. Sei que nesse momento você deve estar me odiando, mas eu fiz o que meu coração mandou. Eu morreria de qualquer jeito, mais cedo ou mais tarde. Espero que tenha sido mais tarde, já que eu não sei quando isso aconteceu (ok, piada péssima, eu sei). Mas a questão é que eu sei que não vou viver por muito tempo, então por que não dar a vida para a

mulher que eu amo? Foi isso que eu fiz, minha princesa. Queria te ver por aí, pulando, sorrindo, balançando os quadris ao som de uma música qualquer, daquele jeito que só você sabe fazer. E mesmo sabendo que não terei o prazer de ser quem estará ao seu lado, quero você no altar. Quero que você tenha um casamento perfeito, filhos lindos como você, uma velhice tranquila com netos à sua volta. Quero que realize os sonhos que eu não pude viver ao seu lado.

Nesse momento passei a mão na barriga que abrigava um dos sonhos de que Felipe falava.

Escrevo esta carta minutos antes de entrar na sala de cirurgia onde retirarão meu rim para doá-lo a você. Me deram seis meses de vida, Clara, e eu, como sou teimoso, já estou no oitavo. Então, a qualquer momento posso explodir e eu não quero que isso aconteça sem antes dizer que eu te amo mais que a mim mesmo. Aproveita a vida. Coma cachorro-quente de carrocinha, dance na chuva, faça o que te der na telha. Seja feliz, pois onde quer que eu esteja ainda olharei por você. Espero que meu rim funcione melhor que meu cérebro, pois só assim minha passagem na Terra terá valido a pena.

Minha linda, acabaram de colocar o soro em mim, ou seja, está na hora. Te vejo do outro lado.

Te amo,

Felipe

Fiquei totalmente paralisada diante do que li. Minha garganta fechou e eu mal conseguia respirar. Não queria acreditar que ele, mesmo sabendo que estava seriamente doente, tinha se submetido à loucura que era uma cirurgia, que por si só já envolvia tantos riscos.

Apertei a carta contra o peito e me joguei na cama chorando desesperadamente. Afundi o rosto no travesseiro para abafar os gritos de desespero que saíam incontroláveis. Nunca senti tanta dor em minha vida. Nem quando ele morreu, pois pensei que tinha sido uma fatalidade. Mas o fato de saber que antes da cirurgia Felipe já sabia que poderia não voltar esmagava o meu coração.

Não sei por quanto tempo me entreguei ao desespero. Queria que um buraco se abrisse para que eu me deixasse ser levada. Mas a única coisa que podia fazer era chorar e chorar. Pedia perdão a Deus e tentava entender o porquê de tanto sofrimento, o porquê de a vida não parar de me dar chicotadas e não me dar uma

chance para que eu pudesse ser feliz.

Foi então que passei a mão pela minha barriga e tentei me levantar. Um filho. Seria essa a chance que Deus estava me dando?

Me levantei tropeçando nos móveis de forma desastrada e assim consegui acender a luz; notei que o relógio de cabeceira marcava seis da manhã. Olhei para meu rosto no espelho e não sabia se havia chorado o tempo todo, se tinha dormido um pouco ou simplesmente apagado. Precisava sair atrás de respostas. Não troquei de roupa e muito menos tomei banho. Escovei os dentes e calcei os mesmos sapatos da noite anterior.

Já no meu carro e com o destino em mente, eu ia em direção a ele. Precisava esclarecer as coisas com a Manu. Ela tinha estado com o Lipe no congresso e, com certeza, sabia o que tinha acontecido e o que ele planejava. Fiz todo o percurso tentando não acreditar que ela tinha apoiado Felipe nessa loucura. Não sabia detalhes do aneurisma de Felipe, mas sabia claramente que para ser um doador ele deveria estar em excelentes condições de saúde.

Passei pela recepção do hospital como um furacão. Chegando ao consultório da Manu, eu abri a porta sem bater. Agradei quando olhei em volta e não vi nenhum paciente para assistir ao meu acesso de loucura.

— Você sabia, não sabia? — fui logo acusando.

Manu me olhava incrédula. A surpresa estampada em seus olhos me fez continuar.

— Sabia que Lipe estava morrendo? Fala Manu! — gritei exasperada e irritada por sua falta de respostas.

Eu andava de um lado para outro. A mesma sala que ontem tinha sido palco da notícia sobre a minha gravidez hoje era testemunha do meu desespero.

— Clarinha... Fica calma. — Fez um gesto com as mãos tentando me tranquilizar. Respirei fundo e me sentei na poltrona a sua frente. Tirei meus cabelos do rosto e as lágrimas já desciam incessantemente. Aguardei a negação da Manu, mas ela não veio. Pelo contrário, confirmou o que eu já imaginava, mas não queria acreditar.

Senti quando Manu se sentou ao meu lado e tocou meu ombro me puxando para um abraço. Chorei em seu ombro tentando colocar para fora a dor que me despedaçava.

— Ele fez o que achou certo. Felipe sabia que não viveria por muito tempo.

— Sua voz embargada tentava me explicar, mas quanto mais Manu falava mais eu imaginava seu sofrimento ao passar por tudo aquilo sem mim, sem minha ajuda.

— Por que ele não me contou, Manu? Eu poderia ter ajudado.

— Não. Não poderia — Manu falava, enquanto acariciava meu cabelo. — Se coloque no lugar dele, Clara. Como ele conseguiria lidar com tudo isso e ainda ter que ver a mulher que ama sofrer por ele, quando ela sofria por si própria? Ele me fez prometer que não contaria. Eu não tive como lhe negar o que poderia ser seu último pedido.

Me afastei e, olhando para Manu, vi algo a mais em seus olhos. Algo que sempre via quando ela falava do Felipe, mas até aquele momento não tinha decifrado o que era. Vendo que eu a encarava, que a interrogava com o olhar, Manu se levantou desconfortável. Me apressei em fazer o mesmo e puxei seu braço, fazendo com que se voltasse para mim.

— Você o amava? — Não foi bem uma pergunta, foi mais uma constatação. — Por isso escondeu de todo mundo o que ele passava. Você era apaixonada pelo Felipe, Manu — afirmei, e ela balançou a cabeça confirmando.

No mesmo momento soltei seu braço e me afastei como se algo queimasse minhas mãos. Não acreditava no que acabava de descobrir. Não podia acreditar que Felipe e Manu... Até o pensamento dos dois juntos me matava.

— Não vá por esse caminho. Sei o que está pensando e a resposta é não. Eu nunca tive nada com o Felipe. Eu o amava, Clara, confesso. Desde a primeira vez que ele colocou os pés nesse hospital eu me apaixonei por aquele sorriso de menino, por sua inteligência e pelo carinho com que tratava os pacientes, o que só contribuía para que minha paixão crescesse. Mas Felipe só tinha olhos para você. No começo, eu sentia ciúme quando ele falava do seu amor de adolescência, mas então eu conheci você. — Pela primeira vez ela me olhava. Ambas choravam pelo mesmo homem. — Então vi o quanto você era perfeita.

— Perfeita? — perguntei irônica. — Porra, Manu! Eu estava morrendo — gritei alterada.

— E mesmo assim ele te amava incondicionalmente. — Foi a vez de Manu se alterar. — Cada gesto, cada olhar, cada palavra, tudo me matava aos poucos, mas não podia abrir mão nem da sua amizade nem da dele. Eu aceitei que vocês deveriam ficar juntos até a morte. E foi o que aconteceu. Eu cumpri minha promessa com o Felipe, não contei a você sobre o aneurisma e ainda falsifiquei os exames para que ele pudesse ser o seu doador. Fiz por amor a ele, mas também a você. Não queria perder nenhum dos dois, mas perder os dois seria uma dor insuportável. Então, eu arrisquei minha carreira para proteger o plano de Felipe: o plano de te salvar.

Balancei minha cabeça discordando de tudo que ela falava. Não queria acreditar, mas, ao mesmo tempo, me emocionava com tudo. Sentia raiva da Manu

por ela amar o Felipe e também alívio por ela ter estado ao seu lado quando eu não pude. Uma contradição de sentimentos que me deixava atônita.

— Você pode até me processar, Clara. Tirar meu registro médico e me pôr na cadeia. Mas saiba que tudo o que eu fiz foi para ajudar Felipe a dar sentido à vida dele. E a razão de ele ter vivido por tanto tempo, até mais do que os médicos determinaram, foi apenas uma: você. Ele aguentou até onde deu. Você estava morrendo. Se o transplante não tivesse sido feito no momento certo, você não estaria aqui. E Felipe sabia disso. Como se essa fosse a missão dele: te manter viva. Felipe morreu assim que seu rim foi retirado. — Estava muda diante de tanta informação, mas Manu me bombardeava e eu quebrava a cada palavra dita. — E é por isso que eu tive raiva quando vi você jogando sua vida fora. É por isso que tenho raiva nesses momentos. Você encontrou dois grandes amores. Felipe cumpriu a missão dele e partiu. E agora você está afastando o segundo homem que também daria a vida por você.

— Alexandre não tem nada a ver com isso — eu disse ríspida.

Manu sorriu e se aproximou de mim. Acariciou minha barriga com a mão.

— Ele tem tudo a ver. E foi por isso que Felipe lutou. Para te ver feliz. Não jogue essa oportunidade fora. Eu daria tudo para ser amada como você foi pelo Felipe e agora é pelo Alexandre. A vida te deu uma nova chance. Hoje, que você já sabe toda a verdade, eu posso te dizer com mais convicção: faça valer a pena, Clara.

Olhava Manu com um misto de carinho e decepção. Queria que ela tivesse me contado, mas também entendia suas razões.

— Ele tinha o dom de conseguir tudo o que queria, né? — Fui solidária com o sofrimento da Manu. Tantos anos amando um homem que amava outra mulher.

— Tinha — ela disse em meio a lágrimas. — Não pude dizer não. Felipe morreu sem saber dos meus sentimentos. E foi o certo. Era para ser assim. Estava escrito.

Nesse momento a porta se abriu e Manu deu autorização para que sua secretária entrasse. Ela informou que o próximo paciente a esperava. Manu e eu nos encaramos por mais alguns segundos e eu sabia que deveria partir. Peguei minha bolsa que estava jogada no sofá e caminhei até a saída. Já na porta, eu olhei mais uma vez para a minha amiga.

— Obrigada.

— Pelo quê? — perguntou confusa.

— Por ser o porto seguro dele.

Manu balançou a cabeça e sorriu gentilmente.

— Luciana sabe.

Foram suas últimas palavras antes que eu saísse.

A conversa com a Manu me deixou em alerta. Enquanto eu dirigia em direção à casa da Luciana, pensava em Felipe, mas também em Alexandre e no filho que esperávamos. Bati na porta da casa que tantas vezes me serviu de abrigo e que foi palco de muitas noites de amor.

Luciana abriu a porta e, ao vê-la de pé diante de mim, minha única reação foi chorar. Desabei. Fitei seus olhos azuis que tanto se assemelhavam aos do homem que amei e desabei. Sem dizer uma única palavra, Luciana me puxou para dentro e me abraçou. Eu soluçava sem parar. Queria pedir perdão, falar o quanto amava seu filho, mas as palavras simplesmente não saíam. As frases ficavam bloqueadas na minha cabeça.

— Ele te amou até o último minuto e lutou até o fim para te manter viva. — Tentava me acalmar sem sucesso. — Vem comigo.

Segui Luciana e ela me colocou sentada no sofá da sala. Na estante, havia um porta-retratos com uma foto minha e do Felipe no dia da sua formatura. Lembro até hoje do seu sorriso quando pegou o canudo e o levantou. Eu estava na primeira fileira, batendo palmas, sentindo um orgulho imenso.

— Meu filho podia ter morrido a qualquer momento. Atravessando a rua, comendo ou até mesmo trabalhando. E você não imagina o orgulho que tenho da decisão que ele tomou.

Tentei me manter atenta a tudo que ela falava e, aos poucos, o choro cessava, embora ainda soluçasse descontrolada.

— Não sabemos se foi o aneurisma que causou a morte. Provavelmente não. Os exames após seu falecimento revelaram que os médicos disseram a verdade: foi um ataque cardíaco. Se o aneurisma influenciou não sabemos. Mas sei que Deus tem um plano para todos. Você não poderia receber um rim sem estar completamente preparada para a cirurgia. E, contra todos os prognósticos, Felipe suportou até o momento certo de o transplante acontecer. Essa era sua missão, e ele a cumpriu com êxito.

Luciana falava com saudades mas também com orgulho. Comecei a entender que Felipe fez o que fez pensando em mim, mas também pensando nele.

— Tome. Você vai se sentir melhor. — Luciana estendeu um comprimido e um copo de água. Peguei a água e recusei o que achei que fosse um calmante. Era a primeira vez que tomava uma atitude já pensando no filho que carregava.

— Não posso. — Foi a primeira coisa que falei a ela desde que tinha

chegado. — Eu estou grávida, Luciana. Vou trazer uma vida ao mundo.

Luciana juntou as mãos em sinal de oração e segurou um choro que saía baixinho.

— Minha menina terá um filho. Felipe ficaria tão orgulhoso.

Me levantei e fui ao seu encontro.

— Eu queria que ele estivesse aqui.

— E ele está, princesa. — Colocou a mão sobre o meu coração. — Ele está aqui.

23



Clara

Mais uma vez tinha decidido procurar o Alexandre e tentar resolver tudo de uma vez por todas. Esperaria até ele voltar do congresso em que estava. Nando o acompanhou dessa vez. Na verdade, Ferraz receberia um prêmio concedido anualmente a um profissional de destaque do meio jurídico. Então todo o escritório estaria presente na homenagem. Só Priscila, que estava na Espanha, não iria. Geralmente, o prêmio era concedido a desembargadores, juízes e promotores, raramente a um advogado, mas então, o dr. Ferraz, com sua imponência, conquistou mais uma.

Me preparei para visitar a Manu. Ela me indicaria uma ginecologista de confiança para que eu pudesse iniciar meu pré-natal. Somente depois de saber que meu bebê estava bem é que eu contaria aos meus pais sobre a gravidez. Também queria contar ao Alexandre antes. Ele merecia saber primeiro.

O trânsito até o hospital foi tranquilo e quando cheguei Manu já me aguardava em seu consultório. Me apresentou a dra. Gláucia, também muito jovem, mas não tanto quanto a minha amiga. Conversei alguns minutos com ela e de cara senti confiança em entregar minha gestação em suas mãos.

Nos encaminhamos até a sala de exames e a dra. Gláucia pediu que eu retirasse toda a roupa e colocasse a camisola do hospital. Como Manu é clínica geral, seu ultrassom foi limitado. Minha nova médica realizaria um exame transvaginal para verificar a formação do bebê. Rezei durante todo o tempo e me deitei na maca assim que vi a médica colocando uma espécie de camisinha no

aparelho que entraria em mim. Então, resolvi fazer uma piada para aliviar um pouco o clima.

— Assim, sem nenhuma preliminar? — brinquei e Manu soltou sua gargalhada característica.

— Vejo que ela é das nossas. — A dra. Gláucia entrou na brincadeira e eu gostei da sua espontaneidade. Era por isso que gostava tanto da Manu. E pelo visto me daria muito bem também com a minha nova ginecologista.

Senti uma sensação horrível quando o aparelho entrou em mim. Já tinha feito aquele exame antes, mas era tão desconfortável que sempre parecia primeira vez. De repente esqueci tudo e o som que começou a ecoar pela sala me fez perder os sentidos. Na primeira ultrassonografia, as batidas foram quase imperceptíveis. Mas agora elas estavam mais altas, mais fortes. Mostravam que meu pequeno estava crescendo dentro de mim a cada dia, ganhando força para chegar ao mundo. Chorei muito com Manu segurando a minha mão, nitidamente emocionada com o momento que compartilhava comigo. Eu queria que fosse o Alexandre, mas confesso que tinha medo de ele me rejeitar, rejeitar o nosso filho, e isso foi um dos principais motivos que me fizeram não o procurar.

— Parabéns, mamãe. O feto está perfeito e se desenvolvendo normalmente. — Nervosa, eu soltei o ar que prendia em meus pulmões.

— Vai dar tudo certo, Clarinha. Você vai ver — Manu disse soltando minha mão, mas eu a puxei. Ela me olhou sem entender o que eu fazia e eu limpei uma lágrima solitária que descia.

— Obrigada por tudo, Manu.

— Eu te adoro, minha querida. Apesar de tudo você pode contar com sua amiga aqui.

Manu se afastou e a médica encerrou o exame. Troquei de roupa e, assim que voltei, vi que a Manu e a dra. Gláucia seguravam alguns papéis nas mãos. As duas me olhavam sorridentes e, ao me aproximar, Manu estendeu uma foto em minha direção. Peguei com cuidado e fiquei perplexa com o que via.

— É ele? — perguntei e engasguei tamanha a emoção que tomava conta de mim.

— Ou ela — Manu corrigiu e eu concordei. Não via a hora de saber o sexo do meu bebê.

Me sentei na cadeira em frente à mesa e li a receita médica que recebi. Teria que tomar vitaminas durante a gestação e me certifiquei com a Manu se algum dos remédios que tomava por causa do transplante poderia atrapalhar o desenvolvimento do bebê. Apenas um dos medicamentos deveria ser mudado, o

restante não afetaria em nada. Fiquei mais calma, pois a possibilidade de eu mesma fazer mal ao meu filho me assustava muito.

Me despedi das duas e já deixei a próxima consulta marcada com a dra. Gláucia. Passei no shopping e não resisti: acabei comprando um sapatinho amarelo. Na verdade, queria ter comprado o enxoval inteiro, mas me contive. A vendedora logo de cara percebeu que eu era mãe de primeira viagem. Trocamos várias figurinhas sobre gravidez e bebês, quando ela perguntou sobre o pai, eu disse que ele ainda não sabia. Vendo meu desconforto, ela não questionou mais nada. Almocei pelo shopping mesmo. Comi uma refeição saudável, pois agora precisava manter a saúde e o peso.

Assim que cheguei em casa, eu me joguei no sofá. Aproveitei que tinha um atestado médico e não fui para o escritório. Mais tarde leria alguns processos em casa mesmo. Retirei da minha bolsa a foto que ganhei do exame e, pela vigésima vez, olhei o pontinho marcado no meio de uma imensidão cinza.

— Já amo você. — Beijei a foto e depois a levei ao coração. Deitada no sofá, adormeci.

E mesmo sabendo que não terei o prazer de ser quem estará ao seu lado, quero você no altar. Quero que você tenha um casamento perfeito, filhos lindos assim como você, uma velhice tranquila com netos à sua volta. Quero que realize os sonhos que eu não pude viver ao seu lado.

Acordei sobressaltada e foi como se escutasse Felipe falando diretamente aquelas palavras para mim. Uma vontade enorme de encontrar Alexandre tomou conta de mim e eu não resisti. Rapidamente eu entrei em meu quarto e fiz uma pequena mala ao mesmo tempo em que ligava insistentemente para Priscila. Sabia que não seria tão fácil falar com ela, mas era a única maneira de conseguir fazer com que Alexandre me escutasse. Eu queria, na verdade, eu precisava que ele desse o primeiro passo por mim e não por nosso filho.

— Oi, Clarinha.

— Graças a Deus, Prí. Preciso de um helicóptero — disse sem nenhuma explicação.

— Calma, Clara. Quer me contar o que está acontecendo? — ela pediu preocupada, também pudera, eu agia como uma louca. Mas era assim que tinha que ser. Nada planejado.

— Eu vou atrás do seu irmão, Prí. Vou contar tudo — disse, entusiasmada. Não sei por quê, mas estava alegre com a minha decisão.

— Ai, minha Nossa Senhora. Ele está naquele mesmo hotel que vocês ficaram da outra vez?

Joguei um par de sapatos dentro da mala e mal sabia o que tinha colocado antes. Ainda bem que descombinar estava na moda, pois não tinha conseguido pensar direito nas minhas escolhas.

— Sim, Prí. Me ajuda, por favor. — Supliquei por apoio naquele momento.

— Me dá cinco minutos e eu te retorno.

Fiz o que Priscila pediu, mas a impaciência tomava conta de mim. Sentada no sofá com a mala do lado, eu olhava insistentemente para o relógio em meu pulso. Sete minutos e nada de ela retornar. Peguei o celular e a tela se acendeu mostrando o rosto lindo da minha amiga.

— Hotel Accer. Em meia hora você estará com o seu amor. Vou ficar aqui torcendo, de dedos cruzados e rezando. — Priscila explicou em que hotel o helicóptero me esperava e eu agradei por ela mais uma vez ter sido minha fada madrinha.

— Te amo, Prí.

— Também te amo, Clara.

Me despedi da Prí e parti em direção ao meu futuro. Um futuro incerto, mas que se definiria em algumas horas. Dessa vez Alexandre me escutaria, nem que fossem a últimas palavras que eu dissesse para ele.

Ferraz

Voltei à estaca zero. Se não era a Lana e a polícia não conseguia identificar quem mandou a porra do vídeo e fez a ameaça a Clara, eu estava de mãos atadas, sem poder agir. Além de tudo isso, o que mais me deixava irritado era o fato de a Clara estar longe das minhas vistas, mesmo que eu estivesse por dentro de cada passo que ela tomava. Para isso, colhia informações com o Diego, o Nando, o Bruno e até com a Cris. Apesar de que ultimamente eu não podia contar muito com ela. Digamos que a conversa com a minha amiga no dia seguinte ao nosso encontro no restaurante não foi nada agradável. Cris tentou me convencer a procurar a Clara, disse várias vezes que ela estava sozinha e que fui precipitado ao deixá-la na pousada. No início fiquei extremamente irritado com o fato de a Clara contar para todo mundo o que acontecia com a gente, mas depois me senti mal. Clara tinha tanta dificuldade em expressar os próprios sentimentos que conseguir se abrir com a Cris era uma vitória. Almoçamos juntos e, antes de nos despedirmos, ela tentou me fazer prometer que procuraria Clara. Eu não concordei, mas disse que pensaria no assunto.

Na verdade aquilo ficou martelando em minha cabeça por um longo tempo.

Cheguei do treino e me joguei no sofá. Fiquei horas pensando na Clara e em tudo que aconteceu em minha vida desde que essa maldita apareceu no escritório. Eu não era mais o mesmo homem, nem de longe. Nada parecia certo sem ela. Amava aquela menina com uma intensidade que eu me negava a reconhecer. Nenhuma mulher jamais mexeu tanto comigo como Clara. Tudo me lembrava dela, era como se ela estivesse impregnada em mim, me preenchendo mesmo contra a minha vontade.

“Você foi um burro.” “Ela está sozinha.” “Você a está jogando nos braços de outro.”

Me lembrava de cada uma das palavras ditas pela Cris, e a tristeza que sentia tomava proporções gigantescas. Se era verdade que a Clara não estava com o Dereck, o que significava o vídeo? A única que poderia me dar respostas era a Clara e eu a afastei. Não só na serra, mas também com minha arrogância dentro do carro. Não queria ser assim, mas ela tirava todo o meu controle. Só de imaginar que ela poderia estar com o Alberto, eu parava de raciocinar. E se a Cris estivesse certa, eu teria cometido o pior erro da minha vida.

Peguei as chaves da caminhonete e saí correndo do meu apartamento. Precisava ouvir de sua boca o que tinha acontecido de verdade. Mesmo que fosse para ouvi-la dizer que estava com o cantor, que o queria mais que a mim, mas eu precisava disso para seguir minha vida. Não poderia me manter preso a alguém que não me queria e, por mais doloroso que fosse, eu me afastaria da minha menina. Não sei se conseguiria suportar a dor de perdê-la, mas dividir Clara era algo que eu não estava disposto a fazer.

No caminho para seu apartamento, eu ensaiei mil vezes um pedido de desculpas. Na verdade, devia isso a ela, e não conseguiria começar uma conversa franca e aberta sem isso. Ao chegar ao seu prédio, tudo veio abaixo quando o porteiro informou que ela não estava em casa. Peguei o celular do bolso e pensei se ligava ou não. Acabei desistindo, essa conversa não deveria se iniciar pelo telefone. Teria o congresso e, assim que voltasse de viagem, Clara não me escaparia. Nossa história seria resolvida, nem que fosse para colocarmos um ponto final.

— Bom dia, dr. Ferraz. — Assim que cheguei ao escritório fui recebido por Ana. — Dr. Diego está na sala dele. Quando ele voltará de vez ao escritório?

Fiquei surpreso por Diego estar mais uma vez no escritório sem me avisar,

mas então me lembrei da tal auditoria que ele estava fazendo. Não sabia por que aquilo tudo, mas Diego sempre soube o que fazer quando o assunto era a Ferraz, então não reclamei ou questionei seus motivos.

— Bom dia. Quando o meu irmão aparecer por aqui pede para ele dar um pulo em minha sala. — Ana assentiu, e eu respondi a pergunta que ela havia feito sobre a volta do Diego. — Ele não tem data para voltar ainda, mas deve estar aprontando alguma — brinquei com ela e fui para a minha sala.

Liguei meu notebook e fiz o que ultimamente andava fazendo, mesmo com minha consciência dizendo que era errado. Antes de abrir o alerta do Google para verificar as notificações, eu levantei da cadeira para afrouxar a gravata. O dia mal tinha começado e eu já me sentia cansado. Exausto e com vontade de me desligar de tudo. Era a primeira vez que queria largar o trabalho por um tempo. Olhei para o computador, para a minha janela, e voltei a olhar a tela com a aba aberta.

— Foda-se! — Já estava na merda mesmo.

Cliquei no link e várias páginas com o mesmo rosto se abriram. Aquele cantor filho da puta tirando onda em todas elas. Naveguei pelas páginas e a maioria falava da carreira dele, mas duas chamaram minha atenção. Uma com uma foto de longe e escura, dizendo que Dereck Mayer jantava com um casal de amigos. Fiz de tudo, mas a foto estava muito desfocada e eu não consegui reconhecer as pessoas nela. O outro site trazia uma matéria sobre um show épico que juntaria vários artistas, entre eles o cantor do momento Dereck Mayer. Cada vez que o nome dele aparecia minha paciência diminuía um grau, enquanto minha raiva subia mais um. Porém a data e o local do show chamavam minha atenção. Em alguns dias ele partiria para o Canadá, onde ocorreria o especial. Suspirei aliviado, não pelo fato de achar que não ganharia dele se tivesse que disputar, faria isso com os braços e pés atados, mas queria Dereck longe da Clara. Principalmente quando minha intenção era acertar os ponteiros da nossa relação.

Uma batida na porta e ela se abriu, eu já sabia que era Diego. Assim que ele entrou, eu fechei o meu notebook com uma força além do normal. Diego me olhou desconfiado. Não queria meu irmão se metendo mais uma vez nessa história, porque, com certeza, ele ficaria do lado da maldita. Isso era certo, então para evitar mais discussões desnecessárias, o assunto Clara era evitado a todo momento.

— Preparado para ser um dos únicos advogados a receber o prêmio? — Diego se sentou em minha frente. Dessa vez estava vestido de maneira menos formal. Calça jeans e camisa. Mas o sorriso que iluminava seu rosto logo morreu quando seu telefone celular tocou. Diego levantou o dedo indicador pedindo um

segundo. Me encostei na minha cadeira e aguardei. Ele não falava muita coisa, confirmava com algumas frases curtas que não davam sentido à ligação. Não queria bisbilhotar, mas Diego estava na minha sala. O nome dito ao final chamou minha atenção: Enzo. O que Diego queria com o perito em informática? Assim que ele colocou o telefone no bolso, eu me adiantei.

— O que o Enzo queria com você? — fui direto ao ponto.

Diego se levantou e mal me olhou. Esse moleque estava ficando abusado.

— Nada de mais. Coisa minha — respondeu secamente e sem me dar qualquer pista do que acontecia. Pois se Diego e Enzo estavam trabalhando juntos, com certeza tinha acontecido alguma coisa.

— É sobre as ameaças? Ele disse que não descobriu nada.

— Na hora certa você saberá.

Isso era sério? Depois que saiu do hospital, Diego estava muito desconfiado em relação às pessoas. Tudo ele olhava com outros olhos, analisando, verificando, ponderando. No início, achei que era natural pelo trauma que viveu. Diego praticamente esteve morto por meses. Mas ele não podia confiar tão pouco nas pessoas. Me sentia triste pelo meu irmão, que tinha descoberto que, além de Sofie, também não se lembrava de algumas pessoas da época de faculdade. Todos os dias ele reclamava da memória, mas não deixava de fazer os tratamentos para estar cem por cento novamente.

Diego saiu da minha sala e eu voltei ao trabalho. A tarde passou voando e tudo aconteceu como um dia típico de escritório.

No fim do dia, deixei tudo organizado com a Ana, pois partiríamos no dia seguinte bem cedo para o congresso. Quase todos do escritório iriam, tanto pela palestra quanto pelo fato de eu ser um dos homenageados da noite. Enquanto esperava o elevador, eu me encontrei com Patrícia. *Ainda bem que essa não vai ficar no meu pé por muito mais tempo. Um mês no máximo.*

— Dr. Ferraz, por que não posso ir ao congresso? — Sua voz melosa era irritante. Sério que ela acha que conseguiria algo por praticamente se derreter?

Entrei no elevador e, usando a última gota de paciência que me restava, segurei a porta para ela entrar.

— Porque eu já te expliquei mil vezes que estagiários não vão. Somente alguns advogados e a Ana.

Patrícia insistia em ir ao congresso desde o dia em que informei na reunião semanal sobre a palestra.

Como se já não bastasse a voz melosa, Patrícia fez um bico que seria cômico se não fosse ridículo. Fiquei em silêncio, olhando para o relógio durante todo o

trajeto até o térreo. Assim que as portas se abriram, eu me apressei em sair. Patrícia não me questionou mais, o que me deixou aliviado, não queria ser grosso e muito menos destratá-la bem no meio do saguão.

Mais uma vez matei o treino e fui direto para casa. Marta já tinha começado a arrumar minhas malas, mas sempre era eu quem terminava. Gostava de deixar tudo perfeito para que não houvesse nenhum imprevisto. Adicionei mais um terno, uma gravata roxa e chinelos de dedo, já que estaríamos em uma cidade de praia.

Pedi pizza e, depois de duas taças de vinho, eu estava pronto para dormir. Pegaria a estrada cedo e, apesar de conhecer o caminho, não brincava quando ia dirigir.

“Desculpa, mas eu não posso ficar.”

Acordei ainda no meio da madrugada lembrando as últimas palavras que Clara me disse no hospital e pela primeira vez eu pensava nelas claramente. Não entedia o que Clara queria dizer com aquilo, mas algo não encaixava. Se fosse pelo Dereck, ela estava livre para voltar com ele. E por que não tinha feito isso durante o tempo em que ficamos separados? Ela teve todas as oportunidades e, além do vídeo, eu não tinha mais nenhuma prova de que existia alguma coisa entre os dois.

Levantei e passando as mãos pelo rosto percebi que estava todo suado. No banheiro, joguei uma água no rosto tentando me acalmar.

— Qual seu segredo, minha menina? — murmurei para minha imagem refletida no espelho.

— Seja bem-vindo, dr. Alexandre Ferraz — fui recebido pela equipe do congresso. Todos muito bem-vestidos e o local bem-organizado. Fui o primeiro do escritório a chegar, Ana viria com mais dois colaboradores da Ferraz, e Nando, com o Diego. Bruno disse que convidaria Laís para ir com ele e depois aproveitariam o fim de semana na praia. Fiquei feliz por todos estarem ali, mas uma parte de mim sentiria falta da minha menina. Me lembrei do último congresso, o orgulho brilhando em seus olhos ao ver minha desenvoltura ao falar. Era isso que eu mais amava em Clara: por mais que ela teimasse em esconder suas emoções, seus olhos revelavam tudo o que o seu coração sentia.

Fiz questão de ficar em um hotel diferente. Não aguentaria sentir todas as sensações outra vez e sem ela. Pela janela do meu quarto eu avistava a praia. Percebi que a pior coisa que poderia ter feito foi ter aceitado palestrar nesse

congresso, nessa mesma praia em que Clara e eu entramos juntos no mar e depois fizemos amor até o dia clarear em nosso quarto. Um desejo incontrollável de esquecer tudo o que ela tinha me feito tomou conta de mim. Eu queria a Clara, meu coração ansiava e necessitava por ela, assim como a terra precisa do sol. *Clara.* Murmurei seu nome no silêncio do quarto. Como seu nome dizia, ela iluminava meu dia, clareava minha alma. Não podia abrir mão dela assim, da única mulher que amei de verdade, daquela que passou a fazer parte de mim, me completando e dando sentido a tudo o que eu fazia. Mais uma vez, na tela do meu celular abri sua foto. Deslizei o dedo por sua imagem e fechei os olhos deixando as lembranças me invadirem. O medo do que ela me escondia, de ser um segredo que me impediria de tê-la novamente, de ter errado em meus julgamentos. Ainda pensava no que Cris dizia sobre ela e o Dereck e tentava me convencer de que eu estava certo. Não queria reconhecer que poderia ter errado tanto.

Troquei de roupa e coloquei uma bermuda cargo com uma camiseta. Tinha tempo suficiente para dar uma volta antes de começar a me preparar para a palestra. Almocei em um restaurante perto do hotel e caminhei pela praia, evitando os lugares onde estive com a Clara. Sentia uma angústia indescritível, mas tinha que me manter concentrado pelo menos até a palestra terminar.

No fim da tarde comecei a me preparar. Editei slides, fiz algumas anotações com base em doutrinas que usaria e deixei tudo pronto para a minha apresentação. Vesti um terno preto, uma camisa azul-Clara e uma gravata lilás. Diego e Ana avisaram que já estavam no centro de eventos. Bruno também ligou informando que conseguiu arrastar Laís. Isso queria dizer que Clara estava sozinha ou com os pais. Torci para que estivesse na casa dos pais. Não gostava de pensar nela sem ninguém por perto, até porque, se algo acontecesse, seria difícil chegar até ela.

— É uma honra tê-lo aqui, dr. Ferraz. Gostaria que soubesse que estamos ansiosos pela sua palestra — recebi as boas-vindas de um dos advogados que também fazia parte da mesa de honra na abertura do congresso. Dr. Joaquim era um brilhante advogado e sua teoria sobre a maioria penal era tema de debate em praticamente todos os cursos de Direito. Um assunto delicado e muito discutido no Brasil.

Estendi a mão e o cumprimentei. Também estava feliz em vê-lo fazendo parte desse congresso.

— O prazer é meu, dr. Joaquim. Gostaria muito de poder ficar para sua palestra amanhã, mas tenho assuntos inadiáveis — expliquei, já que hoje mesmo voltaria para a cidade para conversar com a Clara.

— Quem sabe não marcamos um debate? Adoraria saber mais sobre o que pensa a respeito da redução da maioria penal e o impacto que isso poderia causar no sistema carcerário brasileiro. Viu como nossos temas se completam? — perguntou simpático, mas sabia que tentava me influenciar a aceitar seu ponto de vista.

— Dr. Joaquim... — tentei repreendê-lo, mas acabamos caindo na gargalhada antes.

Entri por um local diferente do usado pelos convidados, por isso não me encontrei com o pessoal do escritório e com o meu irmão. Mas, assim que fui chamado ao palco pelo cerimonialista, eu os avistei sentados na primeira fila. Diego balançou a cabeça acenando e Bruno levantou os polegares fazendo sinal de positivo.

Ocupei meu lugar na mesa de honra ao lado dos demais convidados. Joaquim estava sentado ao meu lado. Após a introdução, seria anunciada a minha palestra. Vi quando Raul trocou algumas palavras com o rapaz que me anunciaria. Eu sabia que ele estaria no congresso, mas não entendia o porquê de ele interromper a apresentação. Foi quando eu a vi: Clara tinha entrado por um acesso lateral e caminhava até o centro do palco, com um microfone nas mãos. Olhando em minha direção, me deixou totalmente surpreso. Não sabia o que ela fazia ali e nem estava preparado para as palavras que ouviria.

— Clara... — sussurrei e fiz menção de me levantar, mas uma mão me forçou a ficar sentado. — Mas o que está acontecendo? — perguntei a Raul, que estava ao meu lado.

— Faça um favor a você mesmo: senta e presta atenção — disse firme e apontando para minha menina no palco.

24



Clara

Priscila fez como o prometido e, quando cheguei ao heliporto do hotel, uma aeronave com o piloto em prontidão me aguardava. Meia hora depois, eu estava no local onde ocorreria o congresso. Até esse momento, tudo tinha corrido bem, mas agora tinha que pensar em entrar em um evento no qual não era convidada e muito menos palestrante. Tentei encontrar alguém conhecido, mas nada. Para o meu azar, tinha esquecido o celular em casa.

Burra! Xinguei mentalmente enquanto voltava para a entrada. Foi então que avistei um homem de quem me lembrava muito bem. Ele era um dos amigos que o Ferraz havia me apresentado no outro congresso. Caminhei até ele em passos largos e um sorriso estampou seu rosto quando me viu. Provavelmente tinha me reconhecido como a acompanhante do Ferraz.

— Boa noite, dr. Raul. Se lembra de mim? — perguntei.

— Sim, você é a estagiária do dr. Ferraz. Veio acompanhando-o novamente?

— Senti um leve sarcasmo em sua voz. Raul insinuava que eu estava com o Ferraz, mas não era verdade.

— Dr. Raul, o senhor teria dois minutinhos para ouvir uma história? Prometo resumi-la e pular as partes mais dramáticas, como as hemodiálises e as crises renais.

Raul levantou uma sobrancelha totalmente perdido. Mas então assentiu com a cabeça e pediu que a recepção autorizasse minha entrada. Caminhei com ele até uma sala vazia e nos sentamos em um sofá. Nunca havia falado de Felipe tão

abertamente, ainda mais com um estranho, mas precisava da ajuda do Raul. Então contei tudo, tentando ser o mais breve possível.

— Dr. Raul, eu sou uma transplantada. — Então eu comecei a despejar praticamente toda a minha história. O amigo do Ferraz ouvia tudo em silêncio, eu sentia que ele não julgava minhas atitudes e decisões. Mas na parte em que relatei sobre o acidente do Diego, pude ver a reprovação em seus olhos. Se um estranho não achava certa minha súbita partida do hospital naquela noite, imagina o ódio que o Alexandre sentia de mim.

Convenci Raul a me ajudar depois de fazê-lo entender meu desespero em ser ouvida por Alexandre. Pedi que ele me deixasse falar antes da palestra, seria minha última tentativa de fazer Ferraz me entender. Raul concordou e avisou ao cerimonial que eu precisava de alguns minutos com a palavra antes da abertura do congresso.

Suava frio. Nervosa. Sabia que não só Alexandre, mas todo o escritório e até Bruno e Laís estariam presentes. Isso era bom e ruim ao mesmo tempo, pois contaria a todos tudo de uma vez só. Nos bastidores rezava e pedia força a Deus. Sei que ele nunca me abandonou, prova disso é que eu estava aqui, mas ainda precisava de forças para olhar para o homem que eu amava e contar tudo a ele, o que automaticamente me fazia deixar Felipe no passado.

— Está na hora. Boa sorte, menina — Raul me avisou e me deu um abraço.

— Obrigada por tudo.

— Não há de quê. Adoro finais felizes.

Sorri quando ele piscou para mim. Caminhei até o palco e respirei fundo ao ver as centenas de pessoas à minha frente. Andei até o centro com o microfone nas mãos. Olhei para confirmar se Alexandre não tinha saído correndo e fiquei feliz por ver que o Raul o manteve sentado. Olhava para mim espantado e furioso por estar exposto daquela maneira. Foda-se! Era tudo ou nada.

— Boa noite. Sei que devem estar se perguntando por que estou aqui, já que não sou palestrante. Eu sei que é uma loucura, mas gostaria de pedir alguns minutos da atenção dos senhores para contar uma história.

Respirei fundo. O medo de ser vaiada e nem sequer conseguir falar o que planejei me pegou desprevenida. Mas então o silêncio ecoou pelo auditório. Eu escutava apenas meu coração batendo desesperado dentro do meu peito.

— Era uma vez uma garota como tantas outras da sua idade. Até que um dia, depois de algum tempo doente, ela descobriu que uma parte do seu corpo não funcionava como deveria. Seus rins praticamente desistiram de fazer seu serviço. Preguiçosos. — Tentei aliviar o clima com uma brincadeira, mas foi em vão.

Todos mantinham os olhos arregalados na direção do palco, ou seja, na minha direção. — Depois de muito tempo lutando para se manter viva, ela descobriu que a hemodiálise não a salvaria mais. Então, foi sentenciada de morte. Precisava encontrar um doador que fosse compatível com ela ou morreria. Nenhum familiar poderia ser o doador e, como todos sabem, a fila de transplantes no Brasil é gigantesca. Milhares de pacientes morrem na fila à espera de um rim, de um coração, de um fígado. Essa garota perdeu amigos que fez no hospital, meses depois de entrarem na fila e meses antes que um doador aparecesse. Vocês devem querer saber o que aconteceu com essa garota, certo? — Vi algumas cabeças balançarem e, ao fixar meus olhos na primeira fila, notei vários rostos conhecidos. Diego me olhava com carinho enquanto outros, inclusive Laís e Bruno, demonstravam surpresa em seus semblantes. — Deus não a abandonou e ainda lhe concedeu a grande oportunidade de voltar a viver. Um doador não consanguíneo apareceu. Por ironia do destino, ele era seu noivo e médico residente no hospital em que ela fazia o tratamento. O homem que ela amou desde a adolescência e que recentemente havia lhe colocado um anel no dedo, fazendo a promessa de amá-la eternamente. Depois de muito relutar, ela acabou sendo convencida de que o transplante era a única maneira de continuar viva, que o rim do seu noivo seria a única forma de eles terem o futuro que planejavam. Todos achavam que o pesadelo terminaria com a cirurgia. Mas o destino resolveu que a vida não é tão simples assim. Para essa garota o pesadelo não terminaria. Após a formação de um coágulo que provocou um ataque cardíaco fulminante, o doador faleceu na mesa de cirurgia. Seu noivo, o homem que fazia parte de cada momento da sua vida, aquele com quem ela planejou um futuro todo cheio de amor, morria em uma mesa de cirurgia para mantê-la viva. — Lágrimas desciam dos meus olhos e eu não conseguia mais me segurar, a emoção tomava conta de mim. Sabia que era a última vez que lembraria a morte do Felipe, pois minha vida seguiria, assim como ele pediu. Não era fácil deixá-lo para trás quando parte dele vivia em mim, me mantinha viva. — Eu perdi Felipe na mesma hora em que ganhei minha vida. Realmente foi um transplante, não apenas de órgão, mas de vida. Ele me deu a dele para que eu pudesse estar aqui nesse momento. Por isso, Diego — aponte para a cadeira em que ele estava —, eu senti tanto medo de te perder. Eu passei muito tempo me culpando e me martirizando como se eu fosse uma assassina, como se fosse alguém que roubou a vida de outra pessoa. Então você, com seu ato heroico... — Parei por alguns segundos, pois as lágrimas não me deixavam falar. Diego balançava a cabeça em negativa como se soubesse o que eu estava prestes a dizer. — Você me colocou na mesma situação. Novamente eu

tirava a vida de outra pessoa para me salvar. Novamente eu passava pelo mesmo castigo de ver alguém que eu amava morrer em uma mesa de cirurgia. Eu não consegui ficar. — Dessa vez eu olhei direto para Alexandre. — Naquela noite, eu procurei o Dereck porque ele, Diego e Priscila eram os únicos que sabiam do meu passado. Eram os únicos que sabiam que eu ainda vivia na sombra de alguém importante para mim, de alguém que eu amei e que de certo modo ainda amo. — Nem percebi que tinha deixado de olhar para o Alê. Respirei fundo e voltei a fitá-lo. — De certo modo, pois um homem entrou em minha vida. Um homem que me fez entender que por mais que você faça escolhas, que por mais que você escolha se esconder, alguém sempre te achará. Alguém sempre te buscará e ao te encontrar vai te colocar em conflito consigo mesma. Foi isso que aconteceu comigo, Alexandre — falei diretamente para ele. — Você me buscou quando eu não queria ser achada e me encontrou quando eu estava perdida. Antes de o Felipe partir, ele me disse que se eu havia passado para a faculdade de Direito era porque algo me esperava. E ele estava certo. O destino me preparava você. E eu estou pronta para aceitar o que me foi destinado. Isso se você ainda quiser sua menina ao seu lado.

Soltei o ar que prendia e, com os olhos fixados em Alexandre, eu aguardei uma resposta. Não se ouvia nem o tique-taque de um relógio em todo o auditório. O sorriso de alívio que antes estampava meu rosto foi dando lugar à tristeza e à decepção ao ver que Alexandre não se pronunciava. Ele nem sequer mexeu um músculo da face. A dor que eu sentia triplicou. *Cheguei tarde!* Foi o único pensamento que passou pela minha cabeça antes de jogar o microfone no chão e sair correndo. Não tinha mais futuro, mas sabia que para o passado não poderia mais voltar. Tinha deixado os dois homens da minha vida naquele palco. E mais uma vez, somente um me receberia de braços abertos. Dereck.

Ferraz

Não podia acreditar em tudo que eu acabava de ouvir. Minha menina quase morreu. Meu Deus! Ela quase perdeu tudo. O quanto não deve ter sofrido e chorado. Sentia raiva e tristeza ao mesmo tempo. Raiva por ela não ter me contado antes, ódio pela relação que Clara mantinha com Dereck, pois ele sabia do passado da minha menina e eu não. Tudo o que eu fiz, todas as vezes que a destratei, a xinguei, a culpei... Foi tudo no escuro. Então a tristeza me consumiu ao imaginar o quanto Clara sofreu, o quanto teve que lutar para se manter viva até descobrir que o homem que amava.... Minha garganta se fechou e eu tive vontade

de gritar. O que esse homem fez foi algo extraordinário: deu a Clara a chance de viver e eu seria inteiramente grato a ele.

— Você vai ficar parado, seu idiota? — Diego gritou do seu lugar. Bravo. Chateado. Láis chorava copiosamente nos ombros do Bruno, e Nando se levantava, provavelmente para ir atrás da amiga.

Acordei dos meus devaneios e deixei tudo para trás para seguir na mesma direção que Clara. No caminho, eu tirei o terno e a gravata, estava me sentindo sufocado. Olhei para todos os lados, mas não avistei minha menina em lugar nenhum e uma ideia surgiu na minha cabeça. A praia.

Corri como um louco pelo estacionamento. Precisava ir atrás da minha menina. Seus olhos chorosos. O sofrimento palpável com cada palavra que dizia me destruía. A coragem que teve em contar a todos sobre a vitória que alcançou e a perda que teve no mesmo momento, me derrubou. Minha vontade foi de beijá-la ali no palco, de demonstrar todo o amor que sentia por ela e que transbordava em meu coração. Mas paralisei com sua declaração. Somente alguns minutos depois eu acordei do transe em que estava e agora rezava para ela ter ido à praia. Clara era minha e eu iria até o inferno atrás dela.

Liguei minha caminhonete, e meu destino estava traçado. Encontraria Clara e a seguraria firme em meus braços, nunca mais a deixaria sair da minha vida. Acelerei e mal notei um vulto cruzando na minha frente. Senti o impacto e imediatamente parei. Levei as mãos à cabeça desesperado, pois sabia que tinha atropelado alguém. Porra! Meu Deus!

Desci e o desespero tomou ainda mais conta de mim. Ana estava caída segurando meu celular na mão direita. Desacordada e com um corte sangrando sobre sua testa.

— Ana! Ana! — chamei seu nome repetidas vezes, mas ela não acordava. Algumas pessoas se juntaram e foi como um déjà-vu do acidente do Diego, mas dessa vez eu sofria em dobro, pois sabia que eu era o culpado por minha secretária estar naquele estado. Escutei alguém chamando a ambulância e um alívio enorme tomou conta de mim quando Ana abriu os olhos. — Ei, está tudo bem, a ambulância está a caminho.

Ana levou a mão à testa e tentou se levantar.

— Não, senhora. — Eu a impedi. — Você ficou alguns minutos desacordada. Vai ficar quietinha até a equipe de resgate chegar.

— Desculpe, dr. Ferraz. Vi que tinha esquecido o celular sobre a mesa e depois de tudo achei que precisaria dele. Então eu corri até o estacionamento para lhe entregar.

Olhei para ela e não acreditava que me pedia desculpa por ter sido atropelada. Em tempo recorde a ambulância do hotel e os paramédicos encaminharam Ana até o hospital.

— Diego, eu preciso de você. — Aproveitei o celular que Ana trouxe para ligar para o meu irmão.

— Para quê? Para limpar a sua merda? — respondeu irritado.

— Cala sua boca, moleque. Eu atropeliei a Ana e não é hora de ouvir seu sermão. — Me irritei além do extremo com ele.

— Como assim?

— Ela atravessou descuidada o estacionamento e infelizmente eu a acertei. Estou indo para o hospital com ela.

— E a Clara? — Diego fez a pergunta que eu tanto temia. Não consegui encontrar a minha menina e nem fazia ideia de onde ela estava.

— Vá atrás dela, Diego. Nem que tenha que amarrá-la no pé da mesa, não tire os olhos da Clara e a mantenha segura.

— Quer que eu vá até aí?

— Porra, Diego! Qual a parte do vai atrás da Clara e não tira os olhos dela você não entendeu?

Desliguei o telefone sem deixar Diego responder. Estava na hora de tomar as rédeas da minha vida novamente.

Como Ana era minha funcionária e eu o causador do acidente, passei a noite com ela no hospital. Queria me certificar de que ficaria bem e para isso adiei o encontro com a minha menina. O celular da Clara não atendia e eu pedi também ao Nando e ao Bruno que a encontrassem e a mantivessem segura até eu chegar. Com o dia amanhecendo, meu celular tocou e o visor mostrava o nome do meu irmão.

— Ela está com você? — atendi perguntando pela Clara.

— Mano. — A voz do Diego saiu entrecortada, e meus instintos me alertavam que não seria a notícia que eu esperava. — Ela foi embora.

— Como assim foi embora? Do congresso? — Realmente não achei que ela ficaria aqui depois de eu ter ficado parado diante da sua declaração, mas tinha sido muita informação para absorver e eu precisei de um tempo para fazer minha cabeça entender o que meu coração já sabia.

— Não, Alê. Tentamos falar com ela no celular e não conseguimos. Então

Nando me ligou dizendo que ela deixou um bilhete no apartamento deles. Clara viajou, ninguém sabe para onde.

— Você só pode estar brincando comigo. Ela estava aqui ontem, Diego, você mesmo viu.

Andava de um lado para outro no corredor do hospital e uma enfermeira se aproximou perguntando se eu estava me sentindo bem. Me afastei dela sem responder.

— Sim, mas ontem mesmo ela fez as malas e partiu. Sinto muito, Alexandre. Eu avisei que um dia poderia ser tarde demais e esse dia chegou para você, meu irmão.

Diego fez questão de lembrar o quão burro e cabeça-dura eu tinha sido. E eu nem sequer poderia rebatê-lo, pois tudo o que falava era verdade. Meu orgulho, rancor e suposições afastaram a Clara de mim. Meu martírio era saber do sofrimento da minha menina, o quanto deve ter sido difícil achar que também perderia Diego. Minha vontade era de abraçá-la para sempre e sussurrar eternamente o quanto a amava. Seria capaz de retirar sua dor com as próprias mãos se fosse possível.

— Eu vou achá-la, Diego. Nem que eu tenha que ir ao inferno. Eu vou achá-la.

25



Clara

Mais uma vez eu recorri ao homem que sempre me acolheu. Mesmo sabendo que era errado, que era uma atitude extremamente egoísta, eu liguei e pedi sua ajuda. Durante os longos segundos em que ele decidia se me ajudava ou não, eu sofri pensando que até ele me abandonaria. Mais uma atitude egoísta. Mas eu não estava pensando apenas em mim. Tive muita sorte ao avistar o mesmo helicóptero que me trouxe se preparando para partir. Dei uma de louca e fiz gestos para que o piloto me visse. Com a mesma rapidez com que fui, eu voltei para casa.

Estava ansiosa. Acrescentei pouca coisa em minha mala e esperei a chegada do Dereck. Não acreditava que mais uma vez estava fugindo, mas dessa vez estava com a consciência tranquila. Dei ao Alexandre o que ele tanto queria: a verdade. A verdade sobre o meu passado, a verdade sobre mim. Mas agora eu precisava de um tempo. Tempo para pensar em como encarar Ferraz novamente. A resposta que eu queria ele não me deu e eu não usaria um filho para prendê-lo a mim.

Ouvi a campainha e, assim que eu abri a porta, me joguei em seus braços. Chorei copiosamente com Dereck acariciando meu cabelo e sussurrando palavras de consolo ainda no corredor do prédio.

— Calma, gatinha, vai ficar tudo bem. Estou aqui, ok? — Virei meu rosto e seus olhos azuis me desarmaram completamente, me fazendo dar um passo atrás em minha decisão.

— Não posso.— Me afastei dele e andei até o centro da sala. Ouvi quando Dereck fechou a porta e senti sua presença atrás de mim.

— Não pode o quê? — Ele estava muito perto. Sentia sua respiração próxima. O calor que emanava do seu corpo me fazendo balançar. Mas eu sabia que não poderia fazer nada movida pela emoção, se cedesse ao Dereck agora me arrependeria, pois ainda amava Ferraz. Meu coração era dele, mesmo que estivesse totalmente destruído.

Me virei e o encarei. Não podia mentir. Assim como na primeira vez, se ele quisesse me levar com ele teria que saber a verdade. E dessa vez eu não estava sozinha. Peguei na mão do Dereck e a levei até a minha barriga.

— Estou grávida. — Dereck arregalou os olhos e ficou estático. Não se movia, não falava, mal respirava. — Diz alguma coisa.

— É por isso que está fugindo de novo? O que o idiota aprontou? Ele não pediu para você tirar, certo? Eu mato aquele velhote. — Ele retirou a mão de forma brusca e se afastou. Seu rosto vermelho e as mãos em punho diziam que estava prestes a cometer um assassinato se eu não me apressasse em lhe contar tudo o que aconteceu.

— Calma lá. — Puxei seu braço e o fiz prestar atenção em mim. — Ele ainda não sabe.

— E você não vai contar?

Abaixei a cabeça e me lembrei da cena no auditório. Conteí tudo ao Alexandre e mesmo assim ele não deu indícios de que me perdoaria.

— Eu conteí tudo a ele, Dereck. — Uma lágrima escorreu pelos meus olhos e eu me apressei em secá-la. Não queria parecer fraca. Não agora. — Conteí toda a verdade — completei.

Sentei no sofá, pois tudo aquilo tinha me deixado exausta. Dereck fez o mesmo e ao meu lado segurou minhas mãos entre as suas.

— E ele?

— Ele... Nada. — Dei de ombros. Respondi tentando não demonstrar a ele o quanto estava magoada. Mas acho que Dereck me conhecia mais do que eu imaginava, pois me puxou para os seus braços e eu deitei a cabeça em seu colo. Estiquei as pernas no sofá e fiquei ali, deixando que ele me consolasse com seu carinho. Acho que precisava disso, me desligar do mundo e ser somente a Clara, como eu era. — Dereck? — Me levantei para olhá-lo. — Eu não posso viajar com você esperando um filho de outro.

Por um momento, seu silêncio consentia, mas então ele soltou a maior gargalhada. Fiquei sem entender o motivo de tanta graça e até fechei a cara por ele rir em um momento como aquele.

— Gatinha, nós vamos viajar e não casar, minha linda. Uma coisa não tem

nada a ver com a outra. Sua mala é aquela? — Apontou para a mala lilás que continha tudo de que eu precisava e eu assenti confirmando. — Então vamos.

Levantou decidido e me puxou do sofá. Ainda o olhei apreensiva, mas senti meu rosto sendo acariciado.

— Não vou te forçar a nada. Leve o tempo que precisar. Como eu te disse pelo telefone, vamos ficar uma semana na casa dos meus pais no Sul e depois partimos para os Estados Unidos e Canadá. Se quiser ficar comigo, eu vou aceitar você e te fazer feliz todos os dias da sua vida, mas se depois desse tempo você quiser voltar, eu ainda vou te apoiar — disse carinhosamente.

— Não posso empatar sua vida.

— Vai me fazer um favor afastando as *groupies* mais loucas. Sério! Elas são inacreditáveis. Sem falar que com você os caras da banda param de ser tão nojentos. — Fez uma careta horrível e imediatamente eu me lembrei de como eram nossas viagens no ônibus do Dereck. Cansativas, mas muito divertidas.

— Ainda venço o Dimitri no Xbox. — Brinquei sobre seu baterista.

Voltei a sorrir naturalmente. Segurando na mão do Dereck, eu saí pela porta. Depois avisaria meus pais e daria notícias de onde estava, mas agora queria ficar sozinha.

— Ainda bem que você tem um visto de dez anos. Assim pode viajar comigo por todos os Estados Unidos — Dereck falava animadamente enquanto entrávamos no avião.

Antes da nossa viagem para Nova York, eu e Dereck passamos alguns dias em uma pousada que pertencia à sua família no Sul do país. Ele me prometeu que estaria ao meu lado como amigo. Depois de chegar do congresso, no qual claramente Alexandre pôs um fim na nossa história, eu fiz as malas e deixei o resto para trás. Escrevi um bilhete avisando ao Nando que estava bem e que não tinha data para voltar. Precisava de um tempo para me acostumar com o que Alexandre significava em minha vida. Ele agora passaria a ser somente o pai do meu filho. Nada mais que isso. Dereck se prontificou a estar ao meu lado e até cogitou assumir a minha gravidez, mas eu cortei qualquer tipo de pensamento que fosse nessa direção. Não privaria o Alê de saber que seria pai e, mesmo que ele não quisesse a criança, não faria isso com o Dereck. Viajaria com ele e, assim que tudo se acalmasse, eu voltaria para contar ao Ferraz sobre o filho que esperávamos.

— Vai dar tudo certo, gatinha. — Encostei em minha poltrona e deixei as

palavras do Dereck tomarem conta dos meus pensamentos, pois era tudo que eu mais ansiava naquele momento.

Ferraz

— Caralho. Porra. — Era a quinta vez somente naquele dia que fazia contatos e ninguém sabia da Clara. Laís ligou para os pais dela e eles informaram que ela tinha viajado, mas que também não sabiam para onde. Estava morto de raiva. Como ela pôde viajar assim do nada, sem avisar a ninguém? E se algo acontecesse? Quanto mais eu pensava, mais o nome do Dereck piscava em minha mente. Só poderia ser, mais uma vez Clara pediu a ajuda dele. Sacudi a cabeça tentando dissipar aqueles pensamentos. Ciúme e possessão não eram sentimentos para eu lidar naquele momento. Era demais para mim. Andei até o bar do meu apartamento e mais uma vez enchi o copo com Jack Daniel's. Virei praticamente de uma vez só. O líquido desceu queimando, rasgando minha garganta até o meu estômago. Depois veio o amortecimento. Da minha língua, lábios e alma. Havia uma semana Clara tinha partido, deixando minha vida ainda mais vazia, me deixando mais perdido, sem rumo e sem saber o que fazer. Precisava achá-la, mas até agora nada. Ninguém sabia o seu paradeiro. Pedi que um amigo ficasse de olho em Dereck. Nada tirava da minha cabeça que eles estavam juntos, mas o filho da mãe também tinha sumido. Entrei em contato com o seu assessor, mas ele informou que Dereck estava de férias e seu destino não seria divulgado. Isso me deixou ainda mais irritado. A falta de notícias e de controle da situação me deixava louco. Encostei a cabeça no sofá e deixei a tontura do uísque fazer efeito. Nem sei quanto tempo fiquei naquela posição, mas sei que meu celular tocou inúmeras vezes até que eu pudesse me concentrar para pegá-lo e mandar à merda quem quer que fosse que estivesse me ligando. O nome no visor me fez ficar tenso.

— Me dá uma boa notícia, Marcelo.

— Porra, cara! Estou te ligando há horas — meu amigo delegado me repreendeu. Também havia recorrido a ele. Ele tinha passado por um problema parecido com o meu e me prometeu ficar de olho se a Clara saísse do país.

Levantei e a tontura me fez cair no sofá novamente. Levei alguns segundos para me recuperar.

— Onde está minha menina, Marcelo? — Baixei o tom de voz, e senti a dor subindo para minha garganta e me impedindo de falar. Foda-se! Não tinha mais por que parecer durão. Estava sofrendo e qualquer um à minha volta percebia isso, por mais que eu tentasse disfarçar.

— Você está bêbado de novo, Alexandre? Deixa para lá. — O telefone ficou mudo e eu sabia que as próximas palavras do Marcelo poderiam trazer alívio ou me deixar ainda mais preocupado. — Nova York, meu amigo. Ela embarcou hoje. — Alívio foi o sentimento do momento, afinal, se o show seria no Canadá, ela não estava com ele. — Ele também embarcou no mesmo horário e no mesmo voo.

Nem o deixei terminar de falar. Em um minuto ouvia Marcelo confirmar que minha menina estava com Dereck, e no outro, meu iPhone se espatifava em mil pedaços. Levantei e tive vontade de quebrar tudo. Foi o que fiz. Comecei pelo meu bar, joguei todas as garrafas no chão e as que não quebraram com a queda, eu chutei acertando outros móveis da casa. As taças e copos tiveram o mesmo fim.

— Droga! Por quê? — gritava alterado, mas sabia que ninguém me ouviria, então eu caí. Caí de joelhos e com as mãos segurando o rosto eu chorei. Chorei, pois sentia Clara cada vez mais distante e, conseqüentemente, cada vez mais próxima dele. E tudo por minha culpa, um idiota, orgulhoso e egocêntrico. Nunca a deixei falar, se explicar, nunca fui bom o suficiente para que confiasse em mim da mesma forma que confiava nele.

— Você ficou louco, Alexandre? — Ouvi de longe a voz do Diego, e não queria que ele estivesse ali. Fiz um sinal com a mão e balbuciei algumas palavras mandando-o embora. Mas, como ultimamente eu não tinha nenhuma autoridade sobre o fedelho do meu irmão, ele me levantou do chão e me apoiou em seus ombros. Fiquei em silêncio, pois estava destruído demais para argumentar algo. — Mano, é a segunda vez que te coloco na cama, bêbado pela Clara. Acha que encher a cara de cachaça vai trazê-la de volta? — perguntou irritado.

— Ela foi com ele — murmurei as palavras que me destruíam.

— Eu sei. — Olhei incrédulo para ele. — Ela ligou para a Manu. E assim que soube, eu vim até aqui. Mas pelo visto cheguei tarde.

Ouvi quando Diego chutou alguns cacos de vidro para chegarmos ao quarto. Me jogou na cama sem nenhuma delicadeza.

— Se prepara, meu irmão. Seus problemas estão apenas começando.

Não consegui responder ao comentário do Diego. Apaguei no mesmo momento em que meu corpo encontrou o colchão.

Acordei e olhei para o teto. Minha cabeça girava e eu não conseguia me lembrar de muita coisa da noite passada. Me lembrava da conversa com Marcelo,

que tentei afogar minha raiva com uísque e que Diego mais uma vez me ajudou. Sentei na beirada da cama e fixei meu olhar em um ponto qualquer para que pudesse me recompor. Quando senti o estômago e a cabeça se acalmarem, caminhei até o banheiro. Tomei um banho gelado e demorado. Minutos depois, estava melhor e tomei uma aspirina para evitar a dor de cabeça. Comecei a preparar minha mala. Quanto antes chegasse ao aeroporto, melhor. Verifiquei meus documentos e agradei por meu visto estar em dia.

— Bom dia. — Escutei Diego e me virei para vê-lo parado com uma mão apoiada no batente da porta. — O estrago na sala foi feio.

Dei de ombros sem me importar com o que ele falava. Peguei meu celular e fiz uma ligação para Ana.

— Ana, cancele todos os meus clientes e compre uma passagem no primeiro voo disponível para Nova York — pedi já impaciente, pois queria chegar aos Estados Unidos o mais rápido possível.

— Para Nova York, dr. Ferraz? — perguntou surpresa.

— Quer que eu repita toda a frase, Ana?

— Não, senhor. Eu entendi.

Desliguei o telefone e coloquei as últimas peças de roupa que faltavam na mala e a fechei. Passei as mãos pelo cabelo, nervoso.

— E vai fazer o que quando chegar lá? Bater de hotel em hotel? — Diego resolveu falar. Ainda não tinha pensado em como achá-la. Mas, estando lá, eu daria um jeito. — Fazer mais uma besteira e afastá-la ainda mais?

— Não, porra! — gritei, pois eu estava no meu limite. — Vou trazê-la de volta. Para o Brasil, para a minha casa, para a minha vida, Diego. Eu a amo e ela vai voltar comigo nem que seja arrastada.

Diego se aproximou e segurou meus ombros me fazendo olhar em seus olhos.

— Mantenha a calma. Clara não é mais a mesma. — Desviou o olhar, mas logo me encarou. — Esfria a cabeça e não faça merda.

Ouvi atentamente o que meu irmão disse. Assim que recebi um e-mail do escritório confirmando minha passagem, eu parti para o aeroporto. Peguei um táxi, já que o Diego estava sem carro, e em todo o trajeto pensei em como pediria perdão à minha menina. Não a deixaria fora da minha vida.

Agradei mais uma vez pela eficiência da Ana. O voo estava quase partindo e eu estaria junto da Clara em breve.

Fiz o check-in e escutei a chamada para o meu voo. Na tela, o destino Nova York piscava e meu coração seguia a mesma batida.

Mais uma vez estava indo para os Estados Unidos, mas dessa vez buscaria

minha felicidade. A mulher que mudou a minha vida.

26



Clara

— Já chega, vamos ao hospital. — Era a terceira vez que Dereck me via vomitar e a segunda que tentava me convencer a procurar um médico. Não queria médico. Eu havia avisado a dra. Gláucia da viagem e ela não me proibiu nada. Não precisava me preocupar, ficaria por pouco tempo fora do país e isso não atrapalharia meu pré-natal.

— Eu já disse que não precisa. É comum grávidas sentirem esses sintomas. E se levarmos em conta a longa viagem, eu até que estou bem.

Ele nem me respondeu e saiu em direção ao seu quarto. Dereck tinha um apartamento em Nova York e é claro que fez questão de que eu me hospedasse com ele. Me sentei no sofá e quase vomitei novamente ao sentir o gosto amargo em minha boca.

— Levanta a bunda daí e vamos. — Voltou segurando uma chave nas mãos e parou autoritário em minha frente. Me olhava como se eu fosse uma criança de 5 anos que não queria tomar remédio.

Sabia que não teria chances contra ele. Dereck estava determinado e, quando coloca uma coisa na cabeça, ninguém o faz mudar de ideia.

— Espera um pouco — disse emburrada e entrei no meu quarto. Peguei minha bolsa e conferi se estava com todos os meus documentos. Quando voltei à sala, ele continuava com os braços cruzados sobre o peito. Com os músculos estufados e a cara de poucos amigos, enganava quem o via por fora, pois por dentro era um doce. Mas hoje ele realmente estava um pé no saco. — Vamos

então.

O desgraçado abriu um sorriso e eu quis socar a cara dele, mas ganharia apenas alguns dedos quebrados se fizesse isso.

Assim que chegamos à garagem, um dos carros estacionados ali chamou a minha atenção. Olhei para o Dereck e seus olhos brilhavam diante do Lamborghini amarelo. Fiquei praticamente sem fala diante daquele carro. Dei uma volta em torno dele apreciando cada detalhe. Eu não entendia muito de carros, mas sabia apreciar o que era bonito.

— Gostou? Melhor do que uma caminhonete. — Me encarou e balançou a cabeça se arrependendo do que havia falado. — Foi mal — se desculpou.

— Tudo bem. — Ele abriu a porta para mim e eu entrei.

Durante todo o caminho para o hospital, Dereck falava do que planejava para nossa estada nos Estados Unidos. Fiquei cansada apenas de ouvi-lo. Mas estava empolgada. Confesso que queria fazer tudo que ele organizou e isso incluía acompanhá-lo em um superconcerto no Canadá. Ele estava extasiado com esse show.

Quando estacionamos em frente à clínica, praticamente todos que passavam pela calçada nos observavam. Revirei os olhos, pois não gostava nem um pouco de ser o centro das atenções. Mas, saindo daquele carro luxuoso, discrição era o que eu menos conseguiria. Depois de abrir a porta, Dereck segurou a minha mão e entramos.

— Gatinha, eles precisam dos seus documentos. — Deixei Dereck conduzir tudo, pois eu não falava muito bem inglês. Peguei meus documentos pessoais e a carteirinha que carregava contendo informações sobre o meu transplante e os remédios que tomava. Dei a ele também os dados dos primeiros exames que fiz no Brasil. Dereck entregou tudo para a moça da recepção. Trocaram algumas palavras em inglês e eu encarava Dereck tentando entender o que ele falava, mas era rápido demais para que eu pudesse acompanhar. Precisava de um curso de inglês urgente.

— Vamos aguardar. Em mais ou menos vinte minutos irão nos atender.

Sentamos em um belíssimo sofá e aguardamos. Fiquei meio constrangida quando percebi que só havia grávidas em minha volta. Umas com seus maridos, outras sozinhas e uma acompanhada por outra mulher. Algumas com barrigões, outras assim como eu, com a gravidez praticamente imperceptível. Mas todas, sem exceção, tinham algo em comum: olhavam para Dereck como se meu amigo fosse um pedaço de bolo de chocolate em dia de TPM. Soltei uma risadinha abafada quando uma delas levou um beliscão do seu companheiro. Olhei para ele, que

parecia alheio a tudo, lendo uma revista sobre gestação. Eu quase caí na gargalhada quando ele fez uma careta ao ver a foto de um parto. Sem perceber que eu o encarava, ele colocou a revista de volta no lugar, sacudindo a cabeça. *Homens!*

— Mr. and Mrs. Mayer. — Olhei para o lado procurando quem a enfermeira chamava, mas percebi que era eu. Por algum motivo, ela achava que Dereck e eu éramos casados. Dereck falou com ela e entramos. Antes de sentar, ele sussurrou.

— Eu a corriji — informou que havia explicado sobre o equívoco.

Nos próximos quinze minutos eu me senti uma barata tonta diante da conversa deles. Dereck apontava meus cartões e explicava algo à médica. Fiz um exame de sangue e uma ultrassonografia e, depois dos resultados, ela conversou com o Dereck novamente.

— E aí? — questionei, pois estava ficando de fora da minha própria consulta. Dereck só levantou a mão pedindo que aguardasse e voltou a falar com a médica. Balançava a cabeça freneticamente e fazia perguntas.

— Você está bem, só um pouco desidratada, e precisa ficar em repouso por alguns dias e beber muito líquido. Ela vai passar algumas vitaminas para completar os remédios que você já toma e um outro para enjoos, que ela disse ser resultado da viagem junto com sua gravidez — ele me explicou o que eu já sabia, mas o cabeça-dura queria ouvir de uma médica. Deve ter pagado horrores por essa consulta. — Você está liberada.

Assim que ele disse, virou-se para médica e agradeceu.

— Thank you. — Apertou a mão dela e eu fiz o mesmo.

— Thank you very much.

Sáímos da clínica e Dereck pegou um caminho diferente daquele que havíamos feito mais cedo. Quando percebi ele estava parado em uma loja de bebês da Quinta Avenida.

— Dereck... nada de comprar — adverti, e ele me ignorou totalmente. Desceu do carro e deu a volta para abrir a minha porta.

— Quem disse que é para você? — Sorriu e passou a mão em minha barriga.

Fiquei emocionada pelo carinho que ele tinha por um filho que não era dele. Claro que sabia que parte disso era por minha causa, mas gostava de ver que meu bebê já era amado. Enquanto andávamos pela calçada a caminho da loja, eu ouvi um clique e imediatamente Dereck me puxou em sua direção e escondeu meu rosto em seu peito. Fiquei ali sem entender o que acontecia, enquanto ele discutia

com alguém. Sua voz indicava que estava visivelmente alterado, mas em nenhum momento me soltou. Identifiquei na conversa as palavras privacidade, paparazzo e fotos, então entendi o que estava acontecendo.

Dereck parou de conversar e caminhou para dentro da loja comigo ainda abraçada a ele. Assim que entramos uma vendedora fechou a porta trancando o fotógrafo do lado de fora. Dereck trocou algumas palavras com ela e fomos encaminhados para uma sala reservada.

Me sentei em uma poltrona e meus olhos brilharam quando uma mulher colocou várias camisetinhas na minha frente. Tanto de meninas quanto de meninos. E todas elas eram estilo rock and roll. Sabia que havia sido um pedido do Dereck. Eu o procurei com o olhar e ele estava em minha frente, sentado, com os cotovelos apoiados nas coxas e o queixo nas mãos.

Deixei as roupas sobre a mesa e caminhei até ele. Me encarava com tristeza nos olhos e eu me repreendi mentalmente. Dereck não merecia mais esse sofrimento.

— Posso ir embora hoje mesmo se você quiser. — Se era eu quem o deixava tão triste, eu voltaria para o Brasil.

— Não é você, gatinha. — Levantou os olhos me encarando. — Eu amo a música e tudo o que eu faço, mas não sei se estou preparado para viver com aquilo que aconteceu lá fora. Não quero perder minha essência, sabe?

— Eu te entendo. Também não sei se aguentaria toda essa pressão. Mas, se quiser que eu vá, eu não me importo. Minha presença pode aumentar esse assédio.

— Nem fodendo. Você vai ficar o tempo que quiser — disse gentil.

— Já escolheu? — Apontou para a montanha de roupinhas que eu deixei no sofá. Peguei em sua mão e o levei até elas.

— Escolhe você. O presente é seu. — Dereck abriu um sorriso e pegou algumas peças nas mãos. Escolheu duas. Uma camiseta rosa com enfeites em renda preta nas mangas. Na frente um desenho estampado com os Beatles. A segunda era preta, bem masculina. A frase de uma música do Queen enfeitava a camiseta.

Quando saímos tudo parecia mais calmo. Caminhamos até o carro sem nenhuma interferência. Me sentia bem melhor depois de tomar o remédio que a média receitou. Inclusive estava com um pouco de fome.

— Dereck? — chamei, e ele fez sinal de que me ouvia, mas continuou concentrado no trânsito.

— Se lembra daquele restaurante brasileiro em que comemos arroz, bife e ovo?

Podia ver as lembranças vindo à tona, conforme ele abria o sorriso.

— Você estava com tanta saudade da comida brasileira que comeu três bifês e dois ovos — disse, achando graça, e eu percebi que mudou o trajeto, virando em uma esquina.

— Olha quem fala. Você comeu tanto feijão que eu achei que era a última vez que comeria na vida.

Ambos gargalhamos com as lembranças. Naquele mesmo dia, Dereck e eu partimos para a Inglaterra, onde ele fez um dos shows mais lindos a que eu assisti. De repente ele ficou em silêncio e eu percebi sua luta interna, como se tivesse medo de me magoar.

— Por quê, Clara? — Estacionou o carro em frente ao restaurante. Eu sabia o que questionava.

— Eu não sei, Dereck. Simplesmente é ele. — Abaixei a cabeça ao falar do Alexandre. Ele não retrucou o meu comentário. Com as mãos no volante, ficou um tempo olhando para a frente até me encarar novamente.

— Vamos lá. — Saiu do carro e fez mais uma vez a gentileza de abrir a minha porta.

— Não vou te afastar de mim. Se me quer somente como amigo, é isso que vou ser. A porra do melhor amigo que já teve na vida.

Queria arrancar Ferraz da minha cabeça e me entregar de corpo e alma ao Dereck. O que eu deveria ter feito há alguns anos. Mas não conseguia. Quem sabe um dia? Por enquanto ainda pertencia ao Alexandre e não sei quando conseguiria me desligar dele.

O almoço foi um pouco constrangedor no início por causa da conversa de antes, mas não demorou muito para tudo voltar ao normal. Encerramos a refeição com doce de leite e isso fez a alegria do meu amigo, que mais parecia uma criança diante do prato. Aproveitamos que eu me sentia bem e passeamos no Central Park. Adorava aquele lugar e ficamos praticamente a tarde toda curtindo o clima ameno. Quando voltamos ao apartamento, já era noite e eu estava cansada pelo dia agitado. Dispensei o jantar e me preparei para dormir. Antes de pegar no sono, eu pude ouvir as notas do violão, seguidas pela voz rouca do Dereck. Adormeci, enquanto ele cantava *All I Want*, do Kodakline.

*When you said your last goodbye
I died a little bit inside
I lay in tears in bed all night
Alone, without you by my side*

*But if you loved me
Why did you leave me
Take my body
Take my body*

*All I want is
And all I need is
To find somebody
I'll find somebody*

Like you, oh, oh

Ferraz

Cheguei a Nova York de noite. Apesar de não querer perder tempo, meu corpo pedia por descanso. A tensão e o voo haviam me deixado exausto. Achei melhor procurar um hotel, pois com a cabeça descansada seria mais fácil conversar com Clara. Afinal, esse era o meu objetivo: pedir perdão e rezar para ela não ter me riscado para sempre da sua vida. Fiz check-in no primeiro hotel que achei. Nada me importava. Queria apenas passar a noite e, assim que o dia amanhecesse, eu tentaria procurá-la. Diego ficou de me avisar se soubesse de algo. Caso não descobrisse seu paradeiro, eu começaria minha busca pelo Dereck. Apesar de querer negar, eu sabia que ela estava com ele, mas seria por pouco tempo.

Tomei banho e me joguei na cama, mas não adormeci sem antes olhar a foto da mulher da minha vida mais uma vez.

— Me perdoa, minha menina. Não consigo viver sem você.

Assim que o dia clareou, eu já estava de pé. Pedi à recepção do hotel que me enviasse um café da manhã e em alguns minutos ele foi entregue. Estava havia mais de 24 horas sem comer e não aguentaria bater de frente com a Clara sem me alimentar. Aquela garota era fogo, e ia me dar trabalho.

Liguei meu tablet e verifiquei se em meus e-mails havia alguma notícia dela. Abri somente o do Diego e ignorei os outros. Naquele momento não me interessava mais nada. Bati o punho fechado sobre a mesa quando li que Clara tinha entrado em contato, mas que ninguém sabia o seu paradeiro.

— Pensa, Ferraz. Pensa. — Batia a mão aberta na testa como se aquilo

pudesse dar um tranco em meu cérebro e me fizesse ter uma ideia genial. Abri meus alertas do Google: precisava ficar de olho na agenda do Dereck, não havia outra maneira. Segui-lo e torcer para que Clara estivesse com ele.

Abri um site aleatório e a primeira foto confirmava o que eu já sabia. Uma imagem feita por um paparazzo mostrava Dereck abrindo a porta de um carro para Clara. Ela sorria carinhosamente para ele e aquilo já fez todos os músculos do meu corpo enrijecerem. A foto de baixo mostrava os dois estacionando em frente a uma clínica médica. Pelo ângulo, o fotógrafo os seguiu. Nem li a matéria e passei a analisar a próxima imagem. Primeiro Dereck e Clara em frente a uma loja, logo depois ele escondia o rosto da minha menina e pela cara que fazia não tinha uma conversa amigável com o fotógrafo. Li a matéria e a última frase roubou todo o ar que tinha em meus pulmões. Minha cabeça girou e foi como se tivesse levado um soco no estômago, tamanha era a dor que sentia.

Em breve mais notícias sobre o papai do ano.

Subi a página rapidamente e li toda a matéria.

A dona do coração de Dereck Mayer. Cantor é visto com beldade pela cidade de Nova York. Segundo amigos próximos, a mulher em questão é um antigo affair do astro pop.

Embaixo das fotos, outras legendas faziam meu coração sangrar. Era uma dor que eu nunca tinha sentido. A sensação de ser traído dessa vez era real. Não podia acreditar no que lia.

Confirmado. Dereck Mayer será pai. Astro foi visto em consulta com a futura sra. Mayer. Logo após, o casal foi comprar roupinhas para o bebê. Atendentes da loja visitada disseram que o casal transbordava felicidade.

Meu corpo inteiro tremia e eu só não joguei meu tablet na parede porque não conseguia reagir. Estava paralisado, mortificado com a notícia de que minha menina esperava um filho. Um filho que pelas notícias não era meu. Me senti apunhalado. Clara esperou o momento certo para me contar a verdade e eu burro acreditava que ela me queria de volta, quando ela queria apenas brincar comigo. Jesus, como ela pôde ser tão baixa? Se entregar a ele, depois de tudo que passamos. Nem sabia se estaria preparado para ser pai, mas, se era isso que Clara queria, eu faria para vê-la feliz. Eu seria a porra do pai que ela precisava. Eu faria tudo.

Escoreguei pela parede e chorei no chão. Eu perdi. E dessa vez foi para sempre. Não poderia competir com o que ele tinha dado a ela. Esperança de um futuro. De uma vida plena. Por que ela não me esperou? Era a pergunta que martelava minha cabeça e feria minha alma. Minha menina não era mais minha. Não havia dor maior do que a que eu sentia naquele momento. Medo. Desespero.

Raiva. Arrependimento. Foi uma explosão de sentimentos que me fez lamentar minha covardia e arrogância. Ela ainda era minha e eu a joguei para ele. Quando, meu Deus? Era o que me perguntava enquanto as lágrimas desciam. Quando foi que Clara passou a ser dele?

Escutei a campainha do quarto tocar insistentemente. Uma, duas, três vezes até que resolvi ver o que era. Provavelmente o serviço de quarto querendo tirar o café. Sequei os olhos e, assim que abri a porta, eles escureceram. Não vi mais nada. A vontade de socar o homem à minha frente até a morte tomou conta de mim. Dereck desviou do primeiro soco e me empurrou para dentro do quarto.

— Tá a fim de brigar, doutor? Então vamos lá! — gritou da porta e partiu para cima de mim.

— Desgraçado, filho da puta. — Bati forte contra ele e ambos caímos no chão. Fiquei por cima e aproveitei a posição para socar a cara dele. — Clara é minha. Você a tomou de mim. Você a engravidou, seu merda. — Dois socos e Dereck reagiu.

Com um movimento rápido, me jogou de costas e me acertou no queixo. Senti meus ossos estalarem e provavelmente havia fraturado a mandíbula. Deu mais um impulso e senti sua mão contra meu olho. No mesmo momento, ele se fechou atrapalhando minha visão.

— Você é um idiota. Não a merece. — Após suas palavras, um soco me atingiu acima da cintura e senti a dor pulsar em minhas costelas. Devolvi o mesmo golpe, fazendo Dereck arquear de dor. Ele se afastou um pouco levando a mão ao local que eu tinha atingido. Levantei meio cambaleando, pois o soco que ele me acertou tinha me deixado zonzinho. Dei dois passos em sua direção e caí em cima dele. Levei a mão para trás, pronto para acertá-lo novamente quando suas palavras me atingiram.

— Eu queria que fosse meu, mas não é. É seu. O filho que a Clara espera é seu! — gritou e com as mãos me empurrou, até que eu caí ao seu lado. Ele tentou levantar e de quatro engatinhou até o sofá. Dereck cuspiu sangue e eu não estava muito melhor. Meu supercílio transbordava e molhava minha face. — Eu nunca mais a toquei. Clara deixou o Brasil comigo com um único objetivo: se preparar para contar ao homem que a rejeitou que ele seria pai. — Sentia o ódio em sua voz, mas suas palavras não eram mais que sons incoerentes no ar. Eu apenas prestava atenção no fato de que ele disse que Clara estava grávida de mim. Minha menina seria mãe de um filho meu.

Me arrastei até o outro sofá e me sentei. Peguei uma almofada e pressionei no meu olho. Dereck cuspiu uma bola de sangue no chão e limpou a boca com as

costas da mão. Tentei fazer com que minha cabeça parasse de girar, mas as palavras rodopiavam em minha mente e minha vontade era de rir e chorar ao mesmo tempo.

— Ela foi atrás de você no congresso para te contar a verdade. Clara nunca aceitaria sua volta somente pelo filho. Queria que você voltasse por ela e não por uma criança — explicou, e fazia sentido o que falava. Por mais que eu quisesse escorraçá-lo do meu quarto, fui obrigado a ouvi-lo e, pior, a conversar com ele.

— E as matérias? — Mostrei a ele o meu tablet ao seu lado.

Dereck fez uma careta de desgosto e deu de ombros.

— Meu empresário me avisou hoje de manhã. Não consegui evitar. Esses abutres procuram qualquer coisa para vender notícias — disse desgostoso, e por um momento eu senti pena dele. — Clara passou muito mal ontem e eu a levei a uma clínica. Depois queria distraí-la e fomos comprar roupinhas para o bebê.

Meu bebê... Não evitei sorrir. Mas o fato de ele dizer que Clara não estava bem me deixou em alerta. Era eu quem deveria estar com ela. Minha menina precisou de mim e eu não estava com ela.

— Ela... ela... ela está bem? — balbuciei nervoso. — Você a deixou sozinha? Quero ir até ela. — Levantei já impaciente.

Dereck me encarou como se eu fosse um retardado. Claro que ele não a deixaria sozinha. O filho da mãe se aproveitava da fragilidade dela para dar uma de bom moço e tê-la de volta. Mas nem por cima do meu cadáver.

— Senta aí — ordenou e eu dei uma risada. Andei em direção à porta e Dereck fez o mesmo, bloqueando minha saída.

— Quem você pensa que é? — Estava pronto para iniciar outra briga, se ele me impedisse de ver a Clara. — Sai da minha frente — cuspi as palavras em sua face. Dereck não recuou. Pelo contrário, se aproximou ainda mais e não tirou os olhos de mim.

— Clara já passou por muita coisa e eu vou fazer o que me propus quando cheguei aqui. Então você tem duas opções: sentar e me escutar ou cair na porrada comigo novamente. E, se isso acontecer, você não vai saber onde ela está — ameaçou com convicção. Eu tive que recuar, pois Dereck protegia a Clara e eu não o culpava por isso. Em seu lugar eu faria o mesmo.

Dereck voltou para o sofá, e eu caminhei até o frigobar. Enrolei as pedras de gelo em duas toalhas e joguei uma para ele. Ele a agarrou e a colocou no nariz.

— Não vou pedir desculpa. Queria fazer isso há muito tempo. Desde aquele show no Brasil. — Me sentei no sofá e coloquei o gelo no meu olho que quase não abria.

— Foi um prazer te deixar de olho roxo também. — Ele balançou a cabeça sorrindo. — Quando conheci a Clara, ela estava em um momento punk da vida. Fazia pouco tempo que o Felipe tinha partido. Vi que aquela garota escondia algo, mas me apaixonei por ela mesmo assim. — Me mexi desconfortável, pois não era nada agradável ver outro marmanjo confessar que era apaixonado por minha garota. — Clara me contou tudo em um dia que estava levemente bêbada. Então, a chamei para viajar pelo mundo. Achei que com o tempo eu conseguiria me aproximar, mas me enganei. Clara se escondia cada vez mais, era essa a maneira que tinha escolhido para sofrer. Mas eu a conhecia. Estava arrasada.

— Eu não sabia. Não fui bom o suficiente para que ela confiasse em mim — constatei.

— Você não foi bom? — perguntou irônico. — Esquece você. Esquece todo mundo. Ela é mais que tudo isso. Quando me deixou eu achei que não suportaria. — Por mais que não quisesse admitir, eu sabia bem o que ele tinha sentido.

— Eu não a rejeitei no congresso. Quando saí para ir atrás dela, eu atrolei uma pessoa e tive que prestar assistência. Quando me livre das minhas responsabilidades, ela já tinha partido. Com você. — Me levantei com o ódio correndo em minhas veias.

Dereck ficou de pé também, mas bem mais calmo que eu.

— Eu fiz o que deveria ser feito. Clara me procurou novamente e eu sabia que, se ela fraquejasse dessa vez, outras pessoas perderiam com a sua queda. Fui o amigo que ela precisava. Ela me contou sobre o vídeo e eu só posso dizer que tenho pena de você. É patético como você deixa as pessoas controlarem sua vida.

Abri a boca para rebater, mas não houve tempo. Ele tirou um cartão do bolso e me entregou.

— Ela não pode mais sofrer. Se não estiver disposto a esquecer tudo, não apareça. E se não o fizer em uma hora, eu a pedirei em casamento. E não me importo em criar seu filho como se fosse meu. Eu amo a Clara e moverei céu e terra para fazer minha gatinha feliz, mas hoje a felicidade dela é você, por isso abro mão. Tiro meu time de campo, pois não suporto ver quem eu amo sofrer. — Olhei para o cartão em minhas mãos e ouvi a porta sendo aberta. — Uma hora é tudo que você tem.

Estava com a chance que tinha vindo buscar nas mãos, mas será que estava preparado para fazer Clara feliz? Dereck tinha razão. Ela tinha mais a perder dessa vez. Meu filho. Não havia mais espaço para erros, não havia mais como magoar um coração que já tinha sofrido tanto. Clara merecia ser feliz. E eu não sabia se conseguiria ser o porto seguro de que ela tanto precisava.

*Clara*

Acordei sentindo um leve enjoo, mas estava bem melhor que ontem. Me espreguicei ainda na cama e achei estranho não ouvir a voz do Dereck cantarolando pela casa. Ele sempre acordava antes de mim, com exceção dos dias seguintes aos shows. Nesses dias ele aproveitava para dormir até mais tarde. Incrível como eu conhecia aquele homem. Sorri pelo que eu acabava de constatar. Conhecia Dereck mais do que pensava.

Tomei um banho rápido. Estava bem frio e, mesmo com calefação, eu pulava no banheiro como uma louca. Não fui feita para o frio. Coloquei uma roupa quentinha e me preparei para ficar o dia todo em casa. Pensei em convidar Dereck para um cinema com pizza mais tarde. Um programa que adorávamos fazer. Saí do quarto empolgada e fui procurá-lo. Sua empregada estava na cozinha e a cumprimentei. Ela falava um pouco de português pela convivência com ele e conseguíamos nos comunicar bem. Dereck morria de rir com minhas longas conversas com Mirtys, que conhecia desde a última vez que estive com ele. Procurei em seu quarto e também não o encontrei. Achei estranho, pois Dereck não fazia nada sem avisar. Será que tinha acontecido alguma coisa? A preocupação tomou conta de mim.

— Mirtys... — Entrei na cozinha procurando por ela. — Dereck?

Ela se virou para mim e entendeu que eu procurava por ele. Retirou um bilhete que estava na geladeira e me entregou. Sacudi a cabeça agradecendo e andei até a sala lendo o que Dereck tinha escrito.

Não fique brava comigo.

Eu te amo, mas sua felicidade não está ao meu lado.

O velhote está aqui e eu preciso me certificar de que ele te fará feliz.

D.

Não sei se eu estava mais surpresa por saber que o Alexandre estava em Nova York ou por saber que o Dereck estava com ele. Comecei a tremer dos pés à cabeça. Meu corpo inteiro estremecia com a crise de choro que se apoderou de mim. Senti Mirtys se aproximar e me sentei no sofá com a sua ajuda. Ela falava muito rápido em inglês, mas nesse momento eu não fazia nenhuma questão de entendê-la. Estava em choque. Tentava imaginar por que, depois de tudo que aconteceu, Alexandre viria atrás de mim. Ele só poderia ter ficado sabendo do bebê e veio ver se o filho era dele. Não havia outro motivo depois do que aconteceu no congresso. Senti um arrepio em minha espinha com a constatação de que ele poderia me querer só por causa do filho. Mais lágrimas começaram a rolar e eu queria sumir, esquecer que um dia abri meu coração para aquele homem. Fiquei enrolada no sofá por um tempo. Mirtys aparecia de vez em quando para ver se eu continuava respirando. Ouvi o som da porta se abrindo e, assim que vi o Dereck, eu corri para os seus braços.

— Vai ficar tudo bem, gatinha. Eu prometo. — Passava a mão pelo meu cabelo enquanto sussurrava em meu ouvido me fazendo chorar ainda mais. Caminhei enrolada em seus braços até o sofá e nos sentamos. Quando olhei para o seu rosto, levei um susto enorme. Seus dentes brancos cobertos de sangue, o nariz inchado e sua camiseta toda rasgada.

— Mas o que é isso? — Achei forças sei lá de onde para brigar com ele. — Está maluco, Dereck? Perdeu a porra do juízo? — Como se eu estivesse o elogiando, abriu um sorriso nojento.

No mesmo instante escutamos a campanha tocar. Dereck olhou em direção à porta e seu sorriso sumiu como se soubesse quem estava do outro lado. Olhou o relógio e balançou a cabeça.

— O cara foi rápido — disse, naturalmente.

Mirtys caminhou até a porta e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Alexandre entrou, e para meu horror estava tão mal quanto o Dereck. Seus olhos me fitavam com desespero. Na verdade, somente um, pois o outro sumia em meio ao inchaço. Seu queixo arroxeadado mostrava que Dereck também tinha machucado com vontade o adversário. E eu? Eu só queria sumir dali. Foi meu primeiro instinto, mas Dereck segurou meu braço e eu o encarei com ódio.

— Você não tinha esse direito. É a minha vida — gritei irritada. Dereck me manteve imóvel segurando meu braço.

— Não mais. Agora são duas vidas e ele tinha o direito de saber. — Eu me sacudia tentando me soltar, mas quanto mais eu lutava, mais ele me segurava. — Me escuta, Clara. Eu te amo, amo como nunca amei ninguém. Mas eu não sou burro. É ele — apontou o dedo para a porta —, sempre foi ele. E, por mais que eu lute até minhas forças se esvaírem, nunca vou conseguir chegar até seu coração. Ele pertence a outro.

Comecei a chorar desesperadamente. Queria dizer “foda-se” para o Ferraz e seguir com o Dereck, seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas enquanto ele me afastava para sempre da sua vida. Uma parte de mim sabia que era o certo, mas a outra não conseguia aceitar que eu não o teria mais em minha vida. Como se soubesse o que se passava em minha cabeça, segurou meu rosto entre as mãos e depositou um beijo em cada uma das minhas pálpebras.

— Eu sempre estarei aqui quando precisar de mim, mas você precisa me deixar ir. Eu tenho que viver minha própria história. Eu mereço, Clara.

— Dereck... — Suspirei com o coração dolorido.

Dereck olhou para Ferraz, que se mantinha estático, lutando contra a vontade de vir até nós e me tirar dos braços do homem que sempre considerou uma ameaça. Mas não o fez. Sabia que presenciava uma despedida e deixou que acontecesse. Me olhava com desespero, como se me pedisse para escolhê-lo. Mal sabia ele que meu coração já o tinha escolhido desde o dia em que nos conhecemos, em sua sala na Ferraz.

Dereck caminhou até a porta e Mirtys o seguiu. Antes que saísse, Alexandre bateu em seu ombro e o fez parar. Os dois se entreolharam e Alê tomou a iniciativa.

— Dereck, eu....

— Não me agradeça. Se eu souber que a magoou novamente, eu te mato.

Alexandre recuou e não respondeu. Dereck ainda me deu um último olhar e sorriu, mas suas covinhas não apareceram, e isso me matou, pois não sorria verdadeiramente, sorria de tristeza. Ele estava se despedindo e eu sentia o quanto era difícil para ele me deixar. Não seria mais a mesma coisa para nós dois e Dereck sabia disso.

A porta se fechou e eu dei as costas para o Alexandre. As lágrimas molhavam meu rosto e a dor rasgava meu peito. Queria poder arrancar meu coração, assim não seria mais capaz de magoar pessoas tão especiais como Dereck.

— Clara. — Senti seu corpo próximo ao meu e paralisei. Mas logo a raiva

que estava trancafiada transbordou. Me virei e dei de cara com Alexandre me encarando. Parti para cima dele e comecei a socar seu peito com toda a força que eu tinha.

— O que está fazendo aqui? Vai embora! Some da minha vida, Alexandre. — Esmurrava seu corpo, e ele dava pequenos passos para trás, mas não me impedia. — Eu odeio você. Odeio. — Não mentia. Naquele momento eu o odiava, mas também odiava a mim, pois meu coração mesmo sofrendo pelo Dereck sentia paixão ao ver Alexandre em minha frente.

— Me perdoa? Por favor. — Sua primeira reação foi segurar minhas mãos. — Eu fui um burro, mas eu te amo, por isso estou aqui. Estava prestes a bater de hotel em hotel para te achar. — Ele me puxou e aproximou o seu corpo do meu, me atraindo como um ímã. Me encostei em seu peito, e seu cheiro me invadiu, me embriagando, deixando meus sentidos em transe. Queria que o mundo parasse naquele exato momento para que eu ficasse ali, nos braços do homem que eu amava eternamente. Mas sabia que isso não seria possível. Não seria capaz de passar uma borracha em tudo, como se nada tivesse acontecido.

Juntei todas as forças que ainda me restavam e, com muita dificuldade, eu me afastei. Fiquei de costas e não ousei olhá-lo. Não conseguiria fitar seus olhos azuis sem me perder.

— Vai embora, Alexandre — implorei que me deixasse.

— Não posso, eu vim por você.

— Não. Você não veio.

Dei dois passos atrás e ele me acompanhou, mantendo a distância que eu impunha entre nós.

— Clara, você precisa me escutar — pediu desesperado.

— Você me escutou quando tentei te dizer que eu não tive nada com o Dereck? Que aquele vídeo era uma mentira? — Vi seu rosto se contorcer com minhas palavras em uma expressão de pura dor, mas não me importava, precisava machucá-lo da mesma forma que ele tinha feito comigo. — Me escutou quando eu quis abrir o meu coração e te contar sobre... — Um nó se fez em minha garganta, mas eu lutei para dizer o nome dele. — O Felipe? — concluí.

Achei que ele gritaria comigo, imploraria, tentaria convencer, mas o que ouvi me desarmou.

— Eu tive medo. — Seus olhos se encheram de lágrimas e minha vontade de machucá-lo foi embora. Ver Ferraz tão vulnerável, tão inseguro e até mesmo perdido foi algo que eu não esperava. — Não quis te escutar, pois seria mais fácil sair e fugir do que ouvir você dizer que já não era mais minha.

— Eu nunca deixei de ser sua — confessei, murmurando baixinho. Fechei os olhos e ouvi quando seus joelhos bateram no chão. Quando os abri, Alexandre estava prostrado diante de mim. Levei as mãos para levantá-lo, mas ele balançou a cabeça em negativa. — Levanta, Alexandre — pedi desesperada.

Alê passou os braços pela minha cintura, e minhas pernas quase cederam quando seus lábios tocaram minha barriga. Alexandre não continha mais as lágrimas e elas rolavam por seu rosto desimpedidas.

— Você é perfeita. Me perdoa? Seja minha família! — A cada palavra que ele pronunciava, eu via o passado em minha mente.

Me afastei e o deixei na mesma posição. As mãos que antes acariciavam meu ventre caíram derrotadas ao lado do seu corpo.

— Eu não quero. Não posso aceitar que você fique comigo só pelo bebê. Eu te prometo que você fará parte da vida do nosso filho, mas é só isso. — Não queria o que ele me oferecia. Precisava de mais. Precisava do Alexandre por inteiro e me recusava a aceitar menos que isso.

Ele se levantou e caminhou até mim. Segurou meu rosto muito próximo ao dele. Fixou seus olhos em mim, e eu estremeci pela forma como seu olhar me invadia.

— Olha nos meus olhos e me diz, Clara. Diz o que vê. — Eu estava com os olhos fechados, não resistiria se o encarasse. — Se você disser que não vê o amor que sinto por você, eu vou embora e você estará livre. Eu juro.

Abri lentamente os olhos e, assim que vi as duas piscinas azuis que eu tanto amava, eu desmorenei. Comecei a chorar, e braços fortes me envolveram. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a boca do Alexandre me tomava com um desespero que eu nunca tinha sentido. Ele me jogou no sofá e ficou por cima de mim. Sentia o gosto de sangue em sua boca, mas não me importei.

— Eu te amo, eu saí como um louco daquele auditório, mas acabei atropelando a Ana — ele começou a falar para se explicar. Um alívio tomou conta de mim. Saber que ele foi ao meu encontro me trouxe um sentimento de libertação. Meu coração ansiava por uma explicação, por um motivo que o tivesse impedido de ir até mim. — Coloquei todo mundo atrás de você, minha menina, mas você já tinha sumido. Nunca mais faça isso, Clara. Eu vivi no inferno sem você.

Suas palavras me faziam chorar ainda mais.

— Eu achei que você não me queria mais.

Senti um dedo em minha boca me calando. Alexandre estava até engraçado, tentando me encarar com um olho quase fechado.

— Eu sempre vou te querer. Até o último suspiro do meu corpo. Minha menina.

Ao ouvir aquelas palavras, eu enlacei seu pescoço e o puxei até mim.

— Eu te amo, Alê.

Começamos a nos acariciar, matando a saudade que nos sufocava. Sua mão em meu rosto, a minha em seus braços, toques suaves cheios de carinho. Até que o desejo foi crescendo, tomando forma e senti seus dedos roçarem meus mamilos, enquanto minha mão foi até a sua bunda. Começamos a gemer, excitados. Alexandre passava a língua pelo meu pescoço quando abri as pernas para que o corpo dele se encaixasse ao meu. Foi perfeito. Nos unimos de uma forma plena.

— Eu preciso ter você. Estar dentro de você. Te fazer minha — ele sussurrava aflito, entre beijos e lambidas. Seu quadril bombeava contra meu quadril, buscando alívio.

Alexandre se sentou e me puxou para o seu colo. Rapidamente tirou a camiseta que vestia e arrancou meu sutiã. Eu doía por ele. Cada célula do meu corpo o desejava enlouquecidamente. Era um desejo incontrollável. Mas de repente me lembrei de onde estávamos. Não podia fazer isso. E se o Dereck voltasse?

— Para, Alexandre. — Tentei afastar sua boca que sugava de forma avassaladora meus mamilos. — Não podemos.

— Não consigo. Não me peça para parar — gemia, e eu sabia que o tesão tinha tomado conta dele. Sentia isso no meio das minhas pernas. Alexandre fazia questão de movimentar os quadris para que não restassem dúvidas.

— Essa casa é do Dereck. — Alexandre parou no exato momento em que pronunciei o nome do meu amigo. Seu corpo se enrijeceu e a expressão em seu rosto era indecifrável. — Ele não me tocou. — Achei que precisava deixar isso bem claro.

Alexandre pegou minha camiseta que estava ao lado do sofá e me entregou. Assim que a vesti, ele passou a mão pelo meu rosto e me acariciou de forma gentil.

— Eu sei. Acredito em você. Também acredito que não teve nada com o Alberto. Me perdoa? Em se tratando de você, o ciúme me cega e eu fico fora de mim. Era insuportável pensar que qualquer idiota poderia te tocar. Você é minha, Clara. Só minha.

— Meu — eu estava louca para dizer isso e não perdi a oportunidade.

— Vamos sair daqui. — Me puxou e eu fiquei de pé. — Estou duro e preciso foder você.

Sorri pela sua sinceridade. Quem é lobo nunca deixará de ser mau.

Ferraz

Mesmo contra a minha vontade, Clara quis esperar o Dereck voltar. E quando ele voltou, eu tive que me segurar durante a despedida. Era grato por tudo que ele fez para minha menina, por tê-la apoiado quando eu estava longe, mas seria hipócrita se dissesse que não o queria longe. De preferência podia ir tocar sua música na lua, que era para não correr o risco de se encontrar com Clara por aqui. Quando eles terminaram de se despedir, apenas apertei a sua mão. Ele me devolveu o cumprimento com firmeza e me olhou bem dentro dos olhos. Não precisou pronunciar nem uma palavra, sabia que ele viria atrás de mim se eu magoasse a Clara novamente. Aceitei o desafio. Não pretendia nunca mais abrir mão dela.

Logo depois que o Dereck saiu do hotel, me preparei para sair. A dúvida pairou sobre mim por apenas dois segundos. Foi o tempo suficiente para me convencer de que não poderia viver sem a Clara.

De volta ao hotel, agora acompanhado da minha menina, recebi olhares desconfiados dos funcionários. Antes de chegarmos ao elevador, o gerente veio falar comigo. Conversamos em inglês e eu segurava a mão da Clara enquanto tentava explicar a ele que mais nenhuma briga aconteceria. Talvez gritos, mas não brigas. Disfarcei o sorriso que meus pensamentos provocaram. Quando finalmente consegui convencer o gerente, entramos no elevador. Ela me olhava confusa, esperando que eu lhe explicasse o que eu tanto tinha conversado com o senhor ranzinza.

— Digamos que a visita do Dereck não foi muito gentil. Acho que quebramos alguns móveis.

As portas se fecharam, e Clara cruzou os braços sobre o peito com a cara emburrada. Delícia. Queria fodê-la ali mesmo.

Passei o cartão liberando a porta, e Clara analisou o quarto, provavelmente procurando por resquícios da briga, mas tudo estava limpo e organizado. Clara seguiu apressadamente até a geladeira e enrolou um punhado de cubos de gelo em uma toalha que pegou sei lá onde. E eu a observava tomar conta de tudo, como tinha feito com a minha vida. Voltou e me empurrou sentado no sofá.

— Tem que cuidar disso. — Encostou o tecido frio sobre meu olho e depois sobre o meu queixo. Gemi quando a pele quente da sua mão tocou a minha face. — Alexandre — meu nome soou como um pedido que eu não podia negar. Peguei a toalha de sua mão e fui deixá-la no banheiro. Clara ficou parada, apenas olhando e analisando meus movimentos.

— Vem. — Estendi minha mão e ela segurou. — Quero te amar na cama. Quero sentir o gosto de cada parte do seu corpo com toda a devoção que você merece.

Soltou um suspiro profundo e me acompanhou sem argumentar.

— Fique aqui — pedi que parasse perto da cama. — Vou te deixar nua para mim — disse me aproximando dela.

Tirei seu casaco e passei minhas mãos por seus braços, sentindo o arrepio da sua pele. Sua respiração ficou entrecortada. Girei seu corpo, e ela grudou seu corpo ao meu. Sua bunda me ataçava, enquanto minha mão acariciava os seus seios. Virei sua cabeça de lado e beijei todo o seu pescoço, a fazendo gemer cada vez mais alto.

— Por favor, Alexandre.

— Ahhh! Como senti falta das suas súplicas. Implora. Implora por mim.

Precisava saber que ela me desejava da mesma forma que eu a desejava: loucamente, intensamente, sem reservas ou limites.

— Me come, Alexandre. Me faz sua novamente.

Foi tudo que eu precisei ouvir. Deixei ela de frente para mim e, enquanto a beijava sem tréguas, minhas mãos tiravam sua blusa. Abri o seu sutiã e minhas mãos possuíram seus seios feitos sob medida para elas. O encaixe era perfeito.

— Linda — sussurrei em seu ouvido. — Vou fazer amor tão lento que você nunca mais vai esquecer que te amo. Vai lembrar para sempre que é somente minha.

Caminhamos com os nossos corpos colados. Joguei ela na cama e tirei a calça de flanela que ela vestia. Clara ficou só de calcinha, e eu tive que me controlar para não arrancá-la. Queria penetrá-la duro e implacável, mas me segurei. Cobri seu corpo com o meu e comecei a beijar sua nuca e costas.

— Alexandre, eu preciso de você.

— Eu sei, minha menina, e você terá. — Puxei ela até a beirada da cama e tirei a sua calcinha. Fiquei louco quando a vi totalmente molhada. Passei os dedos pelos lábios da sua boceta e gemi quando Clara estremeceu.

— Devagar — murmurei para mim mesmo tentando me acalmar.

Deixei meu dedo brincar com ela por um tempo e logo me ajoelhei para chupá-la. Minha língua tomou lugar e a lambi sem parar. Abri sua bundinha perfeita e me preparei para dar a ela o melhor sexo oral de sua vida. Precisava que tivesse certeza de que nada lhe faltaria ao meu lado, e isso incluía satisfazê-la sexualmente de quase todas as maneiras. Quase todas: nunca aceitaria compartilhá-la.

Deixei que minha língua passeasse por toda a sua boceta. Desde seu clitóris até seu ânus. Clara se contorcia e contraía o corpo em torno de mim, fazendo com que meu autocontrole fosse para o espaço. Juntei suas pernas e a coloquei de joelhos.

— Rebola — ordenei no exato momento em que minha mão acertava sua bunda. Clara fez o que pedi. — Porra! — Não conseguia me segurar. Eu a queria com desespero e, por mais que eu promettesse ir devagar, isso estava além de mim. Era impossível controlar os meus instintos. — Não vou conseguir esperar mais.

— Não quero que espere. Quero você como é. Do jeito que eu amo. Agora! — gritou.

Tirei a minha camiseta e me livreí da calça jeans o mais rápido que pude. Não queria ficar nenhum segundo sem tocá-la. Fiquei muito tempo longe e aproveitaria cada momento com ela. Assim que consegui tirar minha boxer, eu me ajoelhei na cama e a penetrei sem aviso.

— Caralho! Porra! — xinguei assim que entrei nela. Deus, como a Clara era quente e gostosa. Parei por alguns segundos, afundado nela. Minhas mãos passeavam por suas costas nuas quando girei meu punho e preendi seu cabelo com uma das mãos. Clara empinou a bunda, fazendo o meu pau ficar ainda mais duro dentro dela. — Vou te comer forte e rápido do jeito que você gosta. Está preparada?

— Oh... — foi a única coisa que ela conseguiu dizer, pois eu já a penetrava intensamente. Uma mão segurava seu cabelo e a outra, seu quadril, forçando a entrada o mais fundo possível.

Quando achei que gozaria, reduzi o ritmo. Encarei nossos sexos se conectando e dessa vez fiz o mais devagar que pude. Saía e voltava a entrar completamente naquela boceta que implorava por mais. Recuperei o fôlego e tornei a meter sem nenhuma piedade. Soltei seu cabelo e forcei sua cabeça para a frente, fazendo Clara afundar o rosto no edredom. Seus gemidos eram abafados pelo som dos nossos corpos. O que era para ser romântico se tornou selvagem. Assim como era desde a primeira vez que nos vimos. Não podia ser diferente. Tinha que ser como nossos sentimentos: devastador.

— Vou gozar, Alê. Não para.

— Nem se eu quisesse, minha menina.

Senti meu pau sendo apertado e respirei fundo, em uma oração silenciosa para não gozar. Queria mais. Queria Clara fora de si pelo o que eu causaria a ela. Senti o exato momento em que ela gozou gritando o meu nome e sugando o meu pau. Antes que seguisse o mesmo caminho, eu me retirei. Clara caiu exausta, mas

eu não lhe dei descanso e a puxei para o meu colo.

Minha boca começou a beijar o seu pescoço. Respirava perto do seu ouvido e via a excitação tomar conta dela novamente.

— Tão minha. Linda. Minha menina. — Comecei a soprar seu ouvido entre uma palavra e outra que dizia. Minhas mãos acariciaram seus seios novamente e percebi que já estava pronta para ser minha mais uma vez. — Me diz — ordenei, e ela sabia o que eu queria ouvir. Agarrei seu cabelo e mordisquei de leve seus seios antes que ela dissesse as palavras que eu queria tanto ouvir. — Diz, Clara.

Senti quando suspirou e confessou mais uma vez o quanto ela era minha.

— Eu sou sua. Sou sua menina — terminou dizendo o apelido que minha boca tanto gostava de pronunciar. Virei seu corpo de costas para mim. Seus pés tocavam o chão e sua bunda estava empinada, me dando total acesso à sua boceta. Com uma mão sustentei suas costas para a frente e com a outra segurava seu quadril.

— Senta. — Meu pau pulsava de desejo vendo a Clara naquela posição.

Ela fez como eu ordenei. Seu corpo foi se abaixando lentamente, enquanto eu entrava aos poucos dentro dela.

— Isso mesmo. Senta no meu pau, menina. Porque somente eu posso te dar esse prazer. Devagar. — Sabia que meus comandos a arrepiavam. Coloquei as mãos para trás esticadas na cama e a deixei conduzir os movimentos. Clara apoiou as pontas dos pés no chão e tentou se sustentar no ar. Começou a se movimentar com um pouco de dificuldade, mas logo o ritmo se tornou mais acelerado.

— Meu — tomou a iniciativa de dizer.

Nesse momento, eu sentei e coleí meu tórax nas suas costas e comecei a passar a língua pelo seu pescoço.

— Minha. — Tenho certeza de que soei carinhoso. — Goza novamente, meu amor. — Levei a mão até seu clitóris e Clara, obediente ao desejo que sentia, abriu as pernas para que eu tivesse total acesso à sua boceta. Quando comecei a tocá-la, ela jogou a cabeça para trás, desfrutando do tesão que tomava conta de todo o seu corpo.

— Oh, meu Deus, Alexandre.

Era o que eu precisava.

Levei as mãos até sua cintura e a coloquei de pé. Ela estava totalmente entregue a mim. Não tinha como se sustentar e nem em que se segurar. Minhas investidas se intensificaram e a segurei firme, pois suas pernas já estavam bambas.

— Vou gozar, Clara. — A frase saiu entrecortada. Segurei seu pescoço e a empurrei ainda mais para a frente. E com mais algumas estocadas explodi dentro

dela.

Fiquei totalmente sem forças, como se toda a minha energia tivesse ido embora junto com o meu gozo.

— Vamos tomar um banho e arrumar as malas. Quero voltar o quanto antes para o Brasil. Você nunca mais vai escapar de mim. Seremos uma família.

Levei a Clara para o banheiro e, antes de entrarmos no box, beijei o seu ventre que agora carregava meu filho. Eram as duas pessoas mais importantes da minha vida e eu lutaria com unhas e dentes para mantê-las seguras. Perto de mim.

28



Clara

— Grávida, Maria Clara? — minha mãe gritou, e eu fechei os olhos para ouvir as próximas palavras. — Você sai do Brasil sem dizer seu paradeiro e volta grávida.

— Eu já fui grávida, mãe.

Olhei para o Alexandre ao meu lado e acho que ele nunca tinha enfrentado uma situação como aquela. Seu rosto pálido deixava transparecer o medo que sentia dos meus pais. Tive vontade de rir. Alexandre, que tinha enfrentado criminosos de todas as espécies, os juízes e promotores mais implacáveis do país, suava frio diante de dona Helena e do seu Augusto.

— Eu sei que não foi a melhor maneira de o senhor ficar sabendo sobre nós dois, mas eu amo a sua filha e estou muito feliz em ser o pai do filho que ela carrega — ele se pronunciou e teve total atenção do meu pai enquanto minha mãe me repreendia com o olhar.

— Você era o chefe dela? E agora vão se casar? Já estão morando juntos? — meu pai soltou uma pergunta atrás da outra, e eu revirei olhos. Deus! Eu não tinha mais 15 anos.

Me preparei para responder ao meu pai, mas Alexandre me olhou firme e eu entendi que ele queria falar. Tínhamos voltado dos Estados Unidos havia dois dias. Alexandre não me deixou sair de perto dele durante todo o tempo. Ficamos em seu apartamento e essa era a primeira vez que saía de lá. Decidimos que, antes de tomarmos qualquer decisão, deveríamos contar aos nossos pais. Pensei que os

meus levariam numa boa minha gravidez, mas eu me enganei um pouco. Meu pai não estava gostando nada da situação.

— Eu e a Clara nos conhecemos na Ferraz, mas nosso relacionamento começou fora do escritório. Ela é muito profissional. — Olhou para mim, e eu corei no exato momento em que me lembrei do sexo oral debaixo da sua mesa em seu aniversário. Certo! Poderíamos pular essa parte. — Nossa relação não foi das mais tranquilas, mas estamos juntos e isso é o que importa. Fui buscá-la nos Estados Unidos e nunca mais permitirei que vá para longe de mim. — Levou a minha mão que estava entrelaçada à dele até os seus lábios e beijou os nós dos meus dedos carinhosamente. — Ainda não falamos nisso, mas é óbvio que vamos nos casar.

Fiquei surpresa com a última frase. A verdade é que evitei tocar no assunto compromisso porque queria que Alexandre tomasse a iniciativa — e ele fez isso justo na frente dos meus pais. Meu pai abriu um sorriso e minha mãe levou as mãos à boca, emocionada.

Alexandre se levantou e caminhou até meu pai.

— O senhor me concede a mão da sua filha em casamento? Prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz.

— Não prometa. Faça. — Meu pai estendeu uma mão e Alexandre a segurou, mas logo meu pai o puxou para um abraço.

— Oh, minha menina. — Minha mãe me envolveu em seus braços. — Que benção! Um netinho — exclamou feliz.

Enfim, ela me soltou, e eu voltei a ficar lado a lado com Alexandre.

— E esse olho roxo? Não vai me dizer que é um encenqueiro? — meu pai perguntou um pouco ríspido, apontando para o olho do Alê.

— Quando for necessário — disse me olhando. — Isso foi apenas um esbarrão que dei em um roqueiro americano.

Meu pai ficou sem entender e eu caí na risada.

Depois de Alexandre e meus pais praticamente decidirem tudo sobre o casamento e até o nome do bebê, fomos embora. Consegui convencer Alê a me deixar em casa antes de ir para o escritório. Tinha ficado muitos dias fora e, com certeza, tinha muito trabalho acumulado.

Tomei um banho assim que cheguei e depois liguei para Laís.

— Não quero falar com você — minha amiga gritou assim que atendeu o

telefone. — Você sabe o que eu passei aqui sem notícias suas? Não, não sabe.

— Me desculpa, lindinha. Prometo recompensá-la. Acabei de comprar um pote de sorvete e não tenho com quem dividir — tentei persuadi-la.

Passei a mão nos cabelos e decidi deixá-los secando ao natural. Ainda estava enrolada na toalha e, enquanto falava com Laís, escolhia uma roupa confortável para vestir.

— Não devia, mas não sou de dispensar gulodices. Mas fique sabendo que é pelo sorvete. — Ouvi sua voz embargada.

— Laís...

— Oi.

— Senti sua falta — confessei.

— Eu também, Clarinha.

A campainha tocou e corri para atender, pois sabia quem era. Assim que abri a porta, Laís me abraçou sem nenhuma delicadeza.

— Nunca mais vá a Nova York sem mim. Você sabe o quanto quero fazer compras na Quinta Avenida — disse assim que me soltou.

Vi as lágrimas em seus olhos e minha amiga usou as costas da mão para secá-las. Ela fungava tão bonitinho que me deu vontade de pegá-la no colo. Acho que o meu instinto materno já estava aflorando.

Laís sentou no sofá enquanto fui buscar o sorvete na cozinha. Como sempre fazíamos, colocamos o pote entre nós duas e comemos a colheradas em frente à TV.

— Desembucha — ela disse com a boca cheia do sorvete. — Conte-me tudo e não me esconda nada.

Saciei a curiosidade da Laís. Contei desde o momento em que saí do congresso até a volta para o Brasil. Laís vibrava e pulava quando eu repetia as promessas que o Ferraz havia me feito, mas também ficou de coração partido quando narrei minha despedida do Dereck. E quase caiu do sofá quando falei sobre os planos para o casamento.

— Você tem que casar depois de mim. São as regras. — Apontou a colher em minha direção. — Tigrão marcou a data para daqui a seis meses.

Sacudi a cabeça. Em seis meses ostentaria uma barriga maior do que a da Priscila quando voltou para a Espanha. Quando pensei em minha outra melhor amiga e futura cunhada, lembrei que tinha que ligar para ela.

— Não vai dar. Não posso esperar tanto tempo.

— Para com isso, Clarinha. Até parece que vai parir antes.

Laís me encarou, esperando uma resposta. Balancei a cabeça e ela soltou um grito estridente.

— Clarinha. Um filho. Não acredito! — Pulou em mim e me abraçou apertado, mas logo se afastou. — Meu Deus... não quero machucá-lo. Desculpa a Dinda, meu amor — falava com uma voz infantil enquanto acariciava a minha barriga. Totalmente ridículo, mas era a cara da Laís.

— Dinda? — perguntei arqueando uma sobrancelha.

Ela bufou como se aquilo não estivesse em negociação. Pensei em Priscila e acho que a guerra seria acirrada. Como se tivesse sentido que pensava nela, meu celular tocou e a imagem da minha amiga linda e sorridente apareceu na tela. Pedi um minuto para Laís e atendi ali mesmo, no sofá.

— Alô.

— Não quero nem saber, mas eu serei a madrinha. E não aceito um não como resposta. Maninho já disse que sim.

Revirei os olhos sem saber como sair da sinuca de bico em que havia me metido. Estava ferrada. Mas descobri que tinha as duas melhores amigas do mundo brigando pelo cargo de madrinha do meu filho.

Ferraz

— Oi, meu amor, como você está? — Era a terceira vez que ligava para Clara. Não me sentia bem em deixá-la sozinha, mas tinha passado muitos dias afastado do escritório e ela me prometeu que ligaria para Laís e a convidaria para ficar com ela.

— Depende. — Assim que ela me respondeu eu já me levantei pronto para ir até ela. — Sua irmã e a Laís estão no Skype brigando para ver quem será a madrinha do nosso filho.

Me sentei novamente sorrindo com a situação. Claro que sabia que Laís faria questão de ser madrinha do nosso bebê, mas como dizer não para a Priscila Ferraz? Impossível.

— Desculpa, acho que tenho parte da culpa.

— Não precisa se desculpar, meu amor. Sei bem como a Pri é — respondeu bem-humorada.

— Estou com saudade — disse girando a minha cadeira para ficar de frente para a janela.

— Não faz nem três horas que nos separamos. — Fechei os olhos, pois parecia uma eternidade. Teria que reduzir meu horário de trabalho para passar mais tempo com ela e o bebê quando ele nascesse. — Eu também sinto sua falta. — Sua voz doce me trouxe de volta.

— Vou pedir para o Diego te buscar e você me espera em meu apartamento. Vou ficar até tarde por aqui.

— Eu posso ficar aqui em casa mesmo.

— Clara, no meu apartamento — disse sério, pois não a deixaria sozinha de jeito nenhum.

Ouvi uma batida na porta e autorizei a entrada da Ana.

— Sim, senhor — respondeu em meio a uma risada. — Meu.

— Minha — me despedi com a afirmação de que ela era minha. E seria minha para sempre.

Voltei minha atenção para Ana. Tinha pedido a ela que convocasse uma reunião com todos os funcionários do escritório. Queria explicar os motivos da minha viagem e também contar as novidades. A vontade de dizer a todos que seria pai transbordava em mim.

— Todos estão à sua espera, dr. Ferraz — informou e eu agradeci.

— Vamos lá, então.

Assim que cheguei, cumprimentei o Diego e o Nando. Sabia que Diego estava no escritório. Na verdade, ele já estava saindo quando cheguei e pedi que aguardasse para participar da reunião. Comecei distribuindo para outros advogados alguns processos que estavam sob a minha responsabilidade. Nando ficou com a maioria dos meus clientes da área civil, e Jonas, um advogado veterano da Ferraz, recebeu alguns clientes da minha carteira criminal. Todos me olhavam sem entender o que estava acontecendo e, antes que alguém se pronunciasse questionando a minha atitude, eu me antecipei.

— Sei que todos devem estar achando que eu enlouqueci, mas garanto que o motivo da redução da minha carga horária é totalmente nobre. — Tive a atenção total de todos.

Me levantei para contar as boas-novas.

— Eu serei pai. Clara está esperando um filho meu — disse extasiado.

— Até que enfim ela te contou. — Diego veio me abraçar. Fiquei surpreso por seu comentário.

— Você já sabia, seu filho da mãe? — Bati em suas costas quando ele me abraçou.

— Manu me contou no dia em que ela viajou.

Claro! Manu era a médica da Clara e, com certeza, sabia da sua gravidez. Como ela e Diego não se desgrudavam, ele soube antes que eu sobre meu filho.

— Parabéns, dr. Ferraz — Patrícia foi a primeira a me cumprimentar. Senti frustração em sua voz, mas ignorei.

Um por um dos presentes me cumprimentou, desejando felicidade a mim e à minha menina. Recebia todo o carinho possível de pessoas que eram como uma família para mim. Os últimos foram a Ana e o Nando. Assim que minha secretária saiu, eu recebi o abraço dele.

— Clara te ama, dr. Ferraz. E eu fico muito feliz que tenham se acertado.

Continuei segurando sua mão forte e apertei seu ombro.

— Obrigado por cuidar dela — agradei por ele estar sempre ao lado dela.

— Não foi fácil — disse brincando, e eu concordei.

— Eu que o diga. E a situação com seu pai, como está?

Mudei de assunto enquanto saíamos da sala.

— Está melhorando. Sei que é difícil, mas estamos dando um passo de cada vez.

Concordei e, após nos despedirmos, voltei para minha sala. Como Diego já tinha saído para buscar a Clara, atendendo ao meu pedido, aproveitei para colocar as coisas em dia.

Trabalhei a tarde inteira e verifiquei cada processo sob minha responsabilidade. Sorte que não tinha perdido nenhum prazo importante e tudo poderia ser contornado. Preparei as próximas defesas e quando percebi já eram mais de nove horas da noite. Ana e os demais funcionários já tinham ido havia muito tempo. Desliguei meu computador e peguei o celular no bolso para ligar para Clara. Ela não atendeu, deveria estar no banho ou dormindo. Assim que cheguei à garagem, eu tentei ligar novamente, mas nada da minha menina me atender. De repente, tudo escureceu e eu não enxergava mais nada. Desliguei o alarme da minha caminhonete e, assim que os faróis piscaram, eu me situei. Liguei a lanterna do celular para chegar até o meu carro, mas quando coloquei a mão na porta senti a primeira pancada em minha cabeça, caí de joelhos com as mãos apoiadas na porta, sem saber o que tinha me atingido. Tentei me levantar, mas uma segunda pancada me fez cair de costas no chão. Usei as últimas forças que me restavam e direcionei a luz do celular para onde achei que tivessem vindo os ataques.

— Você?

Apaguei.

29



Clara

Assim como disse que faria, Alexandre mandou Diego me buscar. Meu futuro cunhado apareceu no fim da tarde e, assim que me viu, me pegou nos braços e me girou no ar. Estava radiante e eu também. Fomos direto para o apartamento do Alexandre. Conversamos muito e depois assistimos a um filme comendo pipoca. Falamos sobre o passado e como isso influenciaria nosso futuro. Diego era como um irmão e eu não me cansava de lhe pedir desculpas por tê-lo abandonado. Sempre gentil e carinhoso, ele dizia que me entendia e que no meu lugar provavelmente teria feito o mesmo. Duvido muito.

Já era tarde quando me despedi e fui para o quarto. Precisava me recuperar de tudo e me preparar para uma longa conversa sobre minha volta ao trabalho com o Ferraz. Na verdade esse foi o motivo da única discussão que tivemos desde que voltamos ao Brasil. No dia em que chegamos, ele me ouviu conversando com o Alberto pelo telefone sobre quando eu voltaria a trabalhar e ficou possesso. Não queria de jeito nenhum que eu voltasse a advogar e, se dependesse da sua vontade, eu ficaria em casa até o bebê nascer e depois disso também. Claro que fiquei uma fera. Não abandonaria a minha carreira, a não ser que isso fosse extremamente necessário para a gestação.

Adormeci e, quando acordei e não vi Alexandre ao meu lado, me assustei. Não havia nenhum indício de que ele tivesse chegado. Peguei meu celular no criado-mudo e vi que já eram onze horas. Duas chamadas não atendidas e uma mensagem do Alexandre chamaram a minha atenção.

Abri a mensagem e não entendi o que estava acontecendo. Me levantei depressa e abri a porta do quarto. Diego dormia serenamente na sala com a televisão ligada. Me ajoelhei ao seu lado e comecei sacudi-lo.

— Diego. Diego — chamei desesperada. — Por favor, acorda.

— Clara? O que aconteceu? — Ele se sentou no sofá e esfregou os olhos com as mãos. Mostrei o visor do celular a ele, e Diego leu as palavras em voz alta.

Clara, precisei viajar a trabalho. Não sei quando volto.

Ferraz

— Isso não faz sentido. — Ele se levantou depressa. O pânico tomava conta de mim. O medo de ficar sozinha novamente me atingiu.

— Será que ele está me deixando? — eu disse em meio às lágrimas.

Diego correu até mim e me segurou em seus braços. Descansei a cabeça em seu peito e rezei para que Alexandre não me abandonasse mais uma vez.

— Porra! Desligado. — Sabia que ele estava tentando ligar para o irmão. — Clarinha, me escuta. Nunca vi o meu irmão mais feliz em toda a vida dele. Hoje ele fez uma reunião com todos do escritório para compartilhar a sua gravidez e a alegria que sentia. Ele estava eufórico. — Tentou me acalmar, mas tudo teve efeito contrário.

— O que está acontecendo então? — perguntei inconsolável. Me sentia como se o mundo tivesse sumido dos meus pés e eu flutuasse sem rumo.

— Não sei, querida, mas nós vamos descobrir.

Olhava todos os rostos conhecidos reunidos no apartamento do Alexandre, mas nenhum deles me trazia conforto. Não conseguia parar de chorar e meu desespero aumentava a cada minuto que passava sem notícias dele. Diego ligou para todo mundo, foi até a Ferraz e em vários lugares onde Alê poderia estar. Ele, Bruno, Nando e Marcelo se dividiram para cobrir vários pontos da cidade. Rodaram durante toda a madrugada, mas voltaram de manhã sem notícias. O último a voltar de mãos vazias foi Marcelo.

— Acionei todos os meus amigos policiais que estão de plantão. Se a caminhonete ou Alexandre estiverem pela cidade, serão encontrados — disse formalmente.

Diego o chamou e os dois caminharam em direção ao escritório.

— Minha menina, tome um suco. — Neguei com a cabeça a sugestão da

minha futura sogra.

— Clara. — Minha mãe tomou o copo das mãos dela e me estendeu. — Pelo bebê, minha filha. Pense nele.

Levei a mão à minha barriga e não conseguia me controlar. Me sentia sozinha, mesmo cercada por tantas pessoas. Olhei em volta e vi Laís agarrada ao Bruno em um sofá. Nando em pé na porta fazia algumas ligações e até Alberto veio ajudar. Meu chefe conversava com o meu pai e com o pai do Alexandre.

— Eu o quero de volta, mãe — supliquei. — Quero Alexandre aqui comigo.

Ela me olhou com carinho, mas sabia que não poderia fazer nada por mim. Colocou o suco em minhas mãos trêmulas, e eu fiz o que me pediu. O suco parou em minha garganta e eu fiz um esforço imenso para engoli-lo, sempre pensando no meu bebê.

Diego e Marcelo voltaram para sala e ambos me olhavam de um jeito que me deixava ainda mais aflita. Meu cunhado se aproximou e ficou de joelhos diante de mim.

— Enzo ligou e Marcelo já mandou uma viatura para o endereço onde ele disse que o celular do mano estava. — Meus pulmões se encheram de ar e as lágrimas pinicaram meu rosto novamente. — Acharam o celular e a caminhonete jogados em uma vala fora da cidade. A polícia está trabalhando com a hipótese de sequestro.

— Não, Diego. Não. Não. Não. Por favor... — Me agarrei a ele segurando sua camiseta e suplicando para que não fosse verdade. Estava em um pesadelo e queria acordar. Precisava acordar e ver Alê ao meu lado novamente. Era assim que tinha que ser.

Minha mãe se levantou e Diego ocupou seu lugar. Me puxou para ele e me abraçou.

— Vou trazê-lo de volta, Clarinha. Eu prometo.

Ferraz

Acordei e minha primeira reação foi tentar me levantar. Imediatamente percebi que meus braços e pernas estavam amarrados. Tentei gritar, mas estava amordaçado. Minha cabeça doía e eu tentava me lembrar do que tinha acontecido, mas não conseguia. Tudo parecia confuso e as lembranças se misturavam com imagens que eu não sabia se eram reais ou não. Tentava me concentrar, mas a imagem da Clara surgia em minha mente, fazendo com que o desespero tomasse conta de mim. *Deus! Faça com que Clara e meu filho estejam em*

segurança.

Clara

Dormi umas cinco horas nos últimos dois dias. A palavra desespero passou a ter um novo significado em minha vida. A falta que sentia do Alexandre e o medo de perdê-lo para sempre não se comparavam a nada que eu havia sentido antes. Não queria confessar, mas nem perder Felipe doeu tanto quanto doía não saber onde estava o pai do meu filho. Não sobreviveria se algo acontecesse com o Alexandre. Nós dois estávamos ligados por um elo indestrutível. Não havia possibilidade de dele ser quebrado. Essa era a mais pura verdade e eu começava a me acostumar com ela.

— Chega, Clarinha. Você precisa reagir — Manu tentava me fazer voltar à vida, mas eu estava morrendo a cada segundo que passava sem Alexandre. — Pelo bebê, Clara. Ele precisa da mãe forte.

— E do pai? — gritei com toda a força que ainda restava. — Ele não precisa do pai, é isso que você quer dizer?

Me levantei e joguei o copo de água que tinha em minhas mãos na parede. Ele quebrou em vários pedaços e os cacos se espalharam pelo chão junto com a água.

— Eu o quero de volta. — Todos me encararam, e achei que me prenderiam em uma camisa de força depois do meu ataque de loucura.

— Agora sim — Manu disse com um meio sorriso no rosto. — Essa é a Clara que eu conheço. Não essa mulher morta, que não faz nada além de chorar. — Se aproximou de mim e segurou meus ombros. — A Clara que eu conheço grita, esperneia, xinga e, se precisar, desce a porrada em quem quer que seja. Essa é você.

— Não sei o que fazer — confessei e recebi um abraço como resposta. Me agarrei a ela e tentei não chorar.

— Comece se alimentando. Já pensou o que ele vai fazer quando descobrir que deixou o seu filho com fome? — disse sorrindo. Manu sabia como me convencer: Alexandre realmente ficaria uma fera se soubesse disso.

Acabei comendo uma salada com frango e tomei um suco de laranja. O entra e sai no apartamento diminuiu. Diego permanecia ali com Marcelo a tiracolo e com o celular no ouvido. De vez em quando parava na minha frente e me dava um olhar, um sorriso ou outro gesto de carinho, como se dissesse que tudo ficaria bem. Eu respondia da mesma forma, mostrando que confiava e acreditava nele.

De noite, depois de ter cochilado por meia hora, eu caminhei até o escritório.

Peguei Diego olhando para uma foto dele com o Alexandre sobre a mesa. Assim que me viu, tentou esconder as lágrimas que desciam pelo seu rosto, mas foi em vão. Ele puxou uma cadeira e me sentei ao seu lado, deitando a cabeça em suas pernas. Ficamos por um longo momento sem dizer uma palavra. Sabia que todos da família sofriam pelo desaparecimento do Ferraz, mas nada se comparava ao que Diego sentia. Alexandre era mais que um irmão, era seu melhor amigo, seu porto seguro, seu chão. E mesmo transtornado de preocupação, ele se mantinha forte para todos os outros. Mas eu sabia que lá no fundo, assim como eu, ele estava destruído. Com Diego ao meu lado eu senti uma leve paz tomar conta de mim, e a esperança de que ele traria Alê de volta acendeu meu coração. Adormeci em seu colo e acordei um tempo depois já na minha cama. Diego tinha me colocado lá antes de partir para mais um dia de angústia, dor e sofrimento, mas também de esperança.

Tomei um banho para me refrescar e, apesar do calor que fazia, senti um vento frio entrando pela janela. Imediatamente um arrepio tomou conta da minha pele. Me virei e avistei Prí parada na porta. Deus, como ela estava linda. Corri até ela e choramos abraçadas, uma tentando confortar a outra.

— Priscila, você não devia ter voltado — repreendi. — O ambiente está muito pesado para você.

Ela bufou revirando os olhos, e eu me toquei do erro que tinha cometido.

— Também não é ambiente para você. — Tocou minha barriga de leve, me fazendo um carinho. — Ele vai voltar. Alexandre nunca nos abandonaria. Não agora que vai ser pai. E tio.

Concordei com ela, deixando aquelas palavras entrarem em minha mente. Me sentia mais confortável com Priscila aqui, pois ela mais que ninguém sabia o que eu estava passando. Alexandre era e sempre seria seu segundo pai.

— Que tal falarmos um pouco sobre a gravidez? Assim passamos o tempo até o maninho dar as caras — brincou na intenção de aliviar o clima e me distrair.

— Juan ficou?

— Nunca. — Revirou os olhos. — Ele está na sala com o papai e a mamãe.

Tirei da bolsa a foto da ultrassonografia que tinha feito e mostrei para Prí, que ficou visivelmente emocionada. Não tinha mostrado ainda a Alexandre, queria que ele visse com os próprios olhos na próxima consulta, mas me arrependi. Devia ter-lhe mostrado a foto do nosso filho. Um pequeno

borrãozinho de tinta, mas era nosso e já era amado incondicionalmente por nós. Conversei com Prí sobre a gravidez, principalmente sobre os enjoos do último mês. Sorri quando ela contou que dizia sentir desejos improváveis quando queria castigar Juan por alguma coisa. A coitada o tinha feito andar por toda Barcelona à procura de tapioca e açaí. Não consegui segurar a gargalhada.

— Acharam ele — Nando entrou pela porta dando a notícia.

Priscila e eu levantamos ao mesmo tempo.

— Onde ele está? — perguntei sentindo minhas pernas bambas. O medo de ele responder com uma tragédia fazia com que meu corpo tremesse e meus olhos escurecessem.

— Marcelo recebeu uma denúncia anônima. Eles estão indo para lá nesse momento.

Mal deixei Nando terminar de falar e passei por ele como um foguete. Diego pegava as chaves do carro e já se dirigia para a porta quando eu cheguei à sala. Peguei minha bolsa e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Diego me repreendeu.

— Você fica aqui. — Apontou para o chão.

— Nem pensar. Eu vou junto. — Tentei passar por ele, mas Diego me segurou pelos ombros. Marcelo já aguardava no corredor e parecia impaciente.

— Ele vai me matar se eu levar você. Você não vai a lugar nenhum. — Deu um beijo em minha testa. — Prometo trazê-lo são e salvo.

Não tive muito o que fazer. Enquanto ele esperava minha resposta, Priscila se colocou em minha frente e me abraçou.

— Traz ele de volta, Di — pediu esperançosa.

— Eu vou trazer, sapeca. Prometo.

Fiquei com Priscila na porta enquanto Diego, Nando e dr. Néelson seguiam com Marcelo para buscar o Alexandre. Entramos e gentilmente Juan nos serviu um copo de água. Dona Graça rezava baixinho em um canto da sala e Manu desligava a TV, já que ninguém estava prestando atenção. Olhei para Prí e vi o medo dos meus olhos refletido nos dela. Ela sacudiu a cabeça como se quisesse mandar os pensamentos ruins embora.

— Ele prometeu ser o padrinho do Antônio. E meu maninho nunca quebra uma promessa.

Sorri acreditando no que ela me dizia.

Alexandre também havia me feito a promessa de ficar comigo para sempre. E naquele momento eu pedia a Deus que não o deixasse quebrá-la.

Ferraz

— Socorro — eu murmurava com aquele maldito pano fedorento na boca. Devia estar drogado, pois acordava e apagava sem ter plena consciência do que estava acontecendo. Não sabia há quanto tempo estava naquele lugar, sempre mantido com os olhos vendados. Passei a maior parte do tempo amarrado e só me soltavam para ir ao banheiro. Na primeira vez tentei reagir, mas estava com os movimentos totalmente limitados, com pés e mãos amarrados.

— Por favor. Eu serei pai. Me soltem. — Minha mordaça foi retirada para que eu pudesse comer e eu tentei apelar para quem quer que estivesse fazendo aquilo comigo. Desde que tinha chegado nem uma palavra havia sido dita. De vez em quando sentia uma luva áspera em meu rosto, como se estivesse me acariciando, e era isso que acontecia naquele momento. — Te dou tudo o que tenho. Entre em contato com minha família. Eles pagarão o que quiser — supliquei mais uma vez, mas minha boca foi novamente tapada.

Enquanto permanecia no escuro, tentava descobrir o que estava acontecendo. Descartei sequestro, pois ainda não tinham feito nenhum contato com a minha família, o que não era normal. Só restava uma alternativa: as ameaças. Passava a acreditar que as pessoas que me mantinham em cativeiro eram as mesmas que fizeram da minha vida um inferno nos últimos meses. Notei pelo cheiro que eram duas pessoas. Um tinha um perfume mais doce, feminino, o outro era mais masculino.

Eu estava sozinho, ou, pelo menos, parecia que sim, pois não se ouvia mais nada além do meu coração batendo.

De repente ouvi pneus cantando. Tentei me mexer e o desespero tomou conta de mim. Queria gritar por socorro e me debatia no chão tentando de todas as formas me desamarrar. Nada além de gemidos inaudíveis saíam da minha boca amordaçada. Ouvi passos. Senti medo. Medo de ter chegado a minha hora. Pensei em todas as pessoas que eu amava e percebi o quanto eu não soube viver. Meus pais, meus irmãos, meus amigos e minha menina apareciam em minha mente. Clara e meu filho. Pedia perdão naquele momento por não conseguir cumprir a promessa de fazê-la feliz.

— Ferraz! — Ouvi gritarem meu nome. No início achei que fossem alucinações, mas então ouvi ainda mais forte e mais perto. — Alexandre, é a polícia.

Minha respiração ficou frenética. Gritei o mais alto que pude e tenho certeza de que podia ser ouvido, tamanho era o meu desespero de ser encontrado. Pensava

em Clara e no meu filho. Não podia desistir. Lutei com todas as minhas forças e consegui arrancar a mordaca com os próprios dentes.

— Aqui. Eu estou aqui — gritei a plenos pulmões.

— Aqui, Marcelo. Ele está aqui. — Escutei alguém dizer e mesmo assim eu não parava de gritar.

Pela quantidade de passos que ouvia, várias pessoas andavam em minha direção. Minha cabeça se mexeu e as vendas foram tiradas dos meus olhos. Levei um tempo para me adaptar à claridade. Pisquei várias vezes e, quando consegui focar, enxerguei um policial fardado na minha frente e logo atrás dele meu amigo Marcelo e meu irmão, que corriam em minha direção. Marcelo segurando uma arma e Diego logo atrás. Eu estava tonto, mas tentava me manter acordado. Não ouvia nada, apenas via que meu irmão se aproximava cada vez mais. Assim que ele chegou perto, fiz a única pergunta que importava.

— Clara? — balbuciei.

— Está no seu apartamento, como você pediu — Diego respondeu e um sorriso despontou em seu rosto. — Vamos para casa, mano. Sua mulher e seu filho esperam por você.

Sorri em agradecimento. Diego tinha me salvado e eu não esperava mesmo nada diferente vindo dele.

— Por que demorou tanto, fedelho?

Senti que eu estava sendo desamarrado. Olhei e vi Marcelo cortando as cordas que me prendiam. Diego me apoiou em seus ombros e, com muita dificuldade, eu fiquei de pé.

— Você tem que parar de se meter em encrenca, mano — brincou comigo, e nesse exato momento eu apaguei.

— Clara. Clara. — Acordei sobressaltado e tentei sentar na cama, mas senti mãos delicadas me empurrando de volta. O lugar estava escuro e eu olhei de um lado para outro verificando onde estava, se ainda permanecia naquele pesadelo. Mas então sua voz me acalmou e me trouxe de volta à realidade.

— Estamos aqui, meu amor. Dorme e quando acordar eu ainda estarei aqui.

Estava muito cansado. Sonolento e confuso, mas reconheceria a voz da Clara até no inferno. Se minha menina estava comigo, então tudo ficaria bem.

— Minha. — Segurei forte em sua mão e antes de apagar senti seus lábios nos meus.

— Meu. Para sempre.

Nem sei quanto tempo dormi, mas sei que senti a maior alegria do mundo quando acordei. Abri os olhos e de cara percebi que era dia. O quarto estava iluminado e, assim que meus olhos se adaptaram à claridade, eu vi a imagem que mais ansiava. Aquela que preenchia meus pensamentos e não me deixava cair. Clara dormia ao meu lado. Seu rosto descansava em meu peito e eu podia sentir sua respiração em minha pele. Inalei seu cheiro e imediatamente as lembranças de tudo que vivemos me invadiram. Eu a queria assim, o mais perto possível. Não a queria longe de mim nem por um segundo.

— Quanto tempo eu dormi? — perguntei sussurrando ao Bruno, que se aproximava. Meu amigo abriu um sorriso e tocou minha mão em um cumprimento.

— Três dias desaparecido e dois no hospital se recuperando. — Clara se mexeu ao meu lado, mas não acordou. — Bem-vindo de volta, companheiro.

— Há quanto tempo ela está aqui? — Apontei para Clara, e Bruno bufou.

— Desde antes de te trazerem para cá. Não arredou o pé do quarto nenhum minuto.

Olhei para ela novamente e notei seu rosto abatido, que revelava o quanto minha menina estava exausta.

— Onde está todo mundo?

— Seus pais foram para casa. Não tinha muito o que ser feito por aqui. Nando está tomando conta do escritório e Diego foi à delegacia. Seus futuros sogros estão com Priscila e Juan na sala de espera.

Clara ainda se mantinha imóvel e eu tentava me mexer sem acordá-la. Puxei um pregador do meu dedo e analisei os fios que me ligavam ao tubo de soro, na esperança de conseguir arrancá-los.

— Prí está aí também?

— Sim. Você mobilizou muita gente. — Bruno encarava o que eu fazia e balançava a cabeça reprovando minha atitude. — Tem certeza de que você pode fazer isso? — Apontou para a agulha que eu tirava do meu braço. Olhei para ele, que no mesmo momento levantou as mãos em sinal de rendição. Até parece que Bruno não me conhecia. — Se lembra de alguma coisa? Sabe quem te sequestrou?

Sentei na cama com cuidado e toquei os pés no chão. Aguardei um momento para ver se ficaria tonto e levantei. Forcei a memória, mas tudo era muito vago e,

por mais que tivesse visto um rosto, não me lembrava de detalhes.

— Eu lembro que estava no estacionamento do prédio da Ferraz, as luzes se apagaram e eu usei meu celular para chegar à caminhonete. Também me lembro de sentir a primeira pancada na cabeça e depois tudo são imagens distorcidas que eu não consigo colocar em uma ordem lógica. Mas eu sei de uma coisa — encarei meu melhor amigo —, não foi sequestro.

Nesse momento, a Manu e o dr. João entraram no quarto. Fiquei um pouco preocupado ao ver o neurocirurgião do Diego, mas logo minha atenção se voltou para Manu. Ao me ver de pé, ela fez uma careta.

— Salvo engano, era para você estar deitado na cama, correto? — brincou, mas eu estava preocupado demais para achar graça de alguma coisa.

— A Clara não podia ter ficado o tempo todo aqui. Isso não faz bem nem para ela nem para o bebê. Por que você não impediu essa loucura? — perguntei a Manu, levemente irritado. Não acredito que esse bando de gente aqui foi incapaz de impedir a minha menina de passar por tudo isso, ainda mais grávida.

— Estamos falando da Maria Clara — ela chamou minha atenção, como se dissesse algo óbvio. — Querido, somente você tem o dom de convencê-la a fazer ou não alguma coisa. E garanto que eu não tenho os mesmos meios de persuasão que você.

Dr. João e Bruno sorriram. Droga! Manu tinha razão. Nem o papa em pessoa seria capaz de mandá-la para casa. Manu se aproximou e me empurrou sentado na poltrona. Eu ainda vestia aquela camisola ridícula que tanto tinha sido motivo de piadas quando Diego acordou. Antes que eu pudesse brigar e dizer que não precisava de mais nada, ela apontou para Clara e me pediu silêncio. *Garota esperta.*

Conferiu a minha pressão, verificou meus sinais vitais e mediu minha temperatura.

— Bom garoto. Não foi dessa vez. — Deu dois tapas em meu ombro e se afastou.

Então foi a vez de dr. João se aproximar.

— Temos que parar de nos encontrar assim — me cumprimentou e estendeu uma radiografia em minha direção. — Neurologicamente tudo certo. A pancada não te afetou em nada. Você se lembra do que aconteceu? — perguntou e eu neguei. — Normal. Vai voltar tudo aos poucos. No máximo amanhã já estará cem por cento.

Agradei e notei que Priscila e Juan estavam parados atrás dele. Fiz um gesto para que minha irmã se aproximasse e ela praticamente pulou em mim. Sentou no meu colo meio de lado por causa do tamanho da sua barriga, mas deu um jeitinho

de se aconchegar em meus braços. Eu tentava acalmá-la enquanto estendia a mão para cumprimentar o Juan.

— Não precisava ter vindo, Juan — disse a ele, e meu cunhado me devolveu uma gargalhada.

— Você está brincando, né? — Apontou para Priscila, e eu não sei quem era mais cabeça-dura: ela ou a Clara.

Ouvimos Clara se mexer na cama e nos viramos. Ela estava acordando e seus olhos se arregalaram quando nos viu. Levantei e fui ao seu encontro. Seus braços me envolveram e ela chorou copiosamente em meu peito. Eu falava palavras de carinho e conforto, mas quanto mais eu pedia calma, mais ela se agarrava a mim, como se eu fosse fugir a qualquer momento.

— Eu vou chutar a sua bunda se fizer isso comigo de novo — disse irritada. Eu não sabia como era possível, mas a amava ainda mais quando fazia aquela cara de brava.

— Prometo, meu amor. — Olhei em volta e percebi que estávamos sozinhos. Aproveitei para fazer algo que senti muito medo de não ter mais tempo para fazer. — Casa comigo? — Clara arregalou os olhos. Inclinou a cabeça de lado e sei que encarava minha camisola. Porra! Podia pelo menos ter trocado de roupa. — Sei que não é romântico, mas tive muito medo de morrer antes que você fosse minha mulher de verdade. Casa comigo, Clara. Seja a mulher da minha vida.

Seus olhos brilharam com lágrimas e eu levei meu polegar ao seu rosto para secar as que insistiam em cair.

— Serei a mulher mais feliz do mundo, meu amor. — Me abraçou forte e eu a trouxe para mais perto ainda. — Tive tanto medo de te perder. Sim, nós aceitamos viver para sempre com você.

A emoção de ouvi-la responder por ela e pelo nosso filho tomou conta de mim. Pensei em alguma coisa que pudesse simbolizar aquele momento, e a única coisa que encontrei foi um rolo de esparadrapo dentro de uma bandeja ao lado da cama. Peguei um pedaço e enrolei no dedo da Clara. Ela não sabia se sorria pela minha loucura ou se chorava pela intensidade dos sentimentos que nos preenchiam naquele momento. Assim que eu soltei o rolo, ela o pegou e fez o mesmo comigo. Nos beijamos apaixonados, ali naquele quarto de hospital, sem nenhum planejamento. Aconteceu como deveria acontecer. Como estava escrito desde o início.

— Cara, sua bunda está de fora — escutei a voz do Diego e quando me virei toda a minha família e os meus melhores amigos estavam no quarto. Olhei para o céu e agradei a Deus por mais aquela chance. Clara levantou a mão direita e eu

fiz o mesmo.

— Vocês ficaram noivos com meu esparadrapo? — Manu perguntou incrédula. — Vou chamar o dr. João. Acho que os dois bateram com a cabeça.

Todos riram e vieram um a um nos cumprimentar pelo noivado nada convencional. Depois do que passei, vivia o melhor momento da minha vida e não importava onde estava ou o que vestia, mas sim com quem estava. E eu estava cercado pelas melhores pessoas do mundo.

— E o que a polícia disse? — Me sentei na sala do meu apartamento depois de convencer a Clara a dormir um pouco. Tentava arrancar mais alguma coisa do Diego. Algo me dizia que ele não havia me contado nem metade do que tinha acontecido.

Meu irmão se remexeu desconfortável no sofá e desviou os olhos dos meus. Ele nunca soube me esconder nada. Aliás, estava para nascer uma pessoa mais transparente que o Diego.

— Por que algo me diz que você já sabe quem foi? — fui direto ao ponto, e ele relaxou os ombros se dando por vencido.

Eu deveria ter ficado mais dois dias no hospital, mas nem morto que passaria mais um minuto naquele lugar. Como Manu agora era frequentadora assídua da minha casa, autorizou minha saída e se responsabilizou por mim.

— Sim, eu sei. Mas me falta uma última prova. — Caminhou até mim e eu levantei para receber seu abraço. — Confia em mim, mano. Eu sei o que estou fazendo. — Ele se despediu e foi embora.

Olhei para o Diego saindo pela porta e senti orgulho pelo homem que meu irmão tinha se tornado. Sabia que tinha ajudado em sua formação, mas ele me superava em tudo: caráter, simplicidade, bondade e fé. Ele diz que sou seu espelho, mas era o contrário: Diego era o exemplo de como todo homem deveria ser.

— Alê. — Escutei Clara me chamando.

Linda! Fez questão de se enfiar em uma das minhas camisetas. Quando comentei, ela disse que fez isso nos três dias que passei longe para se sentir perto de mim.

— Oi, meus amores. Não conseguem dormir? — Me aproximei, beijei seu ventre e logo meus lábios tomaram a sua boca.

— Não consigo sem você — respondeu fazendo um biquinho e eu sorri

diante do seu jeito manhoso.

Peguei Clara em meus braços e andei com ela até o quarto.

— Então vamos colocar as duas joias mais preciosas do mundo para dormir.

30



Clara

Acordei com os braços do Alexandre me envolvendo possessivamente. Era sempre assim quando dormíamos juntos e acho que ele nunca mudaria. Olhei seu rosto enquanto ele dormia e concluí que não queria que ele mudasse. Amava Ferraz como ele era, com todas as suas qualidades e defeitos, pois era assim que ele me completava.

Afastei seus braços e ele se mexeu um pouco, mas não acordou. Além do cansaço pelos dias em cativeiro, estava tomando remédios muito fortes. Não falávamos sobre isso, Alexandre sempre tentava me poupar das conversas que envolviam seu sequestro. Eu sabia que ele fazia isso para me proteger e proteger o nosso bebê. Então deixei que ele tomasse as rédeas da situação e não o questionei, até porque quanto menos revivesse aquele pesadelo, melhor.

Levantei e resolvi preparar o café da manhã para o meu noivo. Olhei para o meu dedo e sorri ao ver a fita branca que o envolvia. Fui até a cozinha e já encontrei a Marta fazendo suco de laranja.

— Que bom que nosso menino está de volta. — Ela sempre tratava Ferraz com muito carinho.

— Graças a Deus, Marta. Me ajuda a preparar o café dele?

Ela sorriu com o meu pedido e foi logo tirando as coisas da geladeira. Decidimos fazer panquecas e ovos mexidos, que era do que Alê mais gostava. Marta me contou algumas coisas que Alexandre aprontava antes de me conhecer e eu não deixei de sentir orgulho quando ela me disse que nunca tinha encontrado

uma mulher em seu apartamento pela manhã. Preparamos tudo e dispensei Marta pelo resto do dia. Queria ficar sozinha com Alexandre e eu mesma cuidaria dele. Estava colocando a mesa quando mãos fortes me envolveram. Seu cheiro me invadiu e mais uma vez eu agradei a Deus por tê-lo trazido de volta para mim.

— Me assustei quando não vi você na cama. — Seus olhos azuis me invadiram. — Nunca mais me deixe sozinho na cama. Aquilo lá fica horrível sem você.

Senti sua mão acariciando minha bunda, enquanto sua boca distribuía leves mordidas em meu queixo. Tentei avisar sobre o café da manhã, mas suas carícias me deixavam zozza.

— Queria aproveitar essa mesa linda e te comer em cima dela. — Estremeci com suas palavras, mas logo veio o banho de água fria. — Mas não temos tempo. Diego ligou e nos quer na Ferraz em vinte minutos.

— Nós? — Apontei para mim e ele concordou.

— Sim. Então vamos ter que aproveitar sua linda mesa na volta. — Deu um tapa em minha bunda. — Agora vai se trocar.

Totalmente confusa e sem saber por que eu também deveria estar no escritório, me arrumei e em menos de meia hora já estávamos na Ferraz, os dois vestidos de jeans e camiseta.

Ao chegar, fomos direto para a sala de reunião. Com exceção de Marcelo e de mais dois homens que eu não conhecia, o restante da sala era ocupada por funcionários e colaboradores da Ferraz. Patrícia olhou com desdém para o esparadrapo no meu dedo. Alexandre também mantinha o nosso anel de noivado improvisado. Diego estava sentado na cabeceira, na cadeira de Alexandre, e nós sentamos ao lado do Nando. A curiosidade de todos era visível, mas a expressão séria do Diego repelia qualquer pergunta que alguém pudesse pensar em fazer.

— Por que isso tudo? — Alexandre resolveu falar.

Diego se levantou e retirou alguns papéis da pasta que estava sobre a mesa.

— Todos sabem do meu acidente e da investigação que aconteceu logo depois. Meu irmão sempre acreditou na teoria de que o que aconteceu não foi um acidente, mas sim, uma tentativa de homicídio.

Meu corpo inteiro se arrepiou com a lembrança do carro vindo em minha direção e Diego entrando na minha frente. Vendo minha reação, Alê apertou forte minha mão.

— Já passou, meu amor — murmurou me acalmando.

Olhou para o Diego como se desse consentimento para ele continuar.

— Não acreditei no Alexandre, até que ele me contou das outras ameaças que

ele e a Clara receberam. — Olhou gentil para mim e continuou. — Pedi a autorização do meu irmão para começar uma auditoria na Ferraz, pois algo me dizia que o autor de tudo isso estava aqui, dentro da nossa própria empresa.

Aquelas palavras fizeram com que Alexandre se endireitasse na cadeira. Todos se entreolharam e meus olhos foram imediatamente para Patrícia. O ódio cresceu dentro de mim e eu não me contive ao imaginar aquela vaca planejando todas aquelas atrocidades. Em um minuto eu estava sentada e no outro eu partia para cima dela.

— Eu sei que foi você, filha da puta, eu sabia que você estava por trás do vídeo. Eu vou te matar, sua vadia! — gritava enquanto Alexandre me segurava.

Patrícia arregalou os olhos e sua pele branca ficou ainda mais pálida. Lágrimas desceram por seus olhos e eu não acreditava na cena que a cínica fazia.

— Dr. Diego, eu... eu... nunca faria mal a ninguém — ela implorava olhando para o Diego, e ele não dizia nada.

— Mentira! — gritei. — Você sempre quis que eu ficasse longe do Alexandre. Deixou isso bem claro desde a primeira vez que entrei aqui.

Patrícia se levantou, e Diego a colocou sentada na cadeira novamente. Ela suplicava a ele com o olhar, mas ele continuou.

— Quem gravou o vídeo da Clara e do Dereck?

— Fui eu. Eu estava no pub aquele dia, mas eu juro que não enviei, dr. Diego. Eu descarreguei o vídeo no meu computador, mas quero cair morta nessa sala se não estiver falando a verdade — Patrícia soou até convincente. Diego se agachou e a encarou.

— Eu acredito em você.

— O quê?

Fiquei paralisada em meu lugar enquanto via Patrícia engolir o choro e se encolher na cadeira. Minhas pernas tremaram e, se não fosse Alexandre me segurar abraçada a ele, eu teria desabado no chão. Diego me olhou e voltou sua atenção para a outra ponta da mesa.

— Mas você teve muito tempo, não é mesmo, Ana? — alterou o tom de voz pegando todos desprevenidos. — Diz para mim quando foi que você começou a planejar tudo. Quando a Clara entrou na Ferraz ou quando percebeu que ela seria a única na vida do meu irmão?

— Dr. Diego, eu não sei do que está falando. — Era a primeira vez que eu ouvia a voz da secretária do Alexandre desde que voltei para o Brasil. Durante os dias em que ele esteve desaparecido, ela permaneceu no escritório com Nando cuidando de tudo.

— Sabe qual foi o seu grande erro, Ana? — perguntou, e ela se mantinha paralisada. — Sabia que os médicos acreditam que mesmo em coma você pode ouvir as pessoas? No início eu pensei que era coisa da minha cabeça, mal me lembro da minha ex-namorada, como iria me lembrar de algo que aconteceu enquanto eu dormia?

Senti o corpo do Alexandre se enrijecer atrás de mim com cada palavra que o irmão pronunciava. Me virei e vi seus olhos vazios, sem brilho algum, encarando Ana, incrédulo com tudo o que Diego dizia.

— Mas, quando voltei à Ferraz e vi você, tudo clareou e a frase que não me deixava dormir voltou mais clara do que nunca. “Não queria que nada acontecesse a você, dr. Diego. Era para ser a Clara, ninguém mais além dela deveria se machucar.” Se lembra disso, Ana?

Diego praticamente gritou com ela e eu caí sentada na cadeira, enquanto Alexandre mantinha a mesma postura. Diego jogou sobre a mesa os papéis que estavam em sua mão. Todos eles se espalharam e cada um dos funcionários da Ferraz pegou um e começou a analisar.

— E-mails, ligações, fotos, vídeos, transações bancárias. Está tudo aí. Mas eu ainda tenho uma curiosidade, Ana.... — Ele girou a cadeira dela até que ela ficasse de frente para ele. — Quando foi que você se juntou ao pior inimigo do meu irmão para traçarem um plano para destruí-lo? Você querendo tirar Clara da vida dele e Araújo querendo vingar a morte do filho.

— Eu... eu... não sei do que o senhor está falando. Eu sou uma mulher casada, dr. Diego — tentou explicar, mas Diego fez sinal para que ela fizesse silêncio.

— Essa parte também é interessante. — Sorriu irônico. — Quando você supostamente atropelou a Ana, Alexandre, eu fui procurar os familiares dela para comunicar o ocorrido e sabe o que descobri? Que a Ana está divorciada há mais de dois anos e que seu então marido nunca serviu no Haiti, ele é um vendedor em uma loja de eletrodomésticos — falou olhando direto para Ana. — Ana planejou tudo, meu irmão. Desde as ligações até o seu sequestro. Araújo está preso e o delegado civil e Marcelo estão aqui para também prendê-la. O pesadelo acabou.

Ferraz

Enquanto Diego falava, as imagens do meu sequestro voltavam em minha mente. Uma a uma eu fui juntando e montando o quebra-cabeça. Não queria acreditar no que Diego falava, mas minhas lembranças surgiam para comprovar

que era verdade.

De repente minha mente clareou e eu me lembrei de tudo.

Eu caído no chão e Ana me olhando de uma forma assustadora. Estava de capuz e sorria maliciosamente em minha direção.

— Você?

Ela assentiu, antes que uma nova pancada atingisse minha cabeça.

— Por quê, Ana? — perguntei totalmente incrédulo. — Diego quase morreu naquele acidente. Me diz! — gritei com ela e achei que a filha da puta negaria. Mas, então, ela sorriu da mesma forma que havia feito quando me sequestrou.

— Por causa dela. — Levantou e veio em direção a Clara, mas um policial que já estava ali prendeu seus braços para trás e a algemou. — Sempre fui a melhor secretária que o senhor teve. Fazia tudo para ser o mais eficiente possível, esperando a oportunidade para que me visse com outros olhos. Fiz tudo certo. Te amei de longe, não me importava com as outras, pois sabia que seriam passageiras. Todas as mulheres passavam e apenas eu continuava em sua vida. Até que essa vagabunda chegou. — Olhou para Clara com nojo e se ela não fosse mulher eu teria quebrado a cara dela. — Com seu jeitinho conquistou a todos. Você, dr. Diego e até Nando. E eu fui ficando para trás, esquecida. Ignorada. Sim, fui eu. E faria tudo de novo. Mandei o vídeo de você com o roqueiro gostosão, me joguei na frente da caminhonete para impedir o Alexandre de ir atrás de você, fiz tudo por amor.

Ana estava irreconhecível, era outra pessoa. Seu semblante tinha se transformado com o ódio no olhar e as palavras afiadas e carregadas de desprezo. Tentei pensar em Ana desde a primeira vez que a vi e não me lembrava de nem uma vez em que tivesse demonstrado sentir alguma coisa a mais por mim.

— Você é doente. — Escutei Clara falando. — Deveria ir para um hospício, sua louca. Colocar várias vidas em risco como você fez é doentio. — Alcancei Clara e ela tremia dos pés à cabeça. Eu temia pela sua saúde e pelo meu filho e tratei de tirar Ana da nossa frente.

— Leva ela, Marcelo — pedi ao meu amigo, e ele segurou Ana pelos braços. Acenei para o outro delegado que estava ao seu lado. Percebendo que havia perdido, Ana mudou a postura arrogante e começou a gritar desesperada.

— Eu fiz por amor, dr. Ferraz. Era para ser eu. Eu que deveria esperar um filho seu. Eu sonhei e até planejei nosso casamento...

Nando se levantou e, assim que a polícia levou Ana da sala, ele bateu a porta com força. Diego veio até mim e me mostrou uma foto. Estava escuro, mas imediatamente eu descobri onde tinha sido tirada. Me lembrava de ter usado o

celular para tentar ver quem tinha minha acertado. Naquele momento uma foto foi tirada. E nela estava o rosto da Ana.

— Esperava essa última prova para ligar ela ao sequestro. Quando achamos o celular eu desconfiei, pois não havia nenhuma foto nos arquivos, então pedi ao Enzo que fizesse o backup e recuperasse tudo. Ele me entregou hoje.

Enzo também participava da reunião e agradei a ele silenciosamente. Puxei Clara para os meus braços e ela chorava baixinho em meu peito. Tudo que eu queria era tirá-la dali.

— Nada irá lhe fazer mal. É uma promessa. — Promessa que me empenharia em cumprir todos os segundos da minha vida.

FELIZES PARA SEMPRE

Clara

A gente não morre apenas quando o coração para de bater. Eu estava morta havia muito tempo e somente o Alexandre tinha percebido isso.

DOIS MESES DEPOIS

Me olhava no espelho e não reconhecia a mulher refletida. A Clara era a mesma por fora, mas por dentro a mudança era indescritível. Pensei em tudo o que tinha acontecido comigo e chegava apenas a uma conclusão: Felipe me devolveu a minha vida, mas Alexandre me ensinou a vivê-la. Felipe me amou, mas Alexandre me ensinou como se deve amar. Felipe sempre fará parte da minha vida, mas Alexandre é a minha própria vida. Sorri para mim mesma. Enfim havia entendido o significado da passagem de Lipe pela minha vida.

Ouvi uma batida na porta e me virei para ver Luciana entrar. Levantei tomada pela emoção ao ver a mãe do meu ex-noivo se aproximando de mim. Ela me estendeu uma caixa e sorriu carinhosamente.

— Prometo que é o último.

Abri a caixa e nela havia um pingente de Nossa Senhora Aparecida em uma delicada correntinha de ouro. Felipe sempre foi devoto dela e dizia que ela o protegia de todo o mal do mundo. O bilhete dentro da caixa me emocionou.

Agora é somente você contra o mundo, Princesa.

— Obrigada — Luciana me disse assim que me virei para ela colocar a joia.

— Pelo quê? — perguntei confusa.

Luciana me deu um sorriso sincero.

— Por dar um significado à vida do meu filho.

Abracei Luciana e, depois da sua declaração, tudo o que podia fazer era prometer ser feliz e assim homenagear Felipe com a minha vida.

Antes de Luciana sair pela porta, eu senti vontade de confessar algo que sempre estaria em meu coração.

— Eu sempre vou amá-lo.

— Eu sei que vai — respondeu antes de partir.

Olhei novamente para o espelho e tentei ajeitar a flor branca que insistia em ficar torta em meu cabelo. Estava a poucos minutos do meu casamento, e a ansiedade de ser oficialmente a sra. Ferraz me deixava extremamente nervosa. Respirei fundo várias vezes, repetindo o mantra de que tudo daria certo.

Havia apenas dois meses desde que a verdade fora revelada. Até hoje não acreditava na frieza e na crueldade da Ana. Mas Diego tinha sido implacável em sua investigação. A certeza da impunidade fez com que Ana mantivesse todas as provas em seu computador. Só que ela não contava que Diego lembraria as palavras ditas por ela durante o coma. Isso tinha sido essencial para despertar as desconfianças dele. Finalmente, depois de causarem tanto sofrimento, ela e Araújo estavam presos e aguardando julgamento. Se dependesse de mim, os dois ficariam trancafiados pelo resto da vida, mas eu sabia que isso não aconteceria.

Alexandre me convenceu a parar de trabalhar. Depois que a dra. Gláucia confirmou que a minha gravidez era de risco, eu fui obrigada a concordar com Ferraz. Nada era mais importante que a saúde do meu filho. E, se para ele vir saudável ao mundo era preciso que eu ficasse o dia todo de pernas para o ar, era assim que ficaria. Mas claro que sempre que podia dava meus pitacos nos casos que o Alexandre levava para casa. Ainda morávamos em seu apartamento, mas enquanto estivéssemos em lua de mel nossas mãos se comprometeram a fazer nossa mudança para a casa nova. Nada de apartamento. Alexandre e eu queríamos quintal com terra, balanço e jardim para nossos filhos. Filhos, no plural, já que toda vez que ele acariciava a minha barriga, perguntava quando teríamos o próximo. Eu não queria decepcioná-lo, mas, se no meu caso uma gravidez era difícil, imagine duas. Por isso fazia de tudo para manter nosso filhote são e salvo, não sabia se teria uma segunda oportunidade.

— Minha princesa está pronta?

Encarei meu pai, lindo em seu terno escuro com uma orquídea na lapela do paletó e o cabelo penteado para trás. Quando chegou mais perto senti o seu

perfume.

— Ele está lá? — perguntei por Alexandre e meu pai bufou.

— E onde mais ele estaria? — respondeu decidido, aliviando meu coração.

Peguei meu buquê de callas rosa do sofá e segurei o braço do meu pai. Respirei fundo e soube que estava dando o primeiro passo em direção à minha nova vida. Mais uma vez eu renascia, mas agora para viver todos os sonhos que um dia eu pensei serem impossíveis.

Sonhos se realizando? Sim. É possível.

Ferraz

— E se ela desistir?

— Cara, eu juro que se falar mais uma baboseira dessas, você vai se casar de olho roxo — Diego me respondeu mais irritado do que da última vez que eu tinha feito aquela pergunta.

Estava nervoso, ansioso, aflito, apreensivo, atormentado, preocupado, receoso, temeroso, impaciente, inquieto e todos os outros adjetivos que existem no dicionário para descrever minha situação no momento. E me faltariam palavras para explicar o que eu sentia. Dois meses se passaram desde que pedi Clara em casamento naquele hospital. Nossas alianças de esparadrapo permaneceram em nossos dedos até se soltarem por si só, primeiro a minha e depois a da Clara. Dispensamos um noivado formal com jantares e tudo mais, queríamos apenas a lembrança do momento verdadeiro que vivemos naquela dia, depois do inferno que passamos longe um do outro, nas mãos da psicopata da Ana. Clara dizia que ela estava doente, mas eu não acreditava nisso. Quem fez o que fez, e da forma como fez, estava mais lúcido do que qualquer um de nós. Sacudi a cabeça sem querer me lembrar de coisas ruins no dia mais importante da minha vida. Estava tudo perfeito. Clara iria se casar na igreja que escolheu e eu tenho certeza de que toda a nossa família e amigos estariam presentes para testemunhar o nosso amor.

— Está na hora, mano. — Diego bateu em meu ombro chamando minha atenção. Ele seria meu padrinho, assim como o Bruno e o Nando. Clara preferiu assim para evitar brigas sobre quem estaria ao lado de quem. Os meninos ficariam ao meu lado, e Manu, Prí e Laís entrariam com ela. Antes de sair do quarto, eu puxei o braço do Diego e encarei seus olhos. Era tão parecido comigo, mas tão diferente. Meu irmão, meu amigo, meu companheiro.

— Eu não teria conseguido sem você. Obrigado por simplesmente ser meu irmão.

— Tudo que eu sou eu devo a você, mano. Eu é que tenho que agradecer.

Nos abraçamos e ali eu entendi que Diego daria a vida por mim se fosse preciso e a recíproca era verdadeira. Eu amava incondicionalmente meus irmãos. Ele e Priscila eram essenciais em meu mundo.

Antes de entramos no carro fui parado por alguém que eu não via fazia algum tempo. Depois de muito insistir em me ver sem conseguir, Lana resolveu aparecer e eu pedi aos céus para ela não fazer uma besteira no dia mais importante da minha vida.

— Vai se casar mesmo? — perguntou com os olhos tristes.

— Você sabe que sim. — Não consegui esconder minha raiva por ela estar ali.

— A estagiária te laçou mesmo, não é?

— Lana... — Estava pronto para repreendê-la por se referir a Clara daquela forma, mas suas lágrimas me fizeram retroceder.

Lana se aproximou e me envolveu em um abraço. Fiquei com os braços soltos, sem saber o que fazer. Ela se afastou e eu vi sinceridade em seus olhos.

— Garota de sorte.

Foi a última coisa que ela me disse antes de caminhar e atravessar a rua. Eu e Diego olhávamos um para o outro sem entender nada.

— Mulheres — meu irmão murmurou balançando a cabeça. Olhei Lana entrar no carro e desejei que encontrasse alguém que a amasse da mesma forma que eu amava a Clara. Todo mundo merece encontrar um amor verdadeiro.

Assim que chegamos à igreja, minha mãe nos esperava na porta. Tínhamos reservado um quarto em um hotel ali perto para que pudéssemos nos arrumar. Mas é lógico que a superstição de não ver a noiva antes do casamento me impediu de ver a Clara.

— Você é o noivo mais lindo do mundo — minha mãe me cumprimentou assim que eu cheguei.

— Isso porque eu não casei ainda — Diego provocou dando um beijo nela e se encaminhando para a porta.

— Tenho orgulho dos meus filhos. Cada um com sua personalidade, mas com a mesma qualidade inerente a todos: caráter. E isso escola nenhuma ensinou a vocês.

— Você nos ensinou, mãe.

— Não. — Sacudiu a cabeça e tocou com a mão aberta em meu coração. — Ensinei a você, e você repassou isso aos seus irmãos. — Encarei Priscila e Diego na porta da igreja. Ela segurando Antônio e meu irmão pappicando o sobrinho

como sempre. Prí o teve na Espanha, assim como tinha prometido ao Juan, mas ela já estava de volta ao Brasil com o primeiro neto da dona Graça. — Por isso sei que será o melhor pai do mundo — completou.

Abracei minha mãe e ouvi a primeira música começar a tocar. Era hora da entrada dos padrinhos e madrinhas, e Clara escolheu uma música linda para aquele momento: *Canção da América*, do Milton Nascimento. Perfeita, assim como ela.

*Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito,
mesmo que o tempo e a distância digam não,
mesmo esquecendo a canção.
O que importa é ouvir a voz que vem do coração.
Pois seja o que vier,
venha o que vier
Qualquer dia amigo eu volto a te encontrar
Qualquer dia amigo a gente vai se encontrar.*

Assim que todos entraram, eu vi o carro que trazia Clara chegando. Minha vontade foi de ir até lá e me ajoelhar diante dela, confessando todo o meu amor por aquela menina, que tinha meu coração nas mãos. Mas então minha mãe me puxou para perto dela e ambos vimos meu pai e dona Helena entrarem de braços dados ao som de uma música instrumental.

— Preparado? — minha mãe perguntou.

— É tudo que eu mais quero — respondi com convicção.

A música que eu escolhi começou a tocar, *Everything I Do*, do Bryan Adams, e nada poderia ser mais perfeito para o momento que eu vivia. Desejava que todos pudessem entender a grandeza dos meus sentimentos em relação a Clara.

*Don't tell me it's not worth fighting for
I can't help it, there's nothing I want more
You know it's true, everything I do, I do it for you*

*There's no love like your love
And no other could give more love
There's nowhere, unless you're there
All the time, all the way*

Eu não conseguia encarar ninguém, sabia que várias pessoas sorriam e me olhavam, mas no caminho até o altar eu só pensava na minha família que entraria por aquela porta em poucos minutos. Minha menina e meu filho. Me posicionei no altar e minha mãe me deixou e foi ficar ao lado do meu pai. Sr. Nélon sorria orgulhoso, tentei devolver o seu sorriso, mas o nervosismo era tanto que não consegui. As portas da igreja se fecharam e eu sabia que ela estava chegando. Tentei respirar normalmente, mas até isso estava difícil. Meu coração batia descompassado e, assim que *Pra você guardei o amor*, do Nando Reis, escolhida por ela, começou a tocar, eu não consegui segurar a emoção.

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e vi sem me deixar
Sentir sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir*

(...)

*Guardei
Sem ter porquê
Nem por razão
Ou coisa outra qualquer
Além de não saber como fazer
Pra ter um jeito meu de me mostrar*

Clara deu os primeiros passos segurando no braço do pai e minhas pernas vacilaram ao vê-la. Ela usava um vestido esvoaçante que marcava sua barriga levemente. O cabelo preso de lado tinha uma flor branca, do mesmo tipo que eu usava em meu terno. Uma tiara de cristais enfeitava sua cabeça e de longe eu podia ver seus olhos brilhando.

Quando chegaram ao altar, seu pai entregou Clara a mim. Ele apertou forte em minha mão e, sem dizer nada, fez a promessa silenciosa de que cuidaria do seu tesouro mais valioso.

Olhei a mulher da minha vida ao meu lado e beijei carinhosamente sua testa. Assim que eu me afastei, vi que uma lágrima descia pelo seu rosto e a sequei com meu polegar. Clara fez o mesmo, pois eu também não conseguia conter a emoção.

Ficamos de frente para o padre que oficializaria nossa união perante Deus,

embora já fôssemos um do outro havia muito tempo.

Quando trocamos as alianças, em vez de repetir as palavras do sacerdote, eu e Clara combinamos de declamar um poema escolhido por nós. Enquanto eu colocava em seu dedo a joia que simbolizava o nosso amor, eu dizia as belas palavras de Vinicius de Moraes no *Soneto de fidelidade*:

*De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Minha menina fez o mesmo e enquanto deslizava a aliança que ficaria para sempre em minha mão esquerda, ela me emocionava com *As sem-razões do amor*, de Carlos Drummond de Andrade:

*Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.*

*Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.*

*Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.*

*Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.*

*Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.*

— Meu — ela disse assim que terminou.

— Minha — respondi.

E ambos dissemos juntos:

— Para sempre.

Epílogo



TRÊS ANOS DEPOIS

Ferraz

— Cadê as minhas princesas? — Cheguei em casa e já gritei pelas meninas da minha vida.

Vitória veio correndo e sorrindo com Clara atrás, batendo palmas e fingindo que a pegaria. Assim que ela me viu, abriu os braços e pulou em meu pescoço.

— Papai. — Sorria e gritava, enquanto Clara fazia cosquinhas nela. Tentei proteger Vitória do ataque da mãe, mas ela se esquivava procurando a Clara assim que ela se afastava.

— O que vocês fizeram hoje? — Dei um beijo na minha linda mulher. Não sei como era possível, mas a Clara ficava cada dia mais perfeita. Mais linda e mais minha.

— Mamãe e a dinda Lala *leu o peteno plíncipe*. Ele *mola* em um mundo só dele, papai. Ele é uma *flozinha*, sabia? — minha pequena perguntou apontando para o livro e o desenho de um menino ao lado de uma flor.

— Laís esteve aqui? — perguntei. Concordamos em ceder o cargo de madrinha a ela, já que Pri já seria a única tia. Minha irmã não concordou muito, mas no fim acabou cedendo, o que tornou a Laís e o Bruno os padrinhos da nossa bonequinha.

Clara balançou a cabeça e confirmou sorrindo.

— Está eufórica com o projeto do novo escritório do Bruno.

Meu amigo se casou poucos meses depois de mim. E bem diferente de nós, eles fizeram um casamento de parar a cidade. Bem a cara da Laís. Mas o importante é que eles se completavam e estavam felizes. Ainda não tinham filhos, Bruno dizia que bastavam a Vitória e o Dudu por enquanto, e Laís concordava com ele. Mas eu sempre comentava com a Clara que, pela forma como eles tratavam a Vitória, não demoraria muito para a cegonha chegar para eles.

Sentei no chão junto com a minha filha e comecei a ler *O pequeno príncipe* para ela. Clara fez o mesmo e se acomodou ao meu lado, olhando nossa filha.

— E o que você aprendeu com essa história? — Clara perguntou, mas nossa filha se distraía com as figuras do livro. Quando já não esperávamos mais uma resposta, ela soltou:

— *Soble* a amizade — respondeu inclinando a cabecinha e mostrando novamente o desenho para mim.

Senti um orgulho imenso, e Clara se emocionou com a nossa filha. De vez em quando, eu acordava no meio da noite e ficava um tempo olhando minha filha dormir. Agradecia a Deus a todo o momento por tê-la trazido ao mundo tão perfeita. Não foi fácil. O final da gravidez da Clara foi tumultuado e difícil, porém minha guerreira mais uma vez entrou em ação e foi forte o suficiente para trazer nossa preciosidade ao mundo. Quando Manu me mostrou Vitória, eu tive a sensação mais sincera do mundo. Vê-la ali tão pequenina e indefesa, precisando de mim, foi algo surreal. Mas, quando ela abriu os olhos e eu vi os meus refletidos nos azuis dos seus, eu desmanchei. Nunca havia chorado tanto na vida.

Agora ela estava aqui, crescendo e ficando cada dia mais parecida com a mãe. Até quando ficava emburrada era a cara da Clara. Minhas duas meninas. Minhas duas princesas.

Brinquei um pouco com Vitória e logo ela se cansou e dormiu. Clara tinha voltado a trabalhar com Alberto, mas agora ela era responsável pelos contratos dos clientes do seu escritório. Ela decidiu assim, pois dessa forma ficaria mais tempo com nossa filha. Mas não por muito tempo: minha doutora já planejava sua volta aos tribunais.

— Para mim essa história está muito malcontada. Não acredito nessa vítima aí, não. Confronte-a, meu amor. — Inclinei a cabeça para ver Clara mexer na geladeira vestindo apenas minha camiseta, enquanto discutíamos um dos meus processos. — Isso está me cheirando a armação. — Enfim, ela fechou a geladeira e caminhou até mim. Estava estático no sofá, sem conseguir tirar os olhos dela.

— O que foi? — perguntou sorridente.

— Deus, eu criei um monstro.

Então ela fez algo que me atormentava desde o primeiro momento em que a vi em meu escritório: ELA SORRIU.

— Vem aqui. — Puxei-a para o meu colo.

— O que você deseja, meu Lobo Mau?

Ele montou em mim e encarou meus olhos.

— Você, minha menina. Eu desejo você.

FIM

Alguns anos antes...



Dereck

*Someone like you, and all you know, and how you speak
Countless lovers under cover of the street*

*You know that I could use somebody
You know that I could use somebody
Someone like you*

Terminei meu terceiro show da semana cantando *Use Somebody*, do Kings of Leon. Como sempre, depois de agradecer ao público daquela noite, eu deixei minha guitarra encostada no canto do palco e saí em direção ao camarim. Alguém me esperava lá, e eu não via a hora de chegar ao nosso hotel para fazê-la gritar meu nome enquanto eu me enterrava naquele corpo perfeito.

Quando cheguei, ela veio em minha direção com aquele sorriso que me tirava o fôlego desde a primeira vez que a vi no Brasil. Me lembro como se tivesse sido ontem e não há um ano.

Maldita noite em que eu resolvi dar uma canja no pub de um amigo: fui hipnotizado por um par de olhos cor de mel que me deixaram de quatro. Mantinha isso em segredo, já que por causa do seu passado minha gatinha insistia em não se apegar a ninguém. Mas já fazia um tempo que nós estávamos juntos, e eu tinha certeza de que era questão apenas de um pouco mais de paciência. Clara se acostumaría a viver ao meu lado.

— Gostosa! — eu disse assim que a alcancei. Beijei sua boca e apertei seu corpo contra o meu, dando um tapa em sua bunda. Clara sorriu, pois essa era a forma com que sempre nos cumprimentávamos quando eu saía do palco.

Ela estava perfeita como sempre. Saia jeans bem curta, que deixava pouca margem para a imaginação, e uma regata com brilho, que me revelava os seus seios empinados. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, e, para completar, ela usava aquelas malditas botas que me deixavam duro só de pensar naqueles saltos encostando na minha bunda enquanto a fodia.

— Você estava ótimo lá em cima — ela me elogiou, e toda vez que eu escutava sua voz sexy eu voltava a acreditar na teoria de que Clara era uma bruxa que havia me lançado um feitiço. E eu estava ferrado.

— E o que eu ganho como prêmio? — perguntei, me encostando nela ainda mais. Passei o braço pela sua cintura, deixando que ela percebesse o quanto a queria. Porra! Toda vez que ela estava comigo eu terminava os shows com uma puta de uma ereção, pois meu corpo se antecipava ao prazer que viria.

Clara ficou na ponta dos pés para alcançar meu rosto, pois, mesmo com salto, ela ainda era mais baixa que eu. Ela aproximou sua boca e lambeu ao redor dos meus lábios de uma forma muito erótica.

Foda-se! Essa mulher era minha perdição. Nunca havia encontrado uma parceira tão compatível no quesito sexo como a Clara. Éramos perfeitos na cama e em todos os lugares imagináveis em que duas pessoas podiam transar.

— Não me provoca, gatinha — disse com a voz baixa, assim que sua língua passou da minha boca para o meu pescoço. — Tô muito excitado, sente só. — Pressionei meu quadril contra seu corpo e ela gemeu, me deixando ainda mais louco.

Olhei em volta, e toda a banda que me acompanhava nos shows ainda estava no camarim. Alguns recebendo os fãs, outros se aproveitando das fãs.

Puxei minha gatinha pela mão e caminhamos até o banheiro. No caminho, todos gritaram para nós. Ainda bem que Clara não dominava totalmente meu idioma, pois assim ela não ficaria constrangida. Se bem que a Clara constrangida era algo que eu nunca tinha visto.

— O que você vai fazer, Dereck? — ela perguntou, mas antes que eu pudesse responder um sorriso malicioso já estampava o seu rosto. Clara gostava de provocar. Ela sabia muito bem o que eu ia fazer: foder ela em cima da pia, não conseguiria aguentar até chegarmos ao hotel.

Tranquei a porta atrás de nós, me virei e segurei sua bunda. Com um único impulso eu a levantei, e ela imediatamente entrelaçou as pernas em minha cintura.

Suas mãos logo seguraram meu pescoço e nossas bocas se perderam em um beijo que era puro desejo.

Passei o braço direito sobre a pia, jogando no chão tudo o que tinha espalhado na sua superfície, e sentei Clara sobre o balcão. Me afastei um pouco para admirá-la. Seus olhos estavam tomados pelo brilho que eu sempre via quando estávamos juntos.

Continuei a encarando até que os seus movimentos chamaram minha atenção para as suas mãos. Clara abaixou os braços e alcançou a barra da camiseta que vestia. Alguns segundos depois, eu tinha a visão de um sutiã preto de renda. Sua camiseta agora estava jogada no chão, e a minha teve o mesmo destino. Vestido apenas da cintura para baixo, eu abri suas pernas e me coloquei no meio delas. Clara não perdeu tempo, sua língua deslizava por todo o meu peito e seguiu até as tatuagens que cobriam os meus braços e que ela adorava beijar.

— Você está suado — ela sussurrou olhando em meus olhos.

Levei a mão até sua saia e comecei levantá-la. Clara arqueou o corpo, me dando o acesso que eu precisava para deixar sua calcinha totalmente exposta.

— Eu sei que você gosta de mim assim, suado, com cheiro de macho. — Clara sorriu, pois sabia que eu estava certo.

Ela gostava de sexo bruto, e eu não reclamava por ter que satisfazê-la.

— *Oh! Shit!* — praguejei em inglês. Sempre tentava falar em português quando estava com ela, mas o tesão já tomava conta de mim, e era impossível pensar em outra coisa que não fosse me afundar naquele corpo.

— Dereck, eu preciso disso — ela pediu, e eu não dei tempo para que dissesse mais nada.

Afastei sua calcinha e conferi se sua boceta já estava preparada para me receber. Geralmente eu caprichava mais nas preliminares, mas Clara sabia que toda a adrenalina do show me deixava muito excitado, e ela estava sempre disposta a me satisfazer. Obviamente ela iria gozar primeiro, e só depois eu me libertaria.

— Está molhada, gatinha? — perguntei ao mesmo tempo em que introduzia um dedo na sua boceta.

— Hmm... — ela gemeu. Encostou a cabeça no espelho e abriu ainda mais as pernas. Totalmente exposta para mim. Uma delícia.

— Gatinha, eu te fiz uma pergunta. — Usei um tom autoritário, gostava de controlar, e Clara estava começando a se acostumar com isso. — Sua boceta me quer? — perguntei, e Clara abaixou a cabeça, me encarando.

Maldita mulher!

— Eu estou pronta desde o momento que você subiu no palco e cantou os

primeiros versos. Agora, me fode! — confessou, com sua voz rouca, e eu não sei como foi possível, mas fiquei ainda mais duro.

Tirei o dedo de dentro dela e ouvi um gemido de frustração. Não pude evitar sorrir: minha gatinha me queria tanto quanto eu ansiava por ela.

— Calma, gatinha! — disse, abrindo meu jeans. — Vou substituir por algo muito maior. — Pisquei, e ela lambeu os lábios ao me ver tirar o meu pau para fora do jeans.

Clara não tirava os olhos da minha ereção, e eu fiquei louco para ter sua boca me sugando, pois nunca havia sido chupado daquela maneira antes. Mas eu já estava quase gozando e queria fazer isso dentro dela.

— Quer chupar, gatinha? — perguntei somente para confirmar o que já sabia. A cabeça do meu pau latejava, e Clara passava a língua nos lábios como se já estivesse me lambendo.

— Talvez mais tarde — respondi à minha própria pergunta, e ela me fuzilou com os olhos. — Agora eu quero comer você. — Alcancei o seu ouvido e sussurrei, sentindo sua pele se arrepiar com as minhas palavras. Passei a mão pelos seus cabelos, jogando-os para o lado. Clara estava totalmente sexy.

Peguei o preservativo que estava no bolso e rasguei a embalagem com os dentes. Enquanto eu colocava a camisinha, Clara levou as mãos até as costas e abriu o sutiã. Seus mamilos inchados imploravam por atenção. Levei minha boca primeiro a um deles e depois ao outro. Lambi, chubei e mordi seus seios enquanto ela se contorcia de prazer.

Coloquei as mãos em seu quadril e a puxei até a borda do balcão, mantendo suas pernas abertas. Clara fez o que eu queria: roçou os saltos das botas em minhas costas e me puxou para mais perto.

— Dereck — ela me chamou e sua voz soava como um pedido. Um pedido que eu prontamente atendi.

Meti num único golpe, sentindo em meu pau a pressão de sua boceta apertada.

— Porra, gatinha! O que deixou essa boceta tão gostosa hoje? — Clara estava encharcada, e o movimento de vaivém que eu comecei a fazer não encontrava nenhuma resistência.

— *Look at me! Look at me!* — ela gemia repetidamente, me pedindo para olhá-la nos olhos. Tirei a mão de sua cintura e deslizei por sua barriga plana até encontrar seus seios fartos. Dei um beliscão forte em seus mamilos e Clara se contorceu, fazendo com que meu pau latejasse mais ainda dentro dela.

— *Oh! Fuck!* — gritei, sentindo o orgasmo se aproximando. — Chupa,

gatinha. — Levei meu polegar até sua boca e senti sua língua me acariciar. Fechei os olhos, pois a onda de prazer que estava tomando conta de mim era devastadora.

Retirei meu dedo de sua boca e alcancei o seu clitóris. Minhas estocadas aumentaram. Enquanto o meu pau a possuía, meu dedo fazia movimentos circulares em seu ponto sensível. Senti Clara se contrair. Seu corpo estremeceu completamente, estava quase gozando.

— Vem comigo, gatinho? — sua voz me chamou, e com mais algumas bombeadas, Clara e eu gozamos juntos.

Desmorenei em cima dela e enchi seus seios de beijos. Levantei seus cabelos que estavam colados na nuca por causa do suor e lambi toda a extensão do seu pescoço, enquanto ela dizia meu nome repetidamente.

— Dereck Mayer, Dereck Mayer... — ela sussurrava, e eu fiquei tentando decifrar o que aquilo significava. — Eu te adoro — ela disse, passando a mão direita pelo meu rosto e me olhando nos olhos, me pegando de surpresa. — Muito.

Não sabia se ria ou se a comia novamente, tamanha era a minha alegria. Queria responder que estava apaixonado por ela, que a amava, mas fiquei com medo de assustá-la. Aquela revelação era mais do que eu esperava, era um passo enorme para a construção de um futuro.

Porra! Minha gatinha estava se declarando para mim.

Mal sabia eu que naquela mesma noite, após me deixar louco e me fazer gozar mais duas vezes, Clara me abandonaria, me deixando sozinho e sem rumo. Eu deveria ter pressentido que era uma despedida, mas minha alegria por vê-la se abrir era tanta que me deixou cego para o que estava prestes a acontecer.

Acordei de madrugada e a única coisa que encontrei na cama, onde ela deveria estar dormindo, foi um bilhete.

Desculpa, não posso mais ficar.

C.

— Que porra é essa? — gritei, mas ninguém me ouviu. Novamente, eu estava sozinho, em um lugar que eu conhecia muito bem: minha vida era um vazio. E eu voltei para o lugar a que pertencia. O VAZIO.

Havia dias não conseguia dormir. Ter a Clara ao meu lado deixava tudo mais difícil. Eu a amava tanto que sentia meu coração apertar toda vez que olhava em

seus lindos olhos e via tristeza neles. Minha vontade era puxá-la para os meus braços e fazer amor com ela a noite inteira, até que ela esquecesse o filho da puta do velhote. Mas não podia fazer isso, prometi a Clara que ela teria um amigo em quem confiar e era assim que agiria, ou a afastaria para sempre. Era muito difícil, meu corpo ansiava pelo dela. Clara era a mais bela melodia que encantava minha vida. Foi assim desde a primeira vez que a vi até o último dia em que dormiu a meu lado. Não gostava de lembrar aquela noite que me assombrava como um castigo. Por que não me abri antes? Talvez se tivesse contado sobre os meus sentimentos, ela não teria partido. Teria me dado uma chance. Mas eu fui covarde, fiquei com medo de perdê-la, mas foi exatamente o que aconteceu. Eu a joguei para os braços dele, e o desgraçado não soube valorizar a joia que tinha nas mãos. Isso me deixava ainda mais puto, pois tudo que eu queria ter na vida o cara jogou fora: mais uma chance. Dedilhei algumas notas no violão e o guardei antes de ir para cama. Olhei a parede que separava o meu quarto do dela e pedi silenciosamente por mais uma chance. Uma, apenas. Tirei a roupa e me joguei na cama. Queria dormir e acordar em um mundo novo. Um mundo em que não existissem advogados idiotas atrás da minha garota.

Acordei exausto de lutar contra aquele sonho novamente. O relógio marcava sete horas, e eu fiz o que fazia desde quando Clara resolveu viajar comigo. Devagar e sem nenhum barulho, eu abri a porta do quarto onde minha gatinha dormia. Entrei e parei aos pés da cama. Era de cortar o coração ver a forma como ela dormia. Encolhida em uma posição fetal, segurando sua barriga, como se tivesse medo de levarem o filho que ela já amava tanto. Me aproximei mais um pouco, e o seu sofrimento era palpável. Seu rosto nem de longe era o que eu estava acostumado a ver. Por mais que ela tenha sofrido no passado com a morte do noivo, dessa vez ela estava se deixando vencer. O único fio que a prendia ainda à realidade era o bebê. Se não fosse a gravidez, Clara teria se entregado, e dessa vez ninguém poderia ajudá-la. Pensei em tocar o seu rosto na esperança de desfazer a expressão de dor que se formava nele, quando escutei seu celular vibrar. Recuei e encontrei o aparelho na cabeceira da sua cama. Sabia que era errado, mas, quando vi o nome da Laís no visor, saí do quarto para atender a ligação.

— Alô.

— Dereck? — a melhor amiga da Clara perguntou, surpresa pelo fato de eu ter atendido.

Me sentei no sofá. Precisava conversar com a Laís sobre o que eu poderia fazer para ajudar a minha gatinha.

— Sim, sou eu. Como vai? — cumprimentei Laís gentilmente.

— Bem e você? Gostaria de falar com a Clara. — A voz dela parecia preocupada, e eu não deixaria que chateasse a Clara com alguma notícia ruim, a não ser que fosse muito importante.

— A Clara não passou muito bem ontem e está descansando, por isso atendi o celular.

— Oh, meu Deus! O que aconteceu? Ela está bem? — Laís ficou aflita, e eu teria que acalmá-la sem deixar que desconfiasse do que realmente estava acontecendo.

— Sim, ontem ela teve uma intoxicação alimentar e foi parar no hospital. — Foi a primeira coisa que veio à minha cabeça, e fiquei feliz, porque ela acreditou. Ou assim eu esperava.

— Dereck... — Fez uma pausa, e eu podia ouvir sua respiração pesada do outro lado da linha. — Ele foi atrás dela. Alexandre está nos Estados Unidos.

Minha primeira reação foi xingar todos os palavrões existentes no mundo. Claro que fiz isso da maneira mais silenciosa possível, mas não aguentava, estava tomado pelo ódio. Como esse desgraçado teve a coragem de ignorá-la e agora vir atrás dela como se nada tivesse acontecido?

— Ainda está aí? — Tinha que responder alguma coisa. Pensei nas possibilidades. Talvez pudesse levar a Clara para outro país e a esconder dele, mas então a consciência me destruiu.

Não sei, Dereck. Simplesmente é ele.

Não adiantava fazer mais nada. Ela era dele, e ele veio por ela. Nessa história havia apenas um perdedor, e mais uma vez eu aceitaria a derrota.

— Me diz onde ele está, Laís. Vou falar com ele antes. Clara não pode mais sofrer.

Alguns segundos se passaram até que ela me respondeu:

— Vou mandar o endereço por mensagem para o celular da Clara.

— Obrigado.

Laís fez o que havia prometido: assim que ela desligou, eu recebi a mensagem com o endereço. O hotel ficava longe, mas eu estava disposto a atravessar a cidade para ter uma conversinha com o advogado. De homem para homem. Ou ele aprenderia a respeitar e cuidar do coração da minha gatinha ou eu arrancaria o dele com as próprias mãos.